



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS/PROFLETRAS**

**ELINALVA CARNEIRO MUNIZ GUIMARÃES**

**HISTÓRIAS CONTADAS EM ICHU-BA:**  
POR UMA PROPOSTA DE VALORIZAÇÃO DA ORALIDADE NO ENSINO DE LÍNGUA  
PORTUGUESA.

**FEIRA DE SANTANA**  
**2016**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS/PROFLETRAS**  
Avenida Transnordestina, S/N - Bairro Novo Horizonte - CEP 44.036-900  
Fone: (75) 3161-8872 – E-mail: [profletras@uefs.br](mailto:profletras@uefs.br)  
[www.profletras.uefs.com.br](http://www.profletras.uefs.com.br)

**ELINALVA CARNEIRO MUNIZ GUIMARÃES**

**HISTÓRIAS CONTADAS EM ICHU-BA:**  
POR UMA PROPOSTA DE VALORIZAÇÃO DA ORALIDADE NO ENSINO DE LÍNGUA  
PORTUGUESA

**FEIRA DE SANTANA**  
**2016**

**ELINALVA CARNEIRO MUNIZ GUIMARÃES**

**HISTÓRIAS CONTADAS EM ICHU-BA:**  
POR UMA PROPOSTA DE VALORIZAÇÃO DA ORALIDADE NO ENSINO DE LÍNGUA  
PORTUGUESA

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS - da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Patrício Nunes Barreiros

**FEIRA DE SANTANA**  
**2016**

## Ficha Catalográfica – Biblioteca Central Julieta Carteado

Guimarães, Elinalva Carneiro Muniz  
G977h Histórias contadas em Ichu-Ba: por uma proposta de valorização da oralidade no ensino de língua portuguesa / Elinalva Carneiro Muniz Guimarães. - Feira de Santana, 2016.  
215f.:il.

Orientador: Prof. Dr. Patrício Nunes Barreiros

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2016.

1. Língua portuguesa (Ensino Fundamental) - Estudo e ensino. 2. Oralidade - Ensino e prática. 3. Contação de histórias - Bahia. 4. Língua portuguesa - Português falado. I. Barreiros, Patrício Nunes, orient. II. Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU: 806.90(814.22)

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

**ELINALVA CARNEIRO MUNIZ GUIMARÃES**

### **HISTÓRIAS CONTADAS EM ICHU-BA:**

POR UMA PROPOSTA DE VALORIZAÇÃO DA ORALIDADE NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA.

Dissertação de Mestrado aprovada como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras, no curso de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Estadual de Feira de Santana, pela seguinte banca examinadora:

---

Prof. Dr. Patrício Nunes Barreiros  
Orientador, Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, UEFS

---

Prof. Dr. Cláudio Cledson Novaes  
Examinador Interno, Mestrado Profissional em Letras, UEFS

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Palmira Virginia Heine Bahia Alvarez  
Examinadora Externa, Programa de Pós-Graduação em Estudos  
Linguísticos, UEFS

Feira de Santana, 28 de novembro de 2016

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela permissão da vida e de tudo que realizo.

A Ado, por criar um ambiente de segurança e tranquilidade nas horas corridas, por me oferecer seu amor, sua compreensão e seu apoio.

Aos meus pais que sempre educaram os filhos na certeza de que o maior legado que uma família pode oferecer é o incentivo ao estudo.

Aos meus irmãos que, presencialmente ou à distância, me impulsionaram com todo otimismo e falas de incentivo e carinho.

A Ilka Myrele pela amizade fortalecida, parceria nas discussões e atividades e companhia semanal nas idas e vindas a Feira de Santana.

Ao meu orientador Professor Doutor Patrício Nunes Barreiros, pela partilha de conhecimento, olhar atento em todo processo de construção da pesquisa e calma oferecida junto com as orientações.

Aos Professores Doutores Palmira Virgínia Alvarez e Claudio Cledson Novaes pelas contribuições agregadas no exame de qualificação.

A todos do Colégio Estadual Luiz Júlio Carneiro pelo apoio constante, em especial, as pessoas de Ivonei Almeida Carneiro que aceitou e apoiou nossa pesquisa na escola e Jadione Cordeiro pela torcida desde o início.

Aos alunos da 7ª série do matutino do referido colégio por terem abraçado a proposta por mim feita, e por terem contribuído com todo carinho e respeito que sempre recebi deles.

Aos colegas de turma do Mestrado que enriqueceram toda produção de conhecimento com as discussões, apoio e carinho vivenciados nesses dois anos, em especial a Cacilda, Wiliana e Valmirene. Hoje, mais que nunca, tenho a certeza de que nenhuma caminhada é solitária.

Aos demais familiares e amigos que, cada um, com sua forma e intensidade, se fizeram presentes nessa caminhada apoiando e acreditando num final feliz.

## RESUMO

No presente trabalho apresentam-se os resultados da elaboração e execução de uma sequência didática objetivando a promoção da oralidade e ampliação das capacidades orais de alunos da 7ª série, do Colégio Estadual Luiz Júlio Carneiro em Ichu-BA. Entendendo que, normalmente, as aulas de Língua Portuguesa priorizam o ensino da escrita e regras normativas e acreditando que é possível a escola promover momentos de fala e escuta que levem os alunos a usar de forma consciente e respeitosa a sua oralidade, busca-se a partir da contação de histórias e com a ajuda das tecnologias digitais promover momentos de prática da oralidade. É perceptível que a contação de histórias, que já foi uma prática tão comum e importante para a disseminação de saberes e crenças, vem perdendo espaço em meio às famílias e suas comunidades desde a popularização de tecnologias como o rádio e a televisão e, posteriormente, computador e celular, e sua prática está quase que restrita à infância das pessoas. Ao passo que as crianças crescem, o contato com as histórias contadas diminui, tornando-se rara quando a criança é alfabetizada e passa a ter a possibilidade do contato direto com histórias escritas. A pesquisa-intervenção aqui apresentada baseia-se nas propostas de documentos oficiais como os PCN (1998), as discussões sobre oralidade fundamentam-se nos textos de Bakhtin (1929; 1961), Marcuschi (2010), Ramos (2002). A importância pedagógica da contação de história dentro e fora da escola é respaldada por Busatto (2012), (2013), Regatiere (2008), Torres e Tettamanzy (2008) e Libâneo (2011), Moran (1995), dentre outros, respaldam a necessidade de incorporar tecnologias já utilizadas pelos alunos nas práticas escolares. A pesquisa previu, também, a construção de vídeos sobre a vida de alguns contadores de histórias do município e de uma página na internet para preservação e divulgação de material produzido durante o desenvolvimento do projeto, propiciando o uso de tecnologias digitais como aliadas ao processo de ensino-aprendizagem. Foi perceptível, ao final da intervenção, que os objetivos foram alcançados, se não em sua totalidade, mas em vários níveis, provando que é importante e necessário a escola promover constantemente momentos de planejamento e uso da oralidade e a contação de histórias mostrou-se um eficiente recurso.

**Palavras-chave:** Oralidade. Língua Portuguesa. Contação de histórias. Tecnologias.

## ABSTRACT

This paper presents the results of both elaboration and execution of a didactic sequence, which aimed at amplifying the oral capacities of State School Luís Júlio Carneiro's 7th grade students, in Ichu-BA. The Portuguese classes' priority is, mostly, teaching grammar and writing skills believing that it is possible to promote, at school, speaking and listening moments that will lead the student to a conscious and respectable orality. Thus, we intend to offer these moments of oral practice by telling stories and using technological help. Oral stories – a common practice of knowledge and beliefs dissemination years ago – are visibly losing their space among families and communities since the advent and popularization of technological instruments such as radios, televisions and, later, cellphones and personal computers, the practice being almost restrict to people's childhood. As they grow up, children's contact with this spoken stories is lower, almost rare, as they have direct access to written stories. This research-intervention is based on official documents such as the PCN (1998) and the discussions on orality are based on Bakhtin (1929; 1961), Marcuschi (2010) and Ramos (2002)'s texts. Busatto (2012; 2013) Regatiere (2008), Torres & Tettamanzy (2008) uphold the pedagogical importance of telling stories in and out of school, and Libâneo (2011) Moran (1995) and others support the necessity of joining the technological resources used by students to their practice. We foresaw, in this research, some video recordings about the city's storytellers and an internet page, both created to preserve and share the material produced during the projects development, favorably having technology as an ally to the teaching-learning process. We reached our objective in different levels, if not all, and the research proves that when the schools promote these moments of oral planning and usage constantly, storytelling becomes an efficient resource.

**Keywords:** Orality. Portuguese language. Presentation of stories. Technologies.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01</b> – Uso das tecnologias móveis em sala – UNESCO – Parte 1.....	45
<b>Figura 02</b> – Uso das tecnologias móveis em sala – UNESCO – Parte 2 .....	46
<b>Figura 03</b> – Esquema da Sequência Didática .....	53
<b>Figura 04</b> – Sequência didática adaptada para esta pesquisa .....	55
<b>Figura 05</b> – Vídeo Fala inicial .....	73
<b>Figura 06</b> – Capa do Caderno de Atividades .....	75
<b>Figura 07</b> – Atividade 01 do caderno de atividades .....	81
<b>Figura 08</b> – Vídeo sobre seu Victor Maximiano Carneiro .....	97
<b>Figura 09</b> – Página inicial .....	98
<b>Figura 10</b> – Opções de navegação na aba principal .....	99
<b>Figura 11</b> – Apresentação do histórico de Ichu .....	99
<b>Figura 12</b> – Página que apresenta os contadores de histórias .....	100
<b>Figura 13</b> – Página das histórias coletadas na comunidade .....	100
<b>Figura 14</b> – Resposta do aluno 1 à questão 18 .....	104
<b>Figura 15</b> – Resposta do aluno 15 à questão 18 .....	104
<b>Figura 16</b> – Resposta do aluno 4 à questão 16 .....	108
<b>Figura 17</b> – Resposta do aluno 2 à questão K .....	116
<b>Figura 18</b> – Resposta do aluno 17 à questão J .....	115
<b>Figura 19</b> – Resposta do aluno 12 à questão L .....	116
<b>Figura 20</b> – Resposta do aluno 13 às questões J e K .....	116
<b>Figura 21</b> – Resposta do aluno 16 à questão 1 da Autoavaliação .....	120
<b>Figura 22</b> – Resposta do aluno 16 à questão aberta da Autoavaliação .....	120

## LISTA DE FOTOS

<b>Foto 01</b> – Apresentação do projeto aos corpos docente e administrativo .....	78
<b>Foto 02</b> - Painel montado pelos alunos .....	83
<b>Foto 03</b> - Conversa com Odorico Lucílio Carneiro .....	94
<b>Foto 04</b> – Conversa com Victor Maximiano Carneiro .....	95
<b>Foto 05</b> - Conversa com Antônio José da Silva .....	96

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 01</b> – Competências e habilidades referentes à oralidade .....	25
<b>Quadro 02</b> - Sequência didática Contar para (res)significar .....	56
<b>Quadro 03</b> – Sistematização das avaliações .....	71
<b>Quadro 04</b> – Respostas dadas à questão 5 da atividade 04 .....	117

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 01</b> – Tipos de histórias que os alunos gostam de ouvir .....	104
<b>Tabela 02</b> - Dados gerais das produções .....	106
<b>Tabela 03</b> - Problemas com elementos extralinguísticos – Produção inicial .....	107
<b>Tabela 04</b> – Problemas extralinguísticos encontrados na produção inicial .....	108
<b>Tabela 05</b> - Problemas com elementos extralinguísticos – Produção final .....	109
<b>Tabela 06</b> - Problemas extralinguísticos encontrados – Produção final .....	109
<b>Tabela 07</b> – Progressos perceptíveis .....	110
<b>Tabela 08</b> - Problemas extralinguísticos encontrados – Comparação .....	110
<b>Tabela 09</b> – Gêneros discursivos-textuais dos textos coletados .....	112
<b>Tabela 10</b> – Presença dos elementos e estrutura necessários à narrativa .....	113
<b>Tabela 11</b> - Motivação para a escolha da história contada .....	118
<b>Tabela 12</b> – Respostas da autoavaliação da atividade 04.....	119

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 01</b> – Com quem os alunos moram .....	101
<b>Gráfico 02</b> – Atividades desenvolvidas pelos alunos no turno vespertino .....	102
<b>Gráfico 03</b> – Atividades desenvolvidas pelos alunos no turno noturno .....	103
<b>Gráfico 04</b> – Atividades desenvolvidas pelos alunos nos fins de semana .....	103
<b>Gráfico 05</b> – Gêneros discursivos-textuais dos textos coletados – Geral .....	111
<b>Gráfico 06</b> – Gêneros discursivos-textuais dos textos coletados – Produção Inicial .....	112
<b>Gráfico 07</b> – Gêneros discursivos-textuais dos textos coletados – Produção Final	113

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>2 A ORALIDADE NA AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA: PERSPECTIVAS E PRÁTICAS .....</b>	<b>21</b>
2.1 O QUE DIZEM OS DOCUMENTOS OFICIAIS .....	21
2.2 O TRABALHO COM A ORALIDADE NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA .....	25
<b>3 CONTAÇÃO DE HISTÓRIA, CULTURA E IDENTIDADE.....</b>	<b>32</b>
<b>4 O USO DAS TECNOLOGIAS NAS AÇÕES PEDAGÓGICAS .....</b>	<b>40</b>
<b>5 PERCURSO METODOLÓGICO: DO PLANEJAMENTO À AÇÃO .....</b>	<b>47</b>
5.1 CONHECENDO OS SUJEITOS DA PESQUISA .....	49
5.2 A SEQUÊNCIA DIDÁTICA COMO ESTRATÉGIA INTERVENTIVA .....	51
5.3 USO DE RECURSOS DIDÁTICOS: DO CONSUMO À PRODUÇÃO .....	72
<b>6 DA INTERVENÇÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA.....</b>	<b>77</b>
6.1 RELATO DE EXPERIÊNCIA .....	77
6.2 SONDAÇÃO: CONSTRUINDO UM PERFIL DOS SUJEITOS .....	101
6.3 DESCRIÇÃO DO CORPUS .....	105
6.4 ANÁLISE DOS DADOS .....	106
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>121</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>124</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>128</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>175</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação é o resultado da pesquisa intitulada *Histórias contadas em Ichu-Ba: por uma proposta de valorização da oralidade no ensino de Língua Portuguesa*, sugestão de trabalho final do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Estadual de Feira de Santana e pauta-se no desenvolvimento de práticas de oralidade para a ampliação das capacidades orais em turma de 7ª série do Colégio Estadual Luiz Júlio Carneiro, em Ichu-Ba.

A escolha da oralidade para o desenvolvimento do projeto de intervenção deu-se pela percepção diária, através da prática docente, da reação de alguns alunos que se negam a participar oralmente das aulas de Língua Portuguesa, seja com leitura de texto, na correção de exercícios ou na exposição oral de suas opiniões.

É sabido que desde a década de 1970, estudos voltados à importância da oralidade demonstram a necessidade de desenvolvê-la na escola, mas, ainda assim, gêneros discursivos-textuais orais são pouco prestigiados na prática cotidiana dos professores de Língua Portuguesa e quase não aparecem nos livros didáticos que subsidiam o trabalho do professor.

Subestimando o conhecimento linguístico que o aluno já traz para a escola, muitas vezes, os professores têm resumido as aulas de Língua Portuguesa ao ensino de normas da variante padrão da escrita, distanciando-se da genuína ideia de língua. Essa prática se reflete no aluno que, normalmente, acredita que vai aprender Português na escola como se já não fosse falante dessa língua.

Talvez isso ocorra porque o trabalho de valorização da oralidade não tenha sido feito de maneira sistemática em sala de aula, por, muitas vezes, o próprio professor de Língua Portuguesa acreditar que a oralidade não deva fazer parte de suas práticas de ensino-aprendizagem. Assim, a escrita passa a ser privilegiada no âmbito escolar e, portanto, valorizada nas ações cotidianas. Acreditar que o ensino da gramática normativa e das regras do “bom falar” seja suficiente para que o aluno consiga desenvolver sua competência oral, dando-lhes condições para interagir oralmente em diversos contextos é um engano. Segundo Verli e Ratier (2015), a razão dessa prática é compreensível. Existe a ideia corrente de que não é papel da escola desenvolver a oralidade do aluno - afinal, isso é algo que a criança aprende muito antes, principalmente com a família. Meia verdade. Há nessa concepção o erro de reduzir a oralidade à fala cotidiana, informal, representada pelos bate-papos e pelas conversas do dia-a-dia. O fato é que, sob a denominação genérica de “língua oral”, encontram-se diversos gêneros tais como entrevistas, debates, exposições, diálogos com autoridades e dramatizações. Em relação a todos eles, o professor tem um papel importante.

Por isso, é necessário desenvolver, na prática diária das aulas de Língua Portuguesa, um trabalho com atividades sistematizadas, criando na sala de aula contextos comunicativos nos quais o uso da oralidade vá além do uso comum e familiar que o aluno costuma fazer, de forma que resulte no aperfeiçoamento da competência oral e isso certamente contribuirá para a melhoria da escrita e para a formação integral do aluno.

No que se refere à competência, Perrenoud (2000 p. 19), diz que “é a faculdade de mobilizar um conjunto de recursos cognitivos (saberes, capacidades, informações etc.) para solucionar com pertinência e eficácia uma série de situações”. Voltados para o uso da linguagem, esses recursos cognitivos seriam relacionados à escolha do gênero apropriado, variante linguística, seleção sintática, morfológica e semântica, visando a uma comunicação eficiente e adequada à situação da fala. Assim,

[...] espera-se que o aluno amplie o domínio ativo do discurso nas diversas situações comunicativas, sobretudo nas instâncias públicas de uso da linguagem, de modo a possibilitar sua inserção efetiva no mundo da escrita, ampliando suas possibilidades de participação social no exercício da cidadania (BRASIL, 1998, p. 32).

Na prática, a escola ainda não se apropriou dessa técnica de usar a oralidade como objeto do processo de ensino-aprendizagem, e, apesar das mudanças sociais e teóricas que marcaram a história da educação, o direito à oralidade na sala de aula permanece basicamente restrito ao professor, restando ao aluno falar apenas quando lhe é autorizado e de forma que agrade e atenda à expectativa do professor. Ainda há casos em que a oralidade dentro da sala de aula é mal vista. Há professores que veem um posicionamento do aluno oposto ao seu como ofensa e desrespeito e, muitas vezes, quando esses professores tentam se impor ou subjugam a participação deste aluno, indiretamente fortalecem o receio que vários discentes já possuem de participar oralmente da aula.

Essa prática, por vezes autoritária, do professor de se colocar – ou de ser visto - como o detentor do direito de falar, pode promover no aluno um sentimento de incapacidade.

Ante tal interlocutor, o estudante sente-se impelido a mostrar que “sabe” e a negar sua capacidade linguística oral. A consequência disso não é a estilização ou apropriação própria da linguagem, mas uma aplicação de modelos preestabelecidos pelos valores sociais privilegiados. [...] Além disso, a argumentação é apoiada em frases de efeito, normalmente de valor absoluto, ainda que possa incorrer em associações insólitas (RAMOS, 2002, p. 15).

A autonomia oral do aluno ainda é vista de forma paradoxal: se por um lado a escola busca em seus objetivos a formação humana integral, e isso engloba a criticidade, a autonomia e o protagonismo, além de valores socialmente apreciados, por outro lado o aluno que se mostra crítico e se utiliza dessa criticidade seja na produção oral ou escrita, é tido, muitas vezes, como indisciplinado, brigão, “revolucionário sem causa”.

Essa noção a respeito da fala não se restringe à sala de aula. Antes mesmo de ir à escola, a criança é induzida a obedecer por meio do silenciar. Calar a boca, não argumentar e não replicar são indicativos sociais de “bom” comportamento. O poder de argumentação já começa a ser tolhido quando os pais, por não quererem ser questionados ou desobedecidos, dizem apenas “porque sou seu pai / mãe, e pronto!” tirando da criança o direito de expor suas ideias e opiniões numa réplica.

Os próprios livros didáticos de Língua Portuguesa, em sua maioria, não reconhecem a importância da oralidade trazendo poucas ou nenhuma atividade e orientação que mencione de forma eficiente o trabalho com gêneros orais. Mais uma vez, a escrita é o objeto central desse instrumento didático, ratificando a prática já conhecida de sala de aula.

É função da escola formar pessoas capazes de interferir, opinar, saber ouvir, respeitar o momento da fala e a fala do outro e alcançar essas habilidades perpassa por práticas constantes que proporcionem momentos de diálogo, escuta, debates, análise das falas. Os PCN referentes aos terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental estabelecem como um dos objetivos do ensino da Língua Portuguesa “posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e tomar decisões coletivas” (BRASIL, 1998, p. 07) e não há como alcançá-lo repetindo as atuais práticas que privilegiam a escrita e desfavorecem o trabalho com a oralidade.

Sabe-se que a escola não é o único espaço onde o aluno pode desenvolver e ampliar suas capacidades de se comunicar oralmente de forma ordenada. Há várias instituições e situações que promovem esses momentos como as igrejas, associações, sindicatos, grupos artísticos e esportivos; atividades coletivas informais que reúnem pessoas em torno de uma ação central, como as rodas de amigos, grupos de estudo, evento familiar – festa, por exemplo. Nessas situações há sempre aquelas pessoas que se destacam por prender a atenção das demais com seus cânticos, piadas, histórias.

Durante muito tempo, um bom e importante momento da prática da oralidade, eram as rodas de histórias, contadas para pessoas de todas as idades como práticas de lazer e conhecimento, disseminando assim a memória e crenças de um determinado povo ou de uma

região. Ainda hoje, é comum pais, mães e irmãos ou parentes mais velhos contarem histórias para crianças pequenas no intuito de entretê-las, acalmá-las ou niná-las, mas, à medida que elas crescem, essa prática diminui. Na escola, essa progressão etária aliada à diminuição de momentos de ouvir histórias também acontece. É muito comum nas séries iniciais haver momentos de contação de histórias, e, à medida que a criança aprende a ler, esses momentos vão sendo substituídos por atividades de leitura. Ou seja, quanto maior a criança vai ficando, mais raros são os momentos de ouvir ou contar histórias, seja em casa ou na escola.

A difusão de histórias no município de Ichu-Ba é uma prática que existe desde o surgimento das pequenas vilas, ainda no século XIX. Segundo as pessoas mais antigas da comunidade, era comum várias pessoas se aglomerarem para ouvir uma história, pois se tratava de uma atividade cultural apreciada. Inicialmente, algumas das histórias eram baseadas em fatos reais, salpicadas por uma dose de ficção<sup>1</sup>, associada ao fantástico, ao misterioso. Ao longo do tempo, algumas dessas histórias foram se tornando conhecidas, repetidas e reinventadas. Atualmente, a prática de contar e ouvir histórias ainda existe em diversas comunidades, cultivadas por pessoas idosas, conhecidos como contadores de causos.

Por todas essas questões, o presente trabalho avança a elaborar uma proposta de intervenção de ensino de Língua Portuguesa que se concentrou nas práticas de contação de história a fim de contribuir para o desenvolvimento da competência oral dos alunos. Para tanto, desenvolveu-se e aplicou-se uma sequência didática que priorizou, a partir de histórias orais difundidas na cidade de Ichu-Ba, elaborar atividades didáticas que permitiram aos alunos a participação ativa e efetiva em momentos de oralidade, oportunizando momentos de ouvir, de contar histórias, de discutir e interagir com os contadores de histórias do município.

A sequência didática proposta abordou o tema de modo progressivo, elencando as competências que os alunos deveriam alcançar no espaço de tempo previsto na intervenção. Naturalmente, entende-se que a autonomia oral do aluno deve ser alcançada no final da Educação Básica, já que competências e habilidades necessárias precisam e devem ser desenvolvidas durante todo o tempo dedicado à educação formal.

Os textos trabalhados com os alunos foram captados durante a aplicação da sequência didática e foram disponibilizados numa página da internet criada na plataforma Wordpress para a divulgação das histórias que fazem parte da cultura local. O site tem como objetivo preservar, divulgar e facilitar o acesso da tradição cultural inerente à comunidade de Ichu. Não existe no referido município um espaço que reúna essa parte tão importante da sua

---

<sup>1</sup> O vocabulário foi usado neste contexto no sentido de criação da imaginação, invenção fabulosa.

história. Nesse sentido, as tecnologias digitais em rede podem ser importantes aliadas para que a população, inclusive professores e alunos, tenham acesso às histórias que foram retextualizadas<sup>2</sup> e disponibilizadas para o acesso gratuito.

Assim, essa pesquisa visou responder à seguinte questão: É possível melhorar a competência oral do aluno a partir da elaboração e da execução de uma sequência didática que priorize atividades orais e se proponha a desenvolver o uso consciente da oralidade? Pensando em instrumentos para essa ação, outro questionamento surgiu: Como as histórias difundidas oralmente no município de Ichu-Ba podem ser utilizadas em sala de aula e auxiliar no desenvolvimento da oralidade do aluno? Partindo desses questionamentos, pressupõe-se que o trabalho efetivo, consciente e sistemático que utilize histórias orais como ferramenta para se trabalhar a oralidade ajude o aluno a desenvolver suas competências orais e sua criticidade, o que afeta diretamente no seu desenvolvimento cognitivo e em suas relações com o mundo.

Acreditando nisso, foi organizada uma proposta didática baseada na pesquisa-intervenção que visa a elaboração, aplicação e avaliação de uma sequência didática, numa turma de 7<sup>a</sup> série<sup>3</sup>, do Colégio Estadual Luiz Júlio Carneiro, na cidade de Ichu-Ba, e teve a finalidade de desenvolver habilidades e competências referentes à oralidade, seus domínios e usos, concentrando-se na utilização de histórias conhecidas e contadas em Ichu e busca inserir esse repertório cultural nas aulas de Língua Portuguesa, resgatando a importância da oralidade, inserindo-a em sala de aula e ressignificando um importante aspecto da cultura ichuense.

As ações desenvolvidas nessa proposta alcançam, ainda, outras especificidades do ensino da língua, como, por exemplo: aperfeiçoar a escuta de textos orais; desenvolver a autonomia da fala bem como sua fluência e entonação necessárias; desenvolver uma postura reflexiva diante da própria produção oral; produzir sentido ao que é ouvido e/ou contado, buscando o que aproxima ou distancia de si nas histórias apresentadas, estabelecendo interações com as histórias contadas.

A coleta de dados deu-se, principalmente, por meio das produções inicial e final e, também, através da participação oral dos alunos (algumas aulas gravadas em áudio) e das respostas dadas no caderno de atividades utilizado na SD.

---

<sup>2</sup> A retextualização proposta nesta atividade visa à passagem do texto oral para o escrito sem que haja muitas mudanças, uma vez que se espera resguardar alguns aspectos como, por exemplo, arcaísmos típicos da fala do contador. Segundo o modelo das operações textuais-discursivas na passagem do texto oral para o escrito apresentado por Marchuschi (2010, p. 75), pretende-se alcançar até a 6<sup>a</sup> operação.

<sup>3</sup> A escola onde será desenvolvida a SD ainda possui 4 turmas que acompanham a antiga divisão da Educação Básica em série.

O presente trabalho foi organizado em 7 partes, sendo as quatro primeiras uma pesquisa bibliográfica dos estudos já feitos sobre os temas que norteiam a pesquisa. O suporte teórico desta pesquisa, que compõe a segunda parte dessa dissertação, baseia-se em discussões sobre língua e oralidade, bem como o ensino de língua materna aqui no Brasil, a partir de textos de Bakhtin (1961; 1997 [1979]; 2006 [1929]), Marcuschi (2010), Ramos (2002), dentre outros.

Na terceira seção, discute-se a contação de histórias como uma importante e eficaz maneira de aprendizagem e lazer, que se fez presente de maneira forte e constante, até bem pouco tempo atrás, em atividades sociais, desde as mais familiares, no contato dos pais, ou mais velhos com as crianças até rodas de conversas formadas depois de uma reza, de um samba de roda ou durante um velório. Como ação social, a contação de histórias não é só uma forma de uso da língua, ela é eficaz na manutenção e disseminação de crenças e costumes de um povo, segundo Busatto (2013, 2012), Regatiere (2008), Torres e Tettamanzy (2008).

Para realizar o trabalho a que se propõe, o uso das tecnologias será necessário para disponibilizar parte dos materiais didáticos a serem utilizados, partilhar respostas e opiniões dos grupos e Libâneo (2011), Moran (1995) e Xavier (2006), dentre outros, fundamentarão as discussões acerca da necessidade de inserção das Tecnologias Digitais no processo ensino-aprendizagem.

Na seção *Percurso metodológico: do planejamento à ação*, apresenta-se a metodologia utilizada no desenvolvimento desta pesquisa, no planejamento e execução da proposta de intervenção. Para atender as especificidades exigidas pelo PROFLETRAS, optou-se pelo método da pesquisa-intervenção aqui referenciada em Aguiar e Rocha (2003) e Damiani (2008) e que teve como estratégia de ação a sequência didática. Dolz e Schneuwly (2010), Brocardo e Costa-Hübes (2014) embasarão a construção da sequência didática e Machado e Cristovão (2006) o módulo didático de gênero. Documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais e as Diretrizes Curriculares para o ensino de Língua Portuguesa também serão referências consultadas constantemente. Esta seção ainda apresenta o planejamento da sequência didática que é apresentado no quadro *Sequência didática “Contar para (res)significar”*, explicitando os objetivos, ações, competências e habilidades que se pretende desenvolver e a avaliação a ser feita em cada etapa da SD e os materiais didáticos criados exclusivamente para esta intervenção.

Em seguida, na seção intitulada *Da intervenção: relato de experiência*, há um relato da experiência vivenciada pela pesquisadora e pelos sujeitos participantes da intervenção,

elucidando os caminhos percorridos nas aulas, as dificuldades encontradas e o alcance ou não dos objetivos propostos.

Seguindo, há uma análise dos dados, que são quantificados em alguns aspectos para facilitar e ilustrar a análise qualitativa. Não é do interesse dessa pesquisa ou da pesquisadora apresentar números, mas analisar uma intervenção e seus resultados de maneira a observar o quanto ela é exequível ou não e, se os objetivos foram alcançados, buscando formas de melhorá-la.

As *considerações finais* trazem reflexões sobre o processo e conclusões que foram possíveis ser construídas pela pesquisadora por meio da intervenção e análise dos dados. Tais reflexões endossam a necessidade de trabalhar a oralidade de forma intencional e articulada com os usos sociais da língua oral e apontam outras possibilidades que podem ser agregadas à ação aqui descrita.

O *Apêndice* apresenta todo material escrito produzido nesta pesquisa, como os termos exigidos pelo Comitê de Ética em Pesquisa, as atividades criadas para a intervenção e tabelas para sistematização dos dados a serem analisados.

Nos *Anexos* estão contidos materiais coletados para a realização das ações pretendidas. Histórias coletadas preliminarmente pela pesquisadora para criar um banco de dados a ser utilizado na intervenção e a transcrição das histórias contadas pelos alunos durante a intervenção são exemplos que constituem essa parte.

## **2 A ORALIDADE NA AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA: PERSPECTIVAS E PRÁTICAS**

A oralidade faz parte da vida do homem, antes mesmo do advento da escrita. A comunicação oral sempre se mostrou prática e eficiente, até mesmo na educação formal. Antigamente, com o baixo número de pessoas alfabetizadas, os conhecimentos e crenças eram disseminados em torno de uma fogueira na aldeia ou na sala da casa através de histórias. A própria literatura apropriou-se disso quando a poesia era associada à música, numa tentativa de facilitar a memorização das letras das cantigas medievais. Os sermões nos rituais cristãos também eram uma forma oral para trazer ao público que não lia informações ora restritas ou pouco entendíveis das Sagradas Escrituras.

Nesse contexto, a contação de histórias foi e ainda é um bom modo de transmissão de conhecimento e, principalmente, valores. Atrelada ao lúdico, as histórias eram a principal diversão de comunidades não alfabetizadas ou que não possuíam formas contemporâneas de entretenimento, como o rádio e a televisão e, recentemente, as tecnologias digitais. Em localidades onde a energia elétrica demorou a chegar, essa prática oral perdurou até pouco tempo, principalmente nas áreas rurais das regiões norte e nordeste do país.

### **2.1 O QUE DIZEM OS DOCUMENTOS OFICIAIS**

Com o fracasso escolar tornando-se cada vez mais evidente e todas as exigências que os avanços sociais e tecnológicos que a década de 1980 trouxe, necessitou-se discutir e rever conceitos e práticas pedagógicas no ensino da língua. Segundo Zuin; Reyes (2010 p. 10), alguns estados como São Paulo lançaram, ainda nessa década, propostas curriculares que orientavam novas práticas pedagógicas pautadas na concepção de língua como prática social, histórica e humana.

Na década de 1990, surgiram os Parâmetros Curriculares Nacionais com a mesma proposta, agora em âmbito nacional, de “fundamentar ou alicerçar práticas significativas do ensino da língua materna [...]” (ZUIN; REYES, 2010 p. 22).

Trazendo a língua como um produto social, com modalidades oral e escrita, os PCN orientam que o trabalho com a língua aconteça considerando-se o que o aluno já conhece e as práticas comunicativas que ele utiliza de forma a desenvolver habilidades necessárias a atos comunicativos distintos não fazendo desta apenas um objeto de correção.

Orienta, ainda, o trabalho com a língua a partir de gêneros discursivos-textuais já que todo ato comunicativo dá-se por meio de um gênero que atenda aos objetivos e às necessidades dos interlocutores, e, para isso, determina que o texto seja a unidade de ensino não só na sua materialidade, mas considerando, também, o processo de escolhas exigidos pela comunicação e as interferências pessoais que marcam o estilo.

Ao falar da escolha dos textos, os PCN voltam-se para os gêneros orais, realçando que a crença habitual de que a oralidade é desenvolvida no âmbito familiar e não precisa ser trabalhada na escola é um engano que faz com que a língua oral seja utilizada apenas como um instrumento de comunicação, confronto de ideias e não como objeto de estudo como deve ser. Assim, ratifica a importância do papel da escola como oportunizadora do uso da linguagem oral em atividades diversas, que vão desde os usos informais e corriqueiros para alcançar os usos públicos e formais como entrevistas, debates, entre outros quando diz que “a aprendizagem de procedimentos apropriados de fala e escuta, em contextos públicos, dificilmente ocorrerá se a escola não tomar para si a tarefa de promovê-la” (BRASIL, 1998, p. 25).

Nas orientações sobre o trabalho com a língua, os PCN alertam sobre a importância de o professor conhecer, a partir das produções orais e escritas dos alunos, os aspectos que estes já dominam e os que ainda precisam dominar e, quando se refere ao desenvolvimento da oralidade, não se atém, exclusivamente, à produção oral de texto, salientando o trabalho com a escuta, mostrando a importância do interlocutor no ato comunicativo.

Ao apresentar os objetivos de ensino de Língua Portuguesa, os PCN mencionam que no processo de escuta de textos orais espera-se que o aluno

- amplie, progressivamente, o conjunto de conhecimentos discursivos, semânticos e gramaticais envolvidos na construção de sentidos do texto;
- reconheça a contribuição complementar dos elementos não verbais (gestos, expressões faciais, postura corporal); [...]
- amplie a capacidade de reconhecer as intenções do enunciador, sendo capaz de aderir a ou recusar as posições ideológicas sustentadas em seu discurso (BRASIL, 1998, p. 49).

É inegável que os PCN trazem novas discussões que exigem do professor posturas inovadoras referentes ao ensino da língua, dão à língua oral a devida importância enquanto objeto de estudo e, por isso mesmo, atribuem à escola o papel de promotora de produções orais que vão desde atos comunicativos mais usuais alcançando formas que exijam maior preparação e consciência do falante.

Apesar das inovações trazidas nos PCN, o documento ainda deixa a desejar no que concerne ao trabalho da oralidade por apresentar poucas opções de gêneros orais e os exemplos trazidos apresentam planejamento prévio e uma estreita relação com a escrita, como entrevista, seminários, etc., não mencionando, por exemplo, o estudo da produção oral espontânea.

Em consonância com os PCN e observando os descritores indicados na Matriz de Referência de Língua Portuguesa, para o 9º ano, a Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Bahia juntamente com pesquisadores de universidades e ouvindo representantes de escolas e DIRECs do estado desenvolveram, em 2013, dentro do Programa Todos Pela Escola, um documento que orientasse os professores de escolas públicas e privadas na redefinição e reestruturação do currículo do Ensino Fundamental de nove anos na Rede Estadual de Ensino da Bahia.

Denominado *Orientações Curriculares e Subsídios Didáticos para a Organização do Trabalho Pedagógico no Ensino Fundamental de nove anos*, o documento apresenta orientações essenciais sobre a educação que se pretende para o Ensino Fundamental de nove anos para o Estado da Bahia e traz a proposta curricular dividida em dois momentos: de 1º a 5º ano e de 6º a 9º. Essa segunda parte, correspondente ao Ensino Fundamental II, está organizada por área de conhecimento e, para cada área, organizado em três partes, sendo a primeira composta por textos explicativos sobre a proposta apresentada, suas motivações e termos que serão adotados no próprio documento. Depois, segue contextualizando a proposta na área de conhecimento a que se destina, seguida de uma listagem de competências e habilidades organizadas por disciplinas que compõem cada área do conhecimento, apresentando possibilidades metodológicas para servir de base no planejamento das ações de escolas públicas estaduais e municipais e privadas.

Ainda na parte de apresentação do documento, já fica claro que a oralidade não é um dos focos do trabalho a que se propõe quando diz que

Para tanto, partimos dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e das orientações definidas pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia, dentre as quais estão: reafirmar os procedimentos de aprendizagem **para a leitura e para a escrita** como tarefa coletiva de todos os professores nas especificidades de cada componente curricular [...] (BAHIA, 2013, p. 4, grifo nosso).

Entendendo o ensino da língua como processo, o texto traz, aliada à lista de competências e habilidades, siglas para demonstrar o trabalho sistemático e gradativo dessas competências e habilidades durante os 4 anos do segundo ciclo do Ensino Fundamental:

Iniciar (I), Trabalhar Sistemáticamente (TS) ou Consolidar (C) as referidas competências. E estas letras que aparecem ao lado de cada competência indicam a progressão esperada durante o desenvolvimento do(a) estudante a cada ano letivo.

Essa progressão possibilita que a construção de competências e habilidades seja processualmente avaliada, uma vez que se tem a possibilidade de acompanhar o desenvolvimento das referidas competências nas crianças e nos adolescentes (BAHIA, 2013, p. 32).

Assim, o documento orienta os professores em relação às competências e habilidades que se esperam desenvolver em determinadas séries, respeitando as diferenças etárias e estágios de aprendizagens, evidenciando um processo de ensino-aprendizagem em etapas que se sobrepõem, completam-se e consolidam-se.

Quanto à ideia sobre motivação do ensino da língua materna, o documento diz que

A linguagem verbal, representada pela língua materna, por exemplo, desempenha o papel de viabilizar a compreensão e a participação autônoma do jovem em incontáveis discursos utilizados nas mais diversificadas esferas da vida social (BAHIA, 2013, p. 97).

A parte da Proposta Curricular específica para a Língua Portuguesa está dividida em dois eixos denominados de Eixo 1 – Conhecimento linguístico: uso da língua oral e escrita e Eixo 2 – Conhecimento linguístico: reflexão sobre língua e linguagem. No primeiro eixo são apresentadas 8 competências e 38 habilidades e no segundo eixo mais 8 competências e 34 habilidades. Algumas das competências e habilidades apresentadas no referido documento, constarão na sequência didática a ser apresentada, desenvolvida e analisada neste projeto.

No quadro de competências e habilidades, aparecem as seguintes destinadas ao trabalho com a modalidade oral da língua:

Quadro 01 – Competências e habilidades referentes à oralidade

<b>Expandir a produção oral</b>	TS	TS	TS	C
<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Adequar-se às mais variadas situações reais de fala: formais e informais;</li> <li>✓ Respeitar as diferentes opiniões presentes na fala do outro;</li> <li>✓ Planejar, previamente, a fala, em função da intencionalidade do locutor, das características do interlocutor, das exigências da situação e dos objetivos estabelecidos;</li> <li>✓ Refletir sobre as marcas linguísticas da fala na produção de seu texto;</li> <li>✓ Praticar a retextualização da modalidade oral para a escrita e da escrita para a oral.</li> </ul>				
<b>Aperfeiçoar a escuta de textos orais</b>	TS	TS	TS	C
<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Reconhecer as características dos textos orais;</li> <li>✓ Articular elementos linguísticos e extralinguísticos inerentes à oralidade, com coesão e coerência;</li> <li>✓ Recorrer a estratégias de registro escrito, quando necessário.</li> </ul>				

Fonte: Bahia (2013, p. 11).

Após o quadro com competências e habilidades do Eixo 1, o documento apresenta as possibilidades metodológicas do referido eixo. Com abordagens rápidas e rasas acerca das discussões e ações a que se propõe, a oralidade não é retratada diretamente, é apenas sugerida quando se fala em produção textual. Há apenas o direcionamento para o trabalho com gêneros textuais e, em seguida, alerta que a escolha destes

[...] deve considerar os seguintes fatores: as possibilidades de aprendizagem, as necessidades dos estudantes, o grau de complexidade do objeto e o grau de exigência das tarefas; priorizando aqueles cujo domínio é fundamental à efetiva participação social e transitando entre os classificados como literários, científicos, imagéticos, jornalísticos, entre outros, inclusive os de caráter tecnológico, a diversidade de gêneros que circulam na sociedade (BAHIA, 2013, p. 12).

É perceptível, pela falta de aprofundamento das discussões metodológicas, que o objetivo deste documento é enumerar competências e habilidades a serem desenvolvidas pelas respectivas áreas de conhecimento. Apesar de tratar todas as modalidades e conteúdos da mesma forma rápida e superficial, a ausência de termos como oral, oralidade e fala nos textos que discutem o trabalho com a língua, aliada à parte inicial que destaca o trabalho com a leitura e a escrita, podem induzir um professor menos atento, a não promover o trabalho com a modalidade oral da língua.

## 2.2 O TRABALHO COM A ORALIDADE NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Entendendo o valor sócio comunicativo da língua, Marcuschi (2010), afirma que a oralidade é “uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora” e a fala é “uma forma de

produção textual-discursiva para fins comunicativos na modalidade oral” (MARCUSCHI, 2010, p 25). Enquanto esta se estabelece como materialidade textual, aquela é o contexto comunicativo em que a fala se materializa.

Assim, ter a condição biológica para falar não concede às pessoas a consciência das condições sociais e textuais que estão imbrincadas nessa ação, portanto, as habilidades necessárias a cada ato comunicativo são desenvolvidas com a prática. Como as pessoas não possuem as mesmas oportunidades comunicativas, os PCN (1998) orientam que há a necessidade de a escola intervir, oportunizando contextos comunicativos diversos, proporcionando aos alunos produção textual de gêneros orais diferenciados.

Infelizmente, houve pouca mudança nas práticas escolares no que se refere ao trabalho com a oralidade, apesar do tempo em que os PCN foram publicados. A escrita ainda tem sido apresentada com muito mais frequência nas aulas de Língua Portuguesa, como apontam Marcuschi (2010) e Ramos (2002).

Com o desenvolvimento e início da popularização da mídia impressa bem como um maior empenho na alfabetização das pessoas, a língua escrita passou a ser usada no âmbito escolar e posteriormente social como uma variedade superior e, conseqüentemente, mais valorizada, restringindo, praticamente, a oralidade ao ato comunicativo sem a intencionalidade pedagógica, apesar de a oralidade ser muito mais comum no cotidiano do que a escrita.

É inegável a importância da escrita para a consolidação, armazenamento e divulgação da ciência e da própria história humana. A questão é que houve uma destituição da importância da oralidade como se ela também não fosse um importante veículo difusor de informação e construção de ciência. A problemática consiste na supervalorização de uma modalidade em detrimento da outra.

Mesmo havendo uma relação estreita entre a escrita e a oralidade, e serem ‘faces da mesma moeda’, há questões da língua falada que não estão presentes na língua escrita, então é necessário dar ao aluno a oportunidade de elaborar, reelaborar, prever, rever textos orais. De acordo com Ramos (2002), o texto deve ser visto com um espaço de interlocução, o que inclui “redações escolares quanto cartas, bilhetes, anotações em diários, e também as conversas do aluno com colegas, pais, professores, etc.” (RAMOS, 2002, p.13).

Segundo Ribeiro (2009, p. 11), existe uma concepção equivocada de que não precisa investir na oralidade dos alunos porque se acredita que se aprende a falar em casa ou na rua. Para Marcuschi (2010), o desenvolvimento das habilidades relacionadas à oralidade depende dos usos constantes e novos que exijam rever, recriar o que já foi dito antes para adequar

melhor a cada nova situação. Nem sempre os meios familiar e social da criança permitem esses espaços dialógicos novos e desafiadores, aí se instaura a importância da escola e seu papel de proporcionar as oportunidades necessárias para a melhoria dessas habilidades.

Ainda para Marcuschi (2010, p.28), muitos acreditam ser a fala como o lugar de erros e caos em contraposição da escrita como um lugar de norma e bom uso da língua. E continua:

Na perspectiva aqui defendida, seria útil ter presente que, assim como a fala não apresenta propriedades intrínsecas negativas, também a escrita não tem propriedades intrínsecas privilegiadas. São modos de representação cognitiva e social que se revelam em práticas específicas. Postular algum tipo de *supremacia* ou superioridade de alguma das duas modalidades seria uma visão equivocada, pois não se pode afirmar que a fala é superior à escrita ou vice-versa (MARCUSCHI, 2010, p. 34).

É sabido que desde muito cedo as crianças são capazes de se comunicar, argumentar, expressar sentimentos e sensações, utilizando, por exemplo, um vocabulário reduzido, mas suficientes para suas falas cotidianas em comunicação direta com pessoas de convívio próximo como parentes e amigos. Entretanto, quando lhes é apresentado uma situação de fala com público um pouco maior e desconhecido, normalmente “travam” por perceberem que seu domínio de fala não é suficiente para aquela situação. Aí se instaura a importância da escola como espaço de formação geral da pessoa.

Para Zuin e Reyes (2010),

O ensino de língua materna na escola tem como objetivo mostrar como a língua portuguesa funciona e quais os usos que ela tem. Para tanto, cabe à escola ensinar como a linguagem se caracteriza e como os alunos devem usar a língua em diversas situações, tanto na modalidade escrita como oral (ZUIN; REYES, 2010, p. 92).

Mas, infelizmente, a prática da oralidade acaba sendo marginalizada e

“as crianças acabam perdendo toda a sua capacidade de análise da linguagem oral assim que entram na escola, dado ao fato de que nela a escrita ortográfica é a base para avaliar se as mesmas sabem ou não escrever” (ZUIN e REYES, 2010, p. 92).

Falar não é apenas pronunciar palavras. Há toda uma construção argumentativa, escolha vocabular, estruturação sintática e semântica, sequência lógica, estilística e postura corporal que variam de acordo às circunstâncias de produção, o público a quem se destina a fala e o objetivo da fala. É óbvio que convencer um colega a faltar aula, por exemplo, não é a

mesma coisa que convencer vários colegas a ser votado como líder da turma ou argumentar em oposição a uma fala do professor. Sobre essa questão Faraco (2009) fala que

[...] Bakhtin chama a atenção para o fato de que são muitas as pessoas que, mesmo dominando muito bem a língua, sentem-se logo desamparadas em certas esferas da comunicação verbal, precisamente pelo fato de não a dominarem, na prática, as formas do gênero de dada esfera. Uma pessoa que domina os modos de dizer numa esfera da comunicação cultural (sabe, por exemplo, dar uma aula, travar uma discussão científica, elaborar um tratado filosófico, escrever um poema), pode se sentir pouco à vontade em outra: cala-se ou então intervém, de maneira muito desajeitada numa conversa social ou numa assembleia de sindicato (FARACO, 2009, p. 131 - 132).

Faraco (2009 p. 132) diz que segundo Bakhtin, a falta de domínio dos elementos que compõem os gêneros orais pesa muito mais que a falta de domínio gramatical ou vocabular, por isso, a escola precisa ser um espaço real de diálogo, proporcionando ao aluno falar sobre temas de seu interesse, problemas que lhe afligem, disponibilizando momentos que intercalem a fala e a escuta, tornando-o, inclusive, um ouvinte atento, consciente e capaz de respeitar o momento de fala de seus pares, entendendo assim, essa ação como um momento de troca de papéis entre os interlocutores.

Assim, é necessário reintegrar a oralidade no ensino-aprendizagem da língua materna, como em outras disciplinas, como forma de desenvolver no aluno a autonomia da comunicação, a capacidade argumentativa, a oratória em público. Quanto mais uma criança aprende a falar em público, melhor ela se desenvolve em outros aspectos. É comum alunos no ensino médio e até no superior com dificuldades em apresentar seminários, mesas-redondas, defesa de trabalhos por causa do cerceamento da oralidade vivido em suas vidas pessoal e escolar. No cotidiano da sala de aula é perceptível que os alunos prevaletentes em atividades avaliativas orais são aqueles que já possuem o hábito de interferir durante as aulas expositivas e demonstram maior interatividade com os colegas, ou seja, já têm certa prática da oralidade em público. Do mesmo modo, os alunos que não costumam utilizar a oralidade em público evitam a interferência durante as aulas, preferindo permanecer com suas dúvidas, tendo, muitas vezes, dificuldade de socialização com os colegas e pessoas não conhecidas.

A melhoria na fala interfere diretamente na melhoria das práticas e relações sociais e da cognição, e a melhoria destas interfere na melhoria daquela. Um sistema cíclico e contínuo que foi melhor visto, por exemplo, no caso de Kaspar Houser o jovem que, até aproximadamente 15 anos, não teve contato com o mundo externo, nem com a linguagem e convenções sociais até ser deixado numa praça em Nuremberg, e só conseguiu desenvolver a

linguagem a partir das relações estabelecidas com algumas pessoas e o desenvolvimento da linguagem o encorajava a ter contato com novas pessoas, aumentando assim seu círculo de convivência e de seus próprios vocabulário e estruturação sintática.

O que se percebe, então, é que o desenvolvimento e melhoramento dessa capacidade são feitas a partir de experiências socioculturais, sendo assim, a escola pode e deve pensar em metodologias que a auxiliem nisso. Já não é mais cabível a escola se eximir dessa responsabilidade.

Marcuschi (2010) ressalta a importância de saber quais os contextos da vida diária. Que tipos de variantes e posturas dos falantes esses momentos exigem. Quais os objetivos dos nossos alunos quando se utilizam da oralidade. É preciso que o professor entenda para saber orientar, recriar no momento da aula esses espaços, essas oportunidades, fazê-los perceber como falam e em que poderiam mudar para alcançar uma fala mais convincente, mais sólida. É preciso entender esses espaços de falas dos alunos e despertar-lhes a consciência para a importância de melhorar suas falas, de saber se expressar, envolver e encantar os ouvintes.

Desse modo, não existem enunciados neutros, eles emergem de um contexto cultural e por isso estão imbuídos de valores e significados. Falar é, portanto, um ato responsivo, uma tomada de posição no contexto da fala e isso o difere das abordagens linguísticas formais que dominaram até a década de 1980, que veem o enunciado como mero fenômeno da língua, algo puramente verbal e desconectada dos contextos em que são produzidos. Para o autor, por trás do texto há sempre um sujeito, uma visão de mundo, um mundo de valores.

Dentro dessa noção de produção comunicativa, é impossível pensar na oralidade sem reconhecer, também, a importância do outro, do que escuta. Não uma escuta passiva, mas uma escuta interativa ou, em termos bakhtinianos, responsiva. Apesar da responsabilidade embutida no ato da escuta, pouca importância se dá a essa ação, quando se refere ao ensino da língua. Se a oralidade é pouco lembrada, bem menos se ouve falar na necessidade e possibilidade de se trabalhar a escuta em sala de aula. Há poucas referências sobre questões pedagógicas da ação de escutar e, quando há, apresenta uma ideia superficial que nivela toda ação de ouvir, não remetendo ao interlocutor a importância e responsabilidade que de fato ele tem.

A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude *responsiva ativa* (conquanto o grau dessa atividade seja muito variável); toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se o locutor (BAKHTIN, 1997, p. 290).

Então, pressupõe-se que a escuta leve o ouvinte, na interação do que já possui de conhecimento, ao entendimento e interpretação da fala do outro e dê uma resposta a isso, ainda que não se diga, porque, de acordo com Bakhtin (1997), nem sempre essa atitude responsiva vem de imediato, ela pode vir depois ou até mesmo em forma de silêncio, o que ele chama de compreensão responsiva muda. Mas fica inegável a importância de se saber ouvir para melhor dialogar, para melhor interagir, sem criar situações constrangedoras ou o silêncio causado pela ausência de entendimento. O parar para ouvir, por exemplo, é uma boa forma para se evitar alguns conflitos existentes na sala de aula, na escola e na vida como um todo.

Sobre isso Ramos (2002) fala que

Reconhecer a escola como um espaço em que se pode falar sobre temas de interesse e ser ouvido com atenção e respeito pelos pares é algo que constitui uma aquisição importante na superação dos problemas, apontados na bibliografia recente em relação à escola atual, referidos como “comportamentos e atitudes que levam o aluno ao emudecimento e à indisposição para identificar-se com o ensino institucionalizado” (RAMOS, 2002, p. 25).

Os PCN (1998, p. 47) também se referem a isso quando dizem que mesmo que não se concorde com a fala do outro, é preciso considerá-la tanto por demonstrar respeito ao outro ao respeitar sua fala, quanto pelo fato de que a opinião alheia proporciona análise e reflexão sobre a própria opinião.

Mais uma vez a escola é chamada a assumir seu papel de possibilitadora de espaços de diálogos e desenvolvimento das capacidades de interagir, concordar, discordar, opinar e respeitar ideias alheias que sem a escuta adequada seria impossível.

A escola deve assumir o compromisso de procurar garantir que a sala de aula seja um espaço onde cada sujeito tenha direito à palavra reconhecido como legítimo, e essa palavra encontre ressonância no discurso do outro. Trata-se de instaurar um espaço de reflexão em que seja possibilitado o contato efetivo de diferentes opiniões, onde a divergência seja explicitada e o conflito possa emergir; [...] um espaço em que seja possível compreender a diferença como constitutiva dos sujeitos (BRASIL, 1998, p. 48).

Concebendo o ato comunicativo como um ato social, é impossível que a fala de uma pessoa não a represente pessoal e socialmente. “A língua, seja na sua modalidade falada ou escrita, reflete, em boa medida, a organização da sociedade” (MARCUSCHI, 2010, p. 35) e,

ainda, “[...] o uso de uma língua natural é uma forma de inserção cultural e de socialização” (MARCUSCHI, 2010, p. 18).

Quando o ato comunicativo acontece por meio da oralidade, evidencia ainda mais marcas sociais dos falantes, tornando possível identificá-lo levando em conta, por exemplo, escolaridade, gênero, espaço geográfico de origem. E como ação tão identitária, a escola precisa apresentar ao aluno as várias possibilidades que há de se fazer ser visto através da fala, seja ela planejada ou espontânea.

### 3 CONTAÇÃO DE HISTÓRIA, CULTURA E IDENTIDADE

Reconhecendo a necessidade do trabalho com a oralidade nas aulas de Língua Portuguesa, encontra-se um número considerável de usos sociais da oralidade que podem ser facilmente apresentados e ressignificados em sala de aula. Uma dessas práticas é a contação de histórias.

A contação de histórias sempre se revelou como uma eficiente forma de aprendizagem. Antes de aprender a ler, hoje, assim como antes, a escuta de histórias é o primeiro contato da criança com o mundo da literatura. Gomes (2005), comparando a ação de ouvir histórias à ação de ler, diz que

Aqui cabe um comentário acerca do como Smith (1989, p.210) classifica a leitura em suas características essenciais: *é objetiva, seletiva, antecipatória e baseada na compreensão*. Ora, os leitores-ouvintes manifestavam competência mediante as práticas de leitura oralizada que ouviam com frequência em ambientes próprios. Assim, eles constituíam seus repertórios de leitura e, naturalmente, faziam suas seleções, sob a ótica da estética em que eram apresentadas as histórias. Faziam suas previsões e antecipações até concluírem se aquelas histórias iriam satisfazê-los ou não (GOMES, 2005, p. 29).

Para Abramovich (2008, p. 16), escutar histórias é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo.

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais [...]. **É através de uma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ótica...** (ABRAMOVICH, 2008, p. 17, grifo da autora).

A autora defende que a contação de histórias não deve acontecer apenas na infância de uma pessoa, como vem acontecendo. Crianças que aprendem a ler também precisam ouvir histórias para ativar a escuta, a concentração e a imaginação.

Gomes (2005) diz que “fica evidente, portanto, que aquele que ouve um texto, quer seja lido ou *contado*, também faz leitura” (GOMES, 2005, p. 30, grifo nosso). Ele ainda relata que no século XVIII a contação de histórias ficou praticamente restrita às áreas rurais e acontecia após o trabalho no campo, num momento de atividade doméstica e tinha como público jovens e adultos, uma vez que nesse horário, à noite, as crianças já estavam dormindo.

Ainda que a contação de história tenha se reduzido a atividade de menor valor, Gomes (2005) ressalta a importância do contador de histórias como o representante de conhecimento e crenças criados e acumulados ao longo do tempo, emergindo através de uma memória coletiva.

Não muito diferente do que Bakhtin (2006 [1929]) propõe sobre língua, as histórias populares contadas oralmente não só formadas por signos (palavras), mas se tornando um signo a partir do momento em que se tornam *corpus* com significado, não poderiam elas serem providas de um único significado e acabam revelando muito das questões sociais do grupo que a cria ou conta. Assim, a cada vez contadas em grupos sociais diferentes ou no mesmo grupo social, novos significados são acrescidos em detrimento de outros, sendo priorizadas as noções significativas que cada grupo social considera mais relevantes. Nesse contexto, adaptações e mudanças são comuns e justificáveis e dependem da cultura de cada lugar.

Conhecer e trabalhar as histórias contadas em sua comunidade, na linguagem local, traz ao ouvinte, além do desenvolvimento da oralidade, noções da cultura, da variante linguística própria das pessoas desse lugar e o resgate da memória social. Nesse contexto, cultura e linguagem se interligam e se mostram complementares e necessárias uma a outra. Segundo Laraia (2001),

[...] a comunicação é um processo cultural. Mais explicitamente, a linguagem humana é um produto da cultura, mas não existiria cultura se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver um sistema articulado de comunicação oral (LARAIA, 2001, p. 25).

O conceito de cultura ainda gera discussão entre antropólogos, mas será usada aqui a definição de Edward Tylor (1832-1917) apresentada por Laraia (2001),

Ambos os termos foram sintetizados por Edward Tylor (1832-1917) no vocábulo inglês *Culture*, que "tomado em seu amplo sentido etnográfico é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade" (LARAIA, 2001, p.52).

Na definição de Tylor (1832-1917), a ideia de cultura abrange todas as possíveis realizações do homem e evidencia que esta se aprende, passa de sujeito para sujeito, de geração para geração, opondo-se à ideia de que ela possa ser inata, genética. Exclui-se, nessa perspectiva, a distinção de cultura “popular” e cultura “erudita” ou “elitizada”, uma vez que,

pertencendo ou não às classes dominantes, toda produção humana que faz parte desse “complexo” social será considerado cultura.

Ainda segundo Laraia (2001 p. 45), “o homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado”, assim a busca da identidade cultural perpassa por conhecer aspectos culturais do local onde vive, e, “embora nenhum indivíduo, repetimos, conheça totalmente o seu sistema cultural, é necessário ter um conhecimento mínimo para operar dentro do mesmo” (LARAIA, 2001, p. 43).

Para Zugueib Neto (2005),

A cultura é o processo de transição e modelo na estruturação da organização egoica do sujeito. Ela oferece as significações históricas e sociais que vão servir de referência e orientação sobre valores e modelos que incentivam a produção de sentido, de comportamento e das representações de sua tipificação étnica (ZUGUEIB NETO, 2005 p. 09).

Nessas concepções, é a partir dos aspectos culturais, das produções coletivas que a pessoa se forma como indivíduo, construindo uma identidade que, apesar de ser própria, apoia-se no coletivo. Giust-Desprairies (2005) diz que “Na superfície do psicológico e do social, a identidade é uma construção subjetiva e ao mesmo tempo é também uma inscrição social” (GIUST-DESPRAIRIES, 2005, p. 201), e por haver vários fatores que a determinam, a identidade não é uma unidade, mas um cruzamento de relações que marcam confrontos e negociações entre o real e o ideal, obrigando o sujeito a fazer escolhas, renúncias e investimentos constantes e por isso nunca está pronta. O sujeito não é produto da história dos fatos apenas, é como ele sente, vive, recebe cada acontecimento que se constrói sua identidade. O sentimento de identidade dá-se, então, pela retomada dos elementos exteriores e de como esses elementos ligam-se ao interior do sujeito. Para Giust-Desprairies (2005), a identidade está sempre em construção e é afetada diretamente pelas transformações sociais que rompem construções pessoais e sociais anteriores para a construção de novas, modificando a relação do sujeito com a sociedade, portanto modificando sua relação identitária.

Mais controversa que a discussão sobre o conceito de cultura é a noção de identidade cultural. Separadamente identidade e cultura já possuem significados abrangentes e discutíveis, juntos abrem um amplo número de possibilidades complexas e em constante transformação. Para Ewald (2005),

[...] a ideia de identidade cultural pode ser pensada como uma forma de mediação entre a pessoa e a sociedade, pois a cultura é uma unidade expressiva que orienta a ação individual e é, sem sombra de dúvida, um horizonte de significação que passa a fazer parte da nossa construção como pessoa (EWALD, 2005, p. 224).

Assim, sem querer reduzir sua dimensão semântica, abordar-se-á a noção de identidade cultural como o compartilhamento com demais membros da sociedade de atitudes, crenças, comportamento, linguagem, encontrando-se nessa partilha muito mais semelhanças que diferenças. Isso porque, ao se identificar culturalmente, o sujeito nunca encontrará semelhança total, uma vez que ele, sujeito único, possui suas particularidades em meio às questões coletivas.

Nesse processo de identificação, não há o interesse em rotular pertencente ou não de cada questão cultural. Como defende Bakhtin (FARACO, 2009) e Charaudeau (2009), a cultura e, por conseguinte, a identidade cultural não são fixas, imutáveis, então, espera-se que a busca dessa identidade se dê pelo contraponto, percebendo-se semelhante ou diferente dos outros que fazem parte do convívio social. A construção da própria identidade depende desse reflexo de quem é o outro, do que ele faz, crê e em que a pessoa se assemelha ou diferencia.

Sobre essa questão, Charaudeau (2009) fala que

[...] a identidade é o que permite ao sujeito tomar consciência de sua existência, o que se dá através da tomada de consciência de seu corpo (um estar-aí no espaço e no tempo), de seu saber (seus conhecimentos sobre o mundo), de seus julgamentos (suas crenças), de suas ações (seu poder fazer). A identidade implica, então, a tomada de consciência de si mesmo. Mas para que ocorra a tomada de consciência, é necessário que haja diferença, a diferença em relação a um outro. É somente ao perceber o outro como diferente, que pode nascer, no sujeito, sua consciência identitária (CHARAUDEAU, 2009).

Sobre a formação da identidade, Bakhtin (FARACO, 2009) também fala que “Eu não posso me arranjar sem um outro, eu não posso me tornar eu mesmo sem um outro; eu tenho de me encontrar num outro para encontrar um outro em mim” (BAKHTIN, 1961, p.287 apud FARACO, 2009, p. 76). De acordo com Ewald (2005, p. 219), a identidade é a partilha de elementos comuns a muitas outras pessoas, sem afastar-se de questões como tempo, sexo e condição, na formação das singularidades de uma pessoa. Não há como formar uma identidade singular sem partilhar de elementos que são comuns a tantas outras pessoas e que, nessa partilha, cria-se o sentimento de pertencimento.

A importância do reconhecimento de uma identidade cultural dá-se, hoje, em especial, porque, com a popularização das mídias, em particular da televisão, e apesar de a heterogeneidade ser forte, há uma maior homogeneidade em algumas questões que antes marcavam diferenças culturais de regiões do país. A população jovem é a que mais imita o que é apresentado em programas televisivos, tentando igualar o linguajar, vestimentas e atitudes apresentadas, tomando-os como ideais, melhores e, por isso mesmo, imitáveis. A busca da identidade não se dá numa tentativa de hierarquizar uma cultura em detrimento de outra, mas de buscar o contexto que ajudou a construir o ser social que se é para sentir-se pertencente a uma realidade complexa, única e, igualmente, importante.

Para Zugueib Neto (2005, p. 11), o mundo contemporâneo como se apresenta atualmente, por um lado enfraquece tradições e por outro alarga horizontes com suas possibilidades identificatórias. “Se por um lado, tais dinâmicas reforçam novos grupos, por outro engrossam o alargamento do fosso entre os povos e suas culturas concernentes, os quais são percebidos por uns como perigosos ou inferiores” (ZUGUEIB NETO, 2005, p. 11). Não diferente, Giust-Desprairies (2005, p. 199) diz que a estrutura social de hoje, ao contrário de antigamente, dificulta a construção identitária. Se antes os sujeitos inseridos socialmente procuravam se reconhecer e serem reconhecidos, hoje se curvam nos sistemas incertos, instáveis.

O reconhecer-se define o posicionamento social, não no sentido de estratificação<sup>4</sup> mas de espaço ocupado, e define, também, a interação com o mundo e a forma de se exteriorizar essa interação.

Gallagher (1998) diz que “tão seguramente quanto os traços inatos, todas as coisas armazenadas em nossa cabeça capazes de compor a experiência consciente [...] moldam aquilo que somos” (GALLAGHER, 1998, p. 116) e que sem a memória não teríamos nenhuma personalidade, pois ela “é o fio que entrelaça todos os nossos modos em uma personalidade” (GALLAGHER, 1998, p. 110).

Para Eclea Bosi (2004), “[...] a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações.” (BOSI, 2004, p. 46-47). Segundo Gallagher (1998, p. 94), a ciência da memória está em evolução, há muitas respostas apenas teóricas, mas, sabe-se que existe mais de um tipo de memória. A primeira ideia que se tem sobre a memória refere-se à lembrança, recordação de fatos ou momentos.

---

<sup>4</sup> Bakhtin (2006 [1929]) utiliza esse termo no sentido de divisão social por classes. Assim, o posicionamento social de um indivíduo não está vinculado a sua classe social, mas às interações que são feitas entre ele e o mundo.

Mas é igualmente memória todo o aprendizado adquirido. Esses dois tipos de recordações, respectivamente, episódicas e semânticas, “são formas de memória consciente bem iluminada, ou memória representativa” (GALLAGHER, 1998 p. 94), ou seja, tem-se consciência de sua existência e, apesar dos lapsos que podem ocorrer, sabe-se que pode acessá-la tempos depois.

O autor ainda fala de um tipo mais profundo de memória que possui várias denominações como “memória-hábito, memória emocional, memória procedimental” (GALLAGHER, 1998, p. 94), e diz ser mais difícil trazê-la à tona por vontade, apesar de estar imbuída na maior parte de nossas ações. A condição inconsciente dessa memória permite que a capacidade consciente se direcione para outras questões, permitindo, por exemplo, que as pessoas planejem todas as ações do dia enquanto dirigem sem se dar conta de cada elemento que compõe a ação de dirigir.

Os fatos vivenciados, apesar de iguais no cérebro, podem sofrer alterações ao serem memoradas porque, ao se lembrar no presente, a condição atual da pessoa interfere no sentido criado pela lembrança. Gallagher (1998) exemplifica que a lembrança do dia do casamento é recordado diferenciado por um casal que vive feliz e por um casal divorciado. Os fatos não mudam, mas a relação com a recordação sim.

Bosi (2004, p. 55) cita que para Halbwachs a maior parte de nossas memórias é incitada por outras pessoas. Essa memória sofre interferências do presente, uma vez que não somos mais os mesmos de então. Para ilustrar a afirmação, a autora diz que experiência da releitura é só mais um exemplo de como é difícil, se não impossível, reviver o passado tal qual aconteceu. Qualquer mudança no ambiente interfere na memória. “Por essa via, Halbwachs amarra a memória da pessoa à memória do grupo; e esta última à esfera maior da tradição, que é a memória coletiva de cada sociedade” (BOSI, 2004, p. 55). Bosi ainda fala que “para Halbwachs, cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” (BOSI, 2004, p. 413).

O que se percebe, é que as alterações feitas nas histórias contadas ao longo dos tempos, refletem diretamente, assim como a fala de uma pessoa, sua identidade sociocultural. Tudo que marca uma comunidade como crenças, ideologias, linguagem, impregna esses textos de características próprias, revelando a cultura da comunidade.

Como tudo que é culturalmente produzido, as histórias contadas então, não são isentas da vida e das intenções daqueles que as contam, repetindo, ressignificando e até adaptando coisas já ditas.

Socialmente, a contação de histórias desempenha diversos papéis dentre eles os pedagógico e lúdico. O conhecimento transmitido pela contação de histórias vem revestido de

ludicidade, proporcionando uma aprendizagem nem sempre percebida pelos sujeitos que compõem essa ação.

Para Busatto (2012), na escola, a ideia de “contar histórias ainda está excessivamente ligado ao livro” e alerta para o fato de que “contar histórias difere de ler histórias” (BUSATTO, 2012, p. 10-11), há implicações tanto na técnica quanto nas sensações e interações do ouvinte.

Segundo Torres e Tettamanzy (2008, p. 2), ouvir histórias desde cedo contribui na construção identitária, uma vez que há, no momento da contação, entre contadores e ouvintes, uma relação de troca, fazendo emergir toda bagagem cultural e afetiva dos ouvintes, lembrando-os ser quem são. E complementam:

O principal objetivo em contar uma história é divertir, estimulando a imaginação, mas, quando bem contada, pode atingir outros objetivos, tais como: educar, instruir conhecer melhor os interesses pessoais, desenvolver o raciocínio, ser ponto de partida para trabalhar algum conteúdo programático, assim podendo aumentar o interesse pela aula ou permitir a auto-identificação, favorecendo a compreensão de situações desagradáveis e ajudando a resolver conflitos (TORRES; TETTAMANZY, 2008, p. 3).

Nessa ação, novamente o sujeito social não pode ser esquecido, já que “um conto nunca vai provocar o mesmo efeito nas diversas pessoas que o ouvem. É a história de vida de cada um que determinará com que música ele vai soar” (BUSATTO, 2012, p.18).

Mesmo sendo a contação de histórias uma prática pedagógica em que o lado lúdico normalmente aparece como mais visível, é possível utilizar história para ensinar assuntos, rever comportamentos e convicções, discutir ideias, mas há que se ter o cuidado para que a ação não pareça impositiva, senão deixa de ser uma alternativa funcional ao professor.

Quando se conta uma história, muita coisa é deixada com o outro, com quem ouve; portanto, é importante ressaltar que, embora as histórias transmitam valores éticos, sedimentam conhecimento e aconselham, e tudo isso só funciona se não for feito de maneira impositiva. Não funciona contar uma história para ensinar que é feio bater ou morder o colega, fugir da sala, sujar a escola etc. é preciso fazer com que a criança pense, e não ditar regras por meio da literatura (REGATIERE, 2008, p. 39).

A contação de histórias tem, ainda, uma função importante de auxiliar na formação identitária dos alunos, pois “ao trabalhar com formas populares [...] eles podem vir a reconhecer a cultura de sua própria família, ou melhor, podem perceber que sua gente também tem cultura” (TORRES; TETTAMANZY, 2008, p. 4).

Segundo Busatto (2012, p. 37), o conto de literatura oral serve a muitos propósitos, a começar pela formação psicológica, intelectual e espiritual do ser humano. Através do conto podemos valorizar as diferenças entre os grupos étnicos, culturais e religiosos, e introduzir conceitos éticos. Para essa autora, apesar dos PCN endossarem a importância da diversidade cultural, a literatura oral ainda não alcançou a importância merecida nas ações pedagógicas comparando ao que acontece com os mitos e lendas que “só recebem destaque no mês do folclore, acentuando assim o caráter folclórico, no sentido de curioso e pouco digno de crédito, com o qual se trata a nossa cultura” (BUSATTO, 2012, p. 38).

Infelizmente, apesar de todas as vantagens de se trabalhar com a contação de histórias populares<sup>5</sup>, a literatura clássica sobrepõe-se às produções desconhecidas e amadoras na escola.

---

<sup>5</sup> Serão utilizadas aqui como populares as histórias comuns na comunidade, que não tenham ganhado repercussão nacional ou internacional, nem tenham sofrido adaptações para TV ou Cinema e/ou que tenham características próprias da região seja na linguagem como nos elementos que compõem a história.

## 4 O USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NAS AÇÕES PEDAGÓGICAS

Atualmente, tornou-se difícil falar em sociedade e identidade cultural sem mencionar as tecnologias digitais de informação e comunicação – doravante TDIC – e como os sujeitos interagem com os novos meios de comunicação. Em relação a essas novas tecnologias, Libâneo (2011) afirma também não ser mais possível pensar em educação inovadora sem o uso e intervenção das tecnologias digitais. Elas possibilitaram transformações sociais significativas, principalmente no campo comunicacional, e novos comportamentos de aprendizagem. Essas novas complexidades sociais exigem da escola uma maior diversidade das práticas pedagógicas. Segundo ele, “[...] nos meios profissionais, políticos, sindicais, empresariais, nos meios de comunicação social, nos movimentos da sociedade civil, assiste-se a uma redescoberta da pedagogia. Estamos diante de uma sociedade pedagógica” (LIBÂNEO, 2011, p. 27).

Almeida e Silva (2011, p. 5) comungam dessa ideia quando dizem que ao criar um novo ambiente em sala, as TDIC promovem mudanças das práticas educativas repercutindo em todas as relações e instâncias envolvidas no processo, como as relações de tempo e espaço, ensino e aprendizagem, na forma como as informações são organizadas e representadas por meio de linguagens múltiplas.

Para Libâneo (2011), a informação não está restrita à escola, mas ela ainda é o principal espaço de síntese dessas informações, construindo conhecimento a partir de análise e criticidade e, compartilhando da mesma ideia, Moran (1995) redefine o papel do professor:

[...] A tarefa de passar informações pode ser deixada aos bancos de dados, livros, vídeos, programas em CD. O professor se transforma agora no estimulador da curiosidade do aluno por querer conhecer, por pesquisar, por buscar a informação mais relevante. Num segundo momento, coordena o processo de apresentação dos resultados pelos alunos. Depois, questiona alguns dos dados apresentados, contextualiza os resultados, os adapta à realidade dos alunos, questiona os dados apresentados. Transforma informação em conhecimento e conhecimento em saber, em vida, em sabedoria - o conhecimento com ética (MORAN, 1995, p. 24-26).

Para Xavier (2006), a escola enfrenta atualmente o desafio não mais de convencer seus atores

[...] a apostarem nos recursos digitais. A grande meta agora é prepará-los para alinhar sua estrutura física, seu modelo de gestão escolar e, sobretudo a prática pedagógica de seu corpo docente às possibilidades diferenciadas de aprendizagem consignáveis a partir dos novos recursos digitais. Parece caber a todos que atuam na esfera educacional a necessidade de reorganizar seu

pensar e fazer docentes para harmonizar-se ao potencial de armazenamento de dados, à velocidade de acesso às informações e à atratividade do efeito novidade das máquinas computacionais. Dizendo de uma outra forma, a relação entre aprendizagem e tecnologias na educação demanda agora maneiras outras de fazer florescer as competências e as habilidades desejadas na mente e na práxis do aprendiz com o suporte de tais dispositivos tecnológicos (XAVIER, 2006, p. 43-44).

Com os avanços tecnológicos, apareceram as tecnologias móveis que propiciaram a saída do laboratório de informática como espaço tecnológico exclusivo para permear em todos os espaços da escola, inclusive a sala de aula e proporcionando aprendizagem também para além do muro da escola.

No momento em que distintos artefatos tecnológicos começaram a entrar nos espaços educativos trazidos pelas mãos dos alunos ou pelo seu modo de pensar e agir inerente a um representante da geração digital evidenciou-se que as TDIC não mais ficariam confinadas a um espaço e tempo delimitado. Tais tecnologias passaram a fazer parte da cultura, tomando lugar nas práticas sociais e resignificando as relações educativas ainda que nem sempre estejam presentes fisicamente nas organizações educativas (ALMEIDA e SILVA, 2011, p. 3).

Isso não implica dizer que o uso de qualquer tecnologia em sala de aula indica mudança de paradigma. Há a necessidade de uma revisão das práticas pedagógicas bem mais ampla que o momento da aula. Se a educação busca ajudar o aluno a exercer autonomia, há uma exigência de que o fazer pedagógico seja reflexo dessa autonomia e busca do professor.

Para Xavier (2006, p. 47), isso quer dizer que a escola precisa estar sempre renovando para cumprir sua função social de analisar necessidades, buscar soluções preparando os alunos para pô-las em prática. Utilizar-se de práticas ou equipamentos novos não garante eficiência e adequação, é preciso conhecê-los detalhadamente, conhecer as concepções teóricas e como sua aplicação trará benefícios pedagógicos. Então, não é o uso da tecnologia pela tecnologia, há uma série de mudanças que devem acompanhar a inserção das tecnologias para que sejam alcançados os resultados desejados.

O que hoje demanda atenção e estudo é a consciência crítica do seu uso para que seja feita de forma apropriada, não limitando essas tecnologias a só mais uma ferramenta do processo ensino aprendizagem. Segundo Libâneo (2011),

[...] as mídias apresentam-se, pedagogicamente, sob três formas: como conteúdo escolar integrante das várias disciplinas do currículo, portanto, portadoras de informação, ideias, emoções, valores; como competências e atitudes profissionais; e como meios tecnológicos de comunicação humana

(visuais, cênicos, verbais, sonoros, audiovisuais) dirigidos para o ensinar a pensar, ensinar a aprender a aprender, implicando, portanto, efeitos didáticos como: desenvolvimento de pensamento autônomo, estratégias cognitivas, autonomia para organizar e dirigir seu próprio processo de aprendizagem, facilidade de análise e resolução de problemas etc (LIBÂNEO, 2011, p. 33).

Faz-se necessário explorar todas as possibilidades trazidas pelas tecnologias digitais, inclusive fora do espaço escolar, uma vez que os recursos disponibilizados por essas tecnologias são utilizados com frequência pelos alunos em sua vida pessoal e porque permitem a ampliação do espaço/tempo de aprendizagens. De acordo com Xavier,

As novas tecnologias auxiliam o trabalho do professor inclusive fora das paredes da sala e do muro da escola, uma vez que possibilita a continuidade do estudo em casa, no trabalho, no local de lazer, etc.  
[...] Isto é, os dispositivos digitais como celulares e tablets com conteúdo informacional hipertextualizado prolongam e ampliam a possibilidade de aquisição de informações. São capazes de recriar objetos a serem apreendidos fora do espaço escolar, virtualizando o real por meio de aplicativos computacionais com ganhos notáveis para todos os participantes do processo educacional (XAVIER, 2006, p. 45 – 46).

Com o avanço das tecnologias promovendo aparelhos cada vez menores e mais potentes, e desde que a internet estendeu-se a esses aparelhos, e possibilitou o uso de diversos aplicativos, intensificou a necessidade de a escola utilizar-se de tais tecnologias com fins pedagógicos. Infelizmente, o que se vê, na maioria das vezes, é a relação escola X TDIC cada vez mais estremecida, com decretos proibitivos em alguns estados ou cidades e normas consensuais de não uso desses equipamentos em sala de aula. O que é perceptível, como mostram Bento e Cavalcante (2013), é que ainda não se vê com nitidez como o professor se apropriar do uso das tecnologias sem que o aluno se desvie do uso pretendido.

Em pesquisa realizada por Bento e Cavalcante (2013) com professor do Ensino Médio do Vale da Paraíba do Sul, verificou-se que 71% dos professores entrevistados não permitem o uso do celular em sala de aula e 14% sequer consideram o aparelho como um recurso pedagógico.

É sabido que os inúmeros aplicativos contidos em um celular, por exemplo, proporcionam aos alunos momentos de “fuga” da realidade, do contato com os próximos fisicamente, mas, ao estender horizontes, também oferecem oportunidades de pesquisa e estudo à distância, sem contar no contato virtual, mesmo quando já saíram do espaço escolar.

Se as tecnologias digitais na escola eram tidas como de acesso difícil e restrito nos laboratório de informática, muitas vezes sucateados ou obsoletos, com os aparelhos móveis,

as TDIC invadiram as salas de aulas, e, como toda novidade, trouxeram resistências que perduram até hoje. Normalmente o celular é visto como um vilão por causa dos usos indevidos que são feitos dele, mas não se pode esperar que os alunos entendam e aprendam a utilizá-lo de forma benéfica e facilitadora da aprendizagem, proibindo-o ou excluindo-o da vivência em sala de aula.

Uma prova da facilidade de usos e possibilidades dos aparelhos móveis conheceu-se na sondagem desta pesquisa, quando um grupo significativo de alunos diz ter acesso à internet, fazer uso de tecnologias digitais, sem nunca ter utilizado um computador ou utilizando-o raramente.

Conhecendo os inúmeros usos do celular e demais aparelhos móveis descritos tanto por Bento e Cavalcante (2013) e UNESCO (2013), esta pesquisa traz a proposta do uso do celular a partir do aplicativo WhatsApp como ferramenta que possibilite o contato contínuo entre pesquisadora e alunos e a divulgação, dentro do grupo, dos áudios e vídeos necessários ao desenvolvimento das atividades, além da gravação de áudios e registros fotográficos em alguns momentos.

Sabendo que nem todos os alunos possuíam celular, e no intuito de promover a aprendizagem colaborativa, as atividades realizadas em grupo, permitem a visualização dos vídeos e escuta dos áudios de forma independente pelos grupos, pausando, voltando, repetindo de acordo com a necessidade dos participantes. Esse uso proporciona mais dinamismo à aula, evitando que sejam montados projetor multimídia, caixa de som, etc, e não condiciona os alunos a uma única visualização/audição do material disponível.

Além disso, a criação de uma página na internet para armazenamento e divulgação de materiais elaborados durante a intervenção corrobora para a necessidade do uso sensato das TDIC no cotidiano escolar.

O desafio que se instaura é saber quais as reais possibilidades pedagógicas de cada recurso, a melhor forma e momento de utilizá-los para não se passar a impressão de uso de tecnologias digitais exacerbado e sem contexto.

Acreditando na possibilidade e importância do uso do celular nas práticas pedagógicas e percebendo as desconfianças e incredulidades relacionadas aos benefícios desse uso por parte de educadores e pessoas em geral, a Unesco publicou as “Diretrizes de políticas para a aprendizagem móvel”. Esse documento traz a importância de aproveitar as vantagens das tecnologias portáteis, como o fato de estarem em todos os lugares, poderem ser levadas com o usuário, bem como o usuário pode personaliza-las a seu modo, escolher aplicativos que mais lhe interessam e aprender em qualquer hora e em qualquer lugar.

As tecnologias móveis, por serem altamente portáteis e relativamente baratas, ampliaram enormemente o potencial e a viabilidade da aprendizagem personalizada. Além disso, à medida que aumentam o volume e a diversidade de informações que os aparelhos móveis podem coletar sobre seus usuários, a tecnologia móvel torna-se capaz de melhor individualizar a aprendizagem (UNESCO, 2013, p. 14).

As tecnologias portáteis permitem a aprendizagem fora dos muros da escola. Um único aparelho é capaz de agregar conteúdo de todas as disciplinas, realizar pesquisa, contato com professores e colegas, consultar dicionários e tradutores instantâneos. O documento apresentado pela UNESCO relata, por exemplo, o caso da Tailândia que está em substituição dos livros didáticos por tablets para todos os alunos, não só substituindo esse material didático, mas agregando tantos outros num único aparelho.

O documento traz diretrizes para que governantes possam aproveitar-se das vantagens do uso das tecnologias móveis da forma mais ampla e benéfica possível na educação, apresentando ações que devem ser seguidas. Reconhecendo que

[...] a maioria das políticas de TIC no campo da educação foi criada antes do advento dos aparelhos móveis, elas não procuram melhorar os potenciais das tecnologias móveis para a aprendizagem. As raras políticas que fazem referência a aparelhos móveis tendem a tratá-los tangencialmente ou a proibir sua utilização nas escolas (UNESCO, 2013, p. 32).

É óbvio que uma dessas ações diz respeito à formação contínua do professor no que tange o conhecimento e uso dessas tecnologias para que ele possa utilizá-las de forma segura e correta em suas ações pedagógicas. Lembrando que a maior parte dos professores não cresceu acessando essas tecnologias, a apropriação do uso e conhecimento das possibilidades educativas desses aparelhos, é necessária, não só com a prática individual, mas com discussões coletivas geradas para esse fim, organizadas por instituições responsáveis e ligadas ao âmbito educacional.

As imagens<sup>6</sup> a seguir, apresentadas por Gomes (2013, s/p), mostram de forma objetiva as informações contidas nas diretrizes da Unesco.

---

<sup>6</sup> As duas imagens são um único quadro, aqui separado para melhor visualização.

Figura 01 – Uso das tecnologias móveis em sala – UNESCO – Parte 1



Figura 02 – Uso das tecnologias móveis em sala – UNESCO – Parte 2



Fonte: <http://porvir.org/10-dicas-13-motivos-para-usar-celular-na-aula/20130225/>

Resta ao professor utilizar o potencial comunicativo e colaborativo que as redes sociais e os novos dispositivos tecnológicos proporcionam sem se esquecer de que estes também possuem limites e precisam de contextos de aprendizagem teoricamente amparados e bem planejados para que não se torne um uso vazio do objetivo principal que é a promoção da aprendizagem.

## 5 PERCURSO METODOLÓGICO: DO PLANEJAMENTO À AÇÃO

A proposta do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) tem como objetivo provocar os professores do ensino fundamental de escolas públicas a repensar suas ações mediante o aparente caos em que se encontra o sistema público educacional, cheio de demandas e necessidades específicas. Voltado para professores que atuam nessas escolas, o mestrado promove o repensar as ações pedagógicas, numa tentativa de interferir positivamente num determinado problema apresentado na escola onde leciona o mestrando, enfrentando uma realidade que se mostra comum na maioria das escolas.

Por isso, o *locus* dessa pesquisa é o Colégio Estadual Luiz Júlio Carneiro, situado na cidade de Ichu-BA. Trata-se uma escola estadual de porte pequeno com 207 alunos e oferece o ensino fundamental II, nos turnos matutino e vespertino, e educação de jovens e adultos (EJA), no noturno. Atende a um público diversificado quanto às condições sociais e econômicas, oriundo tanto da área urbana quanto da área rural. No matutino, turno do grupo de alunos escolhidos, há uma predominância de alunos oriundos da sede do município, seja do centro da cidade ou dos bairros periféricos, e, os poucos provenientes da área rural são de localidades mais próximas e se utilizam de transporte pessoal, uma vez que o transporte escolar só funciona no turno vespertino.

A sala escolhida para a intervenção é uma turma de 7ª série do matutino que possui 26 alunos matriculados, numa faixa etária de 12 a 18 anos.

A proposta do PROFLETRAS consiste em reconhecer um problema/dificuldade comumente encontrada no ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental e, com o respaldo teórico sobre o que envolve a situação em evidência, planejar ações que interfiram positivamente no problema minimizando-o ou eliminando-o. Por isso, optamos por uma abordagem prioritariamente qualitativa, utilizando o método da pesquisa-intervenção, uma vez que seus pressupostos “vêm viabilizando a construção de espaços de problematização coletiva junto às práticas de formação e potencializando a produção de um novo pensar/fazer educação” (AGUIAR e ROCHA, 2003, p. 64).

Segundo essas autoras, a pesquisa-intervenção rompe com algumas barreiras próprias das pesquisas quantitativas, como, por exemplo, a questão do pesquisador perder sua neutralidade e objetividade, passando a fazer parte de todo o processo, interferindo e sendo interferido durante a pesquisa.

Na pesquisa-intervenção, a relação pesquisador/objeto é dinâmica e determinará os próprios caminhos da pesquisa, sendo uma produção do grupo envolvido. Pesquisa é, assim ação, construção, transformação coletiva, análise das forças sócio-históricas e políticas que atuam nas situações e das próprias implicações, inclusive dos referenciais de análise (AGUIAR E ROCHA, 1997, p. 97).

Para Prudente e Tittoni (2014), a pesquisa-intervenção já começa a se desenhar quando o pesquisador, em volta às leituras e teorias, repensa sua prática docente, refletindo sobre suas ações. Ao analisar suas práticas, há o reconhecimento de si como sujeito da pesquisa também. Assim, é imprescindível perceber e entender as transformações sofridas pelo pesquisador durante todo processo desde a pesquisa bibliográfica, passando pela intervenção e culminando na escrita de uma dissertação. Os referenciais teóricos e o problematizar conceitos clássicos perdem parte do valor se não forem inseridos no exercício de reflexão e apropriação pelo sujeito-pesquisador-escritor. Neste tipo de pesquisa, sabe-se que a análise feita não é algo acabado, imutável, pois é possível rever a trajetória de pesquisa e, assim, produzir novos sentidos ao que foi vivido.

Além disso, esse tipo de pesquisa favorece metodologias que produzam de forma colaborativa o conhecimento. Damiani (2008) ao tratar do trabalho colaborativo traduz o sentido defendido por Parrilla (1996) de que “grupos colaborativos são aqueles em que todos os componentes compartilham as decisões tomadas e são responsáveis pela qualidade do que é produzido em conjunto, conforme suas possibilidades e interesses” (DAMIANI, 2008, p. 214).

Sem entrar no mérito da discussão sobre cooperação e colaboração serem sinônimos ou antônimos levantada por alguns autores<sup>7</sup>, as atividades propostas nesta intervenção pretenderam (1) iniciar as discussões e participações em grupo para depois partir para o individual, em uma tentativa de minimizar medos e receios daqueles que ainda não têm o hábito da exposição oral; (2) proporcionar trabalhos em grupo e coletivos em que todos possuíssem as mesmas condições e oportunidades de participação.

O trabalho colaborativo prevê a quebra de hierarquias e, em razão da pouca idade da turma e de poucas oportunidades de trabalhar nessa perspectiva, nosso papel de mediação permaneceu, mas, inúmeras vezes, ele se dissipou nas decisões coletivas e na incerteza de etapas seguintes que dependiam de como a intervenção acontecia e de como os alunos interagiam entre si e com as próprias atividades. Ainda entendemos que ouvir o outro com atenção e respeito, saber colocar-se, discordar sem ofender os colegas reforçam a proposta do

---

<sup>7</sup> Ver estudos de Fullan e Hargreaves (2000), Torres, Alcântara e Irala (2004), Costa (2005).

que acreditamos sobre escuta ativa e como diz Pinheiro (2011) sobre as ideias bakhtinianas de que “a interação por meio da linguagem se dá num contexto em que todos participam em condição de igualdade” (PINHEIRO, 2011, s/p), e que a voz de uma pessoa forma-se de tantas outras vozes, num processo colaborativo.

Os instrumentos de pesquisa a serem utilizados na proposta interventiva a ser apresentada posteriormente são:

- Fichas diagnósticas para sondagem dos sujeitos participantes e de sua família objetivando conhecer algumas questões sociais dos alunos, seus momentos de uso público da oralidade e a relação com a contação de histórias. Esse último objetivo é o que justifica a sondagem realizada com um membro da família dos sujeitos;
- Vídeos gravados das produções inicial e final;
- Entrevistas feitas em forma de conversas com os contadores de histórias gravadas em áudio e vídeo, conhecendo melhor como a contação de histórias acontecia no município na visão dos próprios contadores e coletando dados para a construção de material digital;
- Vídeos construídos a partir das informações coletadas nas entrevistas com os contadores de histórias selecionados pelos alunos em votação. Os vídeos serão construídos com as imagens registradas no momento da ação, fotos antigas cedidas pelo contador e informações coletadas na conversa.

## 5.1 CONHECENDO OS SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos participantes desta intervenção eram 25, mas ao finalizar as ações da sequência didática, 18 foram selecionados para a análise dos dados. A seleção desses alunos levou em consideração a participação nos três módulos de intervenção e realização das produções inicial e final. Durante a apresentação do relato de experiência e análise dos dados, os alunos cujas produções e participação foram analisadas, serão representados por números, e, os demais, quando houver necessidade de serem citados, serão identificados por letras.

Assim, os 18 sujeitos que fizeram parte desta intervenção de forma integral, podem ser identificados e caracterizados:

- Auno 1 – do sexo masculino, tem 14 anos e mora com irmãos e tios no conjunto José Astério. Normalmente, utiliza a internet na casa de parentes com fins recreativos e gosta de ler ficção científica.

- Aluno 2 – do sexo masculino, tem 13 anos e mora com a mãe e irmãos no centro. Utiliza a internet em sua casa ou de parentes e amigos para conversar com os amigos e fazer trabalhos escolares e gosta de ler sagas.
- Aluno 3 – do sexo masculino, tem 12 anos e mora com os pais no centro. Utiliza a internet ofertada pelo vizinho para conversar com os amigos e gosta de ler histórias de ação.
- Aluno 4 – do sexo feminino, tem 13 anos e mora com a mãe no bairro Cortiço. Usa a internet em sua residência ou de amigos, principalmente com fins religiosos e gosta de ler sagas e ficção científica.
- Aluno 5 – do sexo masculino, tem 12 anos e mora com pais e irmão no centro. Conecta-se à internet em sua casa ou de parentes e amigos para conversar com amigos e jogar e não gosta de ler.
- Aluno 6 – do sexo masculino, tem 13 anos e mora com mãe, irmão e padrasto no bairro Cortiço. Utiliza a internet em casa, principalmente para diversão com jogos e redes sociais e gosta de ler histórias de aventura, ação e sentimentais.
- Aluno 7 – do sexo feminino, tem 13 anos e mora com pais e irmãos no centro. Conecta-se à internet em sua casa, de parentes e amigos, principalmente para conversar com pessoas e afirma gostar de ler histórias, sem especificar o tipo.
- Aluno 8 – do sexo masculino, tem 13 anos e mora com a mãe e um irmão no centro. Usa a internet em casa principalmente para conversar com os amigos e gosta de ler histórias de esporte e animais.
- Aluno 9 – do sexo masculino, tem 13 anos e mora com mãe, irmãos e avó no centro. Conecta-se à internet na casa de parentes ou amigos especialmente para conversar com outras pessoas e gosta de ler histórias de aventuras.
- Aluno 10 – do sexo masculino, tem 13 anos e mora com mãe, irmãos e sobrinhos no bairro Cortiço. Conecta-se à internet em casa com objetivo principal de conversar com os amigos e gosta de ler poesias.
- Aluno 11 – do sexo feminino, tem 13 anos e mora com os pais no conjunto José Astério. Utiliza a internet em casa principalmente para conversar com os amigos e gosta de ler histórias românticas.
- Aluno 12 – do sexo feminino, tem 13 anos e mora com os pais no bairro Cortiço. Utiliza-se da internet de parentes para conversar com os amigos e gosta de ler histórias de mistério.

- Aluno 13 – do sexo feminino, tem 14 anos e mora com os pais e irmãos no bairro Cortiço. Não possui acesso à internet e gosta de ler histórias de aventura e romance.
- Aluno 14 – do sexo masculino, tem 13 anos e mora com pais e irmão no conjunto José Astério. Contradiz-se quando afirma não usar a internet e de usá-la na casa de amigos com fins recreativos. Afirma gostar de romances.
- Aluno 15 – do sexo masculino, tem 13 anos e mora com pais e irmão no centro. Conecta-se à internet na casa de amigos e parentes com o objetivo de jogar e conversar com os amigos e afirma não gostar de ler.
- Aluno 16 – do sexo feminino, tem 13 anos e mora com pais e irmão no centro. Utiliza-se da internet em sua casa, de parente e amigos com o lazer como principal objetivo de acesso e gosta de ler ficção científica.
- Aluno 17 – do sexo feminino, tem 15 anos e mora com marido e sogros no centro. Conecta-se à internet em casa principalmente para conversar com os amigos e afirma gostar de histórias contadas.
- Aluno 18 – do sexo masculino, tem 18 anos e mora com pais e irmãos no centro. Tem acesso à internet através dos dados móveis e gosta, principalmente de conversar com os amigos. Apesar de afirmar que gosta de ler, não especifica de que tipo de livro mais gosta.

## 5.2 A SEQUÊNCIA DIDÁTICA COMO ESTRATÉGIA INTERVENTIVA

Como não é possível dissociar o ensino da língua da ação comunicativa real, pois só assim ela existe, houve a necessidade de se repensar as práticas educativas de ensino da língua materna.

Organizar situações de aprendizado, nessa perspectiva, supõe: planejar situações de interação nas quais esses conhecimentos sejam construídos e/ou tematizados; organizar atividades que procurem recriar na sala de aula situações enunciativas de outros espaços que não o escolar, considerando-se sua especificidade e a inevitável transposição didática que o conteúdo sofrerá; saber que a escola é um espaço de interação social onde práticas sociais de linguagem acontecem e se circunstanciam, assumindo características bastante específicas em função de sua finalidade: o ensino (BRASIL, 1998, p. 22).

Dentro da perspectiva da língua como um evento social, em que, segundo Bakhtin (1997, p. 279), “todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão

sempre relacionadas com a utilização da língua”, é possível perceber que as produções de linguagem obedecem às necessidades pessoais e contextuais do momento da produção, o que faz com que haja semelhanças e diferenças que marcam os textos produzidos nesses variados contextos. Assim, definiu-se a ideia de gêneros discursivos-textuais. Para Bakhtin (1997),

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos [...] O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolúvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso (BAKHTIN, 1997, p. 279).

Apesar de reconhecerem o caráter social da língua, os PCN não estabelecem orientações didático-metodológicas efetivas, mas direcionam para a necessidade de se estabelecer o gênero como objeto de estudo.

Nesse processo, ainda que a unidade de trabalho seja o texto, é necessário que se possa dispor tanto de uma descrição dos elementos regulares e constitutivos do gênero quanto das particularidades do texto selecionado, dado que a intervenção precisa ser orientada por esses aspectos discretizados (BRASIL, 1998, p. 48).

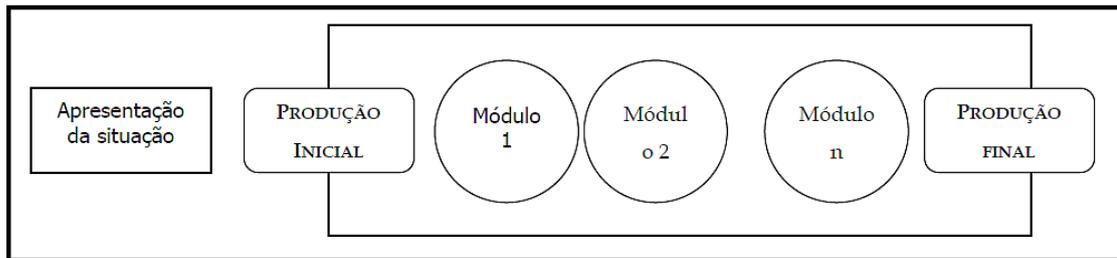
Contemplando as demandas dessa visão de língua, Dolz, Noverraz e Schneuwly (2010), apresentam uma proposta de planejamento de atividades denominada sequência didática que, segundo os autores “é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero discursivo-textual oral ou escrito” (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2010, p. 82).

Composto de quatro componentes básicos, a sequência didática começa por uma apresentação inicial “na qual é descrita de maneira detalhada a tarefa de expressão oral ou escrita que os alunos deverão realizar” (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2010, p. 83). Segue-se o trabalho com a produção inicial por meio da qual o professor avaliará as capacidades demonstradas pelos alunos para ajustar as atividades que serão desenvolvidas. Os módulos consistem nas atividades sistemáticas e aprofundadas desenvolvidas para melhorar o domínio referente ao gênero trabalhado. Por fim, a produção final que tem por objetivo

proporcionar ao aluno colocar em prática os conhecimentos construídos durante as atividades realizadas, bem como o professor avaliar o desenvolvimento do aluno e de sua própria ação interventiva.

A figura abaixo apresenta a estrutura básica de uma sequência didática proposta pelos autores:

Figura 03 - Esquema da Sequência Didática



Fonte: Dolz, Noverraz e Schneuwly (2010 p. 83)

Entendendo essa sequência didática proposta por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2010) como uma possibilidade, Brocardo e Costa-Hübes (2014) apresentam uma adaptação feita por uma das autoras<sup>8</sup> de se inserir mais uma ação denominada módulo de reconhecimento do gênero que tem como objetivo “propiciar, aos alunos, situações de reconhecimento do gênero, oportunizadas por atividades de pesquisa, leitura e análise linguística de textos prontos, já publicados, que circulam socialmente” (BROCARD; COSTA-HÜBES, 2014, p. 12).

Esse módulo aparece logo após a apresentação inicial e antes da produção inicial. Segundo as autoras, além de incentivar a pesquisa, é um momento ideal para que os alunos, em contato com o gênero a ser estudado, suscitem os conhecimentos que já possuem sobre ele para a produção inicial.

Para que a sequência didática consiga realmente alcançar os objetivos a que se propõe, Dolz, Noverraz e Schneuwly (2010), Brocardo e Costa-Hübes (2014) sinalizam para a importância de se elaborar um modelo didático de gênero – doravante MDG - ou a consulta a um já disponível. O MDG subsidia o trabalho do professor elencando os elementos ensináveis do gênero, facilitando o planejamento da sequência didática e permitindo a progressão das atividades bem como o reconhecimento dos elementos mais importantes que precisam ser focados para preencher a falta destes demonstrada na produção inicial dos alunos.

<sup>8</sup> Essa proposta é feita em primeira instância por Costa-Hübes (2008), uma das autoras do texto citado nesse projeto, na sua tese de doutorado pela UEL, denominada *O processo de formação continuada dos professores do Oeste do Paraná: um resgate histórico reflexivo da formação em língua portuguesa*.

Segundo Machado e Cristovão (2006), “a construção desse modelo de gênero permitiria a visualização das dimensões constitutivas do gênero e seleção das que podem ser ensinadas e das que são necessárias para um determinado nível de ensino” (MACHADO e CRISTOVÃO, 2006, p. 556-557). De acordo com Schneuwly e Dolz (2010), “num modelo didático, trata-se de explicitar o conhecimento implícito do gênero, referindo-se aos saberes formulados, tanto no domínio da pesquisa científica quanto pelos profissionais especialistas” (SCHNEUWLY e DOLZ, 2010, p. 69) e acrescentam:

Um modelo didático apresenta, então, em resumo, duas grandes características:

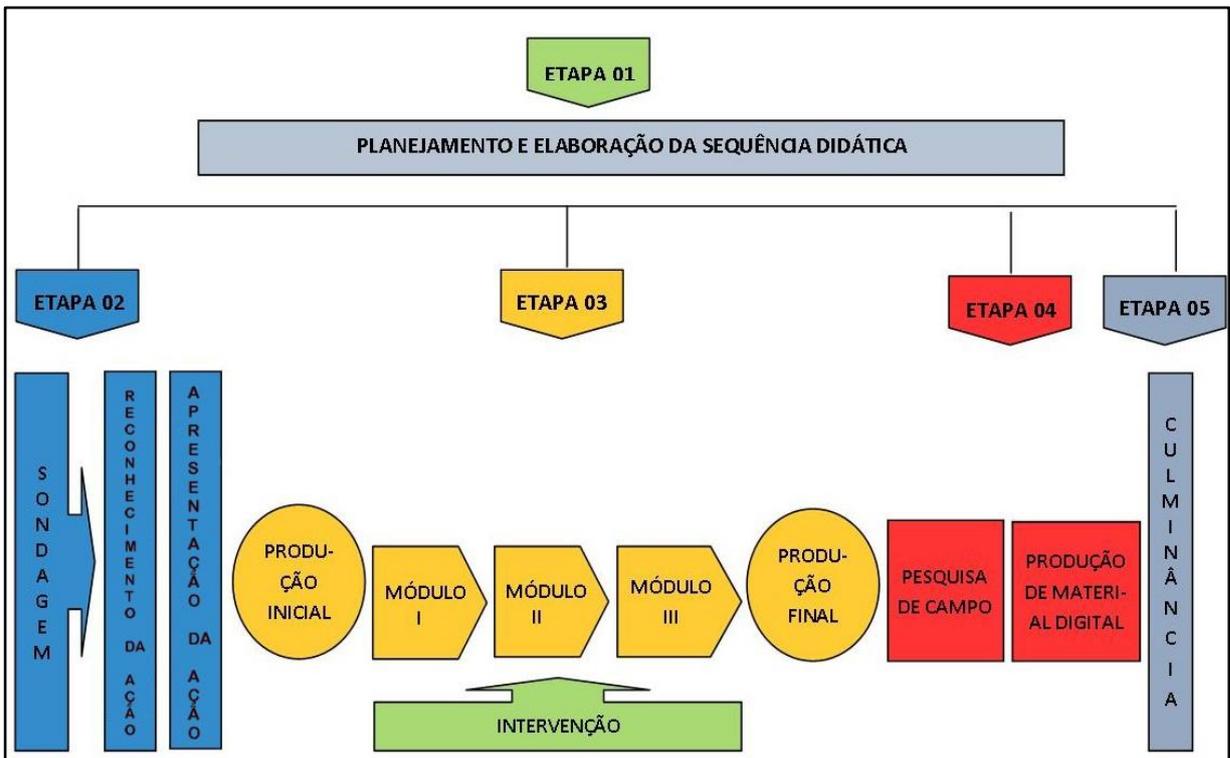
1. ele constitui uma síntese com objetivo prático, destinado a orientar as intervenções dos professores;
2. ele evidencia as dimensões ensináveis, com base nas quais diversas sequências didáticas podem ser concebidas (SCHNEUWLY e DOLZ, 2010, p. 70).

Sabendo que as sequências didáticas nos moldes apresentados por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2010) direcionam o trabalho com um gênero discursivo-textual e reconhecendo os objetivos desta intervenção, a sequência didática aqui apresentada necessitou de adaptações uma vez que o foco desta não consiste em apreender as características de um gênero discursivo-textual, mas, através da contação de histórias, suscitar momentos de utilização da oralidade e de reflexão desse uso para que sejam aperfeiçoadas as habilidades referentes à competência oral. É previsível que a ação de contar histórias evidencie alguns gêneros do narrar, e no caso dessa sequência didática, mais especificamente, as histórias populares apresentaram-se nas formas de contos populares, relatos e causos. O termo gêneros do narrar refere-se aos vários gêneros discursivos-textuais que pertencem a tipologia narrativa. É possível conferir uma lista deles no “Quadro 1” proposto por Schneuwly e Dolz (2010, p. 51-52).

Como o *corpus* a ser trabalhado foi constituído durante as etapas da sequência didática a partir da pesquisa dos alunos sobre a ação de contar histórias em sua família e na comunidade onde vivem bem como coleta de algumas dessas histórias, os módulos interventivos foram planejados na perspectiva de (1) elucidar conhecimentos e ações necessários à própria ação de contar histórias; (2) conhecer os elementos em comum, presentes nos gêneros do narrar e (3) compreender que mesmo histórias de ficção trazem elementos que se parecem com a realidade e se aproximam das pessoas pela semelhança de comportamento, crenças ou fatos.

As adaptações necessárias não se resumiram ao fato de não ser o trabalho com um único gênero discursivo-textual o objetivo principal. Outras etapas foram acrescentadas ao modelo inicial proposto pelos autores da sequência didática Dolz, Noverraz e Schneuwly (2010), o que se evidencia na figura abaixo:

Figura 04 - Sequência didática adaptada para esta pesquisa



Fonte: Elaborada pela autora

Nessa nossa proposta, além do “reconhecimento da ação” adaptada da proposta de Brocardo; Costa-Hübes (2014), foi acrescentada a “apresentação da ação” pelo professor Dr. Patrício Nunes Barreiros<sup>9</sup> como uma forma de despertar nos alunos os conhecimentos já construídos sobre a ação a ser estudada, e, por fim, acrescentamos ao final da intervenção a “pesquisa de campo” que culminou na “produção de material digital”.

Com as adaptações, a sequência didática foi planejada contendo 5 etapas e será melhor apresentada no quadro a seguir.

<sup>9</sup> Em estudo e análise da sequência didática como foi inicialmente concebida, o referido professor, lecionando a disciplina “Texto e Ensino” do currículo do PROFLETRAS/UEFS, visualizou a necessidade de estender a SD de forma a cumprir especificidades de uma pesquisa interventiva.

Quadro 02 - Sequência Didática Contar para (res)significar

<b>ETAPA 01 PLANEJAMENTO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA</b>	
<b>DESCRIÇÃO</b>	
<b>TEMA</b>	Proposta de didatização de narrativas orais “histórias contadas na comunidade de Ichu-BA” com o objetivo de inserir os gêneros orais no ensino de Língua Portuguesa e valorizar a cultura local, resgatando a voz dos contadores de história.
<b>RESUMO</b>	<p>A Sequência Didática (SD) aqui apresentada é uma adaptação das propostas de Dolz e Schneuwly (2004) e Brocardo e Costa-Hübes (2014). O objeto de estudo é uma proposta de intervenção didática, numa turma da 7ª série, que visa inserir nas aulas de Língua Portuguesa momentos de uso da oralidade por meio das histórias contadas e difundidas nas comunidades do município de Ichu-BA. A SD é composta por 5 etapas principais, sendo que algumas delas estão subdivididas em módulos. A primeira etapa se encarrega do planejamento, elaboração e apresentação da SD. A etapa 02 é formada pela sondagem que objetiva conhecer melhor o público alvo da intervenção em seus aspectos sociais, culturais e, especialmente, suas práticas de oralidade. Em seguida, pretende-se promover o reconhecimento da ação com o contato com contação de histórias, proporcionando a fruição e o despertar de sensações e conhecimentos ligados a essa prática. No momento seguinte, será desenvolvido a apresentação da ação, buscando, junto à comunidade, informações de como essa prática aconteceu e acontece no município, quem são os agentes desta prática, bem como elencar os elementos necessários para a contação de história acontecer e a estrutura da história em si. A produção inicial acontece logo depois, inicia a etapa 03 e objetiva conhecer as capacidades orais já dominadas pelos alunos para, a partir dessas informações, planejar de fato o módulo de intervenção. Essa primeira produção será gravada em vídeo para análise. Dimensionando o conhecimento prévio dos alunos, inicia-se a intervenção propriamente dita, dividida em 3 módulos, sendo o primeiro direcionado para atividades de desenvolvimento da escuta, utilização adequada da altura, entonação e ritmo da voz e da postura corporal e os gestos (a performance do contador). O segundo módulo foca a estrutura narrativa das histórias contadas e seus elementos constitutivos. O terceiro módulo trata da interação com os textos a partir da produção de sentido das histórias ouvidas e contadas e da relação identitária com essas histórias. Ao final de cada módulo, é respondida uma ficha avaliativa que direciona a retomada de conceitos ou a continuação das etapas previstas. Nas atividades desenvolvidas nos três módulos serão feitas análises de áudios e vídeos retirados da internet ou criados pela pesquisadora com esse fim, a depender da necessidade, em um grupo criado no WhatsApp para esse fim. Após os módulos de intervenção é feita a produção final, também gravada em vídeo, para que se possa ter um parâmetro dos avanços do grupo. Após o estudo e prática em sala de aula, a etapa 04 traz a possibilidade de conhecer melhor a contação de</p>

	<p>histórias ao propor uma conversa com 2 dos contadores elencados em pesquisa feita no módulo de reconhecimento já descrito anteriormente. A sequência didática prevê, também, nessa etapa, a construção de um vídeo sobre a vida desses contadores de histórias e de uma página na internet para preservação e divulgação de todo material elaborado durante o desenvolvimento do projeto, propiciando o uso de tecnologias digitais como aliadas ao processo de ensino-aprendizagem. Por fim, a etapa 05 propõe uma avaliação geral, por meio de uma ficha autoavaliativa e do relato oral dos alunos durante a culminância.</p>
<b>PÚBLICO</b>	<p>Alunos de uma turma da 7ª série do Colégio Estadual Luiz Júlio Carneiro. Os alunos, pertencentes a classes sociais diversas, são oriundos da área urbana, envolvendo o centro e conjuntos habitacionais periféricos e possuem entre 12 e 18 anos.</p>
<b>TEMPO ESTIMADO</b>	<p>27 horas/aula + 10 horas, aproximadamente, para apresentação do projeto aos professores, direção, pais e alunos, conversa com os contadores, edição dos vídeos e culminância.</p>
<b>OBJETIVOS</b>	<p><b>Geral:</b> Desenvolver habilidades e competências referentes à oralidade, seu domínio e uso por meio de atividades que se utilizem de histórias orais difundidas no município de Ichu-BA, resgatando a importância da oralidade em sala de aula e ressignificando a cultura literária oral ichuense.</p> <p><b>Específicos:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Aperfeiçoar a escuta de textos orais;</li> <li>• Desenvolver a autonomia da fala bem como sua fluência e entonação necessárias;</li> <li>• Desenvolver uma postura reflexiva diante da própria produção oral;</li> <li>• Produzir sentido ao que é ouvido e/ou contado, buscando o que aproxima ou distancia de si nas histórias apresentadas.</li> </ul>
<b>JUSTIFICATIVA</b>	<p>A partir da experiência como professora de Língua Portuguesa há 17 anos na rede estadual e há 4 anos no Colégio Estadual Luiz Júlio Carneiro, tenho percebido a dificuldade de uma grande parte dos alunos em participar oralmente das aulas de Língua Portuguesa. Nesse mesmo contexto, num outro extremo, há aqueles que querem sempre falar, ler suas respostas, coibindo, tantas vezes, aqueles que já não se sentem à vontade de participar oralmente. Essa realidade se repete com outras disciplinas e costumam acompanhar o aluno durante sua vida escolar, quando não há um trabalho direcionado para a questão. Em muitos momentos, ainda no espaço escolar, o aluno é obrigado a fazer apresentações avaliativas orais, como o seminário, por exemplo, sem que haja, durante seu percurso na escola, momentos que o preparem pra isso. Assim, mostrou-se necessário oportunizar momentos variados de uso da língua oral, de forma sistematizada, planejada e diversificada, a partir da contação de história que permite, além do trabalho com a oralidade, o desenvolvimento da escuta consciente e respeitosa e a ressignificação da literatura oral do município. Os PCN (1998) já alertam para o trabalho com a língua nas modalidades oral e escrita permitindo com</p>

	<p>que o aluno seja um usuário competente destas, demonstrando autonomia e competência linguística de forma que possa se utilizar da língua para situar-se no mundo e exercer sua cidadania. Isso evidencia que a modalidade oral da língua tem uma função social, o que justifica o trabalho com ela no espaço escolar, especialmente nas aulas de Língua Portuguesa.</p>
<p><b>PRODUTO FINAL</b></p>	<p>Criação de uma página na plataforma Wordpress (Cf. Observação 3 no final desse quadro) para divulgação das histórias coletadas e de vídeos com a história de vida de dois dos contadores de história. Os vídeos serão construídos no aplicativo Movie Maker (Cf. Observação 4 no final desse quadro) por ser de fácil manipulação, possibilitar a introdução da narrativa oral e ser comum em computadores que possuem o Windows como sistema operacional. A facilidade de manipulação também é um fator preponderante para a escolha da plataforma Wordpress, além da gratuidade do serviço por ela prestado. A página a ser criada servirá como um espaço virtual de armazenamento, organização e divulgação de todo material coletado e produzido durante o desenvolvimento dessa SD, de forma que essas histórias populares não se percam e que a comunidade em geral conheça e reconheça sua própria cultura.</p>
<p><b>REGISTRO DAS ATIVIDADES PARA POSTERIOR ANÁLISE</b></p>	<p>Para a sondagem será realizada aplicação de questionários impressos. A intervenção pretendida será registrada de três formas:  (1) registro descritivo e pessoal das ações desenvolvidas, recepção e participação dos alunos de uma forma coletiva e, também, individual;  (2) atividade escrita referente ao módulo 3 de intervenção.  (3) em alguns momentos serão feitas gravações em áudio e/ou vídeo.</p>
<p><b>OBSERVAÇÕES</b></p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. <b>WhatsApp Messenger</b>, é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos, mensagens de áudio de mídia e na nova atualização, podem ligar para qualquer contato de sua agenda que possua WhatsApp. (Adaptado de <a href="https://pt.wikipedia.org/wiki/WhatsApp">https://pt.wikipedia.org/wiki/WhatsApp</a>).</li> <li>2. Antes mesmo da sondagem, a proposta dessa SD será apresentada aos corpos docente e administrativo da escola, durante a Jornada Pedagógica de 2016 e, posteriormente aos alunos participantes e seus respectivos responsáveis.</li> <li>3. <b>WordPress</b> é um aplicativo de sistema de gerenciamento de conteúdo para web, voltado principalmente para a criação de blogs via web. O WordPress é adotado por aqueles que queiram um blog mais profissional e com maiores recursos diferenciais. As causas do seu rápido crescimento são, entre outras, seu tipo de licença (de código aberto), sua facilidade de uso e suas características como gerenciador de conteúdos. O WordPress é utilizado também como plataforma de desenvolvimento de sites de comércio eletrônico, revistas, jornais, portfólio, gerenciador de projeto, diretório de eventos e outros conteúdos devido a sua capacidade de extensão através de plugins, temas e programação PHP (Adaptado de <a href="https://pt.wikipedia.org/wiki/WordPress">https://pt.wikipedia.org/wiki/WordPress</a> ).</li> <li>4. O <b>Windows Movie Maker</b> é um software de edição de vídeos da</li> </ol>

	Microsoft. Atualmente faz parte do conjunto de aplicativos Windows Live, chamado de Windows Live Movie Maker (apenas disponível para Windows Vista, 7 e 8). É um programa simples e de fácil utilização, o que permite que pessoas sem muita experiência em informática possam adicionar efeitos de transição, textos personalizados e áudio nos seus filmes. Após salvo, pode ser visto pelo Windows Media Player - extensões .avi e .wmv -, ou pode ser copiado diretamente para um CD/DVD (Adaptado de <a href="https://pt.wikipedia.org/wiki/Microsoft_Videos">https://pt.wikipedia.org/wiki/Microsoft_Videos</a> ).
<b>ETAPA 02</b> <b>SONDAGEM</b>	
<b>DESCRIÇÃO</b>	A sondagem direta será feita por meio de dois questionários, sendo um para o aluno (Cf. Apêndice D), e outra direcionada para a família (Cf. Apêndice E).
<b>OBJETIVOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar as principais situações de uso da oralidade em público, por parte dos alunos;</li> <li>• Conhecer a relação que os alunos e suas famílias possuem com a contação de histórias bem como com a oralidade.</li> </ul>
<b>INSTRUMENTOS/ RECURSOS/MATERIAIS UTILIZADOS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Relatório descritivo, feito pela professora/pesquisadora das ações desenvolvidas, recepção e participação dos alunos;</li> <li>• Fichas diagnósticas impressas com perguntas objetivas e subjetivas direcionadas a alunos e um membro da família.</li> </ul>
<b>MECANISMOS DE REGISTRO E SISTEMATIZAÇÃO DOS DADOS</b>	As fichas diagnósticas serão analisadas e os dados serão incorporados a um quadro coletivo contendo informações tabuladas, objetivas e com descrição subjetiva, caso haja necessidade.
<b>MATERIAL COLETADO</b>	Foram coletadas 25 fichas diagnósticas destinadas aos alunos e mais 25 fichas diagnósticas destinadas a algum membro da família.
<b>OBSERVAÇÕES</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Antes da sondagem a proposta será apresentada em reunião extraordinária para os alunos e seus pais, contextualizando algumas ações e objetivos pretendidos por meio dessa SD, bem como os riscos e benefícios aos quais os alunos estarão expostos. Nesse momento, serão colhidas as assinaturas dos pais/responsáveis dos alunos no <b>TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b> (Cf. Apêndice G), autorizando a participação do filho, bem como o uso de suas gravações, produções e imagem para exclusivo uso acadêmico e a assinatura dos alunos no <b>TERMO DE ASSENTIMENTO</b> (cf. Apêndice D), comprovando o interesse em participar da intervenção.</li> <li>2. Os pais que não comparecerem à reunião serão contatados em suas residências.</li> </ol>
<b>RECONHECENDO A AÇÃO</b> <b>(APLICAÇÃO DO MÓDULO DE APRESENTAÇÃO DA AÇÃO)</b>	

OBJETIVOS		AÇÕES/ATIVIDADES	TEMPO ESTIMADO	RECURSOS
1	Reconhecer a ação, seu contexto (espaço, participantes, objetivos) e características que marcam a contação de histórias.	Mostrar trechos de filmes em que aparecem personagens contando histórias. Levantar aspectos comuns aos trechos assistidos, como a ação da contação em si, seus objetivos e sujeitos participantes.	15 minutos	- Pen drive; - Projetor multimídia; - Caixa de som acoplada ao projetor.
2	Observar aspectos importantes da ação de contar histórias como a postura, entonação e altura de voz e ritmo.	Serão mostrados os vídeos “Chapeuzinho Amarelo por Carol Levy e A Pastorinha” (Cf. Observação 1 no final desse quadro) e um trecho do filme O labirinto do Fauno.	10 minutos	- Pen drive; - Projetor multimídia; - Caixa de som acoplada ao projetor.
3	Perceber que há na comunidade pessoas que continuam a contar histórias, apesar de ser uma ação que vem sendo substituídas pelos eventos digitais.	Contação de história com uma pessoa convidada.	25 minutos	- A critério da pessoa convidada.
4	Praticar a escuta;	Todas as ações acima citadas.		- Elencado acima.
<b>COMPETÊNCIAS</b>		- Aperfeiçoar a escuta de textos orais; - Reconhecer as características dos textos orais; - Perceber os diferentes suportes como possibilidade de interferência na circulação e na produção de textos.		
<b>AVALIAÇÃO</b>		A avaliação será feita através de observação direta da participação. Os dados dessa observação serão inseridos de forma objetiva na ficha de participação das atividades e de forma subjetiva no relatório descritivo feito durante toda intervenção.		
<b>OBSERVAÇÕES</b>		1. Ambos os vídeos foram retirados do youtube e os endereços encontram-se no relato de experiência dessa SD. 2. Tempo total das ações contidas nesse quadro é de 1 hora/aula. 3. Nesse primeiro momento, busca-se apenas a fruição da contação de histórias. Uma análise superficial será mediada para que os objetivos sejam alcançados, mas não há, ainda, nesse momento, a intenção de trabalhar com conceitos e características. A intenção é perceber que a ação existe, ela se utiliza de linguagens diversas e acontece de formas variadas em diferentes contextos.		

<b>MÓDULO DE APRESENTAÇÃO DA AÇÃO</b>			
<b>OBJETIVOS</b>	<b>AÇÕES ATIVIDADES</b>	<b>TEMPO ESTIMADO</b>	<b>RECURSOS</b>
1 Pesquisar mais informações sobre a contação de histórias e de como ela aconteceu/acontece no município	Pesquisar, junto à família, alguma história que não seja clássica (cf. Observação 1 no final desse quadro) para contar em sala. Saber como aquela história ficou sendo conhecida pela pessoa que a disponibilizou para o aluno.	Atividade feita em casa	- Papel
	Pesquisar junto à família e à comunidade quais eram e são os contadores de histórias do município e como essa ação acontecia/acontece.		- Caneta
	Em grupos, discutir os resultados da pesquisa feita individualmente.	15 minutos	- Quadro
	Socializar as discussões dos grupos para todos.	15 minutos	- Pincel
2 Reconhecer características da contação de histórias e dos textos narrativos.	Em grupos, elencar os elementos necessários para que a contação de histórias aconteça.	70 Minutos	- Material impresso previamente  - Fita adesiva
	De forma intuitiva, fazer uma listagem do que mais aparece na narrativa e dos elementos que eles acreditam que não podem faltar para se ter/criar uma história, fazendo, assim, um levantamento das características e elementos comuns.		
	A partir de uma dinâmica a ser definida, fazer socialização e síntese do levantamento feito em grupos para compor um quadro que ficará afixado na sala.		
<b>COMPETÊNCIAS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Articular, de maneira autônoma, os gêneros textuais em situações reais de comunicação;</li> <li>- Reconhecer as características dos textos orais;</li> <li>- Articular elementos linguísticos e extralinguísticos inerentes à oralidade, com coesão e coerência;</li> <li>- Levantar características próprias de cada gênero textual.</li> </ul>		
<b>AVALIAÇÃO</b>	A avaliação será feita através de observação direta da participação. Os dados dessa observação serão inseridos de forma objetiva na ficha de participação das atividades e de forma subjetiva no relatório descritivo feito durante toda intervenção.		
<b>OBSERVAÇÕES</b>	1. Serão entendidas aqui como clássicas as histórias antigas, muito conhecidas em vários países e que não se alteram com a passagem do tempo. Em oposição, as histórias populares serão aquelas		

	<p>comuns na comunidade, que não tenham ganhado repercussão nacional ou internacional, nem tenham sofrido adaptações para TV ou Cinema.</p> <p>2. Para acontecer essa etapa é imprescindível que o professor domine as informações e conteúdos que serão trabalhados. Assim, o módulo didático de gênero faz-se necessário, e encontra-se no Apêndice B.</p>		
<b>ETAPA 03 PRODUÇÃO INICIAL</b>			
<b>OBJETIVOS</b>	<b>AÇÕES/ATIVIDADES</b>	<b>TEMPO ESTIMADO</b>	<b>RECURSOS</b>
1	Conhecer as capacidades orais já dominadas por cada aluno, para elaborar as atividades de intervenção.	Haverá uma roda de histórias em sala, quando cada aluno contará a história pesquisada na fase anterior. A forma de contar a história fica a critério de cada aluno (C.f. Observação 1 no final desse quadro).	- 2 câmeras filmadoras  - Gravador ou celular
2	Gravar em áudio e vídeo a apresentação para posterior avaliação de desempenho e aprendizagem.	Gravação das histórias contadas no momento descrito acima.	
<b>AVALIAÇÃO</b>		<p>A avaliação será feita através de observação direta da participação. Os dados dessa observação serão inseridos de forma objetiva na ficha de participação das atividades e de forma subjetiva no relatório descritivo feito durante toda intervenção.</p> <p>A gravação também será um instrumento de avaliação a ser usado posteriormente.</p>	
<b>OBSERVAÇÕES</b>		<p>1. Apesar de ser formado um círculo imitando a contação de histórias em rodas de conversas comuns na região e sabendo que há vários contextos e formas de se contar história, acredita-se que cada aluno demonstrará, intuitivamente, nesse momento, a imagem que ele construiu referente a essa ação, por isso, não será imposta uma única forma de realizar a tarefa.</p> <p>2. As ações/atividades acima descritas são apenas sugestões e possibilidades a serem desenvolvidas. Poderão acontecer ou serem descartadas quando, a partir da sondagem e do módulo de reconhecimento, a intervenção será realmente planejada.</p> <p>3. Caso aconteça de algum aluno não realizar a tarefa por qualquer motivo, será concedida uma segunda chance de fazê-la, ainda que sem público, para registro em vídeo e áudio e posterior análise.</p> <p>4. A produção inicial será gravada concomitantemente em</p>	

		áudio e vídeo porque ao longo da intervenção serão necessários trechos em formatos digitais diferentes a depender da atividade proposta.	
<b>MÓDULO 1</b>			
<b>OBJETIVOS</b>	<b>AÇÕES/ATIVIDADES</b>	<b>TEMPO ESTIMADO</b>	<b>RECURSOS</b>
1 Aprimorar a escuta	<p>A aula será iniciada com a brincadeira conhecida como “Telefone sem fio”: disponibilizados em círculo, uma informação é passada por uma determinada pessoa ao colega do lado. Esse colega repassa a informação para o próximo até chegar à última pessoa antes da que iniciou a informação. Nesse momento, a informação é dita em voz alta e é comparada com o que foi dito inicialmente. Conferidas as alterações, discute-se sobre o que contribui para que elas aconteçam. A ação pode ser repetida por quantas vezes se fizerem necessárias, alterando apenas a informação que será repassada.</p> <p>Ao final da dinâmica, levantar questões sobre a importância da escuta que vai além de meramente ouvir.</p>	2 aulas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Quadro</li> <li>- Pincel</li> </ul>
2 Entender como a altura, entonação e ritmo da voz (paralinguagem) interferem e auxiliam a oralidade.	<p>Assistir a um vídeo com contação de história. Entender como essas questões aparecem no vídeo visto.</p> <p>Discutir sobre cada conceito apresentado, entendendo o que seria ideal de cada um dentro da contação de história.</p> <p>Analisar em grupo um áudio disponibilizado no WhatsApp (Cf. Observação 2 no final desse quadro), vendo como cada questão aparece nesse trecho.</p>	1 aula	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Pen drive</li> <li>- Projetor multimídia</li> <li>- Caixa compacta de som</li> <li>- Quadro</li> <li>- Pincel</li> </ul> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Celular</li> <li>- Internet</li> </ul>

		Fazer um áudio comentando as melhorias necessárias e disponibilizar no grupo do WhatsApp.		
		Socializar e discutir os comentários feitos.		
3	Entender como a postura corporal e gestos (cinésica) interferem e auxiliam a oralidade.	A partir do mesmo vídeo, ou de outro caso seja necessário, discutir sobre cada conceito apresentado, tentando entender o que seria ideal de cada um dentro da contação de história. Analisar em grupo um trecho de vídeo projetado a todos como cada questão aparece nesse trecho. Socializar as análises. Repetir a análise com outro(s) trecho(s) caso seja necessário (Cf. observação 3 no final desse quadro).	2 aulas	- Pen drive - Projetor multimídia - Caixa compacta de som - Quadro - Pincel
<b>COMPETÊNCIAS</b>		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Aperfeiçoar a escuta de textos orais;</li> <li>- Reconhecer as características dos textos orais;</li> <li>- Respeitar as diferentes opiniões presentes na fala do outro;</li> <li>- Ampliar a competência leitora;</li> <li>- Utilizar estratégias de natureza linguística e extralinguística na leitura.</li> </ul>		
<b>AVALIAÇÃO</b>		<p>A avaliação será feita através de observação direta da participação. Os dados dessa observação serão inseridos de forma objetiva na ficha de participação das atividades e de forma subjetiva no relatório descritivo feito durante toda intervenção;</p> <p>Os comentários serão avaliados quanto a aplicação dos conhecimentos construídos;</p> <p>Relatório oral das ações desenvolvidas pelo grupo;</p> <p>Autoavaliação por meio de uma ficha impressa.</p>		
<b>OBSERVAÇÕES</b>		<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Para facilitar o trabalho, faz-se necessário um instrumento rápido e fácil de acesso a esses áudios e vídeos. Para isso, foi pensada a criação de um grupo no WhatsApp com alunos da turma. Pelo conhecimento prévio da turma, é sabido que nem todos os alunos possuem celular com o aplicativo citado, por isso, nesses momentos, as atividades serão colaborativas, em grupos. A quantidade de grupos e de alunos por grupo só será estabelecida quando forem confirmadas a quantidade de alunos com acesso ao aplicativo na sondagem proposta no início dessa SD.</li> <li>2. A análise pode ser repetida para demonstrar que o que falta em uma apresentação pode ser excesso em outra. Se a análise inicial, por exemplo, focar apenas na falta das ações pode</li> </ol>		

	causar uma falsa ideia que o ideal seja o oposto, o que levará o aluno a cometer excessos. Nesse momento, poderão ser trazidos, também, trechos de vídeos que demonstrem a oralidade em outros contextos em que o uso acentuado de gestos e expressões seja benéfico, como por exemplo, num comício, para alertar sobre o fato de que tudo depende do contexto e dos objetivos de fala.		
<b>MÓDULO 2</b>			
OBJETIVOS	AÇÕES ATIVIDADES	TEMPO ESTIMADO	RECURSOS
1  Conhecer as partes gerais que compõem um texto narrativos, enquanto estrutura narrativa e seus elementos: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Enredo</li> <li>• Situação inicial</li> <li>• Personagens</li> <li>• Espaço</li> <li>• Tempo</li> <li>• Clímax</li> <li>• Desfecho</li> <li>• Situação final</li> </ul>	Enviar pelo grupo do WhatsApp uma das histórias gravadas.		- Celular - Internet
	Após ouvir em grupo, responder às questões distribuídas.	1 aula	- Questões impressas
	Socializar as respostas. A cada resposta, trabalhar os conceitos e características de cada elemento, relacionando-o à forma como se apresenta na narrativa. Pedir sempre que façam anotações no caderno referentes aos conceitos e características trabalhados.	2 aulas	
	A partir de uma nova história contada na hora, repetindo oralmente a análise descrita acima.	1 aula	- Celular - Internet
	Ainda em grupos, construir uma história para ser contada no mesmo momento, obedecendo algumas regras estabelecidas na hora, por exemplo, estipular o protagonista, o conflito e/ou o desfecho da história, levando-os à criatividade e ao uso dos conceitos discutidos.	2 aulas	- Celular - Internet
	Ao passo que as histórias		

	forem sendo contadas, vai-se comentando sobre a produção e avaliando se os critérios foram obedecidos.	1 aula	- Celular - Internet
<b>COMPETÊNCIAS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Elaborar textos individuais e em grupo com continuidade temática, ordenação das partes, informações contextuais;</li> <li>- Apropriar-se da reescrita de textos;</li> <li>- Analisar com criticidade a produção textual;</li> <li>- Selecionar ideias, visando a reelaboração de textos.</li> </ul>		
<b>AVALIAÇÃO</b>	<p>A avaliação será feita através de observação direta da participação. Os dados dessa observação serão inseridos de forma objetiva na ficha de participação das atividades e de forma subjetiva no relatório descritivo feito durante toda intervenção;</p> <p>Relatório oral das ações desenvolvidas pelo grupo; Autoavaliação por meio de uma ficha impressa.</p>		
<b>OBSERVAÇÕES</b>	1. O tempo será citado como elemento da narrativa, mas será explorado no início do próximo módulo quando serão trabalhados os tempos verbais e elementos de temporalidade.		

### MÓDULO 3

OBJETIVOS	AÇÕES ATIVIDADES	TEMPO ESTIMADO	RECURSOS
1 Produzir coletivamente sentidos possíveis da história A Bela e a Fera, construindo relações entre os ouvintes e a história.	Ouvir em grupo a história disponibilizada em áudio no grupo do WhatsApp.	20 minutos	Celular  Atividade impressa.
	Discutir em grupo os entendimentos, sentimentos e sensações despertados pela história ouvida.		
	Responder às questões 2 a 5 da atividade 04 do caderno de atividades, ouvindo os colegas, respeitando as opiniões alheias.  Socializar as respostas salientados que as diferenças entre elas marcam as possibilidades de sentidos que uma mesma história pode gerar, lembrando que uma resposta não desqualifica a outra por serem diferentes.	130 minutos	

2	Produzir individualmente sentidos possíveis da história contada por si, construindo possíveis relações identitárias.	Responder individualmente às questões 6 e 7 da atividade 04 do caderno de atividades.	3 aulas	
		Socializar de forma geral as respostas dadas. <sup>1</sup>		
		Responder à autoavaliação escrita constante do caderno de atividades.		
		Socializar oralmente as respostas.		
<b>COMPETÊNCIAS</b>		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Aperfeiçoar a escuta de textos orais;</li> <li>- Reconhecer as características dos textos orais;</li> <li>- Respeitar as diferentes opiniões presentes na fala do outro;</li> <li>- Ampliar a competência leitora;</li> <li>- Praticar situações comunicativas permitidas pelas tecnologias;</li> <li>- Atuar linguisticamente de acordo com o suporte e com os aspectos contextuais;</li> <li>- Interpretar textos de gêneros variados;</li> <li>- Acompanhar a sequência lógica do texto na análise das hipóteses;</li> <li>- Realizar inferências a partir de aspectos sociointeracionais envolvidos na leitura.</li> </ul>		
<b>AVALIAÇÃO</b>		<p>A avaliação será feita através de observação direta da participação. Os dados dessa observação serão inseridos de forma objetiva na ficha de participação das atividades e de forma subjetiva no relatório descritivo feito durante toda intervenção;</p> <p>Autoavaliação por meio de uma ficha impressa.</p>		
<b>OBSERVAÇÕES</b>		<p>1. Como cada aluno contou uma história diferente, fica inviável discutir oralmente questão por questão de cada aluno, por isso a discussão foi feita num tom mais geral, para que os alunos percebam que cada história gera sentidos diferenciados.</p>		
<b>PRODUÇÃO FINAL</b>				
<b>OBJETIVOS</b>		<b>AÇÕES/ATIVIDADES</b>	<b>TEMPO ESTIMADO</b>	<b>RECURSOS</b>
1	Obter uma produção após a intervenção para, em comparação à primeira produção, avaliar os avanços que os alunos apresentam ou não.	Um novo momento de contação será feito. Cada apresentação será gravada novamente para comparação com a primeira, avaliando se houve ou não o entendimento e uso das questões estudadas.	2 aulas	<p>2 filmadoras</p> <p>- O que for solicitado pelos alunos.</p>

<b>AVALIAÇÃO</b>	A avaliação será feita através de observação direta da participação. Os dados dessa observação serão inseridos de forma objetiva na ficha de participação das atividades e de forma subjetiva no relatório descritivo feito durante toda intervenção; Comparação das produções inicial e final.			
<b>OBSERVAÇÕES</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. O aluno pode recontar a mesma história da primeira produção ou poderá contar uma nova história, uma vez que a história em si não é o foco da avaliação.</li> <li>2. Como o aluno conheceu várias formas de se contar histórias, ele poderá agora, utilizar-se de figurino, cenário e objetos, lembrando que o uso desses elementos também não será o foco da avaliação.</li> <li>3. Como não haverá mais necessidade de usar áudio, a gravação será realizada apenas no formato de vídeo.</li> </ol>			
<b>ETAPA 04 PESQUISA DE CAMPO</b>				
<b>OBJETIVOS</b>	<b>AÇÕES/ATIVIDADES</b>	<b>TEMPO ESTIMADO</b>	<b>RECURSOS</b>	
1	Obter informações acerca da produção da contação de histórias no município bem como sobre a vida dos contadores pesquisados.	Organizar o encontro com os contadores selecionando-os, fazendo o levantamento de informações necessárias para a construção de uma história de vida. A partir dessas informações, elaborar perguntas necessárias para fazer a coleta de dados na pesquisa que realizarão. <sup>1</sup>	2 aulas	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Quadro</li> <li>- Pincel</li> <li>- Papel</li> <li>- Caneta</li> </ul>
		Em grupo, pesquisar junto aos contadores de histórias listados em etapa anterior sobre a contação de histórias no município. Além disso, conhecer como cada um dos contadores viveu/vive e se relacionou/relaciona com a contação de histórias. Para isso, os alunos se utilizarão de um roteiro de perguntas elaborado anteriormente.	3 horas	- Celular e/ou câmera filmadora
		Coletar vários materiais em imagem e som disponíveis sobre o tema pesquisado, como fotos, vídeos, objetos.		
<b>AVALIAÇÃO</b>	A avaliação será feita através de observação direta da participação. Os dados dessa observação serão inseridos de forma objetiva na ficha de participação das atividades e de forma subjetiva no relatório descritivo feito durante toda intervenção; Relatório oral das ações desenvolvidas pelo grupo.			

<b>OBSERVAÇÕES</b>		<p>1. Esse primeiro momento descrito pode acontecer ao findar o módulo para aumentar o tempo de preparação dos alunos para a produção final e o tempo de contato da pesquisadora com os contadores selecionados.</p> <p>2. Após todo trabalho com a contação de história em sala, seus contextos de produção e especificidades, é buscada uma forma de perpetuar essa ação e valorizar os contadores locais. As etapas 4 e 5 visam a ressignificar em suportes e linguagens digitais essa ação que já foi tão comum na comunidade e há algum tempo vem perdendo espaço. Mais do que ser a vilã, as novas tecnologias devem ser usadas em favor da valorização, divulgação e manutenção da cultura de um povo.</p> <p>3. Nesse momento, os contadores pesquisados deverão assinar o <b>TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b> (Cf. Apêndice H) para utilização das informações disponibilizadas.</p>		
<b>PRODUÇÃO DE MATERIAL DIGITAL</b>				
<b>OBJETIVOS</b>		<b>AÇÕES/ATIVIDADES</b>	<b>TEMPO ESTIMADO</b>	<b>RECURSOS</b>
	Produzir vídeos com a contação da história de vida dos contadores de histórias escolhidos	<p>A partir das informações coletadas sobre os contadores de histórias, cada grupo fará um roteiro que contemple as principais informações sobre a vida do contador pesquisado.</p> <p>Selecionar as imagens que comporão o vídeo.</p> <p>Produzir o vídeo utilizando o Movie Maker.</p>	3 horas por grupo	<p>- Materiais selecionados na pesquisa</p> <p>- Celular</p> <p>- Pen drive</p> <p>- Computadores com Movie Maker</p>
2	Disponibilizar o material produzido para a comunidade em geral	<p>Socializar os vídeos em uma página na internet.</p> <p>Socializar outros materiais construídos durante as atividades dessa SD nessa mesma página.</p>		<p>- Computador</p> <p>- Internet</p>
<b>COMPETÊNCIAS</b>		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Vivenciar novas e diversificadas formas de interação;</li> <li>- Praticar situações comunicativas permitidas pelas tecnologias;</li> <li>- Atuar linguisticamente de acordo com o suporte e com os aspectos contextuais;</li> <li>- Operar com as ferramentas tecnológicas contemporâneas.</li> <li>- Planejar o texto considerando os recursos linguísticos, extralinguísticos, textuais e intertextuais;</li> <li>- Elaborar textos individuais e em grupo com continuidade temática, ordenação das partes, informações contextuais;</li> </ul>		

	- Utilizar, adequadamente, as marcas do gênero e do tipo textuais, considerando a situação de produção escrita, o suporte, os interlocutores e os objetivos do texto.		
<b>AVALIAÇÃO</b>	A avaliação será feita através de observação direta da participação. Os dados dessa observação serão inseridos de forma objetiva na ficha de participação das atividades e de forma subjetiva no relatório descritivo; A produção do material quanto ao envolvimento, qualidade do vídeo e cumprimento das instruções; Relatório oral das ações desenvolvidas pelo grupo		
<b>OBSERVAÇÕES</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Para essa ação, os alunos terão que disponibilizar todos os conceitos trabalhados durante a intervenção.</li> <li>2. Apesar do Movie Maker apresentar a possibilidade de fazer narração durante a construção do vídeo, a narração será gravada, a priori, no celular e depois adicionada ao arquivo por vários motivos: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Facilita refazer quando houver erro;</li> <li>• O celular pode ser levado com mais facilidade para outros lugares da escola em busca de algum espaço com menos interferência de ruídos externos;</li> <li>• Como os alunos já fizeram outras gravações no decorrer das ações interventivas, já se encontram familiarizados com o processo, com o aparelho e com a tecnologia.</li> </ul> </li> <li>3. Essa ação será realizada pela professora/pesquisadora. A página da internet será criada na plataforma Wordpress por ser uma plataforma de fácil manipulação e que oferece o serviço gratuitamente e com qualidade.</li> </ol>		
<b>ETAPA 06 CULMINÂNCIA</b>			
	<b>OBJETIVOS</b>	<b>AÇÕES/ATIVIDADES</b>	<b>TEMPO ESTIMADO</b>
1	Apresentar a um público específico (cf. Observação 1 no final desse quadro) os vídeos produzidos a partir das conversas com os contadores de histórias.	Convidar as pessoas envolvidas no processo, professores, funcionários e direção da escola, pais.	2 horas
2	Avaliar as ações desenvolvidas nas atividades de contação de histórias	Apresentação de trechos das produções inicial e final dos alunos – particularmente dos que permitirem e sentirem-se à vontade para tal exposição. Depoimento de alunos e de pais (caso caiba a presença deles nesse momento),	
			- Projetor multimídia - Pen drive - caixa de som - microfone

	realizando uma avaliação oral.		
	Os alunos responderão a uma ficha de autoavaliação final.		
<b>AVALIAÇÃO</b>	A avaliação será feita através de observação direta da participação. Os dados dessa observação serão inseridos de forma objetiva na ficha de participação das atividades e de forma subjetiva no relatório descritivo; Avaliação oral das ações desenvolvidas ao longo da intervenção e autoavaliação por meio de uma ficha impressa.		
<b>OBSERVAÇÕES</b>	1. Quem participará da culminância é uma questão ainda a decidir juntamente com os alunos. Espera-se que os pais possam participar desse momento.		

Fonte: Material elaborado pela pesquisadora

A seguir, o quadro 2 apresenta de forma individual as avaliações pretendidas em cada etapa da intervenção.

Quadro 03 - Sistematização das avaliações

<b>ETAPA</b>	<b>AVALIAÇÃO</b>
01	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Não há necessidade de avaliação sistemática.</li> </ul>
02	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Relatório descritivo das ações desenvolvidas, recepção e participação dos alunos.</li> <li>• Fichas diagnósticas.</li> <li>• Participação oral dos alunos tanto nos grupos quanto nas socializações gerais.</li> </ul>
03	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Relatório descritivo das ações desenvolvidas, recepção e participação dos alunos.</li> <li>• Gravação da contação de histórias em dois momentos distintos: antes e depois das atividades de intervenção.</li> <li>• Fichas autoavaliativas a serem respondidas individualmente ao final de cada módulo de intervenção.</li> <li>• Participação oral dos alunos tanto nos grupos quanto nas socializações gerais.</li> <li>• Produção e refacção dos textos.</li> </ul>
04	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Relatório descritivo das ações desenvolvidas, recepção e participação dos alunos.</li> <li>• Relatório oral das ações desenvolvidas pelo grupo.</li> <li>• A produção do material em si (envolvimento, qualidade, etc)</li> </ul>
05	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Envolvimento no planejamento e na execução das ações que compõem a culminância.</li> <li>• Autoavaliação e avaliação oral e escrita.</li> </ul>

Fonte: Material elaborado pela pesquisadora

### 5.3 USO DE RECURSOS DIDÁTICOS: DO CONSUMO À PRODUÇÃO

Ao se falar em recurso didático, a primeira ideia que vem à cabeça é a do livro didático. Atualmente, com o PNLD<sup>10</sup> e a escassez de recursos financeiros nas escolas públicas destinados a cópias e impressões, por exemplo, o livro é material didático mais utilizado e apresenta, como qualquer outro material, pontos positivos e negativos. No que se refere ao ensino da oralidade, é conhecido dos professores de Língua Portuguesa que há pouca ou nenhuma menção ao trabalho específico dela. Magalhães (2007) ressalta que os livros didáticos promovem a oralidade tendo a escrita como partida ou fim, diálogos descontextualizados da realidade ou apenas para responder oralmente alguns exercícios, e completa dizendo que “Outra falha abordada diz respeito aos gêneros textuais utilizados, uma vez que o diálogo é uma das únicas fontes para a presença da fala. Não há propostas de audição de falas produzidas fora do contexto da aula, ignorando-se a produção falada real” (MAGALHÃES, 2007, p. 8), o que descaracteriza a fala de uma ação social, não considerando seus contextos, objetivos e peculiaridades.

Assim, motivados por essa realidade e pelo Prof. Dr. Patrício Nunes Barreiros<sup>11</sup>, resolvemos construir a maior parte do material didático utilizado na intervenção, considerando os princípios e critérios para a avaliação de obras didáticas apresentadas no edital de convocação do PNLD 2017 (BRASIL, 2015, s/p)<sup>12</sup>.

A priori, nossa proposta na intervenção era análise de trechos dos áudios e vídeos dos próprios alunos gravados na produção inicial, levando em consideração o que propõem os PCN sobre o USO X REFLEXÃO X USO da língua, mas os critérios rigorosos do Comitê de Ética em Pesquisa – doravante CEP - fez-nos pensar sobre os riscos que tal proposta poderia causar, uma vez que os alunos poderiam sentir-se expostos e humilhados ou sofrerem por parte dos colegas algum tipo de bullying. Assim, foram selecionados vídeos do Youtube, mas decidimos gravar alguns dos vídeos e áudios a serem utilizados na intervenção, criando materiais exclusivos para a necessidade das atividades. Vídeos já prontos e disponíveis na internet não foram descartados, mas não foram a única opção.

Foram criados, ao todo, 3 vídeos e 2 áudios para serem utilizados durante a intervenção. O primeiro vídeo a ser criado e veiculado “Fala inicial” apresentava aos alunos a

---

<sup>10</sup> Sigla utilizada para o Plano Nacional do Livro Didático, pertencente ao Ministério da Educação.

<sup>11</sup> O referido professor lecionou, também, a disciplina “Produção de material didático para o ensino de língua portuguesa como adicional” oferecida como optativa no PROFLETRAS/UEFS.

<sup>12</sup> O Edital do PNLD encontra-se disponível em: <http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-editais/item/6228-edital-pnld-2017>.

proposta de trabalhar com vídeos e áudios gravados para o fim específico da intervenção, e a importância de não os enviarem a outros grupos ou usuários do WhatsApp, de forma descontextualizada podendo gerar avaliações e comentários equivocados de quem não conhece o trabalho.

Figura 05 – Vídeo: Fala inicial



Fonte: Material didático elaborado pela pesquisadora

Além dos áudios e vídeos, foi construído ao longo do processo, um caderno de atividades intitulado Contar para (res)significar, contendo as sondagens, orientações e atividades escritas desenvolvidas na intervenção. Nesse caderno, criado no programa Publisher<sup>13</sup> preocupou-se não só em atender às necessidades pedagógicas do projeto, como buscou-se ter um layout diferenciado que atraísse a curiosidade e o interesse dos alunos. A mudança de cores das atividades do caderno marca a mudança de objetivo das partes que formam o documento. O caderno é formado por:

- Duas fichas diagnósticas – uma para aluno, outra destinada a um membro da família;

<sup>13</sup> Segundo o site Wikipédia, Microsoft Publisher é um programa da site Microsoft Office, que é basicamente usado para diagramação eletrônica, como elaboração de layouts com texto, gráficos, fotografias e outros elementos. É capaz de criar publicações para impressão, páginas da Web (que não requerem conexão com a internet ao criar uma página da web), edições de e-mail, criar panfletos, boletins informativos (adaptado).

- Atividade 01 – intitulada de *Contação de Histórias* é destinada à organização das discussões levantadas pelos grupos acerca da pesquisa feita em casa sobre a contação de histórias no município e seus agentes;
- Atividade 02 – intitulada de *Escuta e Contação* traz orientações e questões referentes ao primeiro módulo de intervenção que se propunha trabalhar os elementos extralinguísticos<sup>14</sup> da oralidade, bem como a importância e a necessidade da escuta ativa;
- Atividade 03 – intitulada de *Elementos da Narrativa*, compõe o segundo módulo de intervenção e traz conteúdo, orientações e atividades referentes à estrutura narrativa e seus elementos.
- Atividade 04 – intitulada de *Interagindo com o texto*, traz orientações e atividades em grupo e individuais que buscam a produção de significados, contextos e elementos não citados diretamente na história – aliás, próprio das histórias orais, poucas são as descrições que aparecem, ficando o ouvinte livre a se colocar como parte da história, criando-a mentalmente, enquanto ouve – e, nessa construção, encontrando elementos que são próximos e/ou pertinentes a si ou à comunidade em que o sujeito está inserido.
- Autoavaliação – apresenta uma avaliação das questões discutidas ao longo da intervenção, trazendo questões mais gerais, além de uma questão aberta para um relato da opinião dos alunos sobre a importância dos elementos estudados para sua vida pessoal. Apesar de cada módulo de intervenção apresentar uma autoavaliação ao final das atividades, acreditamos ser interessante e necessário propor uma autoavaliação de toda a intervenção, com questões mais gerais.

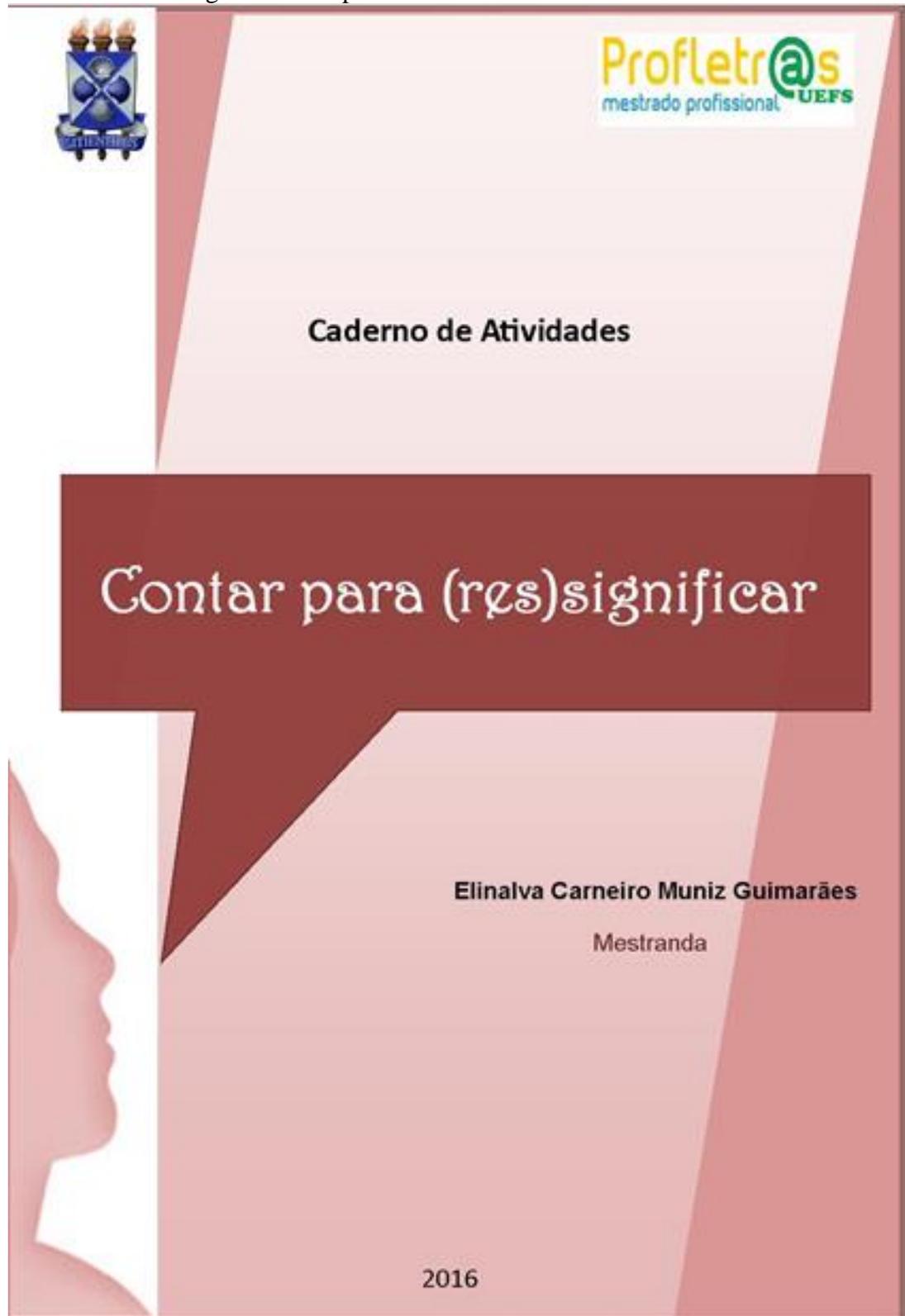
Apesar de as atividades terem sido distribuídas em módulos separadamente durante esta intervenção, juntas formam um caderno que poderá ser utilizado em novos momentos ou servir de base para adaptações e novas produções. A opção de utilizá-las separadas deu-se por um nobre motivo: como a SD não estava pronta quando foi iniciada, partes dela foram modificadas ou construídas a depender das demandas que apareciam, sendo assim, as

---

<sup>14</sup> Os elementos extralinguísticos são aqueles concernentes à linguagem não verbal. Mesmo sabendo que esta também é um tipo de linguagem, o termo extralinguísticos será usado para referimo-nos aos elementos que acompanham a oralidade, mas não são verbais.

atividades propostas também sofreram alterações quando prontas antecipadamente, e construídas durante o processo, como aconteceu com boa parte delas.

Figura 06 – Capa do Caderno de Atividades



Fonte: Material didático elaborado pela pesquisadora

Não é do nosso interesse que este caderno, assim como a proposta interventiva descrita neste documento, seja um produto acabado para ser utilizado por outros docentes, mas mostrar que é possível o professor criar seus próprios objetos de aprendizagem, criando elementos inéditos, mais pertinentes aos objetivos propostos e com a cara das pessoas envolvidas.

## **6 DA INTERVENÇÃO: RELATO DE EXPERIÊNCIA**

A proposta de intervenção aqui apresentada foi desenvolvida com 25 alunos da 7ª série do matutino, de ambos os sexos, com idade entre 12 e 18 anos, e recebeu o nome de “Contar para (res)significar” para facilitar o contato dos alunos com a pesquisa por meio de um nome menor e menos técnico.

O projeto é formado por 4 partes distintas, sendo (1) o planejamento das ações, seleção e construção de alguns dos recursos didáticos; (2) as apresentações feitas aos corpos docente e administrativo da escola, aos pais e aos alunos; (3) a intervenção em si com contação de história, atividades e discussões sobre os temas em foco – oralidade e contação de história; (4) produção de material digital, que contou com a conversa com os contadores de história, a produção dos vídeos e culminância do projeto. Ao todo foram 34 aulas em sala mais uma media de 13 horas com as apresentações da proposta, conversa com os contadores de histórias, a produção do material digital e a culminância.

### **6.1 RELATO DE EXPERIÊNCIA**

A apresentação do projeto aconteceu em três momentos distintos: no dia 1º de fevereiro para professores e direção do colégio onde a pesquisa seria realizada, durante as atividades da jornada pedagógica; no dia 14 de março de 2016, em uma reunião de pais já organizada pela escola e já havendo a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa para aplicação da intervenção, foi apresentado aos pais; e para os alunos foi feita no dia 29 de março. A priori esse momento foi pensado para ser realizado juntamente aos pais, mas, como a escola já havia planejado uma reunião, o momento com os pais foi antecipado para evitar duas idas deles ao colégio. Durante as apresentações, foram abordadas as motivações que nos levaram a desenvolver tal proposta, como a influência da contação de história na comunidade e a necessidade de trabalhar de forma intencional e sistemática com o desenvolvimento da oralidade. Foram apresentados os objetivos e, em seguida, a metodologia a ser desenvolvida, apresentando as etapas que formam a sequência didática. Foram apresentados, também, os instrumentos de avaliação que seriam usados no projeto.

Foto 01 – Apresentação do projeto aos corpos docente e administrativo



Fonte: Fotografia da autora

Na reunião com os pais, estiveram presentes 5 mães e todas mostraram interesse na participação dos filhos, duas delas salientando a necessidade que os filhos têm de desenvolver a oralidade como propõe o trabalho apresentado. Após a apresentação foi perguntado se havia alguma dúvida e, encerrada a conversa, as mães presentes assinaram o TCLE<sup>15</sup> (Cf. Apêndice G), conscientes de que os filhos poderiam se recusar em participar, já que a proposta ainda não havia sido apresentada a eles. Como a maior parte dos pais não esteve presente na reunião, nós os procuramos em suas residências, em dias variados, apresentando individualmente tudo que foi mostrado na reunião com os pais, recolhendo também suas assinaturas no TCLE.

A conversa com os alunos foi feita durante a aula de Língua Portuguesa e foram apresentadas as possíveis ações pedagógicas, os problemas que poderiam ocorrer e os benefícios que poderiam ser alcançados. Após as explicações sobre o projeto foi entregue e lido o *termo de assentimento* (Cf. Apêndice I). Dez alunos assinaram e entregaram na mesma hora e os demais levaram para casa, para ser recolhido no dia seguinte.

<sup>15</sup> Termo de consentimento Livre e Esclarecido que deve ser assinado pelos pais ou responsáveis quando o sujeito da pesquisa é menor de idade.

A seguir, serão relatados os encontros de intervenção, cada encontro foi composto de 2 aulas.

Encontro 01 - Sendo o projeto aprovado pelo CEP- UEFS, no dia 06 de março, a intervenção iniciou-se dia 05 de abril com uma conversa informal com os alunos sobre a importância de se desenvolver a oralidade. Diante do questionamento, alguns alunos se posicionaram com respostas diversas, como “pra ter uma vida melhor”, “pra falar melhor”. A partir das respostas, foi salientado que nós usamos a oralidade em inúmeras situações diferentes, de formas diferentes e que algumas profissões e situações nos exigem falar para um grupo variado de pessoas. Durante essa discussão, alguns alunos apontaram profissões que exigem a fala pública ou situações que viveram ou alguém conhecido viveu em relação à fala em público.

Em seguida, nós explicamos que eles responderiam a uma sondagem escrita e quais os objetivos dessa sondagem, enfatizando a importância das respostas serem verdadeiras. Com o objetivo de conhecer melhor os alunos em alguns aspectos específicos, a ficha diagnóstica (Cf. Apêndice D) contém perguntas sobre questões pessoais, sociais e relativas aos temas oralidade e contação de histórias. As dúvidas surgidas eram explicadas imediatamente por nós de forma individual ou coletiva, a depender da necessidade. Ao final dessa tarefa, começamos a explanação sobre o tema a contação de histórias, contextualizando e discutindo os vídeos que foram apresentados. O primeiro vídeo apresentado foi um trecho do filme *O Labirinto do Fauno*<sup>16</sup> que mostra a protagonista contando uma história para seu irmão ainda no ventre da mãe, numa tentativa de acalmá-lo. Os vídeos que se seguiram foram de contação de histórias com Carol Levy em *Chapeuzinho Amarelo*<sup>17</sup> e *A Pastorinha*<sup>18</sup> do canal no Youtube *Varal de Histórias*. Nesse momento, buscamos o contato dos alunos com a contação de história com contextos e objetivos diferentes, mas sem discussões sobre esses aspectos. Como seriam precisos 10 minutos para explicar a atividade de casa, nem todos os vídeos separados para esse momento foram vistos. Foi distribuída para casa a Ficha Diagnóstica (Cf. Apêndice E) para a família que objetivava conhecer a relação da família de cada criança com a ação da contação de histórias. Explicamos que a ficha poderia ser respondida diretamente pelo membro da família ou, na impossibilidade deste escrever, o aluno poderia fazer as perguntas oralmente, escrevendo as respostas dadas.

---

<sup>16</sup> O labirinto do Fauno, 2006. DIREÇÃO: Guillermo del Toro.

<sup>17</sup> O vídeo Carol Levy em Chapeuzinho Amarelo encontra-se disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Wvy560Pqz0c>>.

<sup>18</sup> O vídeo A Pastorinha encontra-se disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=Ea3tllar\\_2s](https://www.youtube.com/watch?v=Ea3tllar_2s)>.

Além disso, foi colocada no quadro uma pesquisa a ser feita com um membro mais velho da família ou da comunidade – sendo salientado que quanto mais idade a pessoa tiver, melhor - que continha duas perguntas norteadoras: (1) quem eram e são os contadores de histórias do município e (2) como essa ação acontecia antigamente e acontece na atualidade? Além dessas informações, os alunos deveriam pedir a esse familiar ou conhecido que lhe contasse uma história para ser recontada em sala de aula. Nessas aulas não houve a contação de história ao vivo porque a pessoa que faria a ação não pode comparecer.

Encontro 02 - No dia 06 de abril a aula foi iniciada com o aviso de que seria criado um grupo no WhatsApp<sup>19</sup> com aqueles que possuíam celular com o aplicativo para facilitar a realização e socialização de algumas atividades e com o recolhimento da ficha diagnóstica para a família que foi levada no dia anterior. Nem todos a trouxeram de volta, ficando esta para ser recolhida na aula seguinte.

Em seguida, nós iniciamos uma divisão da turma em grupos, e, nesse momento, houve um início de confusão com vozes alteradas gerado por 3 alunos (alunos 7, 11 e Y<sup>20</sup>) que insistiam no fato de que trabalho em grupo não funcionava. Acalmados os ânimos, nós explicamos a importância do trabalho em grupo e que a participação de todos seria por nós monitorada, e no caso de haver algum problema, interferiríamos na tentativa de saná-lo. Com essa questão aparentemente sob controle, foi iniciada a divisão de grupos por sorteio, tática por nós escolhida depois de alguns alunos dizerem que se fosse por afinidade eles não queriam. Ainda assim, alunos queriam trocar de grupos e nós esclarecemos que não haveria troca naquele momento, mas que os grupos poderiam ser redistribuídos numa nova ocasião. Com a turma já organizada em 5 grupos, foi distribuída a atividade 01 do caderno de atividades com orientações e espaço para anotações das discussões feitas pelo grupo, então foi percebido pelos próprios alunos que o fato de alguns não terem feito a pesquisa em casa dificultou o processo de discussão. Mas foi constatado que havia, pelo menos, 2 integrantes em cada equipe que tinham feito a pesquisa.

---

<sup>19</sup> **WhatsApp Messenger**, é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos, mensagens de áudio de mídia e na nova atualização, podem ligar para qualquer contato de sua agenda que possua WhatsApp. (Adaptado de <https://pt.wikipedia.org/wiki/WhatsApp>).

<sup>20</sup> Os alunos identificados por letras não tiveram seus dados analisados por motivos variados, mas participaram da intervenção.

Figura 07 – Atividade 01 do caderno de atividades

01

## CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

**Objetivos:**

- Reconhecer a contação de histórias na própria comunidade;
- Praticar a oralidade;
- Reconhecer as características de textos orais.



**Em grupo**

**1. Socialize com seus colegas as informações pesquisadas junto à família sobre a contação de histórias aqui no município. Dois pontos são fundamentais nessa conversa:**

- ⇒ Quais eram e são os contadores de histórias do município?
- ⇒ Como essa ação acontecia antigamente e acontece atualmente?

Faça aqui suas anotações: \_\_\_\_\_ 

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**2. Relembrando as histórias que foram mostradas em aula anterior e de outras que você já ouviu, converse em grupo e liste o que mais aparece nas narrativas e dos elementos que o grupo acredita que não podem faltar para se ter ou contar uma história.**

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

 freepik.com



<http://elizaypaola13.blogspot.com.br/>

**Veja outras histórias acessando:**

Bia Bedran [www.youtube.com/user/biabedran/videos](http://www.youtube.com/user/biabedran/videos)

Juçara Batichoti [www.youtube.com/user/VaraldeHistorias/videos](http://www.youtube.com/user/VaraldeHistorias/videos) ou no Facebook <https://www.facebook.com/varaldehistoria/?fref=ts>

**PROJETO: Contar para (res)significar**

01



Dado o tempo de discussão em grupo, foi feita a socialização das questões pesquisadas e discutidas, levantando as condições em que a contação de histórias acontecia antigamente e como acontece agora. O aluno 11 elucidou que as tecnologias atrapalharam essa ação, uma vez que hoje as famílias se reúnem para assistir à televisão e até isso está sendo ameaçado pelo uso do celular e seus aplicativos lembrou o aluno 6. O aluno D comentou que hoje as pessoas mais novas não acreditam em histórias de assombração porque elas têm mais conhecimento e mais fontes de informação. Alguns alunos ainda falaram que a contação de histórias ainda acontece em suas casas quando falta energia.

Em continuação foi feita uma lista dos contadores de história conhecidos no município, mas esta ficou de ser concluída quando os alunos que não haviam feito a pesquisa trouxessem suas informações. Socializando a segunda questão da atividade, nós fomos elencando no quadro os elementos necessários numa contação de história ou numa história em si: silêncio; público; contador de história; história – personagem (principal e adversário<sup>21</sup>), lugar, tempo; expressão de sentimentos. Nesse momento nós pedimos que os alunos atualizassem sua atividade escrita com as contribuições trazidas por outros grupos.

Concluída essa parte, não foi possível montar o painel síntese com as informações levantadas na socialização mesmo tendo 15 minutos de aula ainda, porque alunos de outras turmas se aglomeraram na porta e janela conversando entre si ou chamando os amigos em aula para irem embora. Essa é, inclusive, uma questão que incomoda alguns professores há anos e a escola ainda não conseguiu uma ação que erradicasse esse problema. Foi lembrado ainda, que não se esquecessem da história ouvida durante a pesquisa pois cada um contaria a sua aos colegas na aula seguinte. Apesar das atividades planejadas para essas aulas não terem sido concluídas, nós percebemos que a proposta de primeiro haver um discussão por grupo para depois a socialização geral foi positiva, já que alguns alunos que se sentem inibidos na participação geral mostram-se mais falantes em atividades com grupos menores.

Encontro 03 - As aulas do dia 12 de abril foram iniciadas com a retomada do que havia sido visto nas aulas anteriores, reforçando algumas conclusões e finalizando essa etapa com a criação do painel contendo os elementos necessários para a contação de história. Como nós fomos sintetizando no quadro o que era dito pelos alunos, foi analisado quais elementos elencados realmente faziam parte da contação de história e o que continuou foi reescrito em fichas que formaram o mural afixado na parede da sala de aula.

---

<sup>21</sup> Decidimos manter a nomenclatura utilizada pelos alunos, já que o nome adequado – antagonista – apareceria posteriormente na intervenção sobre os elementos da narrativa.

Foto 02 - Pannel montado pelos alunos



Fonte: Fotografia da autora

Findada essa atividade, nós orientamos a produção inicial, destacando a necessidade da mesma ser gravada e garantindo que as gravações não seriam vistas por mais ninguém além da pesquisadora. Alguns alunos solicitaram receber sua gravação pelo WhatsApp e ficou firmado que isso seria feito no momento oportuno e por meio do contato privado. Esse foi um momento um pouco conturbado porque, na tentativa de escapar da atividade, seja por vergonha seja por não ter pesquisado a história, alguns alunos alegavam que ninguém sabia de histórias para lhe contar e por isso não teriam como cumprir a atividade. Nós já prevíamos que isso aconteceria pela quantidade de alunos que nos abordaram assim que chegamos à escola, com desculpas variadas.

Após acalmar o burburinho, montamos o equipamento de filmagem e foi aberto o espaço para que as contações começassem, a priori, de forma espontânea. Após o conhecido “vai fulano”, “vai cicrano”, o aluno 12 decidiu fazer sua apresentação. Pegou uma cadeira vaga que estava na frente da sala, sentou e contou uma história verídica ocorrida na cidade. Terminada sua apresentação, ele saiu e deixou a cadeira no lugar onde havia se apresentado. Em seguida, o aluno 15, dizendo que contaria sua história, sentou-se na cadeira deixada pelo

colega, contou uma piada e saiu. A atitude foi por nós comentada, ressaltando a seriedade e importância da atividade.

Depois, o aluno 4 prontificou-se para contar sua história. Como algum colega havia retirado a cadeira da frente, retornou ao seu lugar para pegar sua cadeira. Nós informamos que a apresentação poderia ser feita em pé, mas o aluno preferiu sentar-se. Antes que começasse sua apresentação, um colega falou uma coisa que o deixou chateado, fazendo-o levantar e sair da sala. Após conter os risos e burburinhos, ficamos sabendo que se tratava de uma ‘pirraça’ por algo acontecido no dia anterior. Ao retornar à sala, o aluno trouxe um funcionário da secretaria que convocou 2 alunos envolvidos a comparecer à sala da direção. Sendo os alunos retirados, ela sentou-se na cadeira e confirmou sua apresentação.

Em seguida, por falta de voluntários, foi feito um sorteio e o aluno B deveria contar sua história. Disse que não sabia e contou uma história sem meio nem fim. Foi orientado por nós a conhecer melhor a história, de forma que a contasse completa. Como o tempo estava quase esgotado e vendo que não havia mais voluntários, nós refizemos oralmente as instruções da pesquisa da história, sugerimos que a buscassem com contadores por eles citados anteriormente, caso não achassem com a própria família ou vizinhos, alertando que, na aula seguinte, todos contariam. Os 4 alunos que se apresentaram, ainda que por brincadeira, adotaram a posição sentada, havendo a possibilidade dos 3 últimos alunos terem sido influenciados pela ação do primeiro.

Encontro 04 - Nas aulas seguintes, do dia 19 de abril, foi dada continuidade à produção inicial. Assim como na aula anterior, primeiramente foram chamados os voluntários e em seguida foram feitas indicações. Algumas apresentações foram sendo adiadas para o final e era possível nós percebermos medo, vergonha e ansiedade em muitos alunos, por isso falávamos constantemente de que sentir vergonha era natural, mas que eles eram capazes e todos estavam se respeitando. No final, restaram três alunos que tentavam ficar por último, por isso foi feito um sorteio e a ordem deste foi respeitada. 3 alunos não fizeram a produção inicial, 2 por estarem doentes e 1 por ter apresentado sérios problemas de relacionamento com a turma recentemente, negou-se a fazer naquele momento, mas prontificou-se para fazer depois.

É válido ressaltar o interesse e o respeito em ouvir a história dos colegas. Em alguns momentos, entre uma apresentação e outra, foi necessário pedir silêncio e reorganizar alguns alunos que, com várias histórias em mente, insistiam em contar para o colega ao lado nos intervalos. Novamente as apresentações seguiram o padrão da primeira, ficando todos

sentados. Os alunos 3, 5 e 18 não quiseram ir à frente da sala, então o equipamento de gravação foi deslocado para que os gravasse de onde se encontravam sentados.

Após as apresentações, alguns alunos se sentiram mais confortáveis e pediram para contar uma nova história e novas apresentações foram sendo feitas até o final das aulas. Por conta da autonomia da bateria, a filmadora não pode ficar ligada constantemente, sendo desligada nos intervalos das apresentações. Ficamos realizados, satisfeitos, felizes ao findar dessa ação. Alguns alunos contaram histórias estilo piada, outros sem a estrutura adequada, mas foram questões revistas durante a intervenção. A priori, planejamos essa etapa em duas aulas, mas só foi possível concluí-la em três porque tentamos respeitar o momento de cada aluno, sua dúvida em apresentar ou não, seu tempo de encontrar coragem para estar à frente dos colegas sem pressão desnecessária.

O primeiro módulo de intervenção durou 06 aulas que aconteceram dias 20, 21 e 22 de abril e tinha por objetivo discutir e aprimorar a escuta e as questões extralinguísticas que fazem parte da oralidade.

Encontro 05 - Esse momento foi iniciado com a atividade 'telefone sem fio' na quadra da escola, por pedido dos alunos. Findada essa parte, voltamos à sala de aula para discutir sobre a atividade realizada e o que seria possível aprender com ela. Apesar de nós pedirmos que não houvesse mudanças propositalmente nas frases ditas, isso não deixou de acontecer, mas foi importante, pois suscitou a discussão de que repassar informações orais sempre gera mudanças, algumas não intencionais, outras propositalmente para atender a um desejo ou objetivo da pessoa que fala. Os alunos que ouviram o texto, antes da mudança proposital, relataram que mudanças menores aconteceram em relação ao texto original. Foram discutidas, a partir dos relatos, questões que levam à mudança textual como o fato de cada um dar sua versão ao que ouve, às vezes aproximando-se mais do sentido inicial e, às vezes, não conseguindo manter essa proximidade. A partir daí, a discussão foi direcionada para as noções de escuta e dos elementos necessários para que esta seja efetiva.

Antes que a turma fosse dividida em grupos para a realização da próxima atividade, a direção avisou sobre reposição de aula nos próximos 2 dias, que seriam feriado e recesso, e um caos se instaurou na sala. Quando conseguimos reorganizar a sala, destacamos como os conceitos sobre fala e escuta que estavam sendo discutidos não foram colocados em prática naquele momento causando confusão e discussão desnecessária sem que um pudesse realmente ouvir a opinião do outro.

Encontro 06 - O trabalho foi continuado no dia seguinte, dia 21. Avisados sobre a reposição somente na véspera, alguns professores e alunos faltaram, e no primeiro horário só

havia aula na nossa turma, com um número reduzido de alunos que foram chegando com atraso. Houve muita insistência por parte dos alunos para que a aula não acontecesse já que as outras turmas estavam sem aluno e ou sem professor. Nós fizemos, então, um acordo de que a atividade seria desenvolvida e, assim que essa acabasse, eles seriam liberados.

Os grupos foram divididos previamente por nós para evitar a confusão da divisão anterior e o aluno 11 recusou-se de fazer parte da equipe estabelecida, ficando a perambular pela sala. Mesmo com os inúmeros pedidos para que o colocássemos em equipes onde estavam seus amigos, decidimos manter a divisão estabelecida no momento, tentando convencê-los de que ele conhecia todos da sala e não havia motivos de não querer trabalhar com aqueles colegas. Os vídeos previamente disponibilizados no grupo do WhatsApp nesse momento foram criados pela pesquisadora com esse fim e foram analisados pelos grupos que anotaram as discussões na atividade 02 contida no caderno de atividades. O primeiro vídeo era explicativo e alertava sobre a importância de não compartilhar com outras pessoas ou grupos o que fosse disponibilizado no grupo para as atividades. Os outros dois vídeos apresentavam a história *A grande lição* (Cf. Anexo 4) com ritmos e gestos diferenciados. Foram analisados oralmente outros vídeos<sup>22</sup> além dos citados na atividade impressa.

Encontro 07 - No dia seguinte, na biblioteca da escola, foram retomados os conceitos “altura, entonação e ritmo” trabalhado nas aulas anteriores. Fomos fazendo perguntas sobre um vídeo visto na aula anterior, direcionando a turma à percepção desses elementos na postura de quem contava a história. Para endossar a discussão sobre a importância dos elementos extralinguísticos na construção de sentidos de uma fala oral, foi mostrado um vídeo<sup>23</sup> em que a pessoa não mexe a boca ou muda a expressão facial ao falar.

Essa discussão foi complementada com a ajuda de alguns vídeos quando foram reconhecidos elementos corporais que corroboram com a produção linguística oral, observando o que se mostrava compatível com o momento da fala, como propõem os PCN. Este documento oficial sugere para a produção de textos orais:

- planejamento prévio da fala em função da intencionalidade do locutor, das características do receptor, das exigências da situação e dos objetivos estabelecidos;
- seleção, adequada, ao gênero de recursos discursivos, semânticos e gramaticais, prosódicos e gestuais;

<sup>22</sup> Vídeos “Falando um pouco sobre mim” disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCB10CGoy2ywaODqN3Aefe6Q> e “Vendedor de picolé alopado da Praia do Futuro em Fortaleza – CE”, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3vMdWNqLzLw>.

<sup>23</sup> Vídeo “Sem mexer a boca”, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yrx-OvvcL-k>.

- emprego de recursos escritos (gráficos, esquemas, tabelas), tudo como apoio à manutenção da continuidade da exposição;
- ajuste da fala em função da reação dos interlocutores, como levar em conta o ponto de vista do outro para acatá-lo, refutá-lo ou negociá-lo (BRASIL, 1998, p. 58).

Para isso foram utilizados dois vídeos<sup>24</sup> do programa O Bem Amado, em que aparecia o protagonista Odorico Paraguaçu, enquanto candidato a prefeito, encontra-se em duas situações distintas de oralidade: a primeira, em um palanque durante um comício, em pé, fala alto e com altivez gesticulando os braços inúmeras vezes, usando um tom forte e até intimidador; a segunda, sendo entrevistado em um programa de televisão, encontra-se sentado, pouco gesticula e sua fala é calma, em tom e altura moderados de voz. Em grupo, os alunos deveriam analisar os dois conceitos trabalhados na aula do dia – postura corporal e gesto, comentando se estes estavam adequados.

Nesse ínterim, acompanhávamos as discussões das equipes, orientando, tirando dúvidas e reforçando a importância de ouvir e respeitar a fala dos colegas. Foi percebido por nós que o aluno 11 que se negara a fazer a atividade em grupo na aula anterior encontrava-se ativo nas discussões do mesmo grupo que havia se recusado em participar. Elogiamos sua postura e frisamos como ouvir pessoas não tão próximas pode nos enriquecer em vários sentidos. Houve a socialização das discussões feitas em grupo e aproveitamos esse momento para agregar outros elementos trabalhados até então.

Durante a discussão do primeiro vídeo, os alunos perceberam a fala alta, forte, acompanhada de gestos repetidos com um dos braços, típicos de um político discursando. No segundo vídeo, ao contrário do primeiro, o candidato encontra-se sentado, fala devagar, sem alterações repentinas da voz e seus gestos resumem-se em mexer moderadamente as mãos ou ajeitar a roupa enquanto fala. Ao final das discussões, lançamos a pergunta “dos dois vídeos, qual apresenta uma oralidade mais eficaz?” que foi respondida no ato pelos alunos 16 e 12 se completando nas ideias de que seria o segundo vídeo que mostra gestos mais polidos, voz mais baixa e ritmo calmo. O aluno 6 disse que o outro também era eficiente, explicou o motivo e, aos poucos, a turma foi concluindo que tudo depende muito do contexto e dos objetivos da fala. Concluíram que em um contexto o que pode parecer exagerado no outro é o ideal. Foram ouvidos exemplos de situações em que essa diferença é bem marcada, como a abordagem policial a suspeitos de crime, falar dentro de igrejas, dentre outros. Em relação à

---

<sup>24</sup> O vídeo “O discurso de Odorico para prefeito” está disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=0huzZXT-n\\_g](https://www.youtube.com/watch?v=0huzZXT-n_g) e o vídeo “Entrevista para a TV” está disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=9SNMIo-1\\_lo](https://www.youtube.com/watch?v=9SNMIo-1_lo).

postura corporal, os alunos só não perceberam como parte desse elemento o fato de em um vídeo a personagem aparecer em pé e no outro sentado, havendo, então, direcionamento nosso.

Findadas as discussões, orientamos sobre a existência de uma autoavaliação escrita, a necessidade de respondê-la e de serem honestos em suas respostas. Os alunos a levaram para responder em casa e, na aula seguinte, antes do início do módulo 2, houve um resgate do que havia sido trabalhado até aquele momento e uma avaliação das ações desenvolvidas. Queríamos saber, a partir dessa avaliação, como direcionar as próximas ações, mantendo o que deu certo e descartando o que não fora bem recebido e, os alunos relataram gostar de como as atividades estavam sendo encaminhadas.

As aulas dos dias 21 e 22 foram estabelecidas como reposição de paralisações realizadas antes do início da intervenção e nós percebemos que 8 aulas distribuídas em 4 dias seguidos tornaram esse momento cansativo para todos os participantes da intervenção.

O segundo módulo de intervenção durou 9 aulas e objetivou conhecer os elementos que constituem a história contada, a narrativa. Percebendo que as histórias trazidas eram relatos, causos e contos curtos, e que por isso não poderíamos trabalhar com um gênero específico, nem era esse o nosso objetivo inicial, decidimos trabalhar com os elementos comuns a qualquer narrativa, para que os alunos entendessem o que compõe o texto contado na ação da contação de histórias.

Encontro 08 - Assim, dia 26 de abril, após os alunos se organizarem em grupos já estabelecidos anteriormente, esses foram orientados a ouvir o áudio disponibilizado no grupo do WhatsApp no dia anterior e responder à questão 1 da atividade 03 contida no caderno de atividades. Esse áudio foi criado pela pesquisadora e contava a história *Bem e Mal*, cuja retextualização encontra-se disponível no Anexo 5.

Nesse momento, foi permitido que dois grupos se retirassem para ouvir o áudio em área externa já que a audição de um grupo interferia na do outro. Ainda em grupo, deveriam ler e discutir a parte teórica sobre o assunto, também constante no caderno de atividades e responder à questão 3 que é, na verdade, uma análise da resposta dada a primeira questão. Foi feita uma discussão geral sobre as respostas dadas e se algum grupo havia feito alterações da primeira para a segunda questão, suscitando o motivo da mudança.

Encontro 09 - Começamos o dia 27 de abril revisando as discussões feitas em aula anterior, e, em seguida, explicamos sobre os elementos da narrativa suscitando nos alunos exemplos vinculados à história ouvida no início desse módulo. Por vezes os alunos traziam exemplos de novelas ou filmes vistos por eles. Tiradas as dúvidas, contamos uma nova

história (Cf. Anexo 6) para que, a partir dela, fossem identificados, oralmente, os elementos da narrativa. Nesse momento foi perceptível que os alunos ouvem o professor com atenção, mas não apresentam o mesmo comportamento com os colegas, algumas vezes nem respeitando o que o outro diz. Lembramos, assim, a importância de saber ouvir e respeitar a fala do outro, ainda que não haja concordância com a própria opinião.

Encontro 10 - Começamos a aula do dia 10 de maio contando uma história (Cf. Anexo 7) apenas para fruição. Depois, foi iniciada, em grupo, a questão 4 proposta na atividade impressa. Explicamos como desenvolver a atividade apesar das orientações serem claras, pelo fato deles não as lerem. A atividade pedia que a história ouvida anteriormente fosse modificada a partir de alguma mudança nos elementos da narrativa. Como a atividade exigia constante diálogo entre os componentes das equipes, 2 grupos permaneceram em sala e 3 foram relocadas para outros espaços da escola. Isso exigiu de nós constante mobilidade entre os espaços para garantir acompanhamento da atividade e observação de participação e comportamento dos participantes. Em uma equipe em especial, foi necessário maior intervenção por ter entre os integrantes um aluno que apresenta problemas de relacionamento com a maioria dos colegas e, apesar de ter sido relocada, sempre entra em conflito com alguém. Todas as equipes mostraram dificuldades em cumprir essa atividade que só pode ser concluída na aula seguinte.

Encontro 11 - Dia 11 de maio, após nós contarmos uma nova história (Cf. Anexo 8) que apresentava uma parte cantada, parte essa com participação dos alunos quando era repetida, orientamos para que a atividade proposta em aula anterior fosse concluída até às 11 horas. Dado o horário, uma equipe faltava gravar o áudio com a história criada para disponibilizar no grupo do WhatsApp e esta foi orientada a fazer assim que a atividade planejada para o próximo momento fosse concluída. Como a escola não possui wi fi, as gravações feitas foram enviadas ao grupo, mas este só as recebeu quando os alunos chegaram a suas casas.

Encontro 12 - Com a posterior audição das histórias, percebemos que os critérios de produção não foram seguidos e esse foi o assunto inicial da aula seguinte, dia 17 de abril. Guiados a uma reflexão oral, foram discutidos os motivos que os fizeram não cumprir as orientações contidas na atividade.

Ainda oralmente, foi socializada a autoavaliação feita sobre esse módulo, em especial a avaliação da história contada por cada um na produção inicial, percebendo se esta continha os elementos necessários a uma narrativa e se ela correspondia a algumas exigências feitas na época da busca dessa história: a história é conhecida na cidade? Ela é realmente uma história

com início, meio e fim? Há os elementos necessários para que a história se desenvolva? Os alunos foram participando aleatoriamente, depois fomos direcionando a fala por ordem das carteiras para que todos falassem.

Depois foram socializados e discutidos 4 pontos que se repetiram na autoavaliação escrita do módulo ou que achamos pertinentes socializar: (1) alguns alunos indicaram que precisava haver mais silêncio, então voltamos a lembrar a necessidade da escuta ativa, do respeito pela fala do outro e de que é preciso colocar em prática o que estão aprendendo; (2) o aluno 9 escreveu que não aprendeu quase nada, mas reconheceu todos os elementos contidos na história dele, então discutimos, após ouvir a posição dele de que respondeu de qualquer jeito, a importância de ler com cuidado as questões antes de responder e de haver honestidade nas respostas; (3) o aluno 11 escreveu “Meu grupo colabora muito bem” e, lembrando que esse aluno não queria estar nesta equipe, falamos da importância de ouvir outros colegas que não são muito próximos, e que a mudança dele de grupo não havia sido feita para que ele pudesse trabalhar com pessoas diferentes, como acontece na vida; (4) o aluno 12 escreveu “Aprendi muito pois a equipe toda participou”, reforçamos as ideias que já vinham sendo levantadas na discussão anterior, salientando que, quando todos querem, se ajudam e participam, o trabalho tem muito mais sentido para todos.

Ao concluir as discussões, apresentamos o terceiro módulo de intervenção, abordando o conceito “interação” que marca o título dessa etapa. Não foi do nosso interesse uma abordagem aprofundada, buscando os vários conceitos que esse vocábulo pode ter, por isso direcionamos para o objetivo do módulo que é interagir com os textos a partir da construção individual e coletiva de sentido, significados e uma identificação ou não com elementos, trechos, situações ou ideias trazidos pelas histórias trabalhadas.

Para aprofundar as discussões, contamos uma história (Cf. Anexo 9) conhecida da comunidade trazida pelo aluno 16 na produção inicial mas com diferenças em algumas partes desta. Pela música que marca a fala das personagens, os alunos logo identificaram como sendo igual à história contada pelo colega. Ao concluir a contação, incentivado pelos burburinhos dos demais, o referido aluno falou que as histórias não eram iguais. Perguntamos “por que as histórias sofrem alterações?” e respostas como “a pessoa esquece e inventa”, “porque alguém quis mudar” foram surgindo. Perguntamos, então, qual das duas histórias era a correta e os alunos surpresos se entreolhavam, alguns sussurraram que era o da professora, até que o aluno 6 falou que as duas estavam corretas, iniciando uma nova discussão sobre o fato das histórias sofrerem alterações ao longo do tempo, principalmente quando são apenas

oralizadas, recordando as discussões feitas após a atividade do telefone sem fio e salientando que essas alterações são, de certa forma, esperadas e não se constituem em algo bom ou ruim.

Encontro 13 - Continuando o módulo em questão, dia 18 de maio foram respondidas questões referentes a uma história (Cf. Anexo 10) previamente disponibilizada por áudio. Por causa da audição da história e da necessidade intensa de discussões, alguns grupos foram novamente relocados para outros espaços da escola. Tivemos a preocupação de acompanhar o desenvolvimento da atividade, indo de grupo em grupo, ora fomentando mais as discussões ora apaziguando os ânimos. Os grupos foram sendo liberados à medida que concluíram a atividade proposta para aquele dia.

As respostas dadas em grupo às questões da atividade escrita foram socializadas e foi perceptível a diferença de respostas dadas pelo grupo, culminando na percepção de que os sentidos criados a partir de uma história são diversos, pessoais e ou coletivos e contribuem para uma maior ou menor identificação com o que foi ouvido. Salientamos que em vários contextos respostas diferentes são possíveis e não indicam erro, mesmo sendo dentro de um mesmo grupo, já que cada pessoa entende, sente e percebe de forma única.

Durante a discussão sobre os sentidos de algumas histórias, alguns alunos levantaram dúvidas sobre a veracidade de algumas das histórias contadas, em especial, as de lobisomem. Havendo o relato de que várias pessoas da comunidade alegam ter visto essa criatura, e tentando distanciar da ideia de que essas pessoas mentem, como começaram a sugerir alguns alunos, direcionamos a discussão à ideia de que uma pessoa, levada pelo medo e pelo conhecimento de relatos parecidos, poderia associar sombras e animais à figura do lobisomem e não seria justo nem ético acusá-la de mentir pelo simples fato de não acreditar. Outras questões foram sendo socializadas e precisamos induzir a participação de alguns alunos mais tímidos.

Encontro 14 - A aula do dia 24 de maio foi iniciada com a história *O valor do amor* (Cf. Anexo 11). Pudemos, nesse momento, confirmar a atenção deles ao ouvir uma história. Na parte da história que fala que o pai colocou a filha para fora de casa, o aluno 10 questionou o fato e logo foi interpelado pelo aluno 4 que afirmou que era só uma história. Imediatamente, 3 ou 4 alunos contestaram ao mesmo tempo, indicando que tal fato pode acontecer na vida real por motivos diferentes ou semelhante. Percebemos nessa intervenção dos alunos que estes estavam identificando a si ou a comunidade nos fatos narrados. Concluída a história e as discussões que ela levantou, orientamos os alunos a responderem a atividade sugerida no caderno de atividades.

Essa etapa final desse módulo foi uma etapa individual, já que os alunos agora iriam pensar sobre a história que eles contaram na produção inicial e construiriam sentidos do que foi contado, analisando como se identificavam com a narrativa. Ao perceber que algumas respostas escritas contradiziam a fala do aluno, liamos a pergunta e logo os alunos percebiam o que tinham feito de contraditório, revelando que respondem, muitas vezes, sem ler a questão com atenção.

Encontro 15 - Apesar de ser individual, dia 25, houve a socialização da atividade, sem nos atermos em questões específicas, uma vez que cada história contada foi diferente da outra e cada aluno construiu sua própria relação com a história que contou.

Encontro 16 - Iniciamos as aulas do dia 31 de maio contando uma história de *João Grilo* (Cf. Anexo 12). Novamente, quando algum aluno questionava a veracidade dos fatos, alguém logo rebatia afirmando que era possível acontecer na vida real relacionando, ainda que superficialmente, com fatos reais da vida pessoal ou da comunidade. Terminada a história, ficamos a observar a dinâmica dos comentários por ela suscitados, e pudemos observar um maior respeito com a fala dos colegas, mesmo quando havia discordância. Encerradas as falas referentes à história contada, explanamos sobre os objetivos dessa aula, e logo os alunos mostraram interesse em saber quais contadores seriam entrevistados.

Depois de colocar todos os nomes dos contadores vivos que apareceram na atividade de pesquisa no quadro, foi feita a votação dos contadores de histórias para que pudessemos entrar em contato com os mesmos com antecedência, verificando seu interesse em participar e dia disponível para o encontro com os alunos. Nessa votação, cada aluno teve direito de votar em duas pessoas. O resultado apontou como mais votados Antônio de Dodôra com 16 votos, Odorico e Victor com 9 votos cada. A priori, a proposta era conversarmos com 2 contadores apenas, mas, como houve empate, ficou de averiguarmos as participações e, caso todos os 3 quisessem, haveria uma mudança no planejamento.

Em seguida, foram selecionadas as perguntas que deveriam ser feitas aos contadores de história. Para isso, questionamos qual o objetivo da conversa com os contadores de história, para que as perguntas trouxessem respostas pertinentes ao objetivo pretendido. Continuamos com a explicação de como as equipes deveriam se comportar durante a atividade: todos os componentes do grupo seriam responsáveis pelas perguntas a serem feitas, alguns ficariam responsáveis pela fotografia, gravação em áudio e vídeo e que essa divisão seria de responsabilidade deles. Reforçamos a ideia da escuta atenta para que perguntas não fossem repetidas e novas pudessem ser feitas a partir da fala do contador de histórias e de que

havia a necessidade de um trato especial, uma vez que dois dos contadores têm mais de 90 anos de idade.

Com os contadores selecionados, procuramo-los entre os dias 1º e 03 de junho, e todos confirmaram interesse em participar, mesmo alegando que não estavam à altura de um trabalho assim. Demonstraram preocupação de não saber responder às perguntas e nós relatamos o teor das perguntas de modo a diminuir a apreensão deles. Ainda dia 03, após a confirmação do último contador procurado, mesmo sem ter aula na turma, dirigimo-nos à escola para relatar o resultado do encontro com os contadores de história.

Estando os alunos de aula vaga por conta da aposentadoria de um professor, entramos na sala para contar a novidade de que os três contadores haviam aceitado o convite, o que foi recebida com aplausos e assovios. Apresentamos, então a divisão da turma em 3 grupos e, após dizermos as datas marcadas com os contadores e sabendo que a atividade seria desenvolvida em turno oposto, o aviso<sup>25</sup> com data e horário específicos foi preenchido e enviado aos pais/responsáveis. Estes já haviam sido avisados por nós, na apresentação do projeto, de que haveria duas atividades em turno oposto: o encontro com os contadores de história e a construção do vídeo com os matérias coletados nessa conversa.

Encontro 17 - A produção final aconteceu dia 1º de junho e, assim como aconteceu com a produção inicial, fomos recebidos por alunos que inventavam várias desculpas para não cumprir a tarefa. Assim que o equipamento para a gravação dos vídeos foi montado, começamos incentivando os alunos a participarem, lembrando-os da importância de eles mesmos aplicarem e analisarem questões discutidas ao longo da intervenção. A ordem das apresentações foi inicialmente aleatória por conta dos voluntários, que teve dessa vez um número maior que a produção inicial. Ainda assim, alunos que não se apresentaram voluntariamente não demonstraram resistência quando seus nomes eram citados. Cinco alunos faltaram, dois com justificativa de doença e os outros sem justificativa. Dos alunos presentes, três não quiseram fazer a produção final, alegando, posteriormente, que não haviam procurado uma nova história para contar.

Da sondagem até a produção final, havia uma previsão de que as ações acontecessem em 27 aulas, mas na prática, foram necessárias 34 aulas divididas em 17 encontros.

Os encontros com os contadores aconteceram nos dias 06 a 08 de junho, com o Sr. Odorico Lucílio Carneiro, Sr. Victor Maximiano Carneiro e Sr. Antônio José da Silva, respectivamente. Os três momentos foram muito parecidos, com os contadores de histórias

---

<sup>25</sup> O aviso de atividade em turno oposto encontra-se no apêndice L.

dizendo não serem estudados o suficiente para nos ajudar, mas se soltando assim que a conversa começava. Nós não nos envolvemos diretamente nesse momento, deixando que os alunos, a partir das orientações feitas em sala, se organizassem sozinhos. Houve respeito e atenção às falas das pessoas e era perceptível a preocupação de alguns em não repetir perguntas já feitas ou que foram respondidas indiretamente. Nossa interferência aconteceu quando, na dificuldade de alguns contadores em ouvir por causa da idade, era preciso orientar os alunos a falar mais alto e ou mais devagar ou interagindo com algumas falas dos contadores, no propósito de suscitar-lhe mais lembranças ou detalhes do que estava sendo dito.

Foto 03 – Conversa com Odorico Lucílio Carneiro<sup>26</sup>



Fonte: Fotografia da autora

Nessa atividade foi perceptível que o primeiro grupo teve uma desenvoltura melhor no que se refere a organização interna e alguns gostaram tanto que pediram para estar presentes na conversa das outras equipes, o que foi aceito por nós com a exigência de que não atrapalhassem o momento dos outros colegas.

---

<sup>26</sup> Os rostos foram borrados para a preservação da identidade dos sujeitos.

Foto 04 – Conversa com Victor Maximiano Carneiro



Fonte: Fotografia da autora

Não houve problema nem no deslocamento nem na realização da atividade, os alunos mostraram educação, comprometimento com a atividade e respeito ao contador e aos colegas. Alguns gostaram tanto que pediram aos contadores para voltarem em outros momentos para conversar.

Foto 05 – Conversa com Antônio José da Silva<sup>27</sup>

Fonte: Fotografia da autora

A produção dos vídeos aconteceu nos dias 10, 13 e 14 de junho, mantendo a mesma ordem da atividade descrita acima. Reunimo-nos na sala dos professores, ouvimos o áudio da conversa. A partir dessa escuta, foram levantadas as informações necessárias sobre os contadores e uma história sobre sua vida foi criada. Nesse momento, os grupos se subdividiram, ficando uma parte organizando as fotos adquiridas na conversa no programa Movie Maker<sup>28</sup>, e a outra parte gravando em áudio a história criada sobre o contador para compor o vídeo. Precisamos lembrar alguns elementos pertinentes como o ritmo e a entonação da voz tão necessários na contação de história e a gravação foi feita várias vezes e por alunos diferentes para que houvesse a possibilidade de se escolher o que melhor se adequaria ao vídeo.

<sup>27</sup> Os rostos foram borrados para a preservação da identidade dos alunos.

<sup>28</sup> O **Windows Movie Maker** é um software de edição de vídeos da Microsoft. Atualmente faz parte do conjunto de aplicativos Windows Live, chamado de Windows Live Movie Maker (apenas disponível para Windows Vista, 7 e 8). É um programa simples e de fácil utilização, o que permite que pessoas sem muita experiência em informática possam adicionar efeitos de transição, textos personalizados e áudio nos seus filmes. Após salvo, pode ser visto pelo Windows Media Player ou pode ser copiado diretamente para um CD/DVD (Adaptado de [https://pt.wikipedia.org/wiki/Microsoft\\_Videos](https://pt.wikipedia.org/wiki/Microsoft_Videos)). Acesso em 23 out. 2015.

Figura 08 – Vídeo sobre seu Victor Maximiano Carneiro



Fonte: Material elaborado na pesquisa

Por causa do recesso que se aproximava, decidimos fazer a culminância dia 17, em uma aula de matemática que seria vaga. Sendo essa aula no terceiro horário as 09h20min, seria possível usar o intervalo caso as ações não fossem concluídas. Assim, chegamos mais cedo para organizar o auditório e montar o equipamento de som e projetor multimídia e descobrimos que os alunos também estavam com o segundo horário vago e muitos nos ajudaram na organização. Nesse momento descobrimos que a escola estava sem energia por conta da decoração que estava sendo feita para o arraial da escola que aconteceria dia 20. Como não havia previsão da energia ser reestabelecida, decidimos, em conjunto, que a culminância aconteceria e que, num outro momento, haveria a exibição dos vídeos criados.

Depois disso o espaço foi aberto para que os alunos que não haviam feito a produção final a fizessem. Os alunos 4, 17 e 18 realizaram a atividade e, em seguida, começamos uma avaliação oral das ações da intervenção. Os alunos disseram gostar muito, explanaram as coisas que aprenderam e demonstraram que o contato com os contadores foi um momento encantador para muitos. Aproveitando o clima da avaliação, distribuimos uma autoavaliação escrita e, após essa ser respondida, houve a confraternização com bolo, salgados e refrigerante. Apesar de o convite aos pais ser opcional, não houve a presença de ninguém de fora, pois até mesmo os funcionários e direção da escola estavam ocupados com ornamentação da festa junina.

Dia 12 de julho exibimos na biblioteca os vídeos produzidos pelas equipes. Aplaudiram o trabalho coletivo e alguns afirmaram conhecer melhor os contadores mesmo não tendo participado da conversa, só assistindo os vídeos. Por fim, exibimos um vídeo feito por nós denominado “vídeo dos bastidores” que continha as fotos das conversas com os contadores que não puderam fazer parte dos outros vídeos por aparecer alunos nelas. Várias fotos mostravam a diversão deles com poses e feições engraçadas e serviu para lembrá-los que fizeram um trabalho sério, mas não deixaram de se divertir. Uma salva de palmas e assovios finalizaram esse momento depois de agradecermos emocionados a participação ativa deles.

Os vídeos e o matérias recolhidos durante a intervenção, foram por nós disponibilizados na página da internet *Era uma vez... em Ichu*, com endereço [www.literaturapopularichu.wordpress.com](http://www.literaturapopularichu.wordpress.com), construída na plataforma Wordpress<sup>29</sup>.

Na aba *início*, destaca-se uma foto da igreja Sagrado Coração de Jesus que fica no centro da cidade e há algumas informações sobre a motivação e objetivo da página em questão.

Figura 09 – Página inicial



Fonte: [www.literaturapopularichu.wordpress.com](http://www.literaturapopularichu.wordpress.com)

<sup>29</sup> **WordPress** é um aplicativo de sistema de gerenciamento de conteúdo para web, voltado principalmente para a criação de blogs via web. As causas do seu rápido crescimento são, entre outras, seu tipo de licença (de código aberto), sua facilidade de uso e suas características como gerenciador de conteúdos. (Adaptado de <https://pt.wikipedia.org/wiki/WordPress>).

Figura 10 – Opções de navegação na aba principal



Fonte: [www.literaturapopularichu.wordpress.com](http://www.literaturapopularichu.wordpress.com)

A segunda opção de navegação traz informações sobre o município de Ichu, como a história da emancipação, a história e fotos da festa do padroeiro e um vídeo com o hino do município.

Figura 11 - Apresentação do histórico de Ichu



Fonte: <https://literaturapopularichu.wordpress.com>

Em seguida, clicando em *Contadores de histórias*, o visitante é direcionado a uma página com os links que levam a uma breve biografia dos contadores apresentados na pesquisa, bem como o vídeo sobre sua vida produzido pelos alunos. Outros contadores de histórias serão acrescentados paulatinamente.

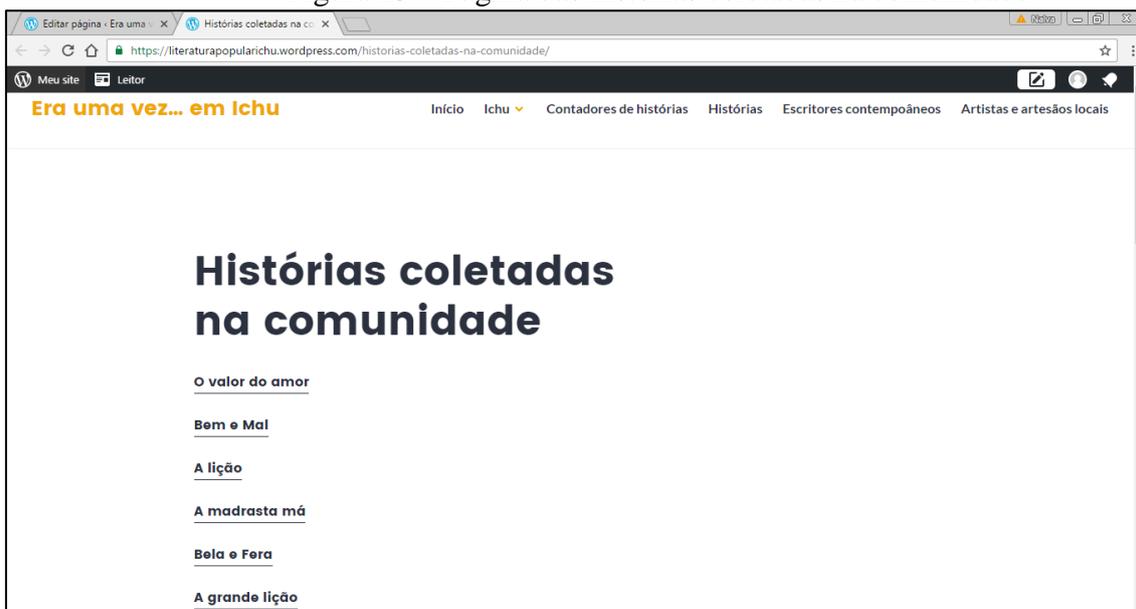
Figura 12 – Página que apresenta os contadores de histórias



Fonte: [www.literaturapopularichu.wordpress.com](http://www.literaturapopularichu.wordpress.com)

Ao clicar em *Histórias*, há um direcionamento para uma página que apresenta duas opções: Histórias contadas pelos alunos e Histórias coletadas na comunidade. Ao clicar na opção escolhida, o visitante é direcionado a outra página que contém as histórias para clicar, ler e se divertir.

Figura 13 – Página das histórias coletadas na comunidade



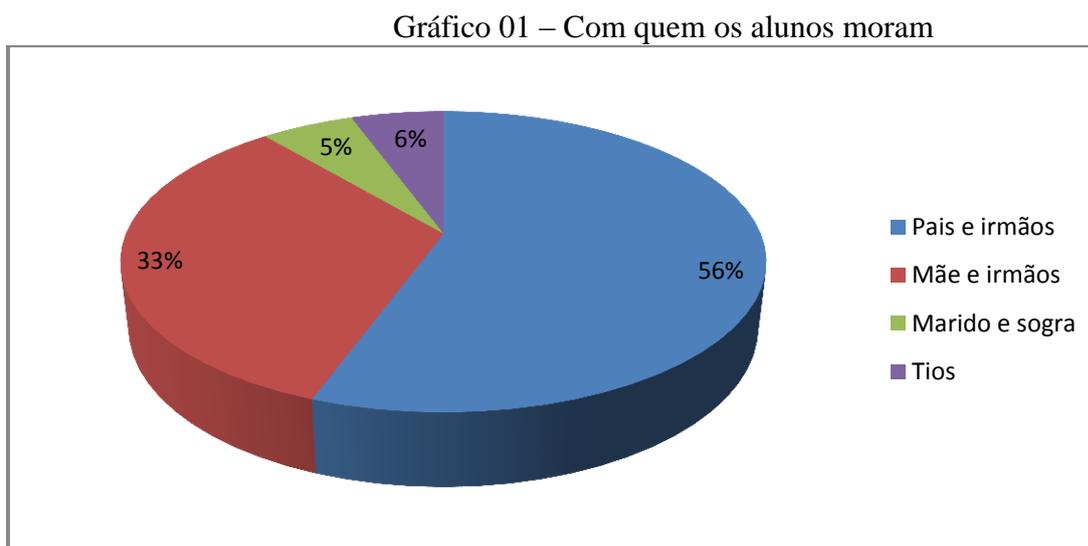
Fonte: <https://literaturapopularichu.wordpress.com>

Há, ainda, duas opções – Escritores contemporâneos e Artistas e artesãos locais – temporariamente sem conteúdo para que a comunidade possa divulgar suas produções, sejam literárias ou com outras linguagens artísticas. As duas últimas opções de navegação estão sem conteúdo, pois serão exploradas ao findar dessa pesquisa.

## 6.2 SONDAGEM: CONSTRUINDO UM PERFIL DOS SUJEITOS

As questões contidas na sondagem do aluno visavam a conhecer os aspectos familiares e sociais dos sujeitos bem como suas relações com a oralidade e a contação de história. Os alunos participantes possuem entre 12 e 18 anos, sendo 11 do sexo masculino e 7 do sexo feminino, são todos moradores da área urbana, sendo que 8 moram em bairros periféricos e os demais no centro.

Quanto ao convívio com a família em casa, temos os seguintes dados:



Fonte: Dados da pesquisa

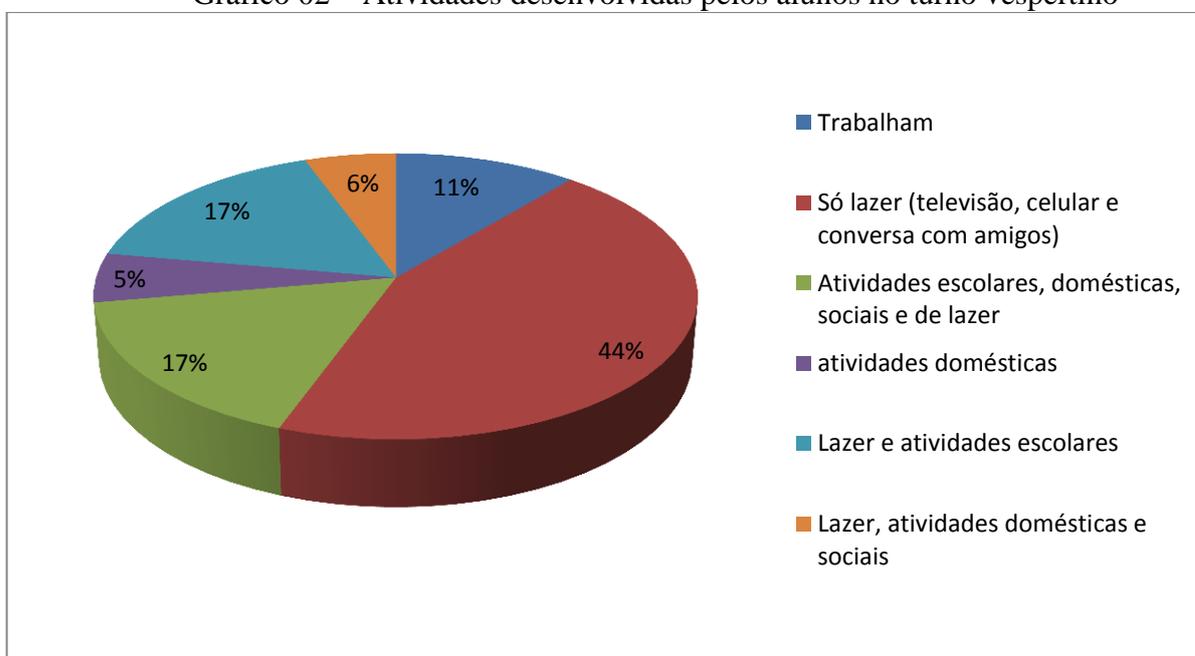
Dos 18 alunos selecionados para a análise, 15 afirmam ouvir histórias quando criança e 8 dizem ainda ouvir até hoje, confirmando o fato de que momentos de contação de histórias vão se tornando raros à medida que a pessoa cresce. A escolha dos 18 alunos deu-se pela participação desses em pelo menos parte de todos os módulos e da realização das duas produções: a inicial e a final.

Quanto ao uso da oralidade em público, apenas 3 afirmam utilizar-se dessa ação e, pelos relatos, a igreja é o principal espaço de uso da oralidade em público, sendo citado, também, grupo de teatro por 1 aluno. Esse dado ratifica que poucos alunos utilizam a

oralidade em situações públicas mais formais e acentua a importância e a necessidade de a escola oportunizar, didaticamente, essas situações que se aproximam dos reais usos, com produção de variados gêneros orais.

Três perguntas abertas e indiretas foram colocadas para confrontar e completar as informações sobre o uso da oralidade em público. Nosso interesse era conhecer a rotina dos alunos para perceber até que ponto eles estão expostos a contextos variados de uso da oralidade, e as respostas dadas sobre o uso da oralidade em público foi confirmado, já que a maioria não possui um estilo de vida que favoreça esses momentos.

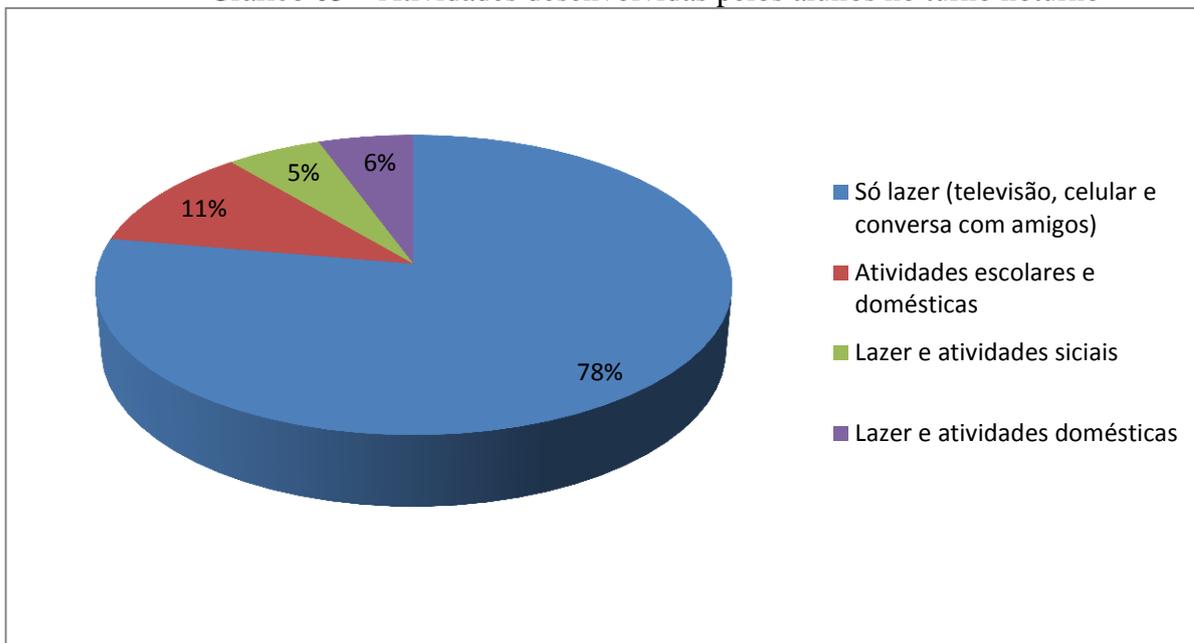
Gráfico 02 – Atividades desenvolvidas pelos alunos no turno vespertino



Fonte: Dados da pesquisa

Perguntados sobre as atividades que costumam fazer durante a semana à tarde, dos 18 alunos 2 dizem que trabalham, 8 só desenvolvem atividades de lazer (televisão, celular e conversa com amigos), 1 faz apenas atividades domésticas e os outros 7 se dividem em atividades diversificadas misturando lazer com atividades domésticas, escolares e/ou sociais.

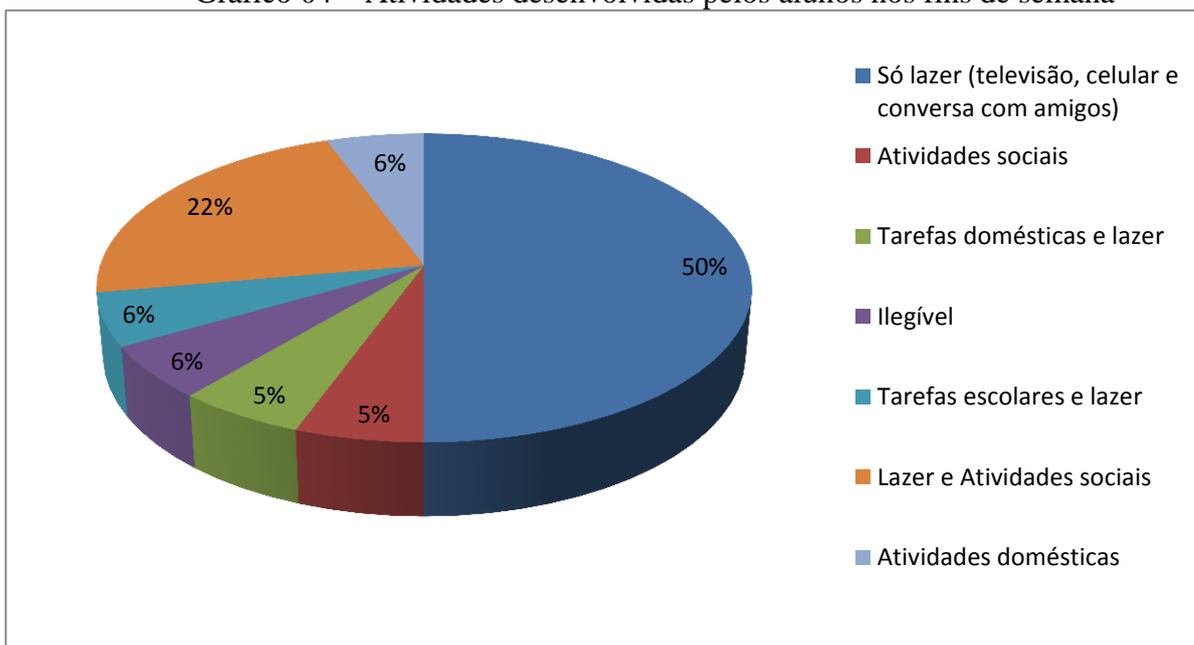
Gráfico 03 – Atividades desenvolvidas pelos alunos no turno noturno



Fonte: Dados da pesquisa

Quanto às atividades realizadas à noite durante a semana, 14 afirmam só realizar atividades de lazer, 2 dizem realizar atividades escolares e de lazer, 1 desenvolve atividades domésticas e de lazer e 1 vai, às vezes, à igreja ou ao grupo de teatro, além de se divertir.

Gráfico 04 – Atividades desenvolvidas pelos alunos nos fins de semana



Fonte: Dados da pesquisa

Questionados sobre as atividades desenvolvidas nos finais de semana, 9 alunos afirmam se dedicar só ao lazer, 1 vai a igreja, festas e/ou eventos, 1 realiza tarefas domésticas, 6 apresentam ações diversificadas de lazer, trabalho doméstico, escolar e/ou social e 1 resposta está ilegível.

O que fica perceptível nas respostas dadas a essas perguntas é que a televisão e o celular conectado à internet são os principais meios de lazer dos alunos, seguidos pelo jogo de bola e o “ir para a rua”. Além disso, a maior parte das atividades sociais está vinculada à igreja, seja a presença na missa/culta ou nas reuniões e atividades desenvolvidas em nome dela.

Quando perguntados sobre o tipo de histórias que gostam de ouvir, as respostas foram variadas e, por ser uma pergunta aberta, respostas que não eram condizentes com a pergunta foram dadas, como as apresentadas nas figuras abaixo.

Figura 14 – Resposta<sup>30</sup> do aluno 1 à questão 18

**18. Caso goste de ouvir histórias, que tipo de histórias gosta de ouvir?**  
*de vez em quando de 5 horas para o almoço*

Fonte: Dados da pesquisa

Figura 15 – Resposta do aluno 15 à questão 18

**18. Caso goste de ouvir histórias, que tipo de histórias gosta de ouvir?**  
*em quadrinhos*

Fonte: Dados da pesquisa

Como dois outros alunos responderam a essa mesma questão com 2 opções, os seguintes números foram conhecidos:

Tabela 01 – Tipos de histórias que os alunos gostam de ouvir

<b>Tipos de histórias</b>	<b>Quantidade de alunos</b>
<b>Não soube responder</b>	05
<b>Qualquer uma</b>	01
<b>Romântica</b>	01
<b>Terror / Assombração</b>	04
<b>Engraçada</b>	01
<b>Antiga / Antepassado</b>	04
<b>Relato pessoal</b>	01
<b>Aventura / Ação</b>	03

Fonte: Dados da pesquisa

<sup>30</sup> Resposta do aluno 1: “De vez em quando é bom, casualmente”

As respostas trazidas nessas questões abertas analisadas confirmam que o estilo de vida da maioria dos alunos não contribui para o aprimoramento da oralidade, ficando a escola como principal oportunizadora desses momentos.

### 6.3 DESCRIÇÃO DO *CORPUS*

Para a análise dos dados, foram selecionados 18 alunos dos 25 que participaram. Os critérios para a seleção desses alunos foram a realização das produções inicial e final e a presença, pelo menos, em parte dos três módulos de intervenção. Assim, 3 alunos apresentaram faltas diversas e 4 estiveram presentes em, praticamente, todas as aulas mas não realizaram a produção final, mesmo sendo dada uma segunda chance no dia da culminância. Os 18 vídeos da produção inicial somaram um tempo de 19 minutos e 46 segundos e da produção final um tempo de 22 minutos e 43 minutos, totalizando 42 minutos e 29 segundos de gravação analisados.

Além dos vídeos, foi utilizada a atividade 04 do caderno de atividades. Essa atividade contém 5 partes:

- (1) A questão 1 direciona uma discussão oral acerca de sentimentos e sensações despertados pela audição da história “A Bela e a Fera” disponibilizada por áudio no grupo do WhatsApp.
- (2) São 4 questões que ao serem subdivididas somam 14 perguntas para serem respondidas em grupo acerca da história acima referida.
- (3) Para serem respondidas individualmente, são 13 perguntas referentes à história contada na produção inicial, buscando entender e imaginar elementos que não estão explícitos na história.
- (4) Sob o título de “Refletindo”, essa parte buscou a reflexão dos fatos que marcaram a escolha da história contada para cada um e conhecer uma possível relação desta com o município de Ichu.
- (5) Por fim, a autoavaliação composta de 6 questões objetivas e 1 subjetiva e objetivou avaliar as discussões e trabalhos realizados no módulo referido.

Também será utilizada nossa observação direta das participações, comentários e comportamentos dos sujeitos registrados no diário de bordo feito pela pesquisadora.

### 6.4 ANÁLISE DOS DADOS

Analisaremos neste primeiro momento as produções realizadas antes e pós intervenção, buscando os elementos que se alteram da produção inicial para a final. É válido ressaltar que de uma produção a outra, aconteceram 22 aulas de intervenção distribuídas em três módulos que contemplavam características referentes à oralidade, da relação de sentido e identidade com as histórias contadas e da constituição estrutural dessas histórias.

Considerando-se as ações percorridas nos módulos interventivos, cada apresentação sofreu dois tipos de análise: o primeiro levou em conta os elementos extralinguísticos que, juntamente com o texto, compõem a modalidade oral da língua e o segundo considerou a estrutura e os elementos composicionais comuns aos textos narrativos. Assim, ponderando os critérios expostos, encontramos as seguintes ocorrências:

Tabela 02 - Dados gerais das produções

	<b>PRODUÇÃO INICIAL</b>	<b>PRODUÇÃO FINAL</b>	<b>TOTAL</b>
<b>Produções realizadas</b>	30	32	62
<b>Produções analisadas</b>	18	18	36
<b>Problemas com elementos extralinguísticos</b>	17	10	27
<b>Problemas com estrutura ou elementos da narrativa</b>	04	00	04

Fonte: Dados da pesquisa

Os números apresentados nesta tabela referentes ao primeiro item “produções realizadas”, tanto na produção inicial quanto na final, levam em conta o fato de que alguns alunos contaram mais de uma história, mesmo sendo avisados de que seria analisada a primeira realizada em cada momento. A escolha de analisar a primeira produção e não uma das outras, deu-se pelo fato de entendermos que esse primeiro momento colocaria todos na mesma condição, uma vez que feita a primeira produção, os alunos sentem-se mais seguros e relaxados.

Para esclarecer melhor os dados gerais apresentados, começaremos com a análise da produção inicial, levando em consideração os elementos extralinguísticos.

É importante evidenciar que no uso social da fala, o texto oral não é a única linguagem utilizada na comunicação. Em seu artigo sobre comunicação não verbal e a interferência desta na atuação profissional, Mesquita (1997) cita que “Os estudos de Mehrabian demonstram que 55% da comunicação face a face se dá através do corpo, gesto e expressão facial; 38% é tributável à tonalidade, intensidade e outras características da voz e apenas 7% é realizada

através das palavras” (MESQUITA, 1997, p 5). Associada ao texto verbal, existe uma série de outros elementos que também estão carregados de significação e que podem ratificar ou até mesmo negar o que está sendo dito como afirma Ribeiro (2011), “A comunicação não-verbal também aumenta o *feedback*, dado que ela pode ser usada para acentuar, complementar, contradizer, regular ou substituir a comunicação verbal” (RIBEIRO, 2011, p. 8). De acordo com Ferreira (2001), “Nenhum movimento ou expressão corporal é destituída de significado no contexto em que se apresenta e, por conseguinte estão sujeitos a uma análise sistemática” (FERREIRA, 2001). É preciso destacar, ainda, que não é do nosso interesse nesse momento realizar uma análise sistemática desses elementos, uma vez que o foco desse trabalho é a oportunização do uso da oralidade, considerando-se, se não todos os elementos, os principais que a compoem.

No primeiro módulo de intervenção, foram trabalhados os elementos altura, entonação e ritmo da voz (paralinguagem) e postura corporal e gestos (cinésica). Segundo Ferreira (2001, s/p), a paralinguagem é um conceito aplicado a alterações na voz, desde altura, entonação e ritmo que podem indicar, por exemplo, o estado emocional de quem fala. Outros sons como risos, tosses, etc., também fazem parte deste grupo e “a cinésica integra o campo dos movimentos corporais” (FERREIRA, 2001, s/p). Movimentos de cabeça, gestos, expressões faciais, etc., fazem parte dessa área.

Tabela 03 - Problemas com elementos extralinguísticos – Produção inicial

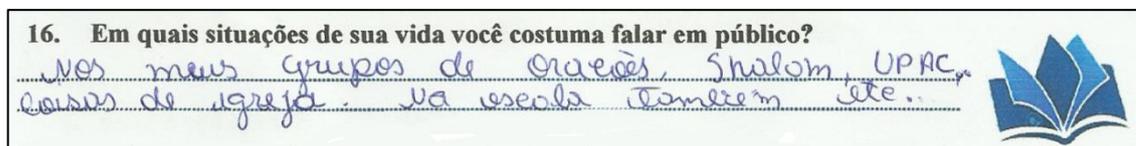
QUANTIDADE DE ALUNOS	QUANTIDADE DE PROBLEMAS APRESENTADOS
1	0
2	1
5	2
7	3
1	4
2	5

Fonte: Dados da pesquisa

Ao realizar a produção inicial, ficou perceptível que seria necessário realizar um trabalho em relação aos elementos extralinguísticos e seus usos eficientes na produção do texto oral. Das 18 produções analisadas, apenas uma mostrou-se satisfatória quanto ao uso desses elementos. Interligando essa análise à sondagem feita com os alunos, percebe-se que o aluno que não apresentou problemas com os elementos extralinguísticos possui um estilo de vida que lhe proporciona momentos constantes de usos da oralidade em público,

principalmente em eventos da igreja, na qual participa de vários grupos e eventos, como mostra a figura abaixo.

Figura 16 – Resposta do aluno 4 à questão 16



Fonte: Dados da pesquisa

Esse dado corrobora com a questão de que a escola não é o único espaço que proporciona o desenvolvimento da oralidade – até mesmo por, normalmente, não cumprir essa função -, mas não pode eximir-se dessa obrigação acreditando que todos os alunos possuem as mesmas experiências e oportunidades além dos muros dela.

Além dos elementos paralinguísticos e cinésicos já apontados anteriormente, sentimos a necessidade de agregar mais dois critérios nesta análise, por se notabilizarem durante as apresentações: (1) tempo para início da produção, uma vez que houve quem demorasse muito para começar, fato notado e comentado pelos demais alunos e (2) o local de onde o aluno contou a sua história. Mesmo não havendo sido determinado *como* as histórias seriam contadas, desde o início todos sabiam que a ação aconteceria em frente à turma. Apesar desses critérios não serem elementos extralinguísticos reconhecidos por quem estuda a linguagem não-verbal, consideramos aqui como tal, por serem elementos que se destacaram nas produções e extrapolam a linguagem verbal. Então, com o acréscimo desses critérios, encontramos os seguintes números:

Tabela 04 – Problemas extralinguísticos encontrados na produção inicial

ESPECIFICAÇÃO	QUANTIDADE
Altura	7
Entonação	7
Ritmo	11
Postura corporal	3
Gestos	14
Tempo para início da ação (limite de 6 segundos)	2
Local da apresentação	3

Fonte: Dados da pesquisa

Depois da intervenção, apesar da produção final não ter sido feita logo em seguida, os elementos extralinguísticos estudados e discutidos eram sempre lembrados em novos

contextos de oralidade em sala de aula, uma vez que é comum alguns dos sujeitos falarem muito alto, por exemplo, e, então, a altura da voz era um ponto discutido no momento.

Ao presenciarmos a produção final, a mudança em vários aspectos foi perceptível e confirmada com a análise desta produção que apresentou as seguintes incidências:

Tabela 05 - Problemas com elementos extralinguísticos – Produção final

<b>QUANTIDADE DE ALUNOS</b>	<b>QUANTIDADE DE PROBLEMAS APRESENTADOS</b>
<b>8</b>	0
<b>5</b>	1
<b>3</b>	2
<b>1</b>	3
<b>1*</b>	4

\* Referente ao aluno 14 que não apresentou progressos depois da intervenção.

Fonte: Dados da pesquisa

A tabela 05 mostra, em comparação com a tabela 03, que houve avanço no desempenho dos alunos. Uma prova disso é apontada pelo primeiro dado apresentado nestas tabelas; a tabela 05 indica que 8 alunos não apresentaram nenhum tipo de problema durante a produção final, enquanto na 03 apenas 1 aluno havia apresentado esse dado.

Tabela 06 - Problemas extralinguísticos encontrados – Produção final

<b>TIPO</b>	<b>PRODUÇÃO FINAL</b>
<b>Altura</b>	1
<b>Entonação</b>	1
<b>Ritmo</b>	6
<b>Postura corporal</b>	2
<b>Gestos</b>	7
<b>Tempo para início da ação (limite de 6 segundos)</b>	1
<b>Local da apresentação</b>	1

Fonte: Dados da pesquisa

Os dados constantes na tabela 06 indicam que os problemas ainda existem em algumas produções, mas não conseguem apontar a melhoria apresentada, apesar de persistir. No critério *Tempo para início da ação*, por exemplo, o aluno levou 7 segundos para começar, apenas 1 segundo além do limite estabelecido, sendo que as duas ocorrências da produção inicial, no mesmo critério, foram de 21 e 27 segundos. Portanto fez-se necessário criar uma nova tabela que pudesse mostrar problemas que ainda aparecem nas produções finais, mas que sofreram alteração positiva após a intervenção, diminuindo sua intensidade.

Tabela 07 – Progressos perceptíveis

<b>ESPECIFICAÇÃO</b>	<b>QUANTIDADE</b>
<b>Altura</b>	6
<b>Entonação</b>	6
<b>Ritmo</b>	12
<b>Postura corporal</b>	2
<b>Gestos</b>	10
<b>Diminuição no tempo de iniciar a produção</b>	11

Fonte: Dados da pesquisa

Como era previsto, os problemas não foram eliminados, mas dados mostram uma mudança positiva considerável, apesar do pouco tempo que durou a intervenção, como mostram os dados contidos na tabela abaixo.

Tabela 08 - Problemas extralinguísticos encontrados – Comparação

<b>TIPO</b>	<b>PRODUÇÃO INICIAL</b>	<b>PRODUÇÃO FINAL</b>	<b>PERCENTUAL DE MELHORA</b>
<b>Altura</b>	7	1	85,8%
<b>Entonação</b>	7	1	85,8%
<b>Ritmo</b>	10	6	40%
<b>Postura corporal</b>	3	2	33,3%
<b>Gestos</b>	13	7	46,2%
<b>Duração para início da ação (limite de 6 segundos)</b>	2	1	50%
<b>Local da apresentação</b>	3	1	66,6%

Fonte: Dados da pesquisa

Em relação aos elementos extralinguísticos, os dados mostram que 17 alunos apresentaram melhor desempenho em comparação das produções inicial e final e 1 aluno não demonstrou nenhum avanço. Este apresentou 4 problemas na primeira produção e os manteve na produção final, sem apresentar alterações significativas que pudessem marcar, pelo menos, melhoria. Três alunos apresentaram regressão em algum dos critérios pós-intervenção: apresentaram na produção final um problema que não havia aparecido na produção inicial ou houve acentuação de um problema já apresentado. Nesses casos específicos, o aluno 4 apresentou pequenas pausas, o aluno 17 levou mais tempo para iniciar sua história e se ateve, boa parte da contação, ao material escrito que estava sobre as pernas e o aluno 12 parou a

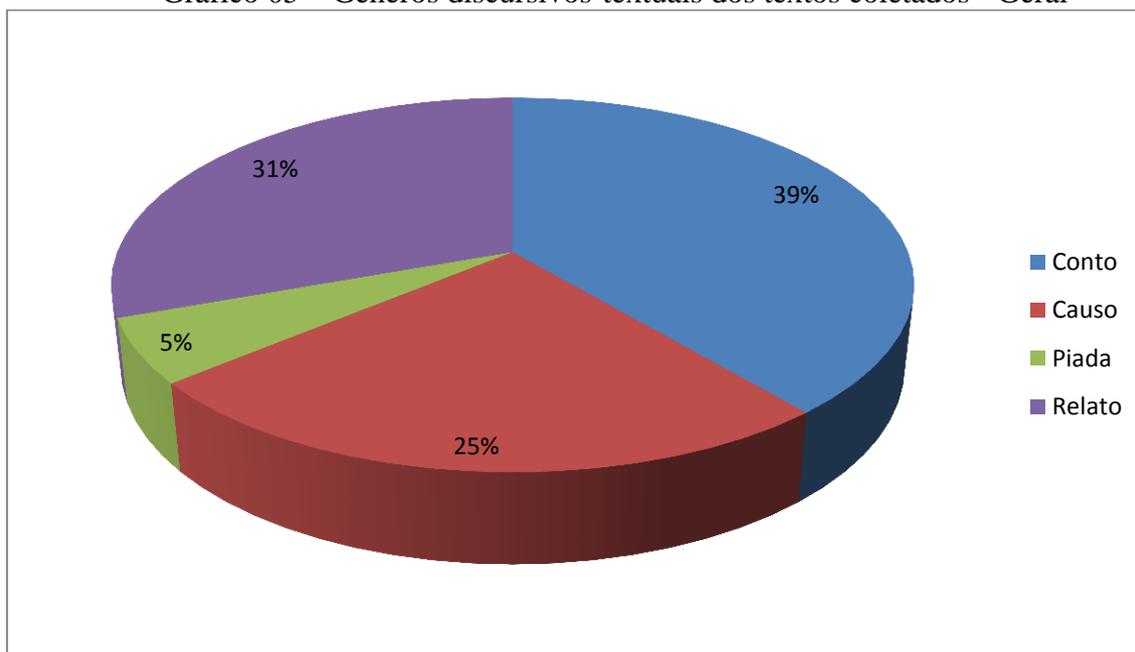
apresentação e levantou-se ao se perder na história e, quando recomeçou, apresentou pausas para reorganizar a ordem da história.

Atribuímos essa última ocorrência à questão de o aluno ter escolhido para contar, nesta etapa, um conto acumulativo em que fatos são somados a novos e a ordem destes é importante para a história, o que causou trocas e reorganizações mentais constantes.

Outro elemento escolhido para análise foi a escolha das histórias, levando em consideração seus elementos e estrutura.

Ao fazer o levantamento das histórias contadas nas produções inicial e final, encontramos a presença de 4 gêneros discursivos-textuais que compõem a tipologia narrativa. Como já foi dito por nós anteriormente, mesmo sem ter certeza de quais gêneros seriam trazidos pelos alunos, era presumível a presença de alguns, em especial os contos, relato e causos.

Gráfico 05 – Gêneros discursivos-textuais dos textos coletados - Geral



Fonte: Dados da pesquisa

Os dados constantes desse gráfico foram alcançados na junção da produção inicial e da produção final, que especificadas mostram as seguintes ocorrências:

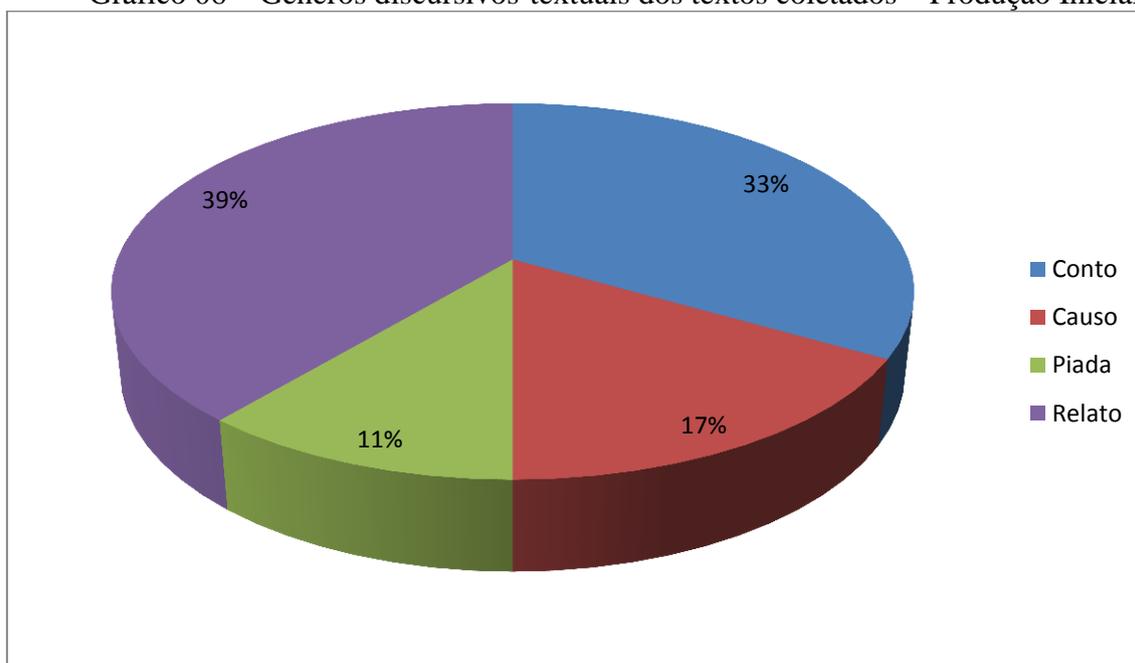
Tabela 09 – Gêneros discursivos-textuais dos textos coletados

	PRODUÇÃO INICIAL	PRODUÇÃO FINAL	TOTAL
<b>CONTO</b>	6	8	14
<b>CAUSO</b>	3	6	9
<b>PIADA</b>	2	-	2
<b>RELATO</b>	7	4	11

Fonte: Dados da pesquisa

É perceptível que contos e relatos foram os gêneros que mais apareceram na produção inicial, somando um total de 13 das 18 produções.

Gráfico 06 – Gêneros discursivos-textuais dos textos coletados – Produção Inicial

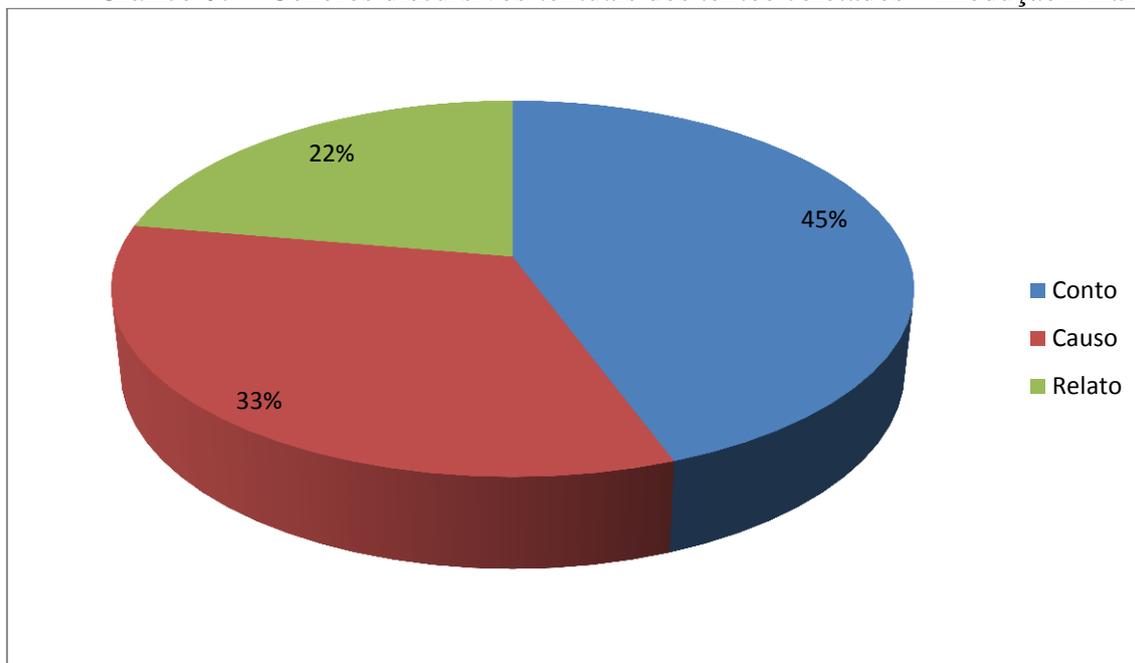


Fonte: Dados da pesquisa

Não podemos negar que a piada foi uma surpresa, mas depois do módulo de intervenção que trabalhou a estrutura da narrativa e seus elementos e os alunos entenderem melhor a proposta da atividade sugerida e sua seriedade, esse gênero não mais apareceu na produção final. Vale a pena ressaltar que, em nenhum momento, foi dito aos alunos se eles deveriam manter ou modificar a história contada na produção final. Essa decisão foi tomada por eles individualmente. Apenas houve questões nas autoavaliações que incentivavam uma

análise da história contada, verificando se elas se adequavam ou não à proposta das atividades, e cada aluno decidiu pela mudança ou manutenção segundo suas próprias análises.

Gráfico 07 – Gêneros discursivos-textuais dos textos coletados – Produção Final



Fonte: Dados da pesquisa

Quanto a análise da produção inicial, levando-se em conta a presença ou não dos elementos necessários à narrativa, trazemos dados referentes à autoavaliação realizada pelos alunos ao findar do módulo 2 de intervenção e a nossa avaliação, contrapondo os dados.

Após o segundo módulo de intervenção, foi perguntado na autoavaliação se, ao analisar a história contada por eles na produção inicial, esta continha os elementos necessários e estrutura completa. A tabela abaixo mostra a avaliação da pesquisadora e dos alunos quanto esse critério.

Tabela 10 – Presença dos elementos e estrutura necessários à narrativa

	SIM	NÃO
<b>PESQUISADORA</b>	14	04
<b>ALUNOS*</b>	9	8

\* Uma das respostas está ilegível

Fonte: Dados da pesquisa

A análise mostra que das histórias que receberam avaliação negativa de seus contadores, 1 era causo, 2 contos e 5 relatos. Quatro alunos que possuíam todos os itens necessários avaliaram como se não os tivessem. O rigor dos alunos ao analisar suas

produções, sugere algumas hipóteses: (1) o fato de não terem entendido com precisão a estrutura da narrativa e seus elementos; (2) o descrédito ao que produz causado por baixa autoestima; (3) a crença de que erram mais que acertam, fazendo enxergar erro onde não existe. Não há como precisar qual motivou cada aluno nessa autoavaliação equivocada. Talvez até mais de uma das hipóteses estejam associadas.

Como algumas histórias contadas nas produções inicial e final são relatos, entendemos que muitas delas não são difundidas no município, apesar de acontecerem nele. Isso porque alguns alunos, ou suas fontes, podem ter confundido a ideia de *ser contada* e *ter acontecido* no município. Havíamos orientado que fossem trazidas histórias contadas no município, mas sabíamos que é impossível confirmar quais histórias são realmente difundidas aqui, por entendermos a variedade de histórias, de famílias e de momentos de contação. A depender do povoado de onde a família é oriunda, algumas histórias são mais difundidas que outras. Mesmo sabendo que todos os alunos participantes são moradores da sede, até cerca de 20 anos a população rural era bem maior, o que faz com que seus pais e/ou avós ainda tenham fortes vínculos com a comunidade onde viveram a infância e parte da juventude.

Por diversas vezes fomos abordados por mães que alegavam não saber nenhuma história para contar aos filhos. Assim que questionávamos se nunca haviam participado de uma raspa de mandioca, ido a pé para as rezas nos povoados ou a velórios de amigos e parentes, perplexas perguntavam se essas histórias serviam, pois não acreditavam que havia valor nas histórias ouvidas de forma tão natural e despreziosa. Esse mesmo sentimento foi percebido nos contadores de histórias que ressaltaram, quando por nós procurados ou no início da conversa com os alunos, que não conheciam histórias para serem ensinadas em escola, talvez se referindo à literatura clássica, dando um status marginal aos textos por eles conhecidos. Talvez isso tenha induzido a diminuição de histórias pessoais e/ou familiares que foram 5 na produção inicial e 3 na produção final.

No geral, comparando a produção inicial com a produção final, temos: 3 alunos mantiveram a história e 15 a modificaram

Com a mudança das histórias, 3 dos 4 alunos que apresentaram problema de estrutura na produção inicial, já não as apresentaram na produção final. O aluno restante não modificou a história, mas ao recontar na produção final incluiu o elemento que faltava na estrutura da narrativa. Assim, as 18 histórias apresentadas na produção final foram satisfatórias quanto aos elementos ou estrutura da narrativa.

O nosso último critério de análise refere-se à participação e respostas dos alunos na atividade *Interagindo com o texto* que incentivava buscar entendimentos pessoais das histórias

contadas e ouvidas pelos sujeitos. Segundo Matos e Sorsy (2007, p.59-60), o fato dos contos populares tratarem de temas universais como amor, ciúme, traição, perda, esperança, astúcias, etc., são assimilados facilmente por diversas culturas e, nessa assimilação, o conto ganha elementos dessa cultura que o acolhe, fazendo-o, muitas vezes, parecer outro conto.

Sendo os temas apresentados nos contos populares tão universais, é quase impossível encontrar alguém que nunca tenha vivenciado alguma situação parecida no tocante aos papéis apresentados, seja na pele do traidor ou do traído, do amante ou do amado, do que perdoa ou do que é perdoado, do enganador ou do enganado, facilitando a produção de uma relação própria alcançada pela história. Relembrando as discussões feitas sobre memória e identidade, alguém que foi traído não estabelecerá com determinada história de traição, a mesma relação do traidor ou de alguém que nunca passou por essa situação. Nessa construção de sentidos, o sujeito se identifica ou não, podendo, inclusive, estabelecer relações identitária não consigo, mas com alguém conhecido.

Além dos temas universais elucidadas pelas histórias populares, a inclusão de elementos próprios de cada cultura, permite estreitar ou alargar os laços identitários estabelecidos. Quanto mais me sinto pertencente a um determinado grupo, mais estreitos ficam esses laços e mais semelhanças são estabelecidas. Sabendo que a interação com um texto é muito subjetivo e imensurável, entendemos que “buscar a ligação afetiva com personagens e a identificação com as situações que eles vivem, estabelecendo um paralelo com as próprias experiências, é o ponto de partida” (MATOS E SORSY, 2007, p. 18). Para isso, optamos por questões que explorassem os sentidos e sensações do ouvinte, mas que não estão explícitos na história. Sendo as histórias orais menos detalhistas nas suas descrições<sup>31</sup>, é o ouvinte quem preenche os detalhes omitidos. Criar estereótipos físicos das personagens, suas vestimentas, características dos espaços, bem como dos elementos que os compõem, são exemplos de sentido produzido pelo ouvinte e, nessa perspectiva, adaptamos questões apresentadas pela autora e criamos outras no objetivo de auxiliar os alunos na construção e compreensão dos sentidos criados por eles.

Reconhecendo a dificuldade de mensurar tais dados, algumas considerações podem ser feitas:

---

<sup>31</sup> Segundo Matos e Sorsy (2014, p. 34), “O excesso de detalhamento na narrativa oral faz com que o ouvinte se perca, se disperse. Além disso não contribuiria para uma função importante do conto, que é a possibilitar ao ouvinte exercitar seu próprio imaginário”.

A primeira parte composta de cinco questões referia-se à história “A Bela e a Fera<sup>32</sup>” enviada por áudio ao grupo do WhatsApp e foi discutida em grupo. Na atividade 04 do Caderno de Atividades havia um box com a seguinte instrução: “O grupo pode apresentar respostas diferentes, mostrando os vários pensamentos expressos pelos seus participantes”. Apesar de ter sido uma atividade em equipe, dos 18 alunos analisados, apenas os alunos 13 e 14 apresentaram respostas iguais, nos fazendo deduzir que um colega copiou do outro, já que participavam do mesmo grupo, e o aluno 1 respondeu em quatro das questões “não sei porque não tava lá”. Os demais se entregaram à atividade de construir elementos que foram sugeridos no texto de forma implícita. É verdade que algumas respostas foram bem objetivas, sem maiores detalhes, como mostram as figuras abaixo:

Figura 17 – Resposta do aluno 2 à questão K

k. Como é o jardim?  
 Belo, cheio de FLORES

Fonte: Dados da pesquisa

Figura 18 – Resposta do aluno 17 à questão J

j. Como eram paredes, piso e móveis? O que havia ali?  
 móveis de madeira antigos

Fonte: Dados da pesquisa

Mas houve também respostas mais detalhadas como as apresentada a seguir:

Figura 19 – Resposta do aluno 12 à questão L

l. Quais sensações são experimentadas ao andar por esse espaço?  
 Frio, calor, cheiros? Cheiros de moço, madeiras das Sombrias de móveis, o cheiro das árvores e o barulho de vento

samentos expressos pelos seus participantes.

Fonte: Dados da pesquisa

Figura 20 – Resposta<sup>33</sup> do aluno 13 às questões J e K

j. Como eram paredes, piso e móveis? O que havia ali?  
 paredes brancas, piso de cerâmica, móveis de madeira

k. Como é o jardim?  
 cheiros de árvores e flores, borboletas

Fonte: Dados da pesquisa

<sup>32</sup> A história referida encontra-se no anexo 10.

<sup>33</sup> Resposta à questão J: “Paredes brancas, piso de cerâmica, móveis de madeira”. Resposta à questão K: “Cheio de árvores e flores, borboletas”.

Ao serem perguntados se conheciam alguma outra história parecida, 3 alunos disseram que não, mas na questão seguinte estabeleceram semelhanças e diferenças entre as duas histórias, contradizendo-se. Dos 15 alunos que afirmaram conhecer uma história parecida, 10 apenas citaram o nome da história, 2 referiram-se com “a outra história” e 3 alunos adjetivaram de “a verdadeira” o conto clássico de Beaumont<sup>34</sup>, escrito, lido e recontado sem acentuadas alterações. Ainda que inconsciente, nota-se a importância dada à literatura clássica em detrimento da literatura popular. Sem citar nomes dos seus autores, essas respostas foram discutidas oralmente, partindo da polêmica: se uma é verdadeira, a outra é falsa?, e o que se observou é que o adjetivo “verdadeiro” substituiu as ideias “mais conhecida”, “clássica”, “disseminada na modalidade escrita em livros”, sinônimos dados pelos alunos durante a discussão.

No geral, na comparação que os alunos fizeram das duas histórias, obtivemos os seguintes dados:

Quadro 04 – Respostas dadas à questão 5 da atividade 04

Semelhanças	Diferenças
<ul style="list-style-type: none"> <li>• A ação do pai aproximou os dois</li> <li>• O pai viajante</li> <li>• A cachorra</li> <li>• Vozes no castelo</li> <li>• Final feliz com eles juntos</li> <li>• Fera é sempre Fera</li> <li>• A Fera vive se escondendo</li> <li>• Bela encontra Fera desmaiado no jardim</li> <li>• Os personagens principais</li> <li>• O pai de Bela tem outras filhas</li> <li>• Irmãs invejosas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O Motivo Do Encontro De Bela e Fera</li> <li>• A Cachorra</li> <li>• Na outra ela não tem irmã</li> <li>• Ela não volta para ver o pai</li> <li>• A Fera não era um príncipe bonito</li> <li>• Não tinha rosa</li> <li>• Bela esqueceu-se do marido</li> <li>• A Fera era muito valente</li> <li>• O príncipe volta a ser Fera quando é esquecido por Bela</li> </ul>

Fonte: Dados da pesquisa

Foi possível perceber que várias respostas estavam iguais, mostrando que a decisão foi mais coletiva que individual, diferentemente das questões anteriores.

As respostas dadas mostram elementos que compõem tanto semelhança como a diferença. A presença da cachorra, das irmãs e do pai marca para uns semelhança e para outros diferença entre as histórias analisadas. Isso mostra que até a versão clássica pode sofrer adaptações de uma publicação para outra, ou, como os alunos não foram expostos à versão

<sup>34</sup> Segundo o Wikipédia, A Bela e a Fera ou A Bela e o Monstro é um tradicional conto de fadas francês. Originalmente escrito por Gabrielle-Suzanne Barbot, Dama de Villeneuve, em 1740, tornou-se mais conhecido em sua versão de 1756, por Jeanne-Marie LePrince de Beaumont, que resumiu e modificou a obra de Villeneuve.

clássica durante a atividade, a lembrança que alguns possuem não corresponde, em todos os sentidos, à versão clássica.

Por fim, a atividade centrou-se nas histórias contadas individualmente, na perspectiva de que a interação acontecesse entre aluno-contador e história contada. Ao analisar as respostas dadas, 17 alunos conseguiram responder às questões construindo sentidos não explicitados na história. Desses 17, o aluno 5 aparentemente não conseguiu estabelecer, pelas respostas dadas, a relação desejada. O interessante é que esse aluno, apesar de contar um relato pessoal, respondeu negativamente 6 das 7 questões que direcionavam à identificação com a história ou parte dela. Obviamente não podemos afirmar que não houve interação com o texto, uma vez que é comum os alunos responderem de qualquer jeito por não lerem ou não entenderem a pergunta feita. Uma das atividades trazia respostas ilegíveis.

É importante elucidar que nem todas as 12 questões individuais da atividade 04 possuíram respostas contextualizadas com as perguntas, mas isso não afetou o desenvolvimento da atividade, pois, apenas uma ou outra, de alunos variados, apresentou alguma distância da pergunta.

Por fim, desejando saber o que os motivou na escolha da história por eles contadas, foram dadas as seguintes respostas:

Tabela 11 - Motivação para a escolha da história contada

<b>Motivação</b>	<b>Número de respostas*</b>
<b>História de bicho</b>	1
<b>É alegre</b>	1
<b>Não tinha outra</b>	3
<b>Ouviu de colegas</b>	1
<b>A bondade de um personagem</b>	1
<b>Parece ser de verdade</b>	1
<b>Achou interessante / gostou</b>	7
<b>Primeira que lembrou</b>	1
<b>Chama atenção por ser de fatos reais</b>	2
<b>Achou triste</b>	1
<b>Sem resposta</b>	1

\* Há mais de uma resposta por aluno

Fonte: Dados da pesquisa

A diversidade de respostas chama a atenção para dois fatos interessantes: (1) há os que tinham possibilidades em oposição aos que não tiveram escolha de história, (2) os motivos de escolha são tão pessoais e subjetivos que enquanto o aluno 9 escolheu sua história por ser alegre, o aluno 13 escolheu a sua justamente por ser triste.

Ainda que os critérios dessa última parte da análise sejam difíceis de mensurar, ficou perceptível que a interação com os textos aconteceu a partir da produção de sentidos do que foi contado ou ouvido e isso não fica claro apenas nas respostas dadas à atividade impressa, mas na mudança de postura dos alunos mediante à escuta das histórias – alguns fatos já citados no relato de experiência, quando, ao questionar a veracidade dos fatos contados, a ideia inicial “é só uma história” dá espaço à busca de possibilidades e semelhanças consigo ou com pessoas conhecidas. Em várias situações, mesmo sem a nossa orientação, após escutar uma história, outros episódios reais eram relatados, exemplificando ou fomentando a discussão estabelecida no momento. Esse dado também pode ser confirmado nas respostas dadas à questão 3 da autoavaliação constante no final da atividade 04, apresentada na tabela a seguir.

Tabela 12 – Respostas da autoavaliação da atividade 04

<b>Questões contidas na Autoavaliação</b>	<b>Sim</b>	<b>Não</b>	<b>Mais ou menos</b>
<b>Ouçó uma história e consigo entendê-la?</b>	7	1	10
<b>Reconheço que histórias diferentes podem falar de coisas parecidas?</b>	10	1	7
<b>Entendo que mesmo uma história sendo inventada ela pode se parecer com a vida real?</b>	15	1	2
<b>Entendo que personagens podem apresentar características semelhantes a mim ou a algum conhecido?</b>	11	5	2
<b>Reconheço que posso me identificar com uma história mesmo sendo ela de ficção?</b>	11	3	4
<b>Percebo que mesmo uma história que acontece em outro lugar pode trazer coisas que acontecem na minha comunidade?</b>	8	4	6

Fonte: Dados da pesquisa

Na primeira pergunta, o número elevado de “mais ou menos” pode revelar a dificuldade de entender uma história apenas com uma audição, pela pouca prática da escuta ativa, como confirmam os dois trechos da autoavaliação do aluno 16.

Figura 21 – Resposta do aluno 16 à questão 1 da Autoavaliação

1. Ouço uma história e consigo entendê-la?  
 sim     não     mais ou menos  
*Só consigo entender quando estou concentrada sem ninguém pra me perturbar*

Fonte: Dados da pesquisa

Figura 22 – Resposta do aluno 16 à questão aberta da Autoavaliação

**Apresente-nos um resumo do que você aprendeu nas aulas desse módulo, diga-nos que problemas aconteceram e o que você gostaria que fosse mudado.**

*Pude entender o que realmente as histórias contam, e que por meio de histórias, sejam elas de ficção ou não, posso me identificar, podendo mudar o sentido da história. Não sou nenhuma alguma, eu só tenho dificuldades de entender histórias quando ela é contada um só vez.*

Fonte: Dados da pesquisa

Os números ainda altos de respostas nas duas últimas colunas revelam que a intervenção não alcançou totalmente os objetivos pretendidos, mas essa realidade era esperada por conta do pouco tempo de intervenção. Os números comprovam que a intervenção alcançou resultados positivos, mas que deve ser continuada, não estanque, como foi para o fim desta pesquisa. Competências não são construídas num espaço de tempo tão curto. Algumas são desenvolvidas ao longo de toda educação básica.

Há mudanças perceptíveis, mas imensuráveis. Os dados analisados nesta pesquisa não são capazes de mostrar efetivamente questões que são percebidas no cotidiano do trabalho em sala. Ouvir os colegas com mais atenção, respeitar-lhe a opinião e trabalhar em grupo de forma produtiva e pacífica são alguns pontos que se destacaram em nossas observações durante a intervenção.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A aplicação da SD aconteceu como previsto, apesar dos contratemplos que permeiam o cotidiano escolar e interferem nas ações planejadas. Como toda proposta pedagógica, esta precisou de adaptações durante a execução e não se apresenta, apesar de concluída para esta pesquisa, como uma proposta pronta e perfeita. Havia uma espécie de ‘esboço’ das ações que foram sendo confirmadas, modificadas ou rechaçadas à medida que as etapas aconteciam e os sujeitos interferiam no percurso destas, seja pela opinião direta dada na autoavaliação escrita ou pedida pela pesquisadora, seja indiretamente, a depender das necessidades demonstradas ou recepção do que se propunha.

Como tantas outras possibilidades, esta é só mais uma forma de se trabalhar com a língua oral em sala de aula, ressignificando uma ação que já era comum na comunidade onde a intervenção aconteceu.

Desenvolvida em pouco mais de dois meses, esta pesquisa trouxe ganhos para os alunos, não só promovendo momentos de uso da oralidade, mas um maior conhecimento da ação de contação de histórias do município e de algumas histórias que estão presentes nesses momentos que mesmo se tornando escassos, não deixaram de existir. Apesar dos contadores de histórias também estar em número menor, Busatto (2012) relata um movimento de resgate da contação e um novo perfil de seus agentes, que buscam novas formas e meios para que essa tradição não desapareça e ressalta que “O conto deve voltar a ocupar o espaço da casa, escola, entrar nos clubes, nos centros comunitários, hospitais, asilos, creches, ruas... enfim, não importa o lugar e, sim, que ele volte a ocupar o espaço que já foi seu” (BUSATTO, 2012, p. 80).

Atualmente, com as TDIC e a capacidade de divulgação da internet, há vários contadores que se utilizam desse meio para contação virtual de histórias. Alguns desses artistas foram mostrados nesta intervenção, mas há tantos outros que disponibilizam seus vídeos de contação via Youtube. Sobre as novas formas que os contadores de histórias se apropriam para continuar sua arte, Busatto (2013) diz que “é a palavra vestindo a roupa do seu tempo” (BUSATTO, 2013, p. 91).

Pretendendo enfatizar a função social da língua e como o seu ensino não pode ser desvinculado dessa verdade, faz-se necessária a revisão das práticas pedagógicas atuais que marcam o ensino da língua materna. Tendo como bases de ação as investigação e intervenção, essa pesquisa não busca ser referência e sim apresentar e testar possibilidades pedagógicas no trabalho com a oralidade em sala de aula. Configura-se, a priori, como uma prática para

possibilitar momentos de uso consciente da oralidade em sala de aula, e, para auxiliar nesse processo, buscou-se o suporte na contação de histórias que sempre foi uma boa prática social de oralidade e que vem perdendo ao longo dos anos.

A escolha da contação de histórias para proporcionar momentos de uso da língua oral mostrou-se eficiente e interessante, possibilitando o uso da oralidade em uma prática comum na comunidade onde os alunos e suas famílias são moradores, como direcionam os PCN, inspirados nos estudos/textos de Bakhtin que não dissocia o uso da língua aos seus contextos de produção. Durante a pesquisa bibliográfica, vários trabalhos apontavam a importância da inserção da contação de história como instrumento pedagógico, mas quase todos se reportavam à educação infantil. Mesmo sendo a turma escolhida para esta intervenção formada por alunos maiores – 12 a 18 anos, estes se mostraram interessados e encantados com a audição das histórias.

Não foi objetivo dessa pesquisa formar contadores de histórias. Mesmo reconhecendo a importância de o contador possuir certas competências próprias da ação como afirmam Busatto (2012) e Matos; Sorsy (2007), prevaleceu o jeito genuíno de cada um, trazendo na ação presente prováveis lembranças da infância, ainda que não se tenha noção disso e talvez isso explique a escolha de realizar a ação sentados, já que nos contextos coletivos mais comuns de contação do município, essa é uma ação que se faz sentado em rodas de conversa ou trabalho. Sobre a ação ser resultado de uma lembrança, Gallagher (1998) diz que

[...] o fato de as partes do cérebro envolvidas na fisiologia da memória só amadurecerem aos 2 anos de idade lança dúvidas sobre as recordações anteriores a essa fase. Embora Stern acredite que “sem dúvida” crianças muito pequenas têm alguma memória-hábito de certas experiências emocionais [...] (GALLAGHER, 1998, p. 100-101).

É válido ressaltar que o trabalho com a oralidade não pode ser estanque, preso a um momento exclusivo, devendo acontecer com frequência, podendo associar-se ao trabalho com a escrita, permitindo os alunos conhecerem as peculiaridades e usos de cada uma das modalidades da língua, apropriando-se desse conhecimento para formarem-se pessoas competentes tanto na comunicação oral quanto na escrita.

Apesar do tempo breve dessa intervenção, essa mostrou que o trabalho direcionado à oralidade é necessário, possível e surte os efeitos esperados e é apenas uma amostra de tantos outros trabalhos realizados com o objetivo de desenvolver competências orais. Há várias sugestões de trabalho nessa direção que podem ser usados e adaptados por professores que

desejam trabalhar efetivamente a oralidade, como os apontados por Marcuschi (2010), Ramos (2002), Fávero; Andrade e Aquino (1999)<sup>35</sup>, Geraldi (1997)<sup>36</sup>, por exemplo.

O fato de a intervenção acontecer, por questões específicas, em um espaço de tempo tão curto, fez-nos suspender, temporariamente, outras ações e conteúdos do ensino de Língua Portuguesa. As ações da intervenção aconteceram sucessivamente, não havendo maior tempo para amadurecer a escolha da história a ser contada, por exemplo.

Houve interesse em trabalhar mais detalhadamente cada história trazida, construir sentidos coletivos, buscar proximidades, mas muito do pretendido não se consumou pela escassez de tempo. Como havia 25 histórias contadas na produção inicial, analisá-las individualmente demandaria um tempo bem maior para que não se tornasse uma ação repetitiva e maçante.

Mas, como já foi dito, esse não é um trabalho acabado. Há muitas outras possibilidades que podem ser agregadas às já aqui apresentadas, como o trabalho de retextualização das histórias contadas que foi feita pela pesquisadora e poderia ser mais uma ação desenvolvida pelos alunos, analisando as peculiaridades de cada modalidade da língua, sem que haja necessidade de determinar uma soberana a outra.

No final de tudo fica a certeza da importância de se dar à oralidade o mesmo espaço e cuidado que vem sendo dado à escrita e leitura, proporcionando um aprendizado diversificado e convergente numa pessoa capaz de escolher a modalidade da língua que melhor se adapta a sua necessidade comunicativa.

---

<sup>35</sup> FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O; AQUINO, Zilda G. O. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. São Paulo : Cortez, 1999.

<sup>36</sup> GERALDI, João Wanderley (Org.). *O texto na sala de aula*. São Paulo : Ática, 1997

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: Gostosura e bobices*. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2008.

AGUIAR, Katia Faria de; ROCHA, Marisa Lopes da. *Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises*. Psicologia Ciência e Profissão, [S.l.], 2003, v. 23, n. 4, p. 64-73.

ALMEIDA, Maria Elizabeth B. de; SILVA, Maria da Graça Moreira da. *Currículo, tecnologia e cultura digital: espaços e tempos de web currículo*. Revista e-curriculum, São Paulo, v.7 n.1 Abril/2011. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/viewFile/5676/4002>>. Acesso em 23 jan. 2015.

BAHIA. Secretaria da Educação. Superintendência de Desenvolvimento da Educação Básica. Diretoria de Educação Básica. *Orientações curriculares e subsídios didáticos para a organização do trabalho pedagógico no ensino fundamental de nove anos - Superintendência de Desenvolvimento da Educação Básica*. Diretoria de Educação Básica. Salvador: Secretaria da Educação, 2013.

BAKHTIN, Mikhail, M. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.— (Coleção Ensino Superior).

\_\_\_\_\_, *Marxismo e Filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006 [1929].

\_\_\_\_\_, *Toward a Reworking of the Dostoevsky Book*, in: Problems of Dostoevsky's Poetics. Appendix II, 1961, p. 283-302 apud: FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BENTO, Maria Cristina Marcelino; CAVALCANTE, Rafaela dos Santos. *Tecnologias móveis em Educação: o uso do celular na sala de aula*. ECCOM, v. 4, n. 7, jan./jun. de 2013. Disponível em <<http://fatea.br/seer/index.php/eccom/article/viewFile/596/426>>. Acesso em 15 out.2016. p. 113-120.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças dos velhos*. 11. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. *Edital de convocação para o processo de inscrição e avaliação de obras didáticas para o Programa Nacional do Livro Didático: PNLD 2017*. Secretaria de Educação Básica. MEC/SEB, 2015.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BROCARD, Rosângela Oro; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. *A elaboração do modelo didático de gênero e da sequência Didática: uma perspectiva de trabalho com o*

gênero textual *Reportagem impressa* em sala de aula. Horizontes; v. 32, n.1 (2014): Dossiê: Gêneros textuais e ensino. Disponível em: <[revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/86](http://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/86)>. Acesso em: 12 set. 2015.

BUSATTO, Cléo. *A arte de contar histórias no século XXI: Tradição e ciberespaço*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BUSATTO, Cléo. *Contar & encantar: Pequenos segredos da narrativa*. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CHARAUDEAU, Patrick, "*Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional*", In: PIETROLUONGO, Márcia. (Org.) *O trabalho da tradução*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009, p. 309-326., 2009, consulté le 12 mars 2015 sur le site de Patrick Charaudeau - *Livres, articles, publications*. Disponível em: <<http://www.patrick-charaudeau.com/Identidade-social-e-identidade.html>>. Acesso em 12 mar. 2015.

DAMIANI, Magda F. *Entendendo o trabalho colaborativo em educação e revelando seus benefícios*. Educar, Curitiba, n. 31, Editora UFPR, 2008, p. 213-230.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. *Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento*. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim e colaboradores. *Gêneros orais e escritos na escola*. [Tradução e organização: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro]. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2010.

EWALD, Ariane P. *Identidade e a construção do sujeito numa era de incertezas*. In: Zugueib Neto, Jamil (org.). *Identidades e Crises Sociais na Contemporaneidade*. Curitiba: Ed. UFPR, 2005, p. 215-231.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FERREIRA, Hugo Ricardo Chaves, *Comunicação Não Verbal: Cinésica, Proxémica e Paralinguagem*. Universidade de Coimbra, 2001. Disponível em: <[https://student.dei.uc.pt/~hrcf/com\\_n\\_verbal.htm](https://student.dei.uc.pt/~hrcf/com_n_verbal.htm)>. Acesso em 03 ago. 2016.

GALLAGHER, Winifred. *Identidade: a genética e a cultura na formação da personalidade*. São Paulo: Ática, 1998, p. 91-107.

GIUST-DESPRAIRIES, Florence. *A identidade como processo, entre ligação e desprendimento*. In: Zugueib Neto, Jamil (org.). *Identidades e Crises Sociais na Contemporaneidade*. Curitiba: Ed. UFPR, 2005, p. 199-213.

GOMES, Adriano Lopes. *O tempo tece o verbo na voz: o contador de histórias e as memórias de leitura*. Revista Vivência, Natal, n. 29, p. 23-32, 2005.

GOMES, Patrícia. *10 dicas e 13 motivos para usar celular na aula*. Porvir. 2013. Disponível em: <<http://porvir.org/10-dicas-13-motivos-para-usar-celular-na-aula/20130225/>>. Acesso em 15 out. 2016.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: Um conceito antropológico*. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. *Adeus professor, Adeus professora? Novas tecnologias educacionais e profissão docente*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011 – (Coleção Questão da Nossa Época; v.2).

MACHADO, Anna Rachel; CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes. *A construção de modelos didáticos de gêneros: aportes e questionamentos para o ensino de gêneros*. Linguagem em (Dis)curso – LemD, Tubarão, vol.6, n.3, p. 547-573, set./dez. 2006.

MAGALHÃES, Tânia Guedes. *Concepções de oralidade: a teoria nos PCN e PNLD e a prática nos livros didáticos*. GT: Alfabetização, Leitura e Escrita / n.10, 2007. Disponível em <<http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt10-3320-int.pdf>>. Acesso em 09 jan. 2015.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MATOS, Gislayne Avelar; SORSY, Inno. *O ofício do contador de histórias: Perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encantar*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MESQUITA, Rosa Maria. *Comunicação não-verbal: relevância na atuação profissional*. Rev. paul. Educ. Fís., São Paulo, 11(2):155-63, jul./dez. 1997.

MORAN, José Manuel. *Novas tecnologias e o reencantamento do mundo*. Revista Tecnologia Educacional. Rio de Janeiro, vol. 23, n.126, setembro-outubro 1995, p. 24-26. Disponível em: <[http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias\\_eduacacao/novtec.pdf](http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_eduacacao/novtec.pdf)>. Acesso em 12 mar. 2015.

PERRENOUD, Philippe. *Construindo competências*. Nova Escola (Brasil), Setembro de 2000, p. 19-31.

PINHEIRO, Tatiana. *O filósofo que deu vida à linguagem*. Revista Educar para Crescer, 2011. Disponível em <http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/mikhail-bakhtin-498487.shtml#>. Acesso em 21 set. 2016.

PRUDENTE, Jéssica; TITTONI, Jaqueline. *A pesquisa intervenção como exercício ético e a metodologia como paraskeuê*. Fractal, Rev. Psicol., v. 26 – n. 1, p. 17-28, Jan./Abr. 2014.

RAMOS, Jânia M. *O espaço da oralidade na sala de aula*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

REGATIERE, Lazara da Piedade Rodrigues. *Didatismo na contação de histórias*. Em Extensão, Uberlândia, v. 7, n. 2, p. 30 - 40, 2008. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/revextensao/article/viewFile/20511/10942>>. Acesso em 12 mar. 2015.

RIBEIRO, Maria de Fátima Moura. *Comunicação não-verbal: A influência da indumentária e da gesticulação na credibilidade do comunicador*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação. Vila Real, 2011.

RIBEIRO, Roziane Marinho. *A construção da argumentação oral em contexto de ensino*. São Paulo: Cortez, 2009.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Os gêneros escolares – das práticas de linguagem aos objetos de ensino*. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. e colaboradores. *Gêneros orais e escritos na escola*. [Tradução e organização: Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro]. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2010.

TORRES, Shirlei Milene; TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. *Contação de histórias: resgate da memória e estímulo à imaginação*. Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas Sessão aberta PPG-LET-UFRGS – Porto Alegre – Vol. 04 N. 01 – jan/jun 2008. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/viewFile/5844/3448>>. Acesso em 06 nov. 2015.

UNESCO, *UNESCO Policy Guidelines for Mobile Learning*. Tradução: Representação da UNESCO no Brasil. 2013. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002277/227770por.pdf>>. Acesso em 15 out. 2016.

VERLI, Lorena; RATIER, Rodrigo. *Oralidade: a fala que ensina*. Revista Nova Escola. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/falase-ensina-423559.shtml>>. Acesso em 13 abr. 2015.

XAVIER, Antonio Carlos. *Educação, tecnologia e inovação: o desafio da aprendizagem hipertextualizada na escola contemporânea*. Revista Brasileira de Educação v. 11 n. 31 jan./abr. 2006.

ZUGUEIB NETO, Jamil (org.). *Identidades e Crises Sociais na Contemporaneidade*. Curitiba: Ed. UFPR, 2005, p. 7-19.

ZUIN, Poliana Bruno; REYES, Claudia Raimundo. *O ensino da língua materna: dialogando com Vygotsky, Bakhtin e Freire*. Aparecida: Ideias & Letras, 2010.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A – Quadro síntese dos elementos extralinguísticos

### ANÁLISE DOS ELEMENTOS EXTRALINGUÍSTICOS

Nº	PRODUÇÃO INICIAL	PRODUÇÃO FINAL	MUDANÇAS PERCEPTÍVEIS
<b>1</b>	<p>ALTURA DA VOZ - boa  ENTONAÇÃO - boa  RITMO – bom, mas gagueja e faz pausas médias  POSTURA CORPORAL - sentado inclinado pra frente com os braços apoiados nas pernas; conclui a história levantando da cadeira.  GESTOS – muito movimento de tronco e levanta quando a história está terminando.  Leva 4 segundo para iniciar</p>	<p>ALTURA DA VOZ - boa  ENTONAÇÃO - boa  RITMO – bom, mas ri duas vezes enquanto conta.  POSTURA CORPORAL - sentando, inclinado pra frente com cotovelos apoiados nos joelhos, movimento de tronco para trás, ficando ereto.  GESTOS – leves movimentos de tronco  Leva dois segundos para começar</p>	<p>PROGREDIU</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Diminuiu o número de interrupções por riso e não apresenta gagueira</li> <li>• Diminuição de gestos que demonstram nervosismo</li> <li>• Diminuição do tempo para começar</li> </ul> <p>REGREDIU – Não houve dados</p>
<b>2</b>	<p>ALTURA DA VOZ – de bom para baixo  ENTONAÇÃO - boa  RITMO – começa bem, mas logo faz pausas longas, mostra ter esquecido a história e leva 12 segundos para lembrar a palavra que havia esquecido, rindo e fazendo sons típicos de quem tenta lembrar  POSTURA CORPORAL – encontra-se sentado  GESTOS – mexe muito as mãos gesticulando o que estava sendo contado.  Leva 4 segundos para iniciar a história</p>	<p>ALTURA DA VOZ – boa  ENTONAÇÃO - boa  RITMO – bom. Mantém, mesmo quando ri ao contar a história.  POSTURA CORPORAL – em pé  GESTOS – gesticula a mão acompanhando partes da história e também de forma aleatória  Leva 3 segundos para começar</p>	<p>PROGREDIU</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Melhora da altura da voz</li> <li>• Acaba com as pausas mesmo quando ri</li> <li>• Preferiu ficar em pé</li> <li>• Diminui os gestos e vários deles apresentam relação com os fatos da história</li> </ul> <p>REGREDIU - Não houve dados</p>

3	<p>ALTURA DA VOZ - baixa  ENTONACÃO - boa  RITMO - bom  POSTURA CORPORAL – sentado  GESTOS – mexe pouco as mãos, sem expressividade  Levou 3 segundos para começar  Contou a historia de onde estava</p>	<p>ALTURA DA VOZ - boa  ENTONACÃO - boa  RITMO - bom  POSTURA CORPORAL – sentado com cotovelos apoiados nas coxas  GESTOS – quase nenhum  O aluno apresentou-se na frente da sala  Levou 2 segundos para começar</p>	<p>PROGREDIU</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Melhorou a altura da voz</li> <li>• Apesar de poucos gestos, melhorou a expressividade do rosto.</li> <li>• Apresentou-se na frente da sala</li> </ul> <p>REGREDIU - Não houve dados</p>
4	<p>ALTURA DA VOZ – boa  ENTONACÃO - boa  RITMO – bom, durante a história não gaguejou nem se perdeu nos fatos.  POSTURA CORPORAL - sentado  GESTOS – poucos e condizentes com a história  Levou 6 segundos para iniciar</p>	<p>ALTURA DA VOZ - boa  ENTONACÃO – boa, variando de acordo a história.  RITMO – bom, pequenas pausas lembrando a história.  POSTURA CORPORAL – sentada com braços sobre o braço da cadeira  GESTOS – com mãos e braços acompanhando a história ou aleatórios  Levou 6 segundos para começar</p>	<p>PROGREDIU</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Melhorou a entonação, dando mais expressividade em certos trechos.</li> </ul> <p>REGREDIU</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentou pequenas pausas que não quebraram o ritmo, mas foram perceptíveis</li> </ul>
5	<p>ALTURA DA VOZ - baixa  ENTONACÃO - média  RITMO - bom  POSTURA CORPORAL – sentado com braços apoiados na carteira e na cadeira.  Olhos com muito movimento, sem fixar em nada ou ninguém.  GESTOS – pouco movimento de mão.  Esconde o rosto quando termina a história  Levou 2 segundos para começar  Contou de onde estava sentado</p>	<p>ALTURA DA VOZ - boa  ENTONACÃO - boa  RITMO - bom  POSTURA CORPORAL – sentado com braços sobre as pernas  GESTOS – levíssimos movimentos  Começou imediatamente  Contou da frente da sala</p>	<p>PROGREDIU</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Melhorou a altura da voz</li> <li>• Melhorou a entonação</li> <li>• Diminuição dos gestos, principalmente os que indicam vergonha</li> <li>• Apresentou-se na frente da sala</li> </ul> <p>REGREDIU - Não houve dados</p>

6	<p>ALTURA DA VOZ - boa  ENTONANÇAÇÃO - boa  RITMO - bom  POSTURA CORPORAL – sentado  GESTOS - vários com as mãos  Leva 2 segundos para começar</p>	<p>ALTURA DA VOZ - boa  ENTONANÇAÇÃO - boa  RITMO - bom  POSTURA CORPORAL – sentado com braços livres  GESTOS - movimento constante das mãos, algumas vezes acompanhando a história  Começou imediatamente</p>	<p>PROGREDIU  • Diminuiu os gestos aleatórios e constantes com as mãos    REGREDIU - Não houve dados</p>
7	<p>ALTURA DA VOZ - boa  ENTONANÇAÇÃO - boa  RITMO- bom  POSTURA CORPORAL – sentado  GESTOS – muito movimento de mãos  Levou 21 segundo entre risos e pedidos para parar a gravação</p>	<p>ALTURA DA VOZ - boa  ENTONANÇAÇÃO - boa  RITMO – bom  POSTURA CORPORAL - sentado  GESTOS – com mãos e braços acompanhando a história  Começou imediatamente</p>	<p>PROGREDIU  • Diminui os gestos aleatórios e constantes  • Começou concentrada    REGREDIU - Não houve dados</p>
8	<p>ALTURA DA VOZ - boa  ENTONANÇAÇÃO - boa  RITMO – um pouco acelerado e mecânico  POSTURA CORPORAL – sentado, braços entre as pernas  GESTOS - balançando demais as pernas em sinal de nervosismo,</p>	<p>ALTURA DA VOZ - boa  ENTONANÇAÇÃO - boa  RITMO – bom com 2 momentos de pausa para lembrar/reorganizar  POSTURA CORPORAL – sentado com braços sobre coxas  GESTOS – pouquíssimos, mas perna balançando  Começou imediatamente</p>	<p>PROGREDIU  • Melhorou o ritmo apesar de pausar duas vezes para lembrar a história    REGREDIU - Não houve dados</p>
9	<p>ALTURA DA VOZ - boa  ENTONANÇAÇÃO – boa, mas há trecho que conta rindo e dificulta o entendimento das palavras  RITMO – boa mas interrompe com risos algumas vezes</p>	<p>ALTURA DA VOZ - boa  ENTONANÇAÇÃO - boa  RITMO – bom, concentrado  POSTURA CORPORAL – sentado com as mão sobre as coxas  GESTOS – leves movimentos de tronco</p>	<p>PROGREDIU  • Melhorou o ritmo  • Não apresenta interrupções para riso  • Melhor concentração  • Não esconde o rosto ou demonstra vergonha</p>

	<p>POSTURA CORPORAL – sentado com os braços sobre as pernas          GESTOS – pouco movimento de tronco, mas abaixa o corpo e esconde o rosto demonstrando vergonha. No final, esconde o rosto com a camisa e ri muito. Fica alguns segundos assim.</p>	<p>Começou imediatamente</p>	<p>REGREDIU - Não houve dados</p>
10	<p>ALTURA DA VOZ - boa          ENTONAÇÃO – médio, mecânico          RITMO – pouco aligeirado          POSTURA CORPORAL – sentado, mãos segurando uma das pernas parcialmente cruzada sobre a outra          GESTOS – quase nenhum gesto.          Leva 2 segundos para começar</p>	<p>ALTURA DA VOZ - boa          ENTONAÇÃO - boa          RITMO - bom          POSTURA CORPORAL – sentado com mãos sobre as pernas          GESTOS – movimentos de mãos alguns acompanham a história          Começou imediatamente</p>	<p>PROGREDIU</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• A entonação tornou-se mais natural</li> <li>• O ritmo foi acertado</li> <li>• Apresenta gestos que ‘humanizam’ a ação</li> </ul> <p>REGREDIU - Não houve dados</p>
11	<p>ALTURA DA VOZ – média a baixa          ENTONAÇÃO – boa, mas com dicção ruim no início          RITMO – bom          POSTURA CORPORAL – sentado com as mãos dentro das pernas          GESTOS – leves movimentos de tronco e cabeça          Leva 25 segundo para começar entre tentativas e exercícios de respiração</p>	<p>ALTURA DA VOZ - boa          ENTONAÇÃO - boa          RITMO - bom          POSTURA CORPORAL – sentado com as mãos sobre o joelho cruzado          GESTOS – movimentos leves de cabeça          7 segundos para começar</p>	<p>PROGREDIU</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Melhorou a altura da voz</li> <li>• Melhorou a dicção</li> <li>• Diminui e muito o tempo para iniciar</li> <li>• Demonstrou menos nervosismo</li> </ul> <p>REGREDIU - Não houve dados</p>
12	<p>ALTURA DA VOZ – boa          ENTONAÇÃO - boa          RITMO- pouco lento, com breves pausas para lembrar</p>	<p>ALTURA DA VOZ - boa          ENTONAÇÃO - boa          RITMO – bom, mas como a história é comprida, há pequenas pausas para</p>	<p>PROGREDIU</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Melhorou o ritmo apesar de apresentar pausas</li> </ul> <p>REGREDIU</p>

	<p>POSTURA CORPORAL – sentado com uma mão segurando o antebraço e a outra mão gesticulando</p> <p>GESTOS – uma das mãos gesticulando aleatoriamente enquanto fala, depois ficou olhando e mexendo nas unhas</p> <p>Leva 4 segundos para começar</p>	<p>reorganizar as falas que se repetem</p> <p>POSTURA CORPORAL – sentado com os braços sobre o braço da cadeira</p> <p>GESTOS – movimento de mãos e braços, quase sempre olhando as unhas</p> <p>Começou imediatamente</p> <p>Interrompeu a contação por se atrapalhar com uma das ordens, mas voltou e reiniciou</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Como escolheu uma história que possui constantes repetições de uma ordem determinada dos fatos, atrapalhou-se no início, o que a fez parar, levantar-se e voltar em seguida para recomeçar.</li> <li>• Por vezes pausava para reorganizar mentalmente a ordem das repetições</li> </ul>
13	<p>ALTURA DA VOZ – boa pra baixa</p> <p>ENTONAÇÃO - boa</p> <p>RITMO bom</p> <p>POSTURA CORPORAL – sentado com as mãos nas coxas</p> <p>GESTOS - movimento de braços e mexendo no bolso da caça.</p> <p>Começou logo</p>	<p>ALTURA DA VOZ - boa</p> <p>ENTONAÇÃO - boa</p> <p>RITMO - bom</p> <p>POSTURA CORPORAL – sentado com os braços cruzados sobre o abdômen</p> <p>GESTOS – leves movimentos de mão, raramente descruzando os braços</p> <p>Começou imediatamente</p>	<p>PROGREDIU</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Melhorou a altura da voz</li> <li>• Diminui os movimentos aleatórios dos braços</li> </ul> <p>REGREDIU - Não houve dados</p>
14	<p>ALTURA DA VOZ - baixa</p> <p>ENTONAÇÃO – ruim, sem expressividade</p> <p>RITMO – devagar com pausas e dicção ruim em vários trechos</p> <p>POSTURA CORPORAL – sentado com os braços por trás da cadeira</p> <p>GESTOS – poucos, mexendo com a ponta do casaco, aparentemente disperso na ação</p> <p>Começou com 2 segundos</p>	<p>ALTURA DA VOZ - baixa</p> <p>ENTONAÇÃO – sem expressividade</p> <p>RITMO – bom pra devagar, dicção ruim com trechos incompreensíveis</p> <p>POSTURA CORPORAL – sentado com os braços sobre as pernas</p> <p>GESTOS – poucos gestos com as mãos</p> <p>Começa imediatamente</p>	<p>PROGREDIU</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Conseguiu melhorar um pouco o ritmo</li> </ul> <p>REGREDIU</p> <p>Não houve melhora nas ações do aluno. Contação estática e sem expressividade.</p>
15	<p>ALTURA DA VOZ – boa a baixa</p> <p>ENTONAÇÃO – entrecortando a história com marcações de lembrança, dicção ruim</p>	<p>ALTURA DA VOZ - boa</p> <p>ENTONAÇÃO - boa</p> <p>RITMO – bom com uma pausa para rir</p>	<p>PROGREDIU</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Melhorou a altura da voz</li> <li>• Melhorou a entonação</li> </ul>

	<p>em algumas palavras  RITMO – alternando em rápido e lento  POSTURA CORPORAL - sentado com os cotovelos nos joelhos, tronco inclinado para a frente  GESTOS – balançando para frente e os lados todo o tempo. Mordia a língua com frequência  Começou com 2 segundos e demonstrou estar disperso  Antes dessa história, o aluno contou uma piada.</p>	<p>POSTURA CORPORAL - sentado  GESTOS – poucos gestos e alguns acompanhando a história  Começou com 2 segundos</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Melhorou o ritmo apesar de ri uma vez</li> <li>• Conteve os gestos e soube aproveitá-los para contar a história</li> <li>• Mostrou-se menos brincalhão</li> </ul> <p>REGREDIU - Não houve dados</p>
<b>16</b>	<p>ALTURA DA VOZ - boa  ENTONAÇÃO - boa  RITMO – bom, mas no início fez pausas para risos  POSTURA CORPORAL – sentado com as mãos sobre os joelhos  GESTOS - poucos  Levou 2 segundos pra começar  Esquecia ou se atrapalhava nas falas das personagens</p>	<p>ALTURA DA VOZ - boa  ENTONAÇÃO – boa com alterações de acordo com a história  RITMO – bom mas parou duas vezes por causa de interrupção de um colega e esquecimento  POSTURA CORPORAL – sentado com braços sobre as pernas  GESTOS – movimento de mãos e um braço  Começou com 2 segundos</p>	<p>PROGREDIU</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Aproveitou a entonação na hora de contar a história</li> <li>• Não houve interrupções para riso</li> <li>• Apresentou mais movimentos que condiziam com a história</li> <li>• Não se atrapalhou com os fatos apesar de ter um breve esquecimento</li> </ul> <p>REGREDIU - Não houve dados</p>
<b>17</b>	<p>ALTURA DA VOZ - boa  ENTONAÇÃO – boa, com indícios de riso  RITMO – bom a lento, algumas interrupções para rir  POSTURA CORPORAL – sentada, mãos sobre as coxas  GESTOS - poucos movimentos de braços</p>	<p>ALTURA DA VOZ - boa  ENTONAÇÃO - boa  RITMO – bom com pausas para olhar a história escrita  POSTURA CORPORAL – sentada  GESTOS – mexendo as mãos e braços  Levou 7 segundos para começar</p>	<p>PROGREDIU</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Melhorou a concentração</li> <li>• Ainda fez pausas mas não mais para rir e sim para conferir a estória escrita em um papel</li> <li>• Diminui o movimento de braços e tronco</li> </ul> <p>REGREDIU</p>

	ou tronco Começou com 2 segundos		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Levou mais tempo para começar</li> <li>• Prendeu-se muito ao material escrito</li> </ul>
<b>18</b>	<p>ALTURA DA VOZ – boa, aumentando em alguns trechos</p> <p>ENTONAÇÃO - boa</p> <p>RITMO – um pouco aligeirada, com pausas para risos</p> <p>POSTURA CORPORAL – sentado</p> <p>GESTOS - batendo nesta várias vezes, mexendo as mãos e demonstrando com estas o tamanho de elementos da história</p> <p>Começou com 2 segundos</p> <p>Contou de onde estava sentado</p>	<p>ALTURA DA VOZ - boa</p> <p>ENTONAÇÃO – boa com alterações que acompanhavam a história</p> <p>RITMO – bom, parou uma vez para rir</p> <p>POSTURA CORPORAL - sentado</p> <p>GESTOS – começou mexendo as chaves penduradas no pescoço depois de concentrou mais e apresentou movimento de mãos.</p> <p>Começou imediatamente</p>	<p>PROGREDIU</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Entonação acompanhava a história</li> <li>• Melhorou o ritmo e só riu uma vez</li> <li>• Os gestos diminuíram apesar de iniciar com gestos que demonstravam nervosismo</li> </ul> <p>REGREDIU - Não houve dados</p>

## APÊNDICE B – Módulo didático de gênero

<b>MÓDULO DIDÁTICO DE GÊNERO</b>		
<b>ELEMENTOS EXTRALINGUÍSTICOS</b>		
<b>Escuta</b>	<p><b>Diferenciar conceitos:</b> Ouvir é a utilização da audição articulando o significado estrito das palavras. Escutar é do campo da significação das coisas para cada um, diferente para cada um sempre. Para a escuta acontecer, tornam-se necessários:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ficar atento</li> <li>• Evitar interrupção</li> <li>• Responder ao orador quando solicitado</li> <li>• Prestar atenção no gestual, mudança de entonação e altura de voz, expressões faciais e corporais.</li> </ul>	Serão utilizados nessa sequência didática todos os conceitos e orientações contidos ao lado.
<b>Paralingua- gem</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Altura</b> é uma característica do som que nos permite classificá-lo em grave ou agudo. Esse conceito é um conceito técnico associado à musicalidade do som. Apesar de utilizado de forma errônea, a ideia de altura proposta por esse trabalho é sinônimo de volume, ou seja, refere-se à quantidade de som existente em um ambiente.</li> <li>• <b>Variação no tom da voz;</b> modo como o som vocal é emitido; maneira como as palavras são faladas. É a variação de altura – ir do mais grave ao mais agudo -, em termos musicais.</li> <li>• <b>Ritmo</b> é uma ordem cadenciada na sucessão das coisas. Trata-se de um movimento controlado ou calculado que se produz pela ordenação de elementos diferentes. O ritmo pode definir-se como a combinação harmoniosa de sons, vozes ou palavras, incluindo as pausas, os silêncios e os cortes necessários para que soe de forma agradável para os sentidos.</li> </ul>	Todos os conceitos aqui expostos formam o estilo do contador, e podem estar presentes ou não e em níveis diferentes. Mas haverá a orientação de se buscar um equilíbrio entre a falta e o excesso desses elementos, já que o objetivo não é formar contadores de história em si, mas de desenvolver competências referentes à oralidade.
	A cinésica integra o campo dos movimentos corporais. Nenhum movimento ou expressão corporal é destituído de significado no contexto em que se apresenta e, por conseguinte estão sujeitos a uma análise sistemática.	Todos os conceitos aqui expostos formam o estilo do contador, e podem estar presentes ou não e em

<p><b>Cinésica</b></p>	<p>Esta se estende por cinco áreas de estudo que são:</p> <p><b>Contacto visual</b> - A frequência, a duração e a ocasião de um olhar são factores que permitem enviar mensagens sobre o relacionamento entre duas ou mais pessoas. Manter o contacto visual, não significa fixar visualmente o outro de uma forma continua, uma vez que isso poderá tornar-se incomodativo. Para isso existem umas normas que devemos ter em conta relativamente aos contactos visuais. Ao estabelecermos contacto visual a dois, o contacto pode ir de 5 a 15 segundos sensivelmente, enquanto que em grupo o referido contacto deverá ser mantido por 3 a 4 segundos por pessoa, percorrendo todo o grupo.</p> <p>Um olhar transmite uma série de comportamentos, desde demonstrar um comportamento passivo através de um olhar fugido e evasivo, ou um olhar directo e terno que pode indicar benevolência, entre outros.</p> <p><b>Gestos</b> - Um dos aspectos mais importantes do comportamento não verbal é o da gestualidade. O comportamento motor de um indivíduo possui uma grande expressividade. Podemos caracterizar os gestos em cinco categorias, que são: gestos simbólicos ou emblemas, gestos ilustrativos, gestos indicadores de estado emocional, gestos reguladores e por fim os gestos de adaptação.</p> <p>Como gestos de simbólicos, podemos entender todos os sinais que são emitidos intencionalmente, e que possuem um significado específico capaz de ser traduzido directamente por palavras. Ao apontarmos para alguma coisa. É um exemplo ilustrativo.</p> <p>A todos os movimentos que a maioria dos indivíduos utiliza no decurso da comunicação verbal, e que ilustram o que se vai dizendo, damos o nome de gestos ilustrativos.</p> <p>Aos gestos indicadores de aspectos emocionais, são atribuídos todos aqueles que transmitem ansiedade e tensão, e que podem produzir modificações que conseguem ser reconhecidas nos movimentos dos</p>	<p>níveis diferentes. Mas haverá a orientação de se buscar um equilíbrio entre a falta e o excesso desses elementos, já que o objetivo não é formar contadores de história em si, mas de desenvolver competências referentes à oralidade.</p> <p>Dos elementos apresentados, focaremos nos gestos e postura corporal.</p>
------------------------	---	---

	<p>indivíduos. Como por exemplo, um punho fechado em sinal de ira.</p> <p>Quando se conversa, existem gestos que servem para manter o fluxo da conversação, indicando a quem fala se o interlocutor está interessado ou não, se deseja falar, ou interromper a comunicação. A este tipo de gestos damos o nome de gestos reguladores.</p> <p><b>Expressões Faciais</b> - O canal privilegiado de expressar as emoções é o rosto. Todos nós temos uma série de máscaras faciais que utilizamos consoante àquilo que queremos transmitir.</p> <p>As expressões faciais desempenham diversas funções, tais como, expressão das emoções e das atitudes interpessoais, o envio de sinais inerentes à interação em curso e a manifestação de aspectos típicos da personalidade de um indivíduo.</p> <p><b>Postura</b> - Um dos aspectos importantes da comunicação não verbal é a postura. Esta designa os modos de nos movimentarmos, sendo algo que se vai adquirindo com o tempo e com os hábitos. Este sinal é em grande parte involuntário, mas pode participar de forma importante no processo de comunicação. Em todas as culturas existem muitas formas de estar deitados, sentados ou de pé.</p> <p>Existem posturas variadas que correspondem a situações de amizade ou de hostilidade, bem como posturas que indicam um estado ou condição social, entre outros.</p> <p><b>Movimentos da Cabeça</b> - Importantes indicadores sobre o andamento de uma interação são os movimentos de cabeça. Os acenos de cabeça são sinais não verbais muito rápidos, se bem que aparentemente descortinaíveis.</p> <p>Um aceno de cabeça de quem ouve é entendido por quem fala como um sinal de atenção e, por isso, desempenha neste um pape de reforço, pois encoraja a sua continuação, bem como é uma recompensa para o comportamento precedente.</p>	
<b>ELEMENTOS DA NARRATIVA</b>		
	<b>Conceito:</b> É o conjunto dos fatos de uma	

<p><b>Enredo</b></p>	<p>história é conhecido por muitos nomes: intriga, ação, trama, história.</p> <p>Duas são as questões fundamentais a se observar no enredo: sua estrutura (vale dizer, as partes que o compõem) e sua natureza ficcional.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Partes do enredo: Para se entender a organização dos fatos no enredo não basta perceber que toda história tem começo, meio e fim; é preciso compreender o elemento estruturador: o conflito. Seja entre dois personagens, seja entre o personagem e o ambiente, o conflito possibilita ao leitor-ouvinte criar expectativa frente aos fatos do enredo.</li> <li>• Verossimilhança - é a lógica interna do enredo, que o torna verdadeiro para o leitor é, pois, a essência do texto de ficção. Os fatos de uma história não precisam ser verdadeiros, no sentido de corresponderem exatamente a fatos ocorridos no universo exterior ao texto, mas devem ser verossímeis; isto quer dizer que, mesmo sendo inventados, o leitor deve acreditar no que lê.</li> </ul> <p>Em termos de estrutura, o conflito, via de regra, determina as partes do enredo:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Exposição: (ou introdução ou apresentação) coincide geralmente com o começo da história, no qual são apresentados os fatos iniciais os personagens, às vezes o tempo e o espaço. Enfim, é a parte na qual se situa o leitor diante da história que irá ler.</li> <li>2. Complicação: (ou desenvolvimento) é a parte do enredo na qual se desenvolve o conflito (ou os conflitos - na verdade pode haver mais de um conflito numa narrativa).</li> <li>3. Clímax é o momento culminante da história, isto quer dizer que é o momento de maior tensão, no qual o conflito chega a seu ponto máximo O clímax é o ponto de referência para as outras partes do enredo, que existem em função dele.</li> <li>4. Desfecho: (desenlace ou conclusão) é a solução dos conflitos, boa ou má, vale dizer configurando-se num final feliz ou não. Há muitos tipos de desfecho: surpreendente, feliz, trágico, cômico etc.</li> </ol>	<p>Na proposta aqui mencionada, serão trabalhados o conceito e importância do conflito, até para diferenciar narração de relato.</p> <p>Além disso, haverá o estudo das partes do enredo – exposição, complicação, clímax e desfecho.</p>
	<p><b>Conceito:</b> personagem ou o personagem é um ser fictício que é responsável pelo</p>	

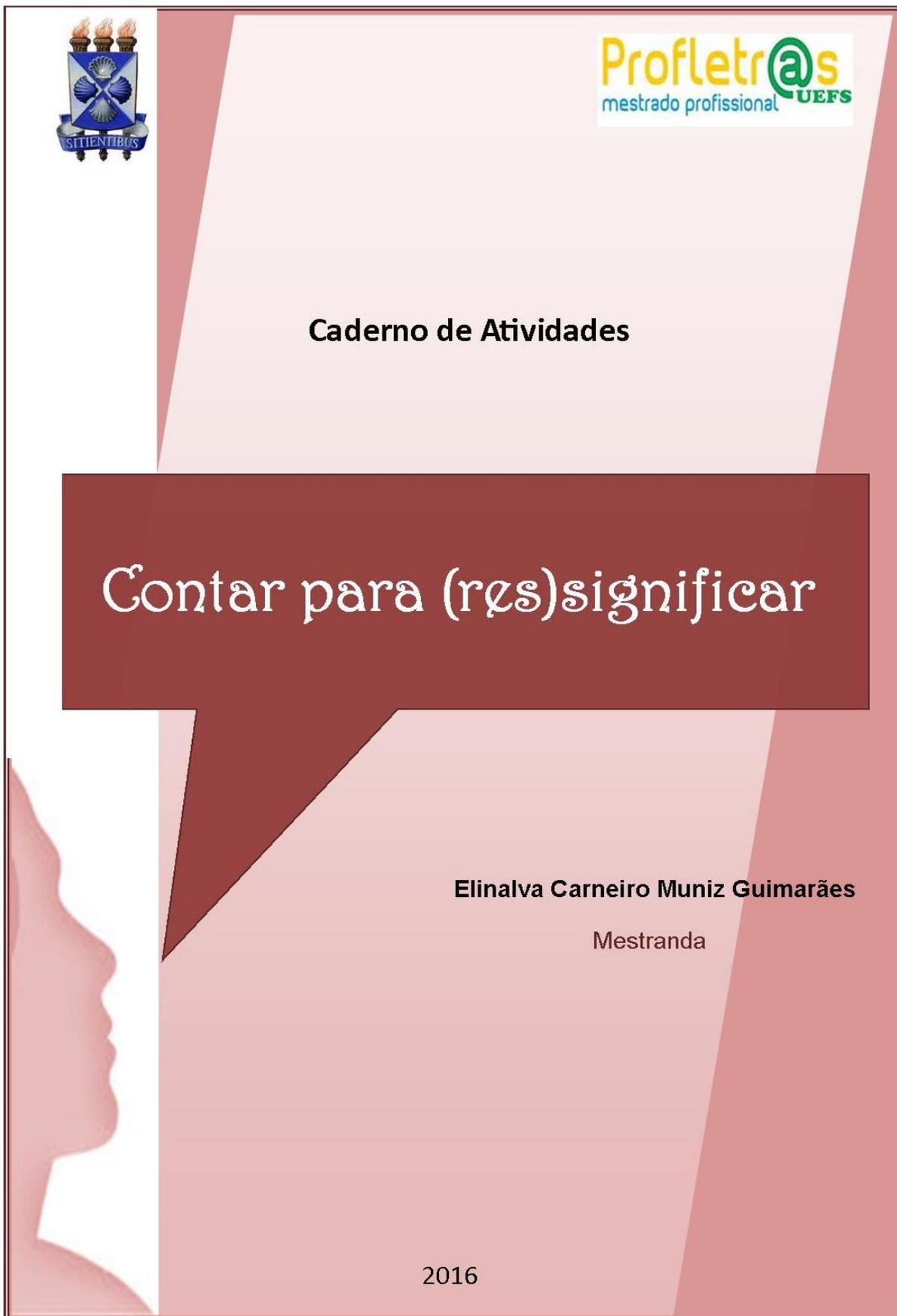
<p><b>Personagens</b></p>	<p>desempenho do enredo; em outras palavras, é quem faz a ação.</p> <p>Classificação dos personagens:</p> <p><b>1. Quanto ao papel desempenhado no enredo:</b></p> <p>a) protagonista: é o personagem principal</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Herói: é o protagonista com características superiores às de seu grupo;</li> <li>• Anti-herói: é o protagonista que tem características iguais ou inferiores às de seu grupo, mas que por algum motivo está na posição de herói, só que sem competência para tanto.</li> </ul> <p>b) Antagonista: é o personagem que se opõe ao protagonista, seja por sua ação que atrapalha, seja por suas características, diametralmente opostas às do protagonista. Enfim, seria o vilão da história;</p> <p>c) personagens secundários: são personagens menos importantes na história, isto é, que têm uma participação menor ou menos frequente no enredo.</p> <p><b>2. Quanto à caracterização:</b></p> <p>a) personagens planos: são personagens caracterizados com um número pequeno de atributos que os identifica facilmente perante o leitor; de um modo geral são personagens pouco complexos. Há dois tipos de personagens planos mais conhecidos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Tipo é um personagem reconhecido por características típicas, invariáveis, quer sejam elas econômicas ou de qualquer outra ordem. Tipo seria o jornalista, o estudante, a dona-de-casa, a solteirona etc.</li> <li>• Caricatura é um personagem reconhecido por características fixas e ridículas. Geralmente é um personagem presente em histórias de humor.</li> </ul> <p>b) personagens redondos: são mais complexos que os planos, isto é, apresentam uma variedade maior de características que, por sua vez, podem ser classificadas em:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• físicas: incluem corpo, voz, gestos, roupas; — psicológicas: referem-se à personalidade e aos estados de espírito;</li> <li>• sociais: indicam classe social,</li> </ul>	<p>Nessa Sequência só será abordada a classificação quanto ao papel desempenhado no enredo.</p>
---------------------------	--	---

	<p>profissão, atividades sociais;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• ideológicas: referem-se ao modo de pensar do personagem, sua filosofia de vida, suas opções políticas, sua religião;</li> <li>• morais: implicam em julgamento, isto é, em dizer se o personagem é bom ou mau, se é honesto ou desonesto, se é moral ou imoral, de acordo com um determinado ponto de vista.</li> </ul>	
<p><b>Espaço</b></p>	<p><b>Conceito:</b> é, por definição, o lugar onde se passa a ação numa narrativa. Se a ação for concentrada, isto é, se houver poucos fatos na história, ou se o enredo for psicológico, haverá menos variedade de espaços; pelo contrário, se a narrativa for cheia de peripécias (acontecimentos), haverá maior afluência de espaços. O espaço tem como <b>funções principais</b> situar as ações dos personagens e estabelecer com eles uma interação, quer influenciando suas atitudes, pensamentos ou emoções, quer sofrendo eventuais transformações provocadas pelos personagens. Assim como os personagens, o espaço pode ser caracterizado mais detalhadamente em trechos descritivos, ou as referências espaciais podem estar diluídas na narração. O termo espaço, de um modo geral, só dá conta do lugar físico onde ocorrem os fatos da história; para designar um “lugar” psicológico, social, econômico etc., empregamos o termo ambiente.</p> <p><b>Ambiente</b> é o espaço carregado de características socioeconômicas, morais, psicológicas, em que vivem os personagens. Neste sentido, ambiente é um conceito que aproxima tempo e espaço, pois é a confluência destes dois referenciais, acrescido de um clima.</p> <p><b>Clima</b> é o conjunto de determinantes que cercam os personagens, que poderiam ser resumidas às seguintes condições:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• socioeconômicas;</li> <li>• morais;</li> <li>• religiosas;</li> <li>• psicológicas.</li> </ul> <p><b>Funções do ambiente</b></p> <p>1. Situar os personagens no tempo, no espaço,</p>	<p>Na proposta aqui apresentada será abordada a ideia de espaço, no seu sentido físico, identificando-o, através das ações ou descrições apresentadas na narrativa.</p>

	<p>no grupo social, enfim nas condições em que vivem.</p> <p>2. Ser a projeção dos conflitos vividos pelos personagens.</p>	
<b>Tempo</b>	<p>Os fatos de um enredo estão ligados ao tempo em vários níveis: Época em se passa a história Constitui o pano de fundo para o enredo.</p> <p><b>Tempo cronológico</b> - É o nome que se dá ao tempo que transcorre na ordem natural dos fatos no enredo isto e do começo para o final. Está, portanto, ligado ao enredo linear (que não altera a ordem que os fatos ocorreram); chama-se cronológico porque é mensurável em horas, dias, meses, anos, séculos.</p> <p><b>Tempo psicológico</b> - É o nome que se dá ao tempo que transcorre numa ordem determinada pelo desejo ou pela imaginação do narrador ou dos personagens, isto é, altera a ordem natural dos acontecimentos. Está, portanto, ligado ao enredo não linear (no qual os acontecimentos estão fora da ordem natural).</p>	<p>A maior ênfase será dada ao tempo cronológico por ser o mais comum em narrativas orais.</p>
<b>Narrador</b>	<p><b>Conceito:</b> É o elemento estruturador da história, uma vez que é ele quem conta os fatos ocorridos.</p> <p><b>Classificação:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Terceira pessoa - não participa dos fatos narrados. Também denominados de narrador observador. É onisciente – sabe tudo sobre a história –, e onipresente – está presente em todos os lugares da história. Pode ser subdividido em: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Intruso (fala com o leitor, expõe seu ponto de vista);</li> <li>2. Parcial (escolhe um personagem e dá mais espaço a ele na composição da narrativa)</li> </ol> </li> <li>• Primeira Pessoa (Narrador personagem. Seu campo de visão é limitado. Não é onipresente nem onisciente). Subdivide-se em: <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Testemunha: Mesmo não sendo o protagonista, narra acontecimentos dos quais participou, ainda que sem grande destaque.</li> <li>2. Protagonista: É o personagem central.</li> </ol> </li> </ul>	<p>Não será dada uma maior ênfase aos tipos de narrador pelo fato de nas narrativas orais populares normalmente prevalecer o narrador em 3ª pessoa – onisciente.</p>

	<p><b>Observação:</b> Narrador não é o autor, mas uma entidade de ficção, isto é, uma criação linguística do autor, e por tanto ó existe no texto. Narrador. Não existe narrativa sem narrador, pois ele é o elemento estruturador da história.</p>	
<p><b>Tema</b> <b>Assunto</b></p>	<p><b>Tema</b> é a ideia em torno da qual se desenvolve a história. Pode-se identificá-lo, pois corresponde a um substantivo (ou expressão substantiva) abstrato(a). <b>Assunto</b> é a concretização do tema, isto é, como o tema aparece desenvolvido no enredo. Pode-se identificá-lo nos fatos da história e corresponde geralmente a um substantivo (ou expressão substantiva) concreto(a).</p>	<p>Esses conceitos não serão tratados durante a intervenção pelo fato de não ser o estudo dos textos narrativos o objetivo principal desta.</p>
<p><b>Discurso</b></p>	<p>Numa narrativa é possível distinguir pelo menos dois níveis de linguagem: o do narrador e o dos personagens. Evidentemente, não se deve esquecer que a linguagem dos personagens varia de acordo com as condições socioeconômicas de seu meio, a idade, o grau de instrução e ainda a região em que vivem. Chamam-se discursos às várias possibilidades de que o narrador dispõe para registrar as falas dos personagens:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Discurso direto</b> - É o registro integral da fala do personagem, do modo como ele a diz. Isso equivale a afirmar que o personagem fala diretamente, sem a interferência do narrador, que se limita a introduzi-la. Há duas maneiras principais de registrar o discurso direto:       <ol style="list-style-type: none"> <li>1. A mais convencional:           <ol style="list-style-type: none"> <li>a) verbo de elocução (falar, dizer, perguntar, retrucar etc.);</li> <li>b) dois-pontos; e) travessão (na outra linha).</li> </ol> </li> </ol> </li> <li>• <b>Discurso indireto</b> - É o registro indireto da fala do personagem através do narrador, isto é, o narrador é o intermediário entre o instante da fala do personagem e o leitor, de modo que a linguagem do discurso indireto é a do narrador.</li> </ul>	<p>Não será abordado nessa sequência por ser difícil o reconhecimento utilizando apenas a oralidade.</p>

APÊNDICE C – Caderno de atividades



## APRESENTAÇÃO

Este caderno de atividades foi pensado no intuito de organizar as atividades propostas na pesquisa intitulada *Histórias contadas em Ichu-Ba: por uma proposta de valorização da oralidade no ensino de Língua Portuguesa*, do PROFLETRAS/UEFS. Conhecendo as poucas atividades direcionadas no livro didático para o trabalho com a oralidade e pretendendo um material que atendesse aos objetivos proposto na pesquisa, necessitou-se a criação de um material didático impresso exclusivo. Há outros materiais didáticos em áudio e vídeo que acompanham as atividades aqui apresentadas, criados com o mesmo fim.

O caderno é formado por:

Duas fichas diagnósticas – uma para aluno, outra destinada a um membro da família;

Atividade 01 – intitulada de **Contaço de Histórias** é destinada à organização das discussões levantadas pelos grupos acerca da pesquisa feita em casa sobre a contaço de histórias no município e seus agentes;

Atividade 02 – intitulada de **Escuta e Contaço** traz orientações e questões referentes ao primeiro módulo de intervenção que se propunha trabalhar os elementos extralinguísticos da oralidade, bem como a importância e a necessidade da escuta ativa;

Atividade 03 – intitulada de **Elementos da Narrativa**, compõe o segundo módulo de intervenção e traz conteúdo, orientações e atividades referentes à estrutura narrativa e seus elementos.

Atividade 04 – intitulada de **Interagindo com o texto**, traz orientações e atividades em grupo e individuais que buscam a produção de significados, contextos e elementos não citados diretamente na história – aliás, próprio das histórias orais, poucas são as descrições que aparecem, ficando o ouvinte livre a se colocar como parte da história, criando-a mentalmente, enquanto ouve – e, nessa construção, encontrando elementos que são próximos e/ou pertinentes a si ou à comunidade em que o sujeito está inserido.

Autoavaliação – apresenta uma avaliação das questões discutidas ao longo da intervenção, trazendo questões mais gerais, além de uma questão aberta para um relato da opinião dos alunos sobre a importância dos elementos estudados para sua vida pessoal. Apesar de cada módulo de intervenção apresentar uma autoavaliação ao final das atividades, acreditamos ser interessante e necessário propor uma autoavaliação de toda a intervenção, com questões mais gerais.

A autora.



# FICHA DIAGNÓSTICA

## Objetivos:

- Conhecer melhor você e sua relação com a contação de histórias;
- Saber o que você conhece sobre os contadores de histórias da comunidade;



ALUNO \_\_\_\_\_

WhatsApp N° \_\_\_\_\_

## VOCÊ E SUA FAMÍLIA

1. Qual a sua idade? \_\_\_\_\_
2. Onde você mora? (nome da rua, povoado, etc) \_\_\_\_\_
3. Quem mora na sua casa além de você?  
 Pai       Mãe       irmãos       avó       avô  
 tio       tia       primos       padrasto       madrastra        
 Outros \_\_\_\_\_



Quantas pessoas no total? \_\_\_\_\_

4. Qual o nível de instrução do seu pai?  
 Analfabeto       Lê e escreve, mas nunca frequentou escola  
 Ensino Fundamental incompleto       Ensino Fundamental completo  
 Ensino Médio incompleto       Ensino Médio completo  
 Ensino Superior incompleto       Ensino Superior completo       Não sabe informar

5. Qual o nível de instrução da sua mãe?  
 Analfabeta       Lê e escreve, mas nunca frequentou escola  
 Ensino Fundamental incompleto       Ensino Fundamental completo  
 Ensino Médio incompleto       Ensino Médio completo  
 Ensino Superior incompleto       Ensino Superior completo       Não sabe informar

6. A Profissão do meu pai é \_\_\_\_\_ e da minha mãe é \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

## VOCÊ E O MUNDO

### 7. Você utiliza computador?

- Sim, diariamente       Sim, eventualmente  
 Não uso



### 8. Onde você tem acesso à internet? (pode marcar mais de uma opção)

- Não uso internet       Em casa  
 Na casa de parentes       Na escola  
 Na casa de amigos       Uso internet da operadora de celular (dados móveis)  
 Outro \_\_\_\_\_

### 9. Qual o uso mais comum que você faz da internet?

- Lazer       Escola       Igreja       Conversar com pessoas  
 Outros \_\_\_\_\_

### 10. Quais os recursos da Internet você mais utiliza? (pode marcar mais de uma opção)

- Não utiliza       Facebook       WhatsApp       twitter  
 Blogs       Vídeos       E-mail       G+  
 Músicas       Jogos       Grupos de discussão  
 Comunicadores instantâneos       Sites de entretenimento  
 Outros \_\_\_\_\_

### 11. Nas linhas abaixo, descreva um pouco da sua rotina:

a) O que costuma fazer às tardes durante a semana?

---



---



---

b) O que costuma fazer às noites durante a semana?

---



---



---

c) Como costumam ser seus finais de semana? O que você faz?

---



---



---



12. O que mais gosta de fazer no tempo livre? \_\_\_\_\_

13. Você gosta de ler livros? ( ) sim ( ) não

14. Caso goste, de que tipo? \_\_\_\_\_

15. Caso leia, além de livros escolares, em média, quantos livros você costuma ler por ano?

( ) Nenhum ( ) De 1 a 2 livros ( ) De 2 a 4 livros ( ) Mais de 4 livros

16. Em quais situações de sua vida você costuma falar em público?

\_\_\_\_\_

17. Você gosta de ouvir histórias? ( ) sim ( ) não

18. Caso goste de ouvir histórias, que tipo de histórias gosta de ouvir?

\_\_\_\_\_

19. Lembrando-se de quando você era bem criança, responda:

a) Quando era pequeno, contavam histórias pra você? ( ) Sim ( ) Não

b) Quem contava as histórias? (pode marcar mais de uma)

( ) pai ( ) mãe ( ) irmão(s) mais velho(s)

( ) tio ( ) avós ( ) outros \_\_\_\_\_

c) Que tipos de histórias eram contadas pra você nessa época?

\_\_\_\_\_

d) E hoje, ainda contam histórias pra você? Quem?

\_\_\_\_\_

20. Caso julgue necessário, faça alguma observação complementar:

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_



Disponível em: <http://teatroasabranca.blogspot.com.br/2010/05/intervencao-contacao-de-historia.html>





# FICHA DIAGNÓSTICA

## Objetivos:

- Conhecer relação da família com a contação de histórias;
- Saber o que você conhece sobre os contadores de histórias da comunidade.



ALUNO \_\_\_\_\_

## FAMÍLIA

1. Qual a sua idade? \_\_\_\_\_
2. Qual a relação de parentesco com o aluno? \_\_\_\_\_
3. Você gosta de ouvir histórias? Que tipo de histórias gosta de ouvir?  
\_\_\_\_\_
4. Lembrando-se de quando você era criança, responda:
  - a) Quando era pequeno, contavam histórias pra você? ( ) Sim ( ) Não
  - b) Quem contava as histórias? (pode marcar mais de um)  
( ) pai ( ) mãe ( ) irmão(s) mais velho(s)  
( ) tio ( ) avós ( ) outros \_\_\_\_\_
  - c) Que tipos de histórias eram contadas na sua época?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
5. Depois de adulto contou ou conta história para alguém? ( ) sim ( ) não  
Caso sua resposta seja sim, pra quem?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
6. Depois de adulto, ouviu ou ouve histórias em algum lugar? Onde?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
7. Que tipo de histórias é? Quem contou/conta essas histórias?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
8. Conhece alguém daqui de Ichu que goste de contar histórias para outras pessoas? Quem?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_



## 01

## CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

## Objetivos:

- Reconhecer a contação de histórias na própria comunidade;
- Praticar a oralidade;
- Reconhecer as características de textos orais.



## Em grupo

**1. Socialize com seus colegas as informações pesquisadas junto à família sobre a contação de histórias aqui no município. Dois pontos são fundamentais nessa conversa:**

- ⇒ Quais eram e são os contadores de histórias do município?
- ⇒ Como essa ação acontecia antigamente e acontece atualmente?

Faça aqui suas anotações: \_\_\_\_\_



**2. Relembrando as histórias que foram mostradas em aula anterior e de outras que você já ouviu, converse em grupo e liste o que mais aparece nas narrativas e dos elementos que o grupo acredita que não podem faltar para se ter ou contar uma história.**



fr.eepik.com



<http://elizaypaola13.blogspot.com.br/>

Veja outras histórias acessando:

Bia Bedran [www.youtube.com/user/biabedran/videos](http://www.youtube.com/user/biabedran/videos)

Juçara Batichoti [www.youtube.com/user/VaraldeHistorias/videos](http://www.youtube.com/user/VaraldeHistorias/videos) ou no Facebook

<https://www.facebook.com/varaldehistoria/?fref=ts>

# ESCUITA E CONTAÇÃO

## O que vou aprender?

- A importância da escuta adequada;
- Como contar uma história;
- O corpo ajuda a falar.



Disponível em: <http://zip.net/bwrYCb>

Você acabou de participar de uma atividade que ajudou a entender a importância da escuta atenta e adequada. Coloque em prática o que foi discutido, escutando o que os colegas têm a dizer no grupo, respeitando a fala de todos e esperando o momento certo para falar.



## Em grupo

- ⇒ Veja os vídeos enviados ao grupo do WhatsApp;
- ⇒ Discuta como **altura, entonação e ritmo** aparecem nele;
- ⇒ Discuta como cada conceito apresentado **deveria** aparecer;
- ⇒ Em grupo, faça um áudio comentando as melhorias necessárias;
- ⇒ Disponibilize no grupo do WhatsApp;
- ⇒ Ouça e comente sobre a atividade dos outros grupos;
- ⇒ Socializar para todos os comentários feitos no grupo.

## Ainda em grupo...

Agora, com os novos vídeos disponibilizados no grupo do WhatsApp, analise a **postural corporal** e os **gestos**. Após as discussões do grupo, as opiniões serão socializadas com os outros colegas.

**Não esqueça de dar a sua opinião e ouvir a dos colegas.**



nadyaillustrator



Você pode ver vídeos sobre os temas estudados acessando  
<https://www.youtube.com/watch?v=AnhBVdjNNsE>

Disponível em: <http://elizaypaola13.blogspot.com.br/>



## Refletindo

Agora que você já discutiu com os colegas, chegou a hora de refletir sobre sua prática. Lembrando-se de como contou sua história, comente quais pontos você acha que precisa melhorar e em quais se saiu bem.

---



---



---



---



---



---



## Auto Avaliação

A partir das aulas sobre **ESCUTA E CONTAÇÃO**, eu:

- |  |   |
|--|---|
| 1. Entendo o que é escutar em uma situação coletiva?<br>( ) sim    ( ) não    ( ) mais ou menos                            | 5. Conto uma história usando entonações adequadas?<br>( ) sim    ( ) não    ( ) mais ou menos                                 |
| 2. Reconheço a importância de escutar?<br>( ) sim    ( ) não    ( ) mais ou menos  | 6. Falo buscando manter um ritmo que não dificulte o entendimento de quem me ouve?<br>( ) sim    ( ) não    ( ) mais ou menos |
| 3. Entendo que é preciso respeitar a fala do outro, ainda que eu discorde dela?<br>( ) sim    ( ) não    ( ) mais ou menos | 7. Compreendo que meu corpo precisa acompanhar informações ditas oralmente?<br>( ) sim    ( ) não    ( ) mais ou menos        |
| 4. Consigo falar em uma altura em que as pessoas possam me ouvir bem?<br>( ) sim    ( ) não    ( ) mais ou menos           | 8. Entendo que o excesso ou a falta de gestos pode atrapalhar a minha fala?<br>( ) sim    ( ) não    ( ) mais ou menos        |

Apresente-nos um resumo do que você aprendeu na aula de hoje, diga-nos que problemas aconteceram e o que você gostaria que fosse mudado.

---



---



---



---



---



---

## ELEMENTOS DA NARRATIVA

## O que vou aprender?

- Quais os elementos da narrativa;
- Quais seus conceitos;
- Identificá-los num texto narrativo.



## Ouça!

1. Juntamente com os colegas de grupo, ouça a história disponível no grupo do WhatsApp. Em seguida, discuta e responda às questões abaixo:

- A) Quem participa da história? \_\_\_\_\_
- B) Onde ela acontece? \_\_\_\_\_
- C) É possível dizer quando ela acontece? \_\_\_\_\_
- D) O final é feliz? Por quê? \_\_\_\_\_
- E) Sobre o que é a história? \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_



## Leitura

2. Você verá a seguir os elementos da narrativa, seus conceitos e classificações. Leia com atenção, discutindo com os colegas.

## ELEMENTOS DA NARRATIVA

**ENREDO** - É o conjunto dos fatos de uma história e é conhecido por muitos nomes: intriga, ação, trama, história. Possui início, meio e fim e, normalmente, aparece um problema na história para ser resolvido.

**PERSONAGEM** - É um ser fictício que é responsável pelo desempenho do enredo; em outras palavras, é quem faz a ação. Quanto ao papel desempenhado no enredo o personagem pode ser:

a) **protagonista**: é o personagem principal

herói: é o protagonista com características superiores às de seu grupo;

anti-herói: é o protagonista que tem características iguais ou inferiores às de seu grupo, mas que por algum motivo está na posição de herói, só que sem competência para tanto.

b) **antagonista**: é o personagem que se opõe ao protagonista, seja por sua ação que atrapalha, seja por suas características opostas às do protagonista. Enfim, seria o vilão da história;

c) **personagens secundários**: são personagens menos importantes na história, isto é, que têm uma participação menor ou menos frequente no enredo.

**ESPAÇO** - É o lugar onde se passa a ação numa narrativa. Se a ação for concentrada, isto é, se houver poucos fatos na história, ou se o enredo for psicológico, haverá menos variedade de espaços; pelo contrário, se a narrativa for cheia de peripécias (acontecimentos), haverá maior afluência de espaços. O espaço tem como funções principais situar as ações dos personagens e estabelecer com eles uma interação, quer influenciando suas atitudes, pensamentos ou emoções, quer sofrendo eventuais transformações provocadas pelos personagens.

**TEMPO** - Época em se passa a história. Constitui o pano de fundo para o enredo e indica se as ações aconteceram no passado, acontecem no presente ou acontecerão no futuro. Pode ser classificado em:

**Cronológico** - É o nome que se dá ao tempo que transcorre na ordem natural dos fatos no enredo, isto é, do começo para o final. Está, portanto, ligado ao enredo linear (que não altera a ordem que os fatos ocorreram); chama-se cronológico porque é mensurável em horas, dias, meses, anos, séculos.

**Psicológico** - É o nome que se dá ao tempo que transcorre numa ordem determinada pelo desejo ou pela imaginação do narrador ou dos personagens, isto é, altera a ordem natural dos acontecimentos. Está, portanto, ligado ao enredo não linear (no qual os acontecimentos estão fora da ordem natural).

**CLÍMAX** - É o momento culminante da história, isto quer dizer que é o momento de maior tensão, no qual o conflito chega a seu ponto máximo. O clímax é o ponto de referência para que o desfecho aconteça.

**DESFECHO** - Também conhecido com desenlace, conclusão ou final, é a solução dos conflitos, boa ou má, vale dizer, configurando-se num final feliz ou não. Há muitos tipos de desfecho: **surpreendente, feliz, trágico, cômico**, etc.

Essas informações foram retiradas e adaptadas do livro **Como analisar narrativas** de Cândida Vilares Gancho.



### Em grupo

3. Agora que você já conheceu os elementos da narrativa, reveja em grupo as respostas dadas à primeira questão. Associe as respostas comparando-as aos elementos da narrativa, identificando-os na história ouvida. Caso seja preciso, ouça novamente a história. Anote as conclusões do grupo no espaço abaixo:

---



---



---



---



---



---



---



---

4. Ainda em grupo, escolha uma das opções abaixo e reelabore a história fazendo as modificações indicadas na opção.

- A) A história deve se passar numa cidade grande.
- B) O/A protagonista deve ser uma senhora com dificuldades de locomoção.

**Observação:** Ao concluir essa atividade, discuta em grupo se é possível mudar algum elemento da narrativa sem que haja mudanças na história.



Disponível em: <http://www.sopotugues.com.br/secos/curiosidades/figuras/palavra.png>

Depois de discutir as mudanças e estruturar a história, grave-a em um áudio e compartilhe no grupo do WhatsApp. Lembre-se de ouvir as versões dos colegas e comentar sobre elas.



### Auto Avaliação

A partir das aulas sobre **ELEMENTOS DA NARRATIVA**, eu:

- |  |   |
|--|---|
| <p>1. Consigo ouvir uma história e identificar as suas partes?<br/>( ) sim ( ) não ( ) mais ou menos</p> <p>2. Identifico os tipos de personagens?<br/>( ) sim ( ) não ( ) mais ou menos</p> <p>3. Consigo entender a importância que cada personagem tem na história?<br/>( ) sim ( ) não ( ) mais ou menos</p> <p>4. Percebo o tempo por meio das ações?<br/>( ) sim ( ) não ( ) mais ou menos</p> | <p>5. Percebo o espaço onde as ações acontecem?<br/>( ) sim ( ) não ( ) mais ou menos</p> <p>6. Reconheço o clímax?<br/>( ) sim ( ) não ( ) mais ou menos</p> <p>7. Entendo os diferentes tipos de desfecho?<br/>( ) sim ( ) não ( ) mais ou menos</p> <p>8. Consigo criar uma história com os elementos necessários?<br/>( ) sim ( ) não ( ) mais ou menos</p> |
|--|---|

Lembre-se da história que você contou aos colegas. Identifique os elementos da narrativa dessa história e diga se ela possui todos os elementos necessários a uma narrativa.

---



---



---



---

Apresente-nos um resumo do que você aprendeu na aula de hoje, diga-nos que problemas aconteceram e o que você gostaria que fosse mudado.

---



---



---

## INTERAGINDO COM O TEXTO

### O que vou aprender?

- Posso entender o que contam as histórias;
- Posso relacionar histórias diferentes;
- Posso me identificar com as histórias.



### Ouçã!

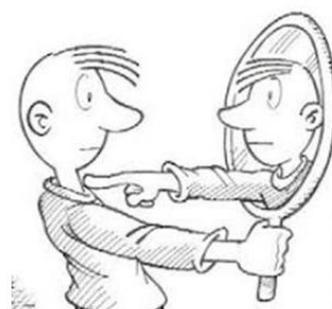
**1. Juntamente com os colegas de grupo, ouça a história disponível no grupo do WhatsApp. Em seguida, discutam sobre a história ouvida, comentando sobre o que entenderam, quais sentimentos e sensações despertados, dentre outras coisas.**



### Em grupo

**2. Depois de ouvir a história apresentada à turma, discuta em grupo:**

- Apesar de ser uma história de ficção, que envolve fantasia, o que acontece nela que você já viu acontecer na vida real?
- Se eu acredito que um personagem é bom ou mal, egoísta ou não, quais características e/ou ações dessa personagem comprovam isso nessa história?
- Em que os fatos contados se aproximam ou distanciam da vida de sua comunidade?
- Qual a importância de se conhecer essa história?
- O que seria muito difícil de acontecer aqui em Ichu? Por quê?
- O que é possível entender do que foi ouvido?
- Se essa história tivesse acontecido com você, qual seria sua reação?



Disponível em: [https://curitibapsicologa.files.wordpress.com/2012/07/espelho\\_image1.jpg](https://curitibapsicologa.files.wordpress.com/2012/07/espelho_image1.jpg)

**3. Imagine-se no lugar de Isabela, enquanto andava pela nova casa.**

- Que sons é possível ouvir?
- Como eram paredes, piso e móveis? O que havia ali?
- Como é o jardim?
- Quais sensações são experimentadas ao andar por esse espaço? Frio, calor, cheiros?
- A que perigos ela estava exposta?

O grupo pode apresentar respostas diferentes, mostrando os vários pensamentos expressos pelos seus participantes.

**4. Você conhece alguma história parecida com essa? Qual?**

**5. Comparando as duas histórias - a apresentada no grupo do whatsapp e a que você já conhecia, liste as semelhanças e diferenças:**

**Semelhanças**

Blank lined area for writing similarities.

**Diferenças**

Blank lined area for writing differences.



**Individual**

**6. A partir da história que você contou para os seus colegas, responda:**

Sobre os personagens:

a) Como o imagina fisicamente?

Blank lined area for answer a).

b) Como eles se vestem?

Blank lined area for answer b).

c) Quais são suas características psicológicas?

Blank lined area for answer c).

d) Que emoções e sentimentos eles experimentam ao longo da trama?

Blank lined area for answer d).



<https://encryptedtbn3.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcQIGiffIqaCSpNyh2GEP3JJzX0Ny11oosPCQcY98aj2QoKUm22Hg>

e) Sobre o espaço, observe se é (escolha o que mais aparece na história):

⇒ **Fechado: uma casa simples, um palácio**

- ◇ Como são as paredes?
- ◇ Qual é o mobiliário, o chão?
- ◇ O que vejo através das janelas?
- ◇ Que cheiros, cores e sons há nesse espaço?

⇒ **Um espaço aberto: jardim, floresta**

- ◇ Como é a vegetação?
- ◇ Que cores e tonalidades posso visualizar?
- ◇ Que animais habitam?
- ◇ Que sons é possível ouvir?
- ◇ Quais sensações são experimentadas ao andar por esse espaço? Sinto frio, calor, cheiros?

**Descreva-o aqui.**

---



---



---



---

f) Já viveu uma situação semelhante a essa que vivem os personagens dessa história? Qual?

---



---

g) Comente: essa história propõe reflexões interessantes? Quais?

---



---

h) Em que os fatos contados ou elementos se aproximam ou distanciam da vida de sua comunidade?

---



---

i) Quais as questões que se parecem com a minha realidade?

---



---

j) O que, pra você, seria muito difícil de acontecer aqui em Ichu? Por quê?

---



---

k) Com qual dos personagens você mais se identificou? Por que?

---



---



---



---

m) Você conhece alguém que se pareça com algum personagem? Quais as semelhanças? (não precisa citar nome)

---



---



---



---

n) O que fez você escolher essa história para contar?

---



---



---



---



## Refletindo



7. Agora, chegou a hora de refletir sobre sua história para responder:

- ⇒ Você já conhecia a história que contou? ( ) sim ( ) não
- ⇒ Quem lhe contou a história foi alguém do município? ( ) sim ( ) não
- ⇒ Sua história conta sobre algo acontecido aqui em Ichu? ( ) sim ( ) não
- ⇒ Sua história reflete, de alguma forma, questões ou ações referentes ao seu município?  
( ) sim ( ) não
- ⇒ Sua história correspondeu aos critérios apresentados pela professora para a escolha da história a ser contada para os colegas? ( ) sim ( ) não
- ⇒ Caso sua resposta anterior tenha sido negativa, comente o que houve de errado:

---



---



---



## Auto Avaliação

A partir das aulas sobre **INTERAGINDO COM O TEXTO**, eu:

- |  |  |
|--|--|
| <p>1. Ouço uma história e consigo entendê-la?<br/>( ) sim ( ) não ( ) mais ou menos</p>  | <p>características semelhantes a mim ou a algum conhecido?<br/>( ) sim ( ) não ( ) mais ou menos</p>   |
| <p>2. Reconheço que histórias diferentes podem falar de coisas parecidas?<br/>( ) sim ( ) não ( ) mais ou menos</p>                | <p>5. Reconheço que posso me identificar com uma história mesmo ela sendo de ficção?<br/>( ) sim ( ) não ( ) mais ou menos</p>                                   |
| <p>3. Entendo que mesmo um história sendo inventada ela pode se parecer com a vida real?<br/>( ) sim ( ) não ( ) mais ou menos</p> | <p>6. Percebo que mesmo uma história que acontece em outro lugar pode trazer coisas que acontecem na minha comunidade?<br/>( ) sim ( ) não ( ) mais ou menos</p> |
| <p>4. Entendo que os personagens podem apresentar</p>  | <p>( ) sim ( ) não ( ) mais ou menos</p>   |

**Apresente-nos um resumo do que você aprendeu nas aulas desse módulo, diga-nos que problemas aconteceram e o que você gostaria que fosse mudado.**

---



---



---



---



---

## 05

## AUTO-AVALIAÇÃO

## O que eu aprendi?

- Reavalie todas as atividades que foram feitas;
- Reavalie seu desempenho durante as atividades.

**A partir de tudo que foi visto sobre a CONTAÇÃO DE HISTÓRIA e ORALIDADE, eu:**

1. Gostei de ter participado das atividades desenvolvidas sobre a contação de histórias?

sim     não     mais ou menos

2. Acredito que aprendi coisas importantes?

sim     não     mais ou menos

3. Sinto-me seguro para falar em público?

sim     não     mais ou menos

4. Percebo a importância social da contação de história?

sim     não     mais ou menos

5. Consigo produzir uma história oral contendo os elementos necessários?

sim     não     mais ou menos

6. Posso escutar as pessoas respeitando sua fala e esperando o momento para interferir?

sim     não     mais ou menos

7. Conheci como acontecia a contação de histórias aqui no município?

sim     não     mais ou menos



**Apresente-nos um resumo do que você achou das atividades e relate o que você acredita que sua aprendizagem vai ajudar em sua vida.**



Disponível em: <http://www.nadiahefetz.net/historias.html>

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. *Edital de convocação para o processo de inscrição e avaliação de obras didáticas para o Programa Nacional do Livro Didático: PNLD 2017*. Secretaria de Educação Básica. MEC/SEB, 2015.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

GANCHO, Cândida Vilarés. *Como analisar narrativas*. 7. ed. São Paulo: Editora Ática, 2004. Série Princípios.

FERREIRA, Hugo Ricardo Chaves, *Comunicação Não Verbal: Cinésica, Proxémica e Paralinguagem*. Universidade de Coimbra, 2001. Disponível em: <[https://student.dei.uc.pt/~hrcf/com\\_n\\_verbal.htm](https://student.dei.uc.pt/~hrcf/com_n_verbal.htm)>. Acesso em 03 ago. 2016.



**9. Qual o uso mais comum que você faz da internet?**

- Lazer       Escola       Igreja       Conversar com pessoas  
 Outros \_\_\_\_\_

**10. Quais os recursos da Internet você mais utiliza? (pode marcar mais de uma opção)**

- Não utiliza       Facebook       WhatsApp       twitter  
 G+       Blogs       Vídeos       E-mail  
 Músicas       Jogos       Grupos de discussão  
 Comunicadores instantâneos       Sites de entretenimento  
 Outros. \_\_\_\_\_

**11. Nas linhas abaixo, descreva um pouco da sua rotina:**

- a) O que costuma fazer às tardes durante a semana?

---



---



---

- b) O que costuma fazer às noites durante a semana?

---



---



---

- c) Como costumam ser seus finais de semana? O que você faz?

---



---



---

**12. O que mais gosta de fazer no tempo livre?**


---



---

**13. Você gosta de ler livros? ( ) sim ( ) não****14. Caso goste, de que tipo? \_\_\_\_\_****15. Caso leia, além de livros escolares, em média, quantos livros você costuma ler por ano?**

- Nenhum       De 1 a 2 livros       De 2 a 4 livros       Mais de 4 livros

**16. Em quais situações de sua vida você costuma falar em público?**


---



---



---

17. Você gosta de ouvir histórias? ( ) sim ( ) não

18. Caso goste de ouvir histórias, que tipo de histórias gosta de ouvir?

---

---

19. Lembrando-se de quando você era bem criança, responda:

a) Quando era pequeno, contavam histórias pra você? ( ) Sim ( ) Não

b) Quem contava as histórias? (pode marcar mais de um)

( ) pai ( ) mãe ( ) irmão(s) mais velho(s)

( ) tio ( ) avós ( ) outros \_\_\_\_\_

c) Que tipos de histórias eram contadas pra você nessa época?

---

---

---

20. E hoje, ainda contam histórias pra você? Quem?

---

---

---

---

21. Caso julgue necessário, faça alguma observação complementar:

---

---

---

---

## APÊNDICE E – Ficha diagnóstica da família



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA  
 DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
 MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS/PROFLETRAS  
 Avenida Transnordestina, S/N - Bairro Novo Horizonte - CEP 44.036-900  
 Fone: (75) 3161-8872 – E-mail: [profletras@uefs.br](mailto:profletras@uefs.br)  
[www.profletrasuefs.wordpress.com](http://www.profletrasuefs.wordpress.com)



### FICHA DIAGNÓSTICA – FAMÍLIA

Aluno nº \_\_\_\_\_

Qual a idade? \_\_\_\_\_

Qual a relação de parentesco com o aluno? \_\_\_\_\_

**1. Você gosta de ouvir histórias? Que tipo de histórias gosta de ouvir?**

---



---

**2. Lembrando-se de quando você era criança, responda:**

a) Quando era pequeno, contavam histórias pra você? ( ) Sim ( ) Não

b) Quem contava as histórias? (pode marcar mais de um)

( ) pai ( ) mãe ( ) irmão(s) mais velho(s)

( ) tio ( ) avós ( ) outros \_\_\_\_\_

c) Que tipos de histórias eram contadas na sua época?

---



---



---

**3. Depois de adulto contou ou conta história para alguém? ( ) sim ( ) não**

Caso sua resposta seja sim, pra quem? \_\_\_\_\_

**4. Depois de adulto, ouviu ou ouve histórias em algum lugar? Onde?**

---



---

**5. Que tipo de histórias é? Quem contou/conta essas histórias?**

---



---

**6. Conhece alguém daqui de Ichu que goste de contar histórias para outras pessoas? Quem?**

---



---

**APÊNDICE F – Quadro síntese do perfil dos alunos**

**QUADRO SÍNTESE DA SONDAAGEM**

ALUNO N°	GÊNERO	IDADE	LOCAL ONDE MORA	COM QUEM MORA	USA COMPUTADOR	ACESSO A INTERNET	POSSUI CELULAR COM WHATSAPP	GOSTA DE LER	COSTUMA FALAR EM PÚBLICO	COSTUMAVA OUVIR HISTÓRIAS	AINDA OUVI HISTÓRIAS	GOSTA DE OUVIR HISTÓRIAS	AÇÕES DESENVOLVIDAS NO VESPERTINO	AÇÕES DESENVOLVIDAS NO NOTURNO	AÇÕES DESENVOLVIDAS NOS FINS DE SEMANA
1	M	14	José Astério	Tios e irmãos	N	S	N	S	N	N	N	S	Trabalha	Lazer	Lazer
2	M	13	Centro	Mãe e irmão	S	S	N	S	S	S	S	S	Lazer, atividades domésticas, escolares e sociais	Lazer	Lazer e atividades sociais
3	M	12	Centro	Pais	S	S	S	N	N	S	S	S	Lazer	Lazer	Lazer
4	F	13	Cortiço	Mãe	S	S	S	S	S	S	S	S	Lazer, atividades domésticas, escolares e sociais	Lazer	Lazer e atividades sociais
5	M	12	Centro	Pais e irmãos	S	S	S	N	N	S	S	S	Lazer	Lazer	Lazer

6	M	13	Cortiço	Mãe, irmão e padrasto	S	S	S	S	N	S	S	S	Lazer	Lazer e atividades escolares	Lazer e atividades escolares
7	F	13	Centro	Pais e irmãos	S	S	S	S	N	S	N	S	Lazer, atividades domésticas, escolares e sociais	Lazer	Lazer
8	M	13	Centro	Mãe e irmão	S	S	S	S	N	S	N	S	Lazer	Lazer	Lazer
9	M	13	Centro	Mãe, irmãos e avó	N	S	N	S	N	S	S	S	Lazer	Lazer	Atividades sociais
10	M	13	Cortiço	Mãe, irmãos e sobrinhos	N	S	S	S	N	S	N	S	Lazer	Lazer	Lazer e atividades sociais
11	F	13	José Astério	Pais	S	S	N	N	N	S	N	S	Lazer	Lazer	Lazer e atividades domésticas
12	F	13	Cortiço	Pais	S	S	N	S	N	S	N	S	Lazer e atividades escolares	Lazer	Lazer
13	F	14	Cortiço	Pais e irmãos	N	N	N	S	N	S	S	S	Atividades domésticas	Lazer e atividades domésticas	Atividades domésticas
14	M	13	José Astério	Pais e irmão	N	S	N	S	N	S	N	S	Lazer	Lazer	Lazer
15	M	13	Centro	Pais e irmão	N	S	S	N	N	N	N	S	Lazer e atividades escolares	Lazer	Lazer
16	F	13	Centro	Pais e irmão	S	S	S	S	S	S	S	S	Lazer,	Lazer e	Lazer e

													atividades domésticas e sociais	atividades escolares	atividades sociais
17	F	15	Centro	Marido e sogros	N	S	S	S	N	N	N	S	Lazer e atividades escolares	Lazer e atividades sociais	Lazer
18	M	18	Centro	Pais e irmãos	S	S	S	S	N	S	N	S	Trabalha	Lazer	Lazer

## APÊNDICE G – Termo de consentimento livre e esclarecido - pais/responsáveis.

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS  
CONFORME RESOLUÇÃO N 466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

(Se tiver dificuldade com leitura pode pedir a alguém de sua confiança para ler esse Termo)

Seu (sua) filho (a) (ou menor o qual é responsável) está sendo convidado para participar como voluntário(a) do estudo **HISTÓRIAS CONTADAS EM ICHU-BA: POR UMA PROPOSTA DE VALORIZAÇÃO DA ORALIDADE NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**. Queremos saber se é possível desenvolver a oralidade utilizando a contação de histórias. Você não precisa autorizar a participação dele(a) no estudo se não quiser, é um direito seu e ele(a) não terá nenhum problema se não aceitar ou desistir. Caso aceite, ele(a) responderá a uma ficha diagnóstica e participará das ações que contarão com a contação de histórias em sala de aula, estudo e análise das histórias e da ação em si, e fará em grupo uma pesquisa com um contador de história do município a ser selecionado, na residência deste, fazendo entrevista e coletando materiais diversos referentes ao tema pesquisado. É possível que ele(a) se sinta envergonhado ou intimidado na desenvoltura das ações. O senhor(a) responderá, também, a uma ficha diagnóstica que será levada para casa pelo seu filho(a). Caso queira, poderá retirar o seu consentimento e a pesquisadora irá respeitar sua vontade. Mas há coisas boas que podem acontecer com a realização deste projeto, pois sua realização poderá vir a desenvolver melhor a oralidade do aluno, sua participação em sala de aula, bem como conhecer mais sobre a cultura da contação de histórias do município. Não haverá nenhum gasto ou pagamento para seu (sua) filho (a) (ou menor o qual é responsável) participar do estudo, ficando a pesquisadora responsável pelos custos de alimentação e deslocamento quando houver necessidade. O Senhor(a) tem direito a indenização caso seu(sua) representado(a) sofra algum prejuízo causado por este estudo. Caso haja necessidade de indenização ou ressarcimento, a pesquisadora se responsabiliza por fazê-lo(a). Ninguém saberá que seu(sua) representado(a) está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que ele(a) nos der. As informações colhidas ficarão guardadas em arquivos pessoais, sob minha responsabilidade, durante o período de 05 (cinco) anos. Os resultados do estudo vão ser publicados, mas sem identificar as crianças que participaram da pesquisa. Quando terminarmos o estudo, os resultados serão publicados em jornais e revistas científicas e o senhor(a) também terá acesso a eles. Caso haja alguma palavra ou frase que o Senhor(a) não consiga entender, converse com a pesquisadora responsável pelo estudo para explicá-lo(a). O Senhor(a) ainda poderá nos procurar para retirar dúvidas entrando em contato com a **PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Elinalva Carneiro Muniz Guimarães** através do telefone da escola **(75) 3684-2106** ou vindo pessoalmente até a mesma na **Av. Adalberto Ferreira Santiago, 245, Centro, Ichu-Ba**. Ao assinar, está autorizando seu(sua) filho(a) (ou menor o qual é responsável) a participar da pesquisa **HISTÓRIAS CONTADAS EM ICHU-BA: POR UMA PROPOSTA DE VALORIZAÇÃO DA ORALIDADE NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**. Uma vez esclarecidos os objetivos, as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer e entendendo que a participação não é obrigatória e que a qualquer momento é possível desistir. Uma vez que as dúvidas foram tiradas e seu consentimento for dado, uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido, será entregue após a assinatura. Em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo é possível ligar para o CEP/UEFS (75) 3161-8067 ou mandar um *e-mail* para cep@uefs.br.

Ichu, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016

\_\_\_\_\_  
Assinatura do responsável pelo participante do estudo

\_\_\_\_\_  
Elinalva C.M. Guimarães - Pesquisadora

\_\_\_\_\_  
Patrício Nunes Barreiros - Orientador

## APÊNDICE H – Termo de consentimento livre e esclarecido - contadores de história

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO N 466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.**

(Se tiver dificuldade com leitura pode pedir a alguém de sua confiança para ler esse Termo)

Você está sendo convidado para participar como voluntário(a) do estudo **HISTÓRIAS CONTADAS EM ICHU-BA: POR UMA PROPOSTA DE VALORIZAÇÃO DA ORALIDADE NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**. Queremos saber se é possível desenvolver a oralidade dos alunos utilizando a contação de histórias. Você não precisa participar do estudo se não quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se não aceitar ou desistir. Caso aceite, responderá a perguntas relacionadas à sua vida pessoal e a sua relação com a contação de histórias do município. É possível que se sinta envergonhado ou intimidado na entrevista ou exposto com a publicação na internet do vídeo contando sua história. Solicitamos ao contador de história a ser entrevistado, a autorização para fotografar e filmar a entrevista, bem como digitalizar fotografias ou documentos relacionados ao tema pesquisado, alertando que estes farão parte de um vídeo a ser divulgado na internet. Caso queira, poderá retirar o seu consentimento e a pesquisadora irá respeitar sua vontade. Mas há coisas boas que podem acontecer com a realização deste projeto, pois sua realização poderá vir a desenvolver melhor a oralidade dos sujeitos e sua participação em sala de aula, bem como divulgar mais sobre a cultura da contação de histórias do município. Não haverá nenhum gasto ou pagamento para participar do estudo, ficando a pesquisadora responsável pelos custos de alimentação e deslocamento quando houver necessidade. O Senhor(a) tem direito a indenização caso sofra algum prejuízo causado por este estudo. Caso haja necessidade de indenização ou ressarcimento, a pesquisadora se responsabiliza por fazê-lo(a). Sua identidade ficará protegida, exceto na disponibilização do vídeo na internet. As informações colhidas ficarão guardadas em arquivos pessoais, sob responsabilidade da pesquisadora, durante o período de 05 (cinco) anos. Os resultados do estudo vão ser publicados, mas sem identificar as crianças ou colaboradores que participaram da pesquisa. Quando terminarmos o estudo, os resultados serão publicados em jornais e revistas científicas e o Senhor(a) também terá acesso a eles. Caso haja alguma palavra ou frase que o Senhor(a) não consiga entender, converse com a pesquisadora responsável pelo estudo para explicá-lo(a). O Senhor(a) ainda poderá nos procurar para retirar dúvidas entrando em contato com a **PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Elinalva Carneiro Muniz Guimarães** através do telefone da escola **(75) 3684-2106** ou vindo pessoalmente até a mesma na **Av. Adalberto Ferreira Santiago, 245, Centro, Ichu-Ba**. Ao assinar, está autorizando a participação na pesquisa **HISTÓRIAS CONTADAS EM ICHU-BA: POR UMA PROPOSTA DE VALORIZAÇÃO DA ORALIDADE NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**. Uma vez esclarecidos os objetivos, as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer e entendendo que a participação não é obrigatória e que a qualquer momento é possível desistir. Uma vez que as dúvidas foram tiradas e seu consentimento for dado, uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido, será entregue após a assinatura. Em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo é possível ligar para o CEP/UEFS (75) 3161-8067 ou mandar um *e-mail* para cep@uefs.br.

Ichu, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016

---

Assinatura do participante do estudo

---

Elinalva C.M. Guimarães - Pesquisadora

---

Patrício Nunes Barreiros – Orientador

## APÊNDICE I – Termo de assentimento

### TERMO DE ASSENTIMENTO

Você está sendo convidado para participar como voluntário(a) da pesquisa **HISTÓRIAS CONTADAS EM ICHU-BA: POR UMA PROPOSTA DE VALORIZAÇÃO DA ORALIDADE NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**, com o objetivo de desenvolver sua linguagem comunicativa oral por meio da contação de histórias possibilitando-o ser protagonista de sua aprendizagem. Ela será realizada para aprimorar o ensino de língua materna e ocorrerá a partir da rotina escolar nas aulas de Língua Portuguesa, sendo realizada por meio de discussões, resolução de atividades, pesquisas, aulas de campo, produção, análise e refação de práticas orais e a produção de vídeos e uma posterior exposição dos trabalhos realizados numa página da internet. Você não precisa participar do estudo se não quiser, é um direito seu e você não terá nenhum problema se não aceitar ou desistir, sendo que você pode realizar outras atividades diferentes do projeto sem perda de aprendizagem ou nota. Caso você aceite participar, a pesquisa envolverá a resolução de questionários, discussões sobre a temática da pesquisa, atividades relacionadas ao assunto, momentos de contação de histórias, pesquisas, atividades extraclases. O momento da contação de história será gravado em áudio e vídeo para analisar e refazer a ação em sala de aula. A previsão é de que toda essa intervenção dure aproximadamente uma unidade letiva. É possível que você se sinta envergonhado ou intimidado no desenvolvimento das ações. Caso queira, poderá retirar o seu consentimento e a pesquisadora irá respeitar sua vontade. Mas há coisas boas que podem acontecer com a participação deste projeto, pois sua realização poderá vir a desenvolver melhor a sua oralidade, sua participação em sala de aula, bem como conhecer mais sobre a cultura da contação de histórias do município. Não haverá nenhum gasto ou pagamento para participar do estudo, ficando a pesquisadora responsável pelos custos de alimentação e deslocamento quando houver necessidade. Você terá direito a indenização caso sofra algum prejuízo causado por este estudo. Caso haja necessidade de indenização ou ressarcimento, a pesquisadora se responsabiliza por fazê-lo(a). Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas nem constará seu nome no projeto. As informações colhidas ficarão guardadas em arquivos pessoais, sob minha responsabilidade, durante o período de 05 (cinco) anos. Quando terminarmos o estudo os resultados serão publicados em jornais e revistas científicas e você também terá acesso a eles. Caso haja alguma palavra ou frase que você não consiga entender, converse com a pesquisadora responsável pelo estudo para explicá-lo(a) ou com um adulto. Você ainda poderá nos procurar para retirar dúvidas entrando em contato com a **PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Elinalva Carneiro Muniz Guimarães** na escola ou através do telefone da escola **(75) 3684-2106**. Ao assinar, você está concordando em participar da pesquisa **HISTÓRIAS CONTADAS EM ICHU-BA: POR UMA PROPOSTA DE VALORIZAÇÃO DA ORALIDADE NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**. Uma vez esclarecidos os objetivos, as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer e entendendo que a participação não é obrigatória e que a qualquer momento é possível desistir. Uma vez que as dúvidas foram tiradas e seu consentimento for dado, uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido, será entregue após a assinatura. Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como um sujeito de pesquisa, em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo é possível ligar para o Comitê de Ética - CEP/UEFS (75) 3161-8067 ou mandar um *e-mail* para cep@uefs.br. O CEP é constituído por um grupo de profissionais de diversas áreas, com conhecimentos científicos e não científicos que realizam a revisão ética inicial e continuada da pesquisa para mantê-lo seguro e proteger seus direitos.

Ichu, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016.

\_\_\_\_\_  
NOME DO(A) ALUNO(A)

Elinalva C. M. Guimarães - Pesquisadora

\_\_\_\_\_  
ASSINATURA

Patrício Nunes Barreiros - Orientador

## APÊNDICE J – Conversa com os contadores de história



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS/PROFLETRAS**  
 Avenida Transnordestina, S/N - Bairro Novo Horizonte - CEP 44.036-900  
 Fone: (75) 3161-8872 – E-mail: [profletras@uefs.br](mailto:profletras@uefs.br)  
[www.profletrasuefs.wordpress.com](http://www.profletrasuefs.wordpress.com)



### CONVERSA COM O CONTADOR DE HISTÓRIAS

#### OBS:

1. As questões aqui listadas foram discutidas em sala e organizadas pelos alunos. A depender da fala do contador, outras perguntas podem ser inseridas na conversa, sem necessidade de fazer parte desta lista.
2. As perguntas assim como as respostas serão feitas oralmente e serão gravadas em vídeo e áudio.
3. A pessoa pode contar um pouco da sua história, falando, por exemplo, como conheceu seu cônjuge, quando casaram, quantos filhos teve. Depois, as perguntas que não forem respondidas são perguntadas individualmente. Para isso, exige-se colocar em prática a escuta como se propõe que seja.

CONTADOR DE HISTÓRIAS \_\_\_\_\_

1. Qual o seu nome completo?
2. Onde e quando você nasceu?
3. Como é o nome de sua esposa/seu esposo?
4. Há quantos anos esteve/está casado?
5. Quantos filhos teve?
6. Como começou contando histórias?
7. De quem ouviu as histórias que conta?
8. Na sua família alguém contava histórias para você? Quem?
9. Que tipo de histórias gosta de contar?
10. Para quem você contava histórias?
11. Hoje, para quem você conta histórias?
12. O que ou quem serviu de motivação para você contar histórias?
13. Qual a primeira história que aprendeu?
14. Qual a sua história favorita?
15. Pode nos contar uma de suas histórias?

**APÊNDICE K – Convite para reunião com os pais**

# Convite

Convidamos você que é pai, mãe ou responsável por aluno da 7ª série do matutino do Colégio Estadual Luiz Júlio Carneiro para participar de uma conversa sobre uma atividade a ser realizada na turma de seu/sua filho(a) durante as aulas de Língua Portuguesa. Essa conversa será breve e acontecerá logo após a reunião de pais marcada para o dia 14/03 às 13:30h, no auditório da escola.



PROFLETRAS

## APÊNDICE L – Aviso de atividade em turno oposto



# Aviso

Como já foi dito aos responsáveis que haveria atividade fora da escola para os alunos participantes do projeto de intervenção CONTAR PARA (RES) SIGNIFICAR, gostaria de avisar que dia \_\_\_\_ seu/sua filho/a participará de uma atividade a partir das \_\_\_\_h. Entre os dias 10 e 14/06 também haverá atividade em turno oposto em dia ainda a ser definido.

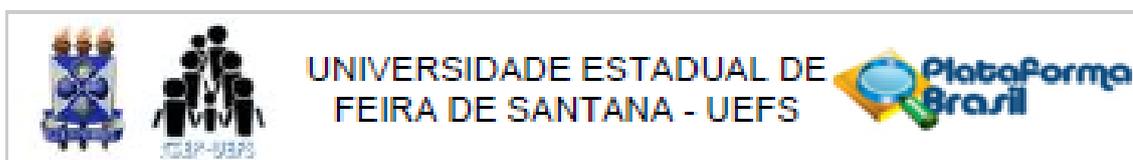
Agradeço a colaboração de vocês.



PROFLETRAS

**ANEXOS**

## ANEXO 1 – Parecer consubstanciado do CEP/UEFS



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** HISTÓRIAS CONTADAS EM ICHU-BA: POR UMA PROPOSTA DE VALORIZAÇÃO DA ORALIDADE NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

**Pesquisador:** Elnaiva Carneiro Muniz Guimarães

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 51343315.2.0000.0053

**Instituição Proponente:** ASSOCIAÇÃO DE PAIS, MESTRES E AMIGOS DO CENTRO DE EDUCAÇÃO

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

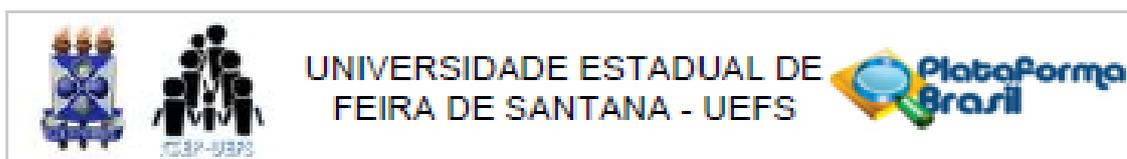
**Número do Parecer:** 1.439.509

#### **Apresentação do Projeto:**

Trata-se de um projeto de pesquisa de mestrado vinculado ao Mestrado Profissional em Letras/PROFLETRA da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), intitulado "histórias contadas em Ichu-BA: por uma proposta de valorização da oralidade no ensino de língua portuguesa", tendo como pesquisadora responsável Elnaiva Carneiro Muniz Guimarães e pesquisador colaborador Patrício Nunes Barreiros (orientador).

O projeto informa que "normalmente, as aulas de Língua Portuguesa priorizam a escrita e regras normativas e acreditando que é possível a escola promover momentos de fala e escuta que levem os alunos a usar de forma consciente e respeitosa a sua oralidade, busca-se a partir da contação de histórias e com a ajuda das tecnologias digitais promover momentos de prática da oralidade. É perceptível que a contação de histórias que já foi uma prática tão comum e importante para a disseminação de saberes e da cultura em si vem perdendo espaço em meio às famílias e suas comunidades desde a popularização de tecnologias como o rádio e a televisão e, posteriormente, computador e celular, e sua prática está quase que restrita à infância das pessoas. Ao passo que as crianças crescem, o contato com as histórias contadas vai diminuindo, tomando-se rara quando a criança é alfabetizada e passa a ter a possibilidade do contato direto com histórias escritas

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS  
 Bairro: Módulo I, MA 17 CEP: 44.031-460  
 UF: BA Município: FEIRA DE SANTANA  
 Telefone: (75)3161-5067 E-mail: cep@uefs.br



Continuação do Parecer: 1.439.509

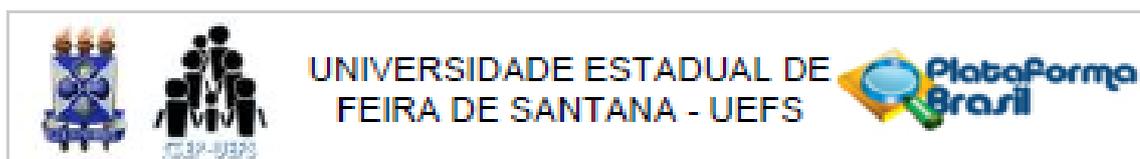
através da leitura" (Informações básicas/Plataforma Brasil, 03). A isto acrescenta-se que "A escolha da oralidade para o desenvolvimento do projeto de Intervenção deu-se pela percepção diária, através da prática docente, da reação de alguns alunos que se negam a participar oralmente das aulas de Língua Portuguesa, seja com leitura de texto, na correção de exercícios ou na exposição de suas opiniões" ( Projeto completo, p. 05).

Diante do exposto, a autora propõe um estudo de Intervenção, através da pesquisa ação, por meio da elaboração e aplicação de uma sequência didática voltada para o Ensino Fundamental. "A sequência didática proposta concentra-se na utilização de histórias conhecidas e contadas no município referido e busca inserir esse repertório cultural nas aulas de Língua Portuguesa, resgatando a importância da oralidade em sala de aula e ressignificando um importante aspecto da cultura Ichuense" (Informações básicas/Plataforma Brasil, p. 03; Projeto completo, p. 09). A coleta de dados será realizada por meio de fichas diagnósticas, de conversas informais e da análise da pasta documental do aluno. Durante a intervenção, serão aplicadas fichas auto avaliativas e gravações em áudio e vídeo das apresentações dos alunos. Além do registro descritivo das ações, recepção e participação dos alunos.

A apresentação do projeto ao corpo administrativo e docente da escola será realizada durante a Jornada pedagógica de 2016 e aos alunos e seus pais em uma reunião extraordinária. A pesquisadora responsável informa ainda que "Caso algum pai não compareça à essa reunião, por qualquer motivo que seja, será contactado pela pesquisadora por meio do telefone do responsável que consta na pasta do aluno para que seja marcada uma visita à residência do mesmo, ou, na falta de um telefone de acesso, a pesquisadora fará uma visita diretamente à residência do aluno, remarcando-a caso não encontre o responsável ou este deseje fazer uma leitura posterior do termo a ser assinado" (Projeto completo, p. 31).

Será realizada sondagem envolvendo os alunos, família e professores da turma através de fichas diagnósticas. Ela acontecerá, também, com a análise da pasta documental dos alunos e coleta de informações através de conversas informais com funcionários da escola. Após a sondagem, haverá a produção final que será gravada em vídeo para comparação com a produção inicial. Essa sequência didática propõe, ainda, um trabalho de campo, quando serão coletadas informações e quaisquer materiais que se refiram a contação de histórias e ao contador pesquisado. Todo material construído ao longo da intervenção será disponibilizado em uma página da Internet que

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS  
 Bairro: Módulo I, MA 17 CEP: 44.031-460  
 UF: BA Município: FEIRA DE SANTANA  
 Telefone: (75)3181-8087 E-mail: cep@uefs.br



Continuação do Parecer: 1.439.509

será apresentada na culminância.

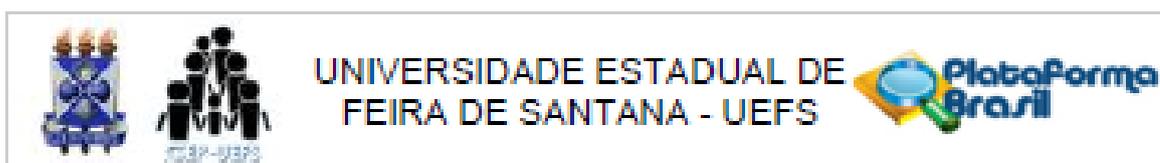
Propõe também a criação de um grupo no aplicativo WhatsApp para facilitar a disponibilização dos trechos, sua análise e a devolução do trecho retido (Projeto completo p. 32). O próprio ato participativo e Interventivo dos alunos, bem como a qualidade destes, servirá de instrumento avaliativo, agregando-se, também, produções orais gravadas em áudio e vídeo e a produção do material digital. "Os dados serão analisadas e comparadas as produções Inicial e final dos alunos, observando a presença dos elementos estudados na intervenção. Haverá uma análise descritiva da participação dos alunos, suas produções e realização das atividades propostas" (Informações Básicas do Projeto/Plataforma Brasil, p.4).

A pesquisadora esclarece que, para garantir o sigilo das informações e o anonimato dos participantes, "Haverá uma conversa de conscientização do uso do WhatsApp e sobre a importância do não compartilhamento dos dados utilizados durante as aulas como um sinal de respeito a si e aos outros. Haverá, também, um pedido para que os arquivos sejam apagados ao findar de cada aula. Mas, consciente de que é impossível garantir que em nenhum momento arquivos sejam disponibilizados para alguém fora do grupo, e, caso isso venha acontecer, a pesquisadora mudará a estratégia de trabalho, utilizando para esse fim outros meios de gravação com aparelhos que não tenham conectividade com a Internet, de forma que as produções passarão a ser socializadas em sala por meio do projetor multimídia, e os aparelhos usados para as gravações serão fornecidos pela pesquisadora e ficarão sob responsabilidade da mesma" (Projeto completo, p. 32-33).

A pesquisa prevê, também, a construção de documentários sobre a vida de alguns contadores de histórias do município e de uma biblioteca digital. Apresenta critérios de inclusão e exclusão, bem como instrumento de coleta de dados.

Apresenta Cronograma detalhado, com atividades a serem desenvolvidas entre os meses de fevereiro a novembro de 2016. O orçamento está estimado em R\$ 2.078,00, "com a contrapartida Institucional da Universidade Estadual de Feira de Santana, com espaço físico, computadores, acesso a Internet, biblioteca, professor orientador e professores da banca de qualificação que não serão remunerados uma vez que o PROFLETRAS não reserva bolsas ou remuneração para esses fins" (Planilha\_Orçamentaria).

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS  
 Bairro: Módulo I, MA 17 CEP: 44.031-460  
 UF: BA Município: FEIRA DE SANTANA  
 Telefone: (75)3161-8067 E-mail: cep@uefs.br



Continuação do Parecer: 1.439.509

#### Objetivo da Pesquisa:

**PRIMÁRIO:** "Elaborar, aplicar e avaliar, em uma turma de 7º ano, do Colégio Estadual Luiz Júlio Camello, na cidade de Ichu-BA, uma sequência didática com a finalidade de desenvolver habilidades e competências referentes à oralidade, seus domínios e usos" (Informações básicas/Plataforma Brasil, p. 03; Projeto completo, p. 09).

**SECUNDÁRIOS:** "• Elaborar um modelo didático com foco nas histórias orais difundidas em Ichu-Ba; • Contextualizar o que é e qual a importância da contação de histórias para si e para a comunidade local; • Resgatar a história dos contadores de histórias do município, bem como as histórias por eles conhecidas; • Aperfeiçoar a escuta de textos orais; • Reconhecer traços que diferenciam a linguagem verbal oral da verbal escrita; • Disponibilizar essas histórias em uma página na Internet; • Desenvolver a autonomia da fala bem como sua fluência e entonação necessárias; • Relacionar as histórias contadas com os costumes e crenças da região; • Desenvolver uma postura reflexiva diante da língua; • Desenvolver uma postura reflexiva diante da própria produção oral; • Contextualizar-se linguisticamente em novas práticas sócio interativas; • Fazer o uso de tecnologias móveis em sala de aula como aliadas ao processo de ensino-aprendizagem" (Informações básicas/Plataforma Brasil, p. 03; Projeto completo, p. 9-10).

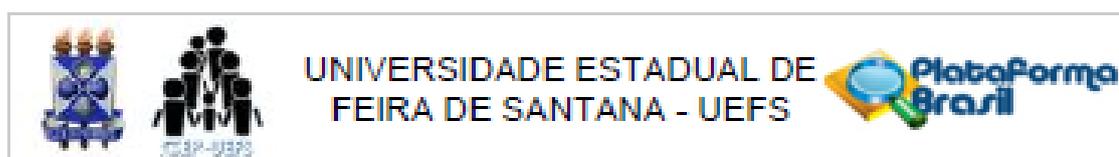
#### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

**RISCOS:** "Reconhece-se que a prática de algumas atividades sugeridas pode causar constrangimento aos sujeitos por causa da exposição, mas isso pode ser minimizado com ações de conscientização das partes, lembrando a importância do respeito aos outros e às suas diferenças e qualquer ação vexatória que, por ventura, possa acontecer, será colhida no ato" (Informações Básicas/Plataforma Brasil, p. 04).

"É possível que ele(a) se sinta envergonhado ou intimidado na desenvoltura das ações. O senhor(a) responderá, também, a uma ficha diagnóstica que será levada para casa pelo seu filho(a). Caso queira, poderá retirar o seu consentimento e a pesquisadora irá respeitar sua vontade" (TCLE/Pais).

"Sendo um contador de histórias, é possível que se sinta envergonhado ou intimidado na entrevista ou exposto com a publicação na Internet do vídeo contando sua história; no caso de ser professor ou funcionário da escola, pode-se sentir constrangido(a) em dar informações pedidas pela pesquisadora" (TCLE/participante).

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS  
 Bairro: Módulo I, MA 17 CEP: 44.031-460  
 UF: BA Município: FEIRA DE SANTANA  
 Telefone: (75)3161-8087 E-mail: cep@uefs.br



Continuação do Parecer: 1.439.509

"É possível que você se sinta envergonhado ou intimidado no desenvolvimento das ações. Caso queira, poderá retrair o seu consentimento e a pesquisadora irá respeitar sua vontade" (TALE).

**BENEFÍCIOS:** "Além da busca dessa Identidade Individual e social, as atividades propostas nessa sequência didática promoverão o reconhecimento das características dos textos orais; acompanhamento da sequência lógica dos textos na análise das hipóteses; elaboração e reelaboração de textos de forma Individual e/ou em grupo com continuidade temática, ordenação das partes, informações contextuais; seleção de ideias, visando a reelaboração de textos; desenvolvimento de estratégias linguísticas remodeladoras necessárias numa dada situação comunicativa. No final, esperasse que tudo isso culmine em um usuário consciente da língua oral, consciente de que o que ele fala o representa enquanto ser Individual e social, capaz de ouvir e Interagir com respeito e eficiência. Além disso, espera-se o reconhecimento e re-significação da literatura oral do município, conhecendo as práticas de contação de história em um contexto mais amplo que o familiar" (Informações Básicas/Plataforma Brasil, p. 04).

"Mas há coisas boas que podem acontecer com a realização deste projeto, pois sua realização poderá vir a desenvolver melhor a sua oralidade, sua participação em sala de aula, bem como conhecer mais sobre a cultura da contação de histórias do município" (TCLE/pais).

"Mas há coisas boas que podem acontecer com a realização deste projeto, pois sua realização poderá vir a desenvolver melhor a oralidade dos sujeitos e sua participação em sala de aula, bem como divulgar mais sobre a cultura da contação de histórias do município" (TCLE/participante).

"Mas há coisas boas que podem acontecer com a participação deste projeto, pois sua realização poderá vir a desenvolver melhor a sua oralidade, sua participação em sala de aula, bem como conhecer mais sobre a cultura da contação de histórias do município" (TALE).

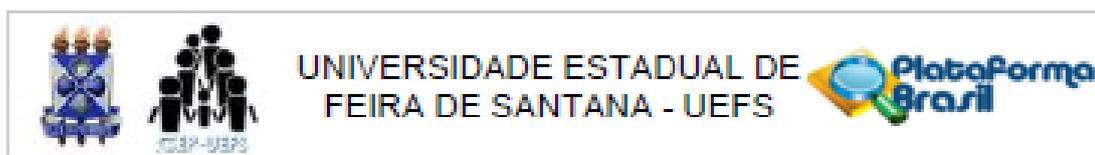
#### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa mostra-se viável do ponto de vista ético e científico, pois procura lançar mão de ações com vistas à dinamizar o processo de ensino e aprendizagem de língua portuguesa.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

O protocolo de pesquisa atende parcialmente às exigências da Resolução 466/12.

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS  
 Bairro: Módulo I, MA 17 CEP: 44.031-480  
 UF: BA Município: FEIRA DE SANTANA  
 Telefone: (75)3181-8087 E-mail: cep@uefs.br



Continuação do Parecer: 1.439.509

#### Recomendações:

##### Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após o atendimento das pendências, o Projeto está aprovado para execução, pois atende aos princípios bioéticos para pesquisa envolvendo seres humanos, conforme a Resolução nº 466/12 (CNS).

##### Considerações Finais a critério do CEP:

Tenho muita satisfação em informar-lhe que seu Projeto de Pesquisa satisfaz às exigências da Res. 466/12. Assim, seu projeto foi Aprovado, podendo ser iniciada a coleta de dados com os participantes da pesquisa conforme orienta o Cap. X.3, alínea a - Res. 466/12. Relembro que conforme Institui a Res. 466/12, Vossa Senhoria deverá enviar a este CEP relatórios anuais de atividades pertinentes ao referido projeto e um relatório final tão logo a pesquisa seja concluída. Em nome dos membros CEP/UEFS, desejo-lhe pleno sucesso no desenvolvimento dos trabalhos e, em tempo oportuno, um ano, este CEP aguardará o recebimento dos referidos relatórios.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_630582.pdf	17/02/2016 12:22:28		Acelto
Declaração de Pesquisadores	TERMOCOMPRIMISSOPEQUISADOR ASSINADO.pdf	31/01/2016 21:25:03	Elinalva Carneiro Muniz Guimarães	Acelto
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	NOVO_PROJETO.pdf	31/01/2016 21:19:00	Elinalva Carneiro Muniz Guimarães	Acelto
Outros	OFICIO_DE_RETIFICACAO.pdf	31/01/2016 21:17:09	Elinalva Carneiro Muniz Guimarães	Acelto
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	NOVO_TERMOS_DE_ASSENTIMENTO.pdf	31/01/2016 21:11:26	Elinalva Carneiro Muniz Guimarães	Acelto
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	NOVO_TCLE_PARTICIPANTE.pdf	31/01/2016 21:10:42	Elinalva Carneiro Muniz Guimarães	Acelto
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	NOVO_TCLE_PAIS.pdf	31/01/2016 21:09:49	Elinalva Carneiro Muniz Guimarães	Acelto
Orçamento	nova_planilha_orcamentaria.pdf	31/01/2016	Elinalva Carneiro	Acelto

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS  
 Bairro: Módulo I, MA 17 CEP: 44.031-480  
 UF: BA Município: FEIRA DE SANTANA  
 Telefone: (75)3161-5067 E-mail: cep@uefs.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE  
FEIRA DE SANTANA - UEFS



Continuação do Parecer: 1.439.509

Orçamento	nova_plantilha_orcamentaria.pdf	21:04:25	Muniz Guimarães	Acelto
Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracaoranuenciagestao.pdf	25/11/2015 12:05:09	Elinalva Carneiro Muniz Guimarães	Acelto
Outros	SEQUENCIADIDATICA.pdf	25/11/2015 12:04:23	Elinalva Carneiro Muniz Guimarães	Acelto
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto.pdf	25/11/2015 12:00:21	Elinalva Carneiro Muniz Guimarães	Acelto
Orçamento	plantilha_orcamentaria.pdf	25/11/2015 11:55:39	Elinalva Carneiro Muniz Guimarães	Acelto
Declaração de Pesquisadores	declaracaorientador.pdf	25/11/2015 11:55:05	Elinalva Carneiro Muniz Guimarães	Acelto
Declaração de Pesquisadores	TERMODECOMPROMISSODAPESQUI SADORA.pdf	25/11/2015 11:53:38	Elinalva Carneiro Muniz Guimarães	Acelto
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCL.pdf	25/11/2015 11:53:18	Elinalva Carneiro Muniz Guimarães	Acelto
Cronograma	cronograma.pdf	25/11/2015 11:52:51	Elinalva Carneiro Muniz Guimarães	Acelto
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	25/11/2015 11:46:53	Elinalva Carneiro Muniz Guimarães	Acelto

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FEIRA DE SANTANA, 06 de Março de 2016

Assinado por:  
JEAN MARCEL OLIVEIRA ARAUJO  
(Coordenador)

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS

Bairro: Módulo I, MA 17

CEP: 44.031-460

UF: BA

Município: FEIRA DE SANTANA

Telefone: (75)3151-5067

E-mail: cep@uefs.br

## **ANEXO 2 – Histórias contadas na produção inicial**

### **ALUNO 1**

Era uma vez uma menina de rua que vivia pedindo esmola e um dia passou uma mulher e uma cara, pegaram a menina e levaram para casa, depois botaram a criança na escola. Os policiais foram na escola e viram a criança lá, ela era muito violenta e ficava mussucando os colegas. De tanto conversar, uma policial pegou amizade com a menina e todo dia ia vê-la até que foi brigar na justiça e conseguiu a guarda da menina.

### **ALUNO 2**

Era uma vez uma família que vivia em uma casa e essa casa era amaldiçoada. Eles não sabiam que iam morar lá. Essa casa tinha uma árvore e toda criança que ia morar lá, as menores da casa ficavam amaldiçoadas por um demônio e então elas amarravam as pessoas na árvore e cortavam o galho, quando o galho caía, as pessoas eram enforcadas. Tempos depois, investigadores foram lá e constataram que a casa era amaldiçoada só que um homem disse que não tinha medo, aí foram várias famílias passando de casa em casa e cada uma dessas casas que eles iam passando eles iam amaldiçoando. Então foi uma certa família esse homem que foi investigar essa casa pra ver o que daria. Quando ele estava passando os móveis de uma casa para outra encontrou uma caixa de papelão e dentro dessa caixa tinha vários vídeos mostrando porque quando as crianças estavam amaldiçoadas elas gravavam como elas matavam enforcando. Então ele achou e estava investigando aí a filha dele foi e achou e a filha dele era a menor da casa e sempre é a menor que mata. Então ela começou a dizer que via amiguinhos e começou a pintar as paredes. O filho dele, ou outro, era maior que ela, começava a invocar, ia para o porão e o pai tinha que buscar ele e trazer pra cima de novo. Nisso o homem pensou em destruir a caixa que estava com os vídeos dentro para ver se a maldição acabava só que quando ele botou fogo, a menina invocou o demônio, bateu na cabeça dele, ele desmaiou, ela desmaiou toda a família e amarrou e depois ela mostrou como foi que matou.

### **ALUNO 3**

Um cego e um aleijado estavam pedindo esmola aí um homem passou e falou ‘coitado daquele cego, o aleijado vai roubar a esmola dele todinha na hora de dividir. Aí ele saiu e quando voltou o aleijado chamou ele para dividir a esmola entre os dois.

**ALUNO 4**

Um certo homem aqui em Ichu me disse uma vez que quando ele era menor sempre ia na roça com os pais dele. Um certo dia, ele ia pra roça de manhã cedo sozinho e o pai dele falou ‘não chame o curupira três vezes que ele vai desandar o teu caminho’. Então ele foi. Chegando lá ele ficou naquela curiosidade ‘será que eu chamo ou não chamo?’ e então chamou o curupira três vezes. Quando ele chamou o curupira três vezes, ele viu que tudo tinha mudado e ele não conseguia encontrar o caminho de volta e ficou varando o dia e a noite procurando o caminho de volta e não encontrava. Ele sempre ia e voltava para o mesmo lugar e teve que esperar o pai dele chegar e pedir desculpas para o curupira pra poder encontrar o caminho de volta, então ele voltou pra casa com o pai.

**ALUNO 5<sup>37</sup>**

O nome do pai era Carlos e a mulher dele ia parir aí pariu e o nome da criança era Edcarlos. Aí o avô perguntou como era o nome do menino, responderam que era Edcarlos. ‘Eu sei que é de Carlos’, era assim, ele pensava que era do pai porque o nome do pai era Carlos.

**ALUNO 6**

Era minha bisavó que prendia o galo pra matar no outro dia. Aí foram dormir as três irmãs de minha mãe em uma fazenda e esqueceram de prender o galo antes da meia-noite. Aí falaram que iam prender o galo meia-noite. Então o tio da minha mãe viu e disse que as meninas tinham esquecido e que ia trolar as meninas, pegar as meninas para assustar. Aí quando viu as meninas correndo atrás do galo, ele pegou um pano branco, se vestiu e ficou em pé parado. Quando as meninas viram, ele pegou e trancou as portas tudo, só deixou uma janelinha, na hora que as meninas viram iam passar tudo na janelinha pequenininha.

**ALUNO 7**

Quando a minha mãe era pequena, na família dela costumava fazer a festa de São Cosme e Damião. Aí botava uma bacia deste tamanho (gesticula o tamanho) com caruru dentro, comida dessas coisas, aí botava sete meninos ao redor e tinham que comer a comida todinha. Então faziam um pratinho pequeno e botava nos pés dos santos, cheio de guloseimas junto com a comida e falavam que não era pra ninguém comer daquela comida porque os

---

<sup>37</sup> História adaptada para manter o anonimato do aluno.

santos iam castigar. Aí meu tio de ousado e guloso foi e roubou uma bala e chupou essa bala aí quando foi no outro dia os pés amanheceram inchados, então cresceram com essa crença.

#### **ALUNO 8**

Era uma vez um menino viciado em futebol, jogava toda hora e levava muita falta. Ele só não perdeu de ano porque as professoras não deixaram, fizeram trabalho para ele ganhar nota.

#### **ALUNO 9**

É uma história de Jesus e João. João chamou Jesus para roubar goiaba dentro do cemitério. Chegando lá Jesus falou ‘sobe você João que tá de sandália’, então João falou ‘não, que o pé de goiaba é muito, muito alto’. Então Jesus falou ‘então, me dê sua sandália’. Aí subiu. Quando Jesus subiu, caiu um rebanho de goiaba no chão, aí parou de cair. João então ficou ‘Jesus, Jesus’, nisso tinha um padre passando na hora aí falou ‘Jesus já foi embora há muito tempo, meu filho’. ‘Filho do cabrunco, levou minha sandália’.

#### **ALUNO 10**

Tinha um menino chamado Dunga. A mãe de Dunga tinha mandado ele comprar uma carne na rua. Aí ele estava passando e viu uns meninos brincando de gude então ele pediu a gude dos meninos pra brincar e os meninos não deram aí ele foi lá na venda e comprou umas gudes. Então ele foi brincar e perdeu tudo e os meninos falaram assim ‘Dunga, tua mãe vai te matar porque tu perdeu o dinheiro da carne’. Ele falou ‘vai matar nada’. Ele foi no cemitério, arrancou o pedaço da bunda de um morto, levou pra mãe, a mãe cozinhou e perguntou ‘Dunga, você quer comer?’, ele falou ‘não, mãe’. Quando ele foi dormir de noite, apareceu o morto ‘Dunga, cadê meu pedaço de bunda?’ (cantada).

#### **ALUNO 11**

Minha história é de um pé de umbuzeiro. Esse pé de umbuzeiro era no Boqueirão, onde minha mãe morava. Diziam que era mal-assombrado. Toda meia-noite ou perto da meia-noite que alguém passava lá, ouvia uma zoada de choro ou de riso de uma pessoa, uma mulher, ninguém mais queria passar por lá essa hora. Tinha umas que choravam outras até caíam da bicicleta. Minha mãe nunca passou por lá, mas diz a lenda que isso era verdade.

**ALUNO 12**

Era uma vez um cruzeiro que tinha na frente da igreja, aí o povo da cidade mandou tirar esse cruzeiro porque diziam que incomodava muito. Depois que tirou o cruzeiro, levou lá pra cima do monte lá no Umbuzeiro. Depois disso não choveu mais. Então o povo roubou o cruzeiro, trouxe o cruzeiro para frente e queria botar o cruzeiro aqui na frente de novo, só que o prefeito não permitia, então tentaram e botaram o cruzeiro aqui na frente. Quando acabou de botar o cruzeiro, no mesmo dia choveu.

**ALUNO 13**

Eu vou contar a história de um velho. Quando ele era pequeno, ninguém gostava dele porque ele era muito calado. Um dia ele foi crescendo, crescendo, ficou sozinho. Quando ele passava no meio da rua ninguém encostava nele, todo mundo corria. Um certo dia, uma criança bateu na porta dele e perguntou ‘por que você é assim com a gente?’, ele pegou e respondeu ‘por que vocês são assim comigo?’ ‘não sabemos, porque você é uma cara fechada com a gente, você não conversa com ninguém’. Aí ele chamou o menino pra dentro e falou tudo sobre ele, que da família ninguém gostava dele, ele sempre ficava no quarto quieto, desenhando; ele era cheio de caderno todo desenhado. Então ele contou a história e o menino deu um abraço nele e ficaram amigos.

**ALUNO 14**

Minha história é do amigo coelho e da amiga onça. Um certo dia, amigo coelho encontrou a amiga onça, mas o amigo coelho é mais esperto que a onça e fizeram um trato que quem chegasse no reino ia casar com a filha do rei. Mas o coelho foi mais esperto que a onças, cavou um buraco e a onça se picou correndo e o coelho foi para o buraco. Aí o coelho chegou primeiro que a onça e casou com a filha do rei.

**ALUNO 15**

Havia dois compadres que moravam em fazendas distantes. Aí o Pedro foi visitar Gabriel que estava doente. Chegando lá, ficou batendo papo. Quando Pedro chegou na mata, ele ficou confuso, não sabia onde era sua casa. Aí, Gabriel avistou Pedro de longe e foi até lá onde ele estava. ‘O que foi, Pedro, que você está aí e não está na sua casa?’ ‘eu acho que a caipora me pegou’. Então Gabriel foi levar o amigo em sua casa.

**ALUNO 16**

A minha história é do passe por cá, senhor. Era de uma menina, uma moça que morava sozinha. Aí uma senhora deu uma cachorrinha pra ela e como ela morava sozinha era a cachorra que protegia ela. Todo dia de tarde ela ficava no pé da janela e começava a cantar ‘passe por cá, senhor, passe por cá, senhor’ e o lobo respondia ‘à noite, sinhá, à noite, sinhá’, aí a cachorrinha respondia ‘Zabelê, Zabelê, é o bicho feroz que quer te comer’. Aí outra vez foi que o bicho papão mandou ela matar a cachorrinha, aí ela deixou a cinza lá. De outra vez ela começou a cantar ‘passe por cá, senhor, passe por cá, senhor’ e o bicho feroz começava a falar ‘à noite, sinhá, à noite, sinhá’, aí a cinza cachorrinha começou a responder ‘Zabelê, Zabelê, é o bicho feroz que quer te comer. Então o bicho feroz mandou ela varrer a cinza da cachorrinha e jogar no fundo do mar. Ela varreu, pegou a cinza e jogou no fundo do mar. Outra vez ela começou a cantar ‘passe por cá, senhor, passe por cá, senhor’. Como não tinha mais a cachorrinha pra proteger ela, veio o bicho-papão e apareceu na frente dela. Ela disse ‘vixi que orelhão!’ ‘é pra te orelhar’, ‘vixi que olhão!’ ‘é pra te olhar’, ‘vixi que narigão!’ ‘pra te narizar’, ‘vixi que braço!’ ‘pra te abraçar’, ‘vixi que pernã!’ ‘pra te pernar’, ela pegou e disse assim, a última foi a boca, ela falou ‘vixi que bocão!’ ‘pra te bocar’, aí depois, fim de história.

**ALUNO 17**

Um velho me contou que ele levantava 5 horas da manhã pra ir para a fazenda dele. Aí ele levantava 5 horas da manhã, ia pra fazenda dele e voltava 6:30 da tarde. Uma vez ele vinha 6:30 da tarde e passou um vulto. Ele disse que achou que era um lobisomem, continuou andando, chegando lá na frente, passou outra vez. Ele estava com um facão e pegou o facão para matar o lobisomem, mas só que ele lembrou que lobisomem tem medo de facão. Dizem que se o lobisomem pegar o facão, ele luta com a pessoa e toma o facão. Aí ele estava com uma faca, ele pegou a faca e mostrou pro lobisomem e o lobisomem saiu correndo com medo. Ele continuou andando, morrendo de medo e foi embora, chegou na casa dele e contou pra família dele.

**ALUNO 18**

Isso aconteceu comigo mesmo. Uma vez a gente estava na roça de meu primo, e ele me chamou, era o aniversário dele, de noite, pra gente ir na Lagoa Ferrada. Ele falou assim ‘bora? Que mais tarde a gente volta’. Eu fui mais ele e voltei, no meio do caminho a gente não viu nada, aí quando a gente estava voltando, uma luz branca. Então perguntei pra ele ‘tu tá

vendo?’ ‘tá vendo’, que ele tava vendo, não é? Aí eu cheguei com muito medo mas fui embora, minha moto tem farol e o medo tava me consumindo, achei que ia morrer naquele dia. Quando foi mais tarde a gente comeu um bocado de água, eu já estava bem travado e na hora de levar a mulher lá, ele falou ‘tu vai levar que eu fico aqui’ ‘rapaz, não vou só não. O que eu vi já estou com medo’ ‘tu vai’. Eu burro, pelo mesmo caminho que eu vim eu fui, tornei ver uma boteca de olho deste tamanho vermelha e o medo me consumindo aí falei ‘vixi, hoje eu morro’. Na hora que eu deixei a mulher lá, voltei, mas também voltei com 250. Quando eu passei pelo mesmo corredor, falei ‘não vou por aqui não’, que eu passei dois negócios preto. Falei ‘hoje eu morro agora’. Eu tome, tome, tome e dois vultos atrás de mim. Quando eu cheguei no Alto, dobrei a curva que eu nem sei como dobrei. Quando cheguei em casa só faltava morrer, nem perna eu tinha.

### **ANEXO 3 – Histórias contadas na produção final**

#### **ALUNO 1**

Uma vez a gente vinha de um baba, um rebanho de gente, umas 10 pessoas e vinha só um de bicicleta, vinha correndo mesmo de bicicleta, empinando, aí vinha outro carro de lá na contramão, o carro caiu em cima mesmo, quase que pega ele. O cara ficou só xingando ele, aí chegou lá na frente ele começou a chorar dizendo que naquele dia ele quase morre.

#### **ALUNO 2**

Era uma vez três irmãos que queriam se casar com uma menina só. Ela era tão belíssima e eles pediram ela em casamento e aí ela falou ‘vem aqui amanhã’. Primeiro foi o maior, o maior chegou lá e fez ‘você se casa comigo?’, ela pegou e falou ‘eu só me caso com você, se você ir na igreja. Na igreja tem um morto e se você ficar no lugar do morto por uma noite’, ele falou ‘tá certo’. Depois chegou outro irmão e falou ‘você aceita se casar comigo?’, ela falou ‘eu só me caso com você se você ficar no lugar do vigia que tá do lado do morto na igreja’, ele falou ‘tá certo’. Depois foi o irmão menor que falou ‘você se casa comigo?’ ela falou ‘só me caso com você se você se vestir de diabo e ir na igreja’. Aí botou o chifre, botou o rabo, roupa vermelha, tridente e foi na igreja. Quando chegou lá na igreja, ele entrou, o vigia que tava do lado do morto se assustou, o morto levantou e o diabo saiu correndo porque viu o morto levantar. Foram todos correndo para o lado de fora. Chegou lá, a menina tinha cava do um buraco e eles caíram todos lá dentro. Dentro do buraco estava cheio de merda.

#### **ALUNO 3**

Era uma vez um menino aleijado e perguntavam a ele quando ele ia andar e sua mãe respondia ‘quando Jesus voltar’. Um dia, ele estava dormindo e viu um ladrão abrindo as telhas da casa e falou ‘vem, vem me curar’. O ladrão desceu e se ajoelhou nos pés dele e depois desse dia o ladrão foi embora e ele começou a andar.

#### **ALUNO 4**

Havia uma menina muito bonita e três irmãos queriam casar com ela, só que ela não queria nenhum dos três. Um certo dia ela falou ‘eu só me caso com você se você fizer uma coisa para mim’. O homem doido ‘faço, faço, por você eu faço tudo, por você eu faço tudo, eu faço’. Ela falou ‘você vai ter que se fazer de morto e eu vou fazer seu velório lá na igreja’. ‘Pronto. Me faça de morto. Pode comprar o caixão’. Veio o segundo irmão. No segundo

irmão ela falou ‘pra eu me casar com você, você tem que fazer uma coisa pra mim’ ele ‘tá bom, por você eu faço’. Ela falou que ele ia ter que se vestir de diabo pra ficar lá rodando pela igreja. ‘Tá bom. Faça!’’. Para o terceiro irmão ela falou ‘você vai ter que se vestir de sentinela e ficar lá na frente da igreja pra não deixar que ninguém toque no morto’, ‘tá bom, por você eu faço’. Chegando lá, todo mundo lá chorando a perda da morte do irmão e chega o irmão do irmão vestido de diabo, de rabinho, de chifrinho assim e o irmão lá morto no caixão indignado porque o outro irmão estava vestido de diabo. Aí, quando o outro irmão viu, o sentinela viu que o outro irmão estava vestido de diabo, que o outro irmão estava morto ficou indignado: ‘minha Nossa Senhora, meu irmão morreu? Eu não sabia’. Quando o irmão morto percebeu que o irmão estava vestido de sentinela e o outro estava vestido de demônio, o irmão morto levantou do caixão e todo mundo saiu doido correndo. Na hora que levantou saiu todo mundo doido correndo, saíram doidos pela madrugada correndo e a mulher tinha feito uma armadilha e caíram os três dentro de buraco e a mulher falou ‘tá vendo? É hoje que eu não me caso com vocês!’’.

#### **ALUNO 5**

Dizem que, indo pra Riachão, passando lá meia-noite, tem uma mulher pedindo carona. Teve um homem que deu carona pra mulher e no meio do caminho a mulher sumiu. Depois disso ele capotou e morreu.

#### **ALUNO 6**

Minha tia morava na roça e sempre meu tio buscava água pra tomar banho. Um dia, meu tio estava muito ocupado plantando feijão e pediu pra minha tia buscar água no tanque e minha tia foi. Chegou lá, ia pegando com a concha a água e botando no balde. Nisso tinha uma voz falado ‘aê, aê’ e minha tia botando e pensando ‘que diabo é isso, essa voz me perturbando?’ pegava e cada concha que botava, falava ‘aê, aê’’. Ela pegou o balde e saiu correndo lá pra casa dela. Chegou lá, meu tio reclamou que ela só tinha pegado meio balde de água e ela falou que foi por causa de uma voz, a voz do tanque não estava mandando ela pegar água não. Meu tio falou que era mentira e que era um homem que estava apartando as vacas do lado.

#### **ALUNO 7**

Antigamente na casa de minha bisavó, eles costumavam fazer aquele negócio para os santos de São Cosme e Damião. Pegava uma bacia grande, botava cheia de comida e botava 7

meninos ao redor e faziam um pratinho e botava nos pés dos santos e diziam que ninguém podia comer das guloseimas que tinham ali se não o santo castigava. Meu tio de teimoso, de ousado, foi e pegou um doce daquele e chupou. Quando foi no outro dia amanheceu com os pés inchados e ficou pensando que era o santo que tinha castigado.

#### **ALUNO 8**

Era uma vez dois irmãos, Bem e Mal. Quando eles chegaram aos 18 anos, o pai faleceu e dividiram a herança, ficaram com a herança. Mal falou ‘vamos sair pelo mundo aí com sua herança’. Quando a herança de Bem acabou, Bem foi pedir comida para Mal aí Mal falou ‘eu só dou comida se você deixar furar um olho seu’. Bem falou ‘ah, tá’ e Mal foi lá e furou o olho de Bem. Tempos depois, Bem sentiu fome de novo e foi pedir comida a Mal. Mal falou ‘eu só dou comida se você deixar furar o outro olho’. Então Mal deixou Bem na floresta. Bem andando, andando, subiu em cima de uma árvore e ouviu uns demônios conversando sobre as maldades que tinham feito. Bem ouviu que um demônio falou que fez um irmão furar os dois olhos do outro. Ele foi lá, desceu da árvore e encontrou o lago e lavou os olhos. Então ele encontrou o castelo e o castelo estava passando por problemas de água e ele foi lá e falou que tinha uma pedra no caminho. Ele foi e tirou a pedra. Depois o rei deu a filha em casamento, casou com a filha do rei. Tempos depois veio um senhor todo rasgado, velho. Ele foi lá e pediu para ver e era o irmão dele e ele pegou pra cuidar e viveram felizes para sempre.

#### **ALUNO 9**

Minha história é de uma casa lá no Morro Redondo, abandonada. Ela é um lugar onde os escravos apanhavam, lá tem todas as coisas quando os escravos eram pegos. Toda vez que alguém chega lá, ouve a voz de escravo, escravo chorando, gritando. Por causa dessa história ninguém foi mais nessa casa porque ficava com medo.

#### **ALUNO 10**

Era uma vez um homem e uma mulher que tinham um filho pequeno. A mulher do homem falou assim ‘vamos na casa de minha mãe’. Foram no caminho andando, andando, chegou no meio do caminho o marido dela falou ‘vou aqui no mato e volto já’. Demorou, demorou, ela foi andando, esperou demais e foi pra casa da mãe, no meio do caminho apareceu um lobisomem. Ela pegou um lenço e ficou batendo nele e pegou nos dentes. Ele voltou pro mato e ela foi seguindo, ela chegou na casa da mãe e começou a contar a história

pra mãe. Depois o marido chega, pega dá uma risadinha assim, ela vê que tinha as linhas do lenço e falou ‘foi você que queria comer sua própria filha?’

### **ALUNO 11**

Minha história aconteceu no Boqueirão. Diz a lenda que tinha um pé de cajá lá que toda vez que passava, via uns vultos e umas pessoas chamando, toda vez meia noite. Se passasse meia-noite, via.

### **ALUNO 12**

Era uma vez uma formiga que saiu para trabalhar. Quando ela saiu a neve cobriu o pé dela e ela ficou com o pé preso e ela pediu ao sol ‘sol, tu que é tão forte, derrete a neve que está no meu pezinho’. O sol falou ‘não sou tão forte pois a nuvem me cobre’. Ela pediu à nuvem ‘nuvem, tu que é tão forte, que cobre o sol, solta o meu pezinho?’ a nuvem falou ‘ não sou tão forte, pois a parede me tapa’. Ela perguntou à parede ‘parede, tu que é tão forte que tapa a nuvem que cobre o sol, solta o meu pezinho?’ a parede respondeu ‘não sou tão forte pois o rato me rói’. Então perguntou ao rato ‘tu que é tão forte, que rói a parede, que a parede tapa a nuvem e a nuvem tapa o sol, solta meu pezinho?’ o rato respondeu ‘não sou tão forte pois o gato me come’. Ela pediu ao gato ‘gato, tu que é tão forte que come o rato, que rói a parede, que a parede tapa a nuvem, que a nuvem tapa o sol, solta o meu pezinho?’ O gato respondeu ‘não sou tão forte pois o cachorro me mata’. Pediu ao cachorro ‘cachorro, tu que é tão forte, que mata o gato, que come o rato, que rói a parede, que tapa a nuvem, que cobre o sol, solta o meu pezinho?’, o cachorro respondeu ‘não sou tão forte quanto o homem pois ele me mata’. A formiga, então, pediu ao homem ‘homem, tu que é tão forte que mata o cachorro, que o cachorro come o gato, que o gato come o rato, que o rato rói a parede, que a parede tapa a nuvem, que a nuvem tapa o sol, solta o meu pezinho?’ o homem respondeu ‘não sou tão forte quanto Deus’. Então a formiga pediu ‘Deus, tu que é tão forte, que é mais forte que o homem, que o homem mata o cachorro, que o cachorro come o gato, que o gato mata o rato, que o rato rói a parede, que a parede tapa a nuvem e a nuvem tapa o sol, solta o meu pezinho?’ Deus foi lá e soltou pé dela.

### **ALUNO 13**

Era uma vez uma fazenda e um lobisomem. Na fazenda morava um casal, eles tiveram dois filhos. Tempo passou e esses dois cresceram, os pais morreram e eles ficaram responsáveis pela safra e pela fazenda. Com o tempo eles perceberam que a safra nos baús

estava pouca então botaram outras nos lugares. Depois eles perceberam de novo que estava pouca, depois botaram outras e fizeram uma armadilha. No outro dia, eles foram ver que nessa armadilha deu certo, que nessa armadilha estava um lobisomem. Eles falaram ‘nossa, a armadilha deu certo!’ tempos passaram e o irmão mais velho falou ‘o que vamos fazer agora com esse homem?’ o irmão respondeu ‘vamos matá-lo’, ‘nunca! Matá-lo, nunca!’ ‘Então vamos soltar’. Dias passaram e no dia de lua cheia eles soltaram e o irmão mais velho falou ‘espero que nunca mais volte’ e este lobisomem nunca mais voltou.

#### **ALUNO 14**

Era uma vez um filho e seus pais. Seus pais falaram ‘não vá naquele pasto, aquele pasto tem uma abóbora, se você torar o talo dela, ela vai enrabar você. Mas o menino era teimoso, foi lá e torou o talo e a abóbora começou enrabar ele, ele saiu gritando ‘ah, titia vaca, a abóbora que me comer’, ‘Vem ralando que eu dou um coice e espatifo com ela’. ‘Ah, titia cobra, a abóbora quer me comer’, ‘vem ralando que eu (inaudível) espatifo com ela’. ‘Ah, titia galinha, a abóbora quer me comer’, ‘vem ralando com ela (inaudível) espatifo com ela’. ‘Ah, titio gambá, a abóbora que me comer’ ‘vem ralando que eu dou uma (inaudível) e espatifo com ela’.

#### **ALUNO 15**

Era uma vez um fazendeiro que passava na fazenda, que ia todos dias indo e voltando na fazenda. Passou dois caras de moto se achando. Então ele vendeu as terras tudo e comprou uma moto. Aí ele comprou a moto e foi comprou e foi se achar também. Aí viu dois faróis, quando foi passar nos dois faróis, bateu no caminhão. O caminhoneiro falou ‘é a primeira vez que roda moto?’ ‘é a primeira e a última, que eu não tenho dinheiro pra comprar outra’.

#### **ALUNO 16**

Era uma vez uma menina chamada Isabel. Ela morava sozinha com uma cachorra que uma senhora tinha dado pra ela. Todo dia de manhã que ela acordava ela ia pra janela e começava a cantar ‘passe por cá, senhor! Passe por cá, senhor!’ o monstro respondia ‘à noite, sinhá, à noite, sinhá’ e a cachorrinha que ela criava falava ‘Isabel de Lei, Isabel de Lei, o bicho feroz que quer te comer’, o monstro responde para ela ‘mata essa cachorrinha’. Ela foi lá, matou a cachorrinha e deixou a cinza lá, no lugar que ela matou. Outra vez, de manhã, ela falou ‘passe por cá, senhor! Passe por cá, senhor!’ O monstro respondia ‘à noite, sinhá! À noite, sinhá!’ a cinza da cachorrinha respondeu ‘Isabel de Lei, Isabel de Lei, o bicho feroz que

quer te comer’. O monstro falou pra ela que era pra ela pegar as cinzas e jogar no fundo do mar. Ela foi lá, pegou as cinzas da cachorrinha e jogou no fundo do mar e começou a cantar ‘passe por cá, senhor! Passe por cá, senhor!’ o monstro respondia ‘à noite, sinhá, à noite, sinhá’. Como não tinha mais cachorrinha para defender ela, o monstro apareceu na frente dela e ela ficou ‘vixi que braço’, ‘é pra te abraçar’, ‘vixi que perna’, ‘pra te pernar’, ‘vixi que orelhão’, ‘pra te orelhar’, ‘vixe que olho’, ‘pra te olhar’. O ultimo foi a boca. Ela falou ‘vixe que bocado’ ‘pra te bocar’. Então o bicho engoliu ela.

### **ALUNO 17**

A lavagem da igreja. Segundo um morador muito antigo, no dia 5 de fevereiro há muitos anos atrás, quando todos estavam esperando a imagem do Sagrado Coração de Jesus, foi uma lavagem simples mas com muita folia. Os homens e as crianças vestiam roupas do dia-a-dia, calça, jaleco e chapéu de couro, roupas da época. Buscavam água pela rua com latas na mão e na cabeça num tanque próximo da capela. As brincadeiras de antigamente eram que os homens saíam com as latas vazias batendo com a mão ou com um pedaço de madeira. As brincadeiras agradaram tanto que todo ano tinham essas brincadeiras. Não demorou muito, uma banda passou a animar. Todos vinham para a festa. Um grupo de pessoas ia a pé encontrar com a banda na fazenda Cedro para animar mais a festa. Os homens usavam máscaras que eram chamadas de caretas, na época, que eram feitas de papelão e tecido. Depois da lavagem, as mulheres saíam nas ruas para arrecadar dinheiro para o batizado e o casamento.

### **ALUNO 18**

Era uma vez um trabalhador de roça, um velhinho desses calejados. Não aguentava mais rodar bicicleta. Aí todo dia que ele estava na roça e passavam dois caras de moto. O velho olhava calado, olhava pros cantos. No outro dia o velho pegou a bicicletinha e foi embora. ‘Eu vou vender tudo que eu tenho e vou comprar uma moto’. Então o velhinho vendeu. Tá lá o velhinho e logo cedo os caras passaram. ‘Agora vou encontrar com eles no caminho e vou passar por eles tirando onda’. Nisso vinham dois faróis e o velhinho ‘agora vou meter no meio’. Diz que o velhinho acelerou a moto, pêeee, quando foi ver era um caminhão. Pow, chocou. Então o caminhoneiro perguntou ao velho ‘é a primeira vez que você roda moto?’ ‘É a primeira e última porque não tenho dinheiro pra comprar outra’.

## ANEXO 4 – História apresentada no encontro 06

### A GRANDE LIÇÃO

Em uma casa havia três moças e Marcos queria namorar as três. Ele foi até a casa das moças, mas nenhuma queria namorá-lo. Então elas se reuniram para armar um plano: cada uma fez uma panela de doce de purga de batata. Esse é um doce muito gostoso, mas é usado com efeito purgativo. Ficaram batendo papo, falando futilidades, até que almoçaram. Depois do almoço a mais velha encheu um copo com o doce e deu a Marcos. Ele comeu o doce todo. A segunda também veio com um copo cheio de doce.

- Tome Marcos, experimenta o meu doce.

- Não quero não, obrigado. Já comi doce demais. – disse ele já sentindo a barriga “rodar”.

- Que desfeita é essa comigo? Você comeu o dela mas não que comer o meu?

Na esperança de ficar com uma das três, ele não podia desperdiçar a oportunidade: pegou o doce e comeu. Logo a barriga ficou como se borbulhasse. Não estava aguentando e, para acabar de completar, vem a caçula com mais doce para ele do que havia dado as outras irmãs.

- Marcos, tome aqui minha merenda.

- Pelo amor de Deus, eu já comi dois, não aguento mais nada.

- É assim que você quer casar comigo, me fazendo uma desfeita dessa?

Com vergonha e interesse nas meninas, ele comeu o doce. Nisso a barriga já o deixava agoniado.

- Vou embora. – disse Marcos sem aguentar conter a vontade de ir ao banheiro.

- Vá agora não, vamos bater papo. – disse uma das meninas tentando garantir o efeito do doce.

- Não, já vou. Até logo a todos. – disse Marcos correndo para pegar o cavalo que estava amarrado na frente da casa.

Quando botou a perna no estribo e fez força para montar, só se ouviu o disparo, pruuuummm...

Quando olharam o coitado estava com a bota cheia de merda. Saiu envergonhado e nunca mais voltou para ver as meninas.

## ANEXO 5 – História apresentada no encontro 08

### BEM E MAL

Um pai tinha dois filhos. Um se chamava Bem e o outro Mal. Quando os filhos estavam rapazes ele morreu.

- Ô Bem, vamos dividir a herança.

- Vamos.

Dividiram a herança, venderam tudo e dividiram o dinheiro. Estavam decididos a andar pelo mundo, sem destino certo.

- Ô Bem, vamos fazer um negócio?

- O que é Mal?

- Nós vamos usando teu dinheiro. Quando o teu acabar a gente usa o meu, para não precisar gastar dos dois.

- Tá bom, a gente vai estar junto mesmo.

Foram andando pelo mundo, viajando por vários lugares até que chegou o dia em que o dinheiro de Bem acabou.

- Ô Mal, eu não tenho mais nada para comer e estou morrendo de fome.

- Tá com fome? É mesmo? Pois do meu você não come não.

- Mas Mal, qual foi o contrato que a gente fez? Que nós comeríamos do meu e quando acabasse, comeríamos do seu.

- Ah, porque você quis. Mas do meu ninguém come não. Você só come do meu se deixar eu furar um olho.

A fome de Bem era tanta que ele deixou o irmão furar seu olho. Continuaram viajando. A fome de Bem tornou apertar.

- Ô Mal, eu não aguento mais de fome, me dá comida.

- Só dou comida se deixar eu furar o outro olho.

Não aguentando a fome, Bem deu seu outro olho para Mal furar. Bem ficou cego. Aproveitando-se da cegueira do irmão, Mal sumiu no mundo e largou Bem no meio da floresta. Perdido, Bem saiu tateando até que encontrou uma árvore grossa. Subiu na árvore para se proteger dos bichos. Bem mais tarde ele ouviu gente conversando. Sem saber o que fazer, ficou caladinho.

Na verdade era uma reunião de demônios.

- Eu fiz Tereza Bezerra brigar com o marido. – disse um.

- Oxe, eu fiz um filho matar o pai. – bradou o outro, numa disputa de maldades.

- E eu fiz um irmão furar os olhos do outro. – retrucou um terceiro – Ficou cego o coitado.

- Que isso que nada. Eu fiz secar a água de um reino. Estão quase morrendo de sede. Ainda fiz a filha do rei adoecer para ele não enxergar o sofrimento do povo.

- Calem! Vocês são idiotas. – bradou o chefe do bando – esses males têm volta. Basta o marido procurar Tereza e pedir desculpas que eles reatam. Enquanto a esse irmão tolo, basta lavar os olhos no riachinho aqui perto que ele volta a enxergar. Ah, o reino... só precisa rolar a pedra que fica no alto do reino que a água volta a jorrar, e um chazinho de erva-santa cura essa doença de meia-tigela que você inventou, seu babaca. Vamos, seus incompetentes! Já está amanhecendo... o galo está para cantar.

Quando o galo cantou Bem não escutou mais nada. Ele se tremia todo de medo. Desceu da árvore e ficou procurando qualquer som de água corrente. Ele foi andando quando sentiu uma umidade sob os pés. O riachinho estava secando. Ele imediatamente passou a mão no chão e a mão molhada passou nos olhos e voltou a enxergar. Bem ficou alegre mas estava faminto. Foi andando e procurando algum fruto que ele pudesse comer. Estava tudo seco. Nisso ele viu um pessoal e pediu o que comer. Eles também não tinham e falaram que todo reino estava passando por um período de seca.

- Será que me pagam para eu trazer água de volta? – indagou Bem que precisava de dinheiro para comer.

- O rei faz o que você quiser. – respondeu um do grupo.

- Então arranja um grupo de homens e vem comigo.

Arranjado o grupo de homens, Bem foi com eles até uma parte alta do reino e disse:

- Vamos suspender essa pedra.

Assim que rolaram a pedra, a água jorrou, a nascente voltara a dar água. Todo reino ficou feliz. Durante a comemoração Bem soube que a princesa estava muito doente. Ela estava nas últimas. Bem lembrou da conversa dos “cãos”, foi no mato, procurou folhas de erva-santa e mandou fazer um chá e dar para a moça. Ela se curou e o rei deu sua mão em casamento a Bem. Dias depois se casaram e Bem passou a ter todo dinheiro do rei.

Um dia estava na janela do seu palácio com sua esposa quando se aproximou um mendigo, todo sujo, rasgado, nem levantou a cabeça para pedir esmola. Imediatamente Bem reconheceu a voz de seu irmão. Não disse nada. Entrou e mandou que os empregados recolhessem aquele mendigo, desse banho, cortasse o cabelo, fizesse a barba e desse o que comer. Depois de tratado e alimentado ele apareceu.

- Oi Mal, sabe quem sou eu? Você se lembra de mim?

Reconhecendo o irmão, Mal não sabia o que fazer, começou a chorar, pediu desculpas. Mal ficou morando com Bem o resto da vida.

## ANEXO 6 – História apresentada no encontro 09

### A FAMÍLIA BESTA

Um dia um homem chamado João resolveu pernoitar na casa de sua noiva. De manhã, o pai da moça falou:

- Conceição, vá buscar água pro teu noivo lavar o rosto, se banhar.

Ela foi buscar a água num tanque perto da casa. Quando chegou no tanque, começou a pensar: ‘Se eu me casar com João e tiver um filho, que nome eu boto?’. Ficou pensando, pensando e lá foi o sol subindo.

Preocupada, a mãe chamou uma outra filha.

- Vai Marcela buscar água, que tua irmã foi buscar, já passa da hora e nada dela chegar.

Quando chegou na beira do tanque viu a irmã sentada, pensativa.

- O que é que tu tem, Conceição? Tá fazendo o quê?

- Eu tô pensando numa coisa, se eu casar com João e tiver um filho, que nome eu boto?

- Vixe Maria, é mesmo. Vamos pensar.

Ficaram as duas pensando. Cansada de esperar, a mãe delas resolveu ver o que estava acontecendo.

- Conceição mais Marcela, o que estão fazendo aí, perguntou ao ver as duas filhas sentadas à beira do tanque.

- Conceição tá pensando, mãe, que se casar com João pode ter um filho, e que nome bota?

- Minha filha, eu não havia pensado nisso. Que nome...

Ficaram as três ali, até que veio o pai.

- Vocês ficaram malucas? Olha o adiantado da hora. Estão fazendo o quê?

- Ô bem, Conceição vai se casar com João e não sabe o nome que vai botar no filho quando tiver.

- Isso é fácil. É só pensar.

E a família ficou ali pensando, sem chegar à conclusão alguma. João que havia ficado só em casa e imaginando que deveria ter acontecido algo muito ruim, resolveu ir ao tanque.

- O que está acontecendo que vocês estão aí desde cedo?

- Olha bem, Conceição está pensando que se casar contigo e tiver um filho, que nome bota?

- Deixem de ser idiotas! João é nome, Maria é nome, Antônio é nome... – irritado, João falou vários nomes.

- É mesmo... – suspirou Conceição.

Voltaram para casa, almoçaram e depois João reuniu a família da noiva.

- Só me caso com você quando encontrar alguém mais besta que você.

De tarde saiu no mundo. Depois de andar uns dias, viu, na estrada, chegar cargas e mais cargas de ovos. Um grupo de pessoas jogava os ovos em cima de uma pedra enorme.

- Que negócio é esse?

- Essa pedra está atrapalhando a estrada e nós queremos quebrar ela para tirar daqui.

- Deixem de ser abestalhados. Juntem homens aqui comigo. Vamos rolar a pedra.

Calçaram a pedra com troncos e rolaram, tirando a pedra do caminho.

- Que homem sabido. – exclamavam algumas pessoas.

Ele continuou sua viagem pensando em como havia gente besta no mundo. Adiante viu um grupo de homens tentando suspender uma vaca para colocar em cima de uma casa.

- Por que vocês estão suspendendo esta vaca?

- É que nasceu aquele pé de capim no telhado e para não perder vamos colocar a vaca lá para comer.

- Ô lote de idiotas. Sobe um homem, tira o pé de capim e dá para a vaca aqui embaixo.

- É mesmo... ninguém pensou nisso.

Com essa, João ficou pensando ‘já vi que tem gente mais besta que minha noiva’. Fez o caminho de volta e marcou o casamento com Conceição.

## ANEXO 7 – História contada no encontro 10

### O PREÇO DA MENTIRA

Era um homem pobre chamado Jorge. Não tinha nada mas era um pobre orgulhoso. Ele tinha um caboclo que acompanhava ele e perto da casa dele morava um rei. Todo dia ele mandava pedir uma quarta ao rei dizendo que era para medir o dinheiro.

- Será que esse homem tem tanto dinheiro assim que precisa medir com uma quarta? – pensava o rei.

Um dia o rei colocou um bolinho de cera no fundo da quarta antes de emprestar a Jorge. Quando a quarta foi devolvida havia uma moeda grudada no fundo da quarta.

- É, esse homem tem dinheiro mesmo! – concluiu o rei que acabou oferecendo a mão de sua filha em casamento.

Um dia Jorge chamou o caboclo e disse:

- Caboclo, hoje eu vou dormir na casa de minha noiva. Eu vou lhe ensinar uma coisa: quando a gente chegar lá e acabar de jantar, vamos bater papo no terreiro, então eu vou dizer ‘ah, quantas estrelas há hoje no céu’, e você retruca ‘tanto tem estrelas no céu como tem meu amo de gado no pasto’. Ouviu caboclo?

- Ouvi, patrão. Pode deixar comigo.

Como Jorge não tinha animal para viajar, tomou uma égua emprestada. Aproveitou e pediu a bota emprestada também... Foram. Chegando no palácio do rei, o empregado veio ajudá-lo a desmontar. Tirando a sela da égua, viram que ela estava toda perebenta.

- Meu patrão ao invés de tomar um cavalo, não, toma uma égua.

Jorge ficou sem graça mas disfarçou achando que ninguém tinha notado. Entrando no palácio, Jorge foi tirar a bota de montaria. O caboclo puxava de um lado, puxava de outro e nada da bota sair.

- Patrão ao invés de tomar bota que desse no pé, pega essa apertada que tá me dando é trabalho.

A moça olhou desconfiada. Jorge só faltou morrer. Acabaram de comer, Jorge sentou todo galante ao lado da noiva.

- Olha quantas estrelas no céu. – disse Jorge entusiasmado.

- O tanto de estrelas tem no céu o meu amo tem de verrugas nos quartos.

- É assim que você quer casar comigo? É esse homem papai que diz ter dinheiro? – gritava a princesa.

Jorge sumiu e nunca mais o viram.

## ANEXO 8 – História contada no encontro 11

### A MADRASTA MÁ

Era um homem que se casou e teve uma filha. Com um tempo a mulher morreu. Tempo depois ele se casou com outra. Moravam numa chácara que tinha muitas figueiras. Ele era ambulante, viajava para comercializar.

- Mulher, não deixa os passarinhos comerem meus figos. – recomendava toda vez que ia sair.

Acabava de o marido partir, ela botava a enteada para olhar as figueiras. A menina era pequena e não conseguia dar conta de tanto passarinho.

Vendo que o marido estava prestes a voltar e que os figos estavam quase todos comidos, enterrou a menina viva. Chegando em casa, o marido foi logo perguntando.

- Mulher, cadê minha filha?

- Não sei. Saiu sem dizer nada. Sumiu sem dizer para onde foi.

O pai ficou desesperado, mas não podia fazer nada. Procurou, mas ninguém tinha visto a menina. Inconformado, ele viu chegar o dia de viajar de novo. Como o tempo estava seco e sem pastagens, ele chamou o empregado e pediu:

- Antes de selar meu cavalo, corta um feixe daquele capim e dá para o cavalo comer. – falou apontando para uma moita bonita de capim que crescera no quintal.

O empregado foi. Quando segurou o capim para cortar, ouviu uma voz:

- Moleque de papai, não corte meus cabelos, que mamãe me penteava, a madrasta me enterrou, pelo figo da figueira... xô passarinho!

O rapaz ficou assombrado. Tornou agarrar o capim para cortar e de novo a voz:

- Moleque de papai, não corte meus cabelos, que mamãe me penteava, a madrasta me enterrou, pelo figo da figueira... xô passarinho!

Mais que depressa o rapaz correu assombrado.

- Cadê o capim? – perguntou o patrão assim que ele entrou em casa.

- Patrão, é só pegar no capim para cortar que vem uma voz dizendo que não é para eu cortar os cabelos dela, que a madrasta enterrou. Uma história assim.

- Vamos lá, quero ver.

Novamente, bastou o rapaz pegar no capim para cortar, a voz cantou:

- Moleque de papai, não corte meus cabelos, que mamãe me penteava, a madrasta me enterrou, pelo figo da figueira... xô passarinho!

- Vai em casa correndo e pega uma picareta e uma pá.

Cavaram em volta do capim e quando arrancaram era a filha dele. Levou a menina para casa, cortou a parte do cabelo que tinha virado capim, mandou chamar o médico. Quando a menina se recuperou, ela contou a história. Então o pai mandou pegar o burro mais bravo que tinha. Amarraram a mulher na traseira do burro e soltaram na estrada. O burro saiu pinoteando e eles nunca mais viram a mulher.

## ANEXO 9 – História contada no encontro 12

### A DESOBEDIÊNCIA

Um casal tinha uma filha por nome de Isabel, e ela era afilhada de N. Senhora, e ganhou da madrinha um cachorrinho. Era uma menina muito desobediente e só queria saber de namoro. A mãe brigava, o pai falava e era mesmo que nada. Em uma certa ocasião os pais precisaram fazer uma viagem e deixar a filha só em casa. Deram mil recomendações:

- Olha Isabel, você não abre a porta pra ninguém. – Recomendava a mãe.

- E nem saia de casa. – Dizia o pai – Nós voltaremos logo.

Os pais foram a viagem e Isabel ficou só. Um pouco mais tarde ia passando um homem na estrada. E Isabel logo começou a cantar:

- Passe por cá, senhor, passe por cá, senhor.

- É de noite sinhá, é de noite sinhá. – respondeu a voz masculina.

- Isabel de Lei, é o bicho feroz que quer te comer. – Anunciou a cachorrinha, que era encantada.

- Mata esta cachorrinha. – Pediu a voz masculina que foi passando direto.

Isabel que estava de olho no homem imediatamente matou a cachorrinha com uma paulada na cabeça.

No outro dia vinha pela estrada o mesmo homem. Ouriçada, Isabel começou a cantar:

- Passe por cá, senhor, passe por cá, senhor.

- É de noite sinhá, é de noite sinhá. – respondeu a voz masculina.

- Isabel de Lei, é o bicho feroz que quer te comer. – Insistia a cachorra, mesmo depois de morta.

- Queima esta cachorrinha. – Ordenou a voz masculina.

Na esperança do homem entrar em casa, queimou o corpo da cachorrinha.

No terceiro dia, o mesmo homem voltou a passar ,e imediatamente, Isabel repete todo ritual dos dias anteriores:

- Passe por cá, senhor, passe por cá, senhor.

- É de noite, sinhá, é de noite, sinhá. – respondeu a voz masculina.

- Isabel de Lei, é o bicho feroz que quer te comer. – Cantou as cinzas da cachorrinha.

- Jogas as cinzas dentro d'água. – Insistiu a voz masculina.

Sem pestanejar, Isabel pegou as cinzas e jogou dentro da água. Neste instante o homem encostou na porta e foi se transformando em um monstro.

- Vixe, que bichão – exclamou Isabel.
- É pra te bichar – respondeu o monstro.
- Vixe que olhão.
- É pra te olhar.
- Vixe que unhão.
- É pra te unhar.
- Vixe que barrigão. Dizia Isabel cada vez mais espantada.
- É pra te barrigar.
- Vixe que bocão.
- É pra te bocar...

Vapt. Antes que Isabel corresse, o monstro a engoliu, sem nem mastigar. Como estava de barriga cheia, o monstro foi descansar numa árvore que servia de poleiro das galinhas.

Já era o terceiro dia da viagem e os pais de Isabel chegaram, como haviam previsto. Quando entraram em casa que não viram a filha, chamavam-na desesperadamente. Chamavam também pela cachorrinha, e nada. Entraram pelo mato em volta da casa, quando viram aquele bicho medonho em cima do poleiro. O pai de Isabel entrou em casa, pegou a espingarda e atirou na cabeça do bicho e matou. Mais que depressa, pegou uma faca e cortou a barriga do bicho e ainda conseguiu tirar Isabel com vida. Nesse instante N. Senhora apareceu pra ela e falou:

- Minha filha, aquela cachorrinha era seu anjo da guarda, que te guiava. Agora que você a matou vai ficar sem anjo da guarda.

Assim Isabel cresceu sem ter quem protegesse ela, mas, nunca mais chamou homem nenhum para entrar na sua casa.

## ANEXO 10 – História contada no encontro 13

### BELA E FERA

Era um homem que viajava pelo mundo afora. Ele era mascate e tinha três filhas: Joana, Maria e Isabela. Toda vez que saía para trabalhar, perguntava o que cada filha queria que ele trouxesse de presente. Uma pedia um anel, outra um colar e Isabela sempre dizia:

- Papai, só quero que Deus lhe dê uma boa viagem.

Ele sempre viajava e quando chegava em casa, ainda na estrada, a cachorrinha que criavam ia recebê-lo, fazendo a maior festa.

Um dia antes de sair ele perguntou:

- Meninas, o que querem que eu traga?

- Um vestido. – garantiu-se logo Maria.

- Um lenço de seda. – Acudiu Joana.

- Papai – interferiu Isabela – eu nunca lhe pedi nada, mas vou pedir hoje.

- Diga, Bela, o que vai querer?

- Por onde o senhor andar, se achar me traga um galho de rosa branca.

- É isso que você vai me pedir?

- Só quero isso papai, além do senhor ter uma boa viagem.

Abençoou as filhas e viajou. Andou, andou e não conseguia encontrar a rosa branca de Isabela. Adiante ele saiu num palácio e, como estava escurecendo, resolveu pedir dormida. Bateu nas mãos. Veio uma voz de lá de dentro:

- Entre.

Ele entrou.

- Deixe o cavalo que eu solto. – continuou a voz.

- O banho está pronto. Venha tomar banho.

Ele foi, atordoado por não ver ninguém.

- A comida está posta na mesa.

Ele sentou-se sozinho na mesa, jantou. Assim que acabou:

- Sua cama está pronta. Pode ir no último quarto do corredor.

Ele estava invocado com aquela voz; a casa tão grande, ninguém, nenhum empregado. Quando foi de manhã, ele resolveu abrir a janela do quarto que dormiu. Assim que abriu, a primeira coisa que recebeu no rosto foi um galho de roseira branca que tinha no pé da janela. Imediatamente ele pensou: ‘graças a Deus, achei o que Isabela me pediu’. Levantou, se

banhou, tomou café da manhã. Tudo isso obedecendo a voz que o recebera na noite anterior. Na hora de sair, ele foi pegar o galho da roseira, mas a voz disse:

- Não pegue que você vai se dar mal.

Ele ficou receoso, mas Isabela nunca havia lhe pedido nada, e logo uma coisa tão fácil... ‘vou pegar’, decidiu-se.

- Não pegue que você vai se dar mal.

Ele parou. Não aguentando, resolveu pegar. Arrancou um pedaço do galho da roseira branca.

- A primeira coisa que você encontrar chegando em casa é obrigado trazer pra mim – disse a voz.

Ficou despreocupado.

- Oxe. A primeira coisa que encontro quando chego em casa é a cachorrinha. Pode deixar que eu venho lhe trazer.

Ele saiu. Quando olhou para a parede da frente da casa, estava escrito ‘Bela e Fera’. Viajou todo desconfiado, mas lembrando-se que sempre era recebido pela cachorrinha. Quando ele foi chegando em casa, Isabela veio correndo, pulou nos braços dele e perguntou pelo seu galho de rosa branca.

- Ô minha filha, esse galho de rosa vai lhe trazer uma infelicidade...

O pai contou o que havia acontecido e que a voz havia dito que a primeira coisa que ele encontrasse em casa, era para levar para lá.

- Fazer o quê? Não me importo não. – disse Isabela.

O pai começou a contar como era a casa, disse que tinha um jardim muito bonito, a casa era enorme, mas ele não viu ninguém, só ouvia a voz.

- Eu vou – disse Isabela decidida.

As irmãs fizeram a maior chiada. Na saída da viagem seguinte, ele foi levar a filha. Chegando lá, o mesmo ritual: apenas a voz atendia.

- O quarto dela é o segundo e já está arrumado – disse a voz depois que eles haviam entrado – O seu também está pronto e é o mesmo da outra vez.

Pai e filha foram se deitar. De madrugada ela estava conversando com alguém. Assustado o pai bateu na porta.

- Bela, com quem você está conversando?

- Com Pedro, meu marido – respondeu Isabela, abrindo a porta.

Quando o pai viu, era um príncipe, a coisa mais linda do mundo, rico que não sabia o que possuía. Sossegado, o pai continuou sua viagem e deixou Isabela lá. Quando ele voltou para casa e contou tudo, Maria e Joana ficaram com inveja.

Passados alguns anos, Isabela ficou com saudades da casa dos pais.

- Ô Pedro, me leva na casa de papai. – pediu ela ao marido.

- Eu não vou não Bela. Não posso ir. Tome esse anel, bota no dedo e fecha os olhos e quando você abrir novamente, você estará na casa de seus pais. Ah, não deixe mulher velha lhe abraçar por trás, senão você esquece de mim.

- Eu não esqueço não, Pedro, eu não deixo não.

Isabela botou o anel, fechou e abriu os olhos e já estava na casa do pai. Assim que a viram, quem a abraçou primeiro foi sua mãe de leite, e por trás. Ela esqueceu de Pedro. Depois de muito tempo, ela olhou para o anel e lembrou. Correndo, tornou botar o anel no dedo, fechou e abriu os olhos. Já estava no palácio dela. Estava tudo no maior silêncio. Procura ali, procura lá, caiu em desolação por não ver o marido. Resolveu passear no jardim, que estava todo murcho. Avistou um monstro deitado. Antes que pudesse correr, o monstro falou:

- Ô Bela, tu quase me mata.

Era o marido dela. Chamou um médico, mandou cuidar dele, deu remédio, fez tratamento até que voltou ao normal novamente. Nunca mais ela saiu de sua casa.

## ANEXO 11 – História contada no encontro 14

### O VALOR DO AMOR

Dizem que havia um rei que tinha uma porção de filhos. Um dia ele reuniu os filhos e os perguntou qual é que queria mais bem a ele. Um dizia ‘amo papai o mesmo tanto que as abelhas gostam do mel e das flores.’... Cada um dizia uma coisa. A filha caçula disse:

- Amo papai o mesmo tanto que o homem ama o sal.

O rei não gostou da comparação. Expulsou a filha de casa, alegando que ela não gostava dele. Ela saiu, coitadinha, com a trouxinha dela pelo mundo. Adiante ela chegou numa lagoa onde estava uma velha lavando roupa.

- Velha, vamos trocar nossas vestes?
- Oxente, minha filha. Como você vai trocar uma roupa de princesa pelas minhas veste?
- Não importa. Eu quero suas vestes.

Ela pediu tanto que acabou seduzindo a senhora, e esta trocou as roupas.

A princesa continuou andando. Adiante tinha um homem matando carneiro. Ela encostou e pediu a pele do bucho do carneiro. O fateiro tirou a pele e deu a ela. Ela colocou a pele no rosto, ficando com o rosto enrugado com se fosse uma velha e continuou andando, às vezes passando fome, até que saiu perto de um outro reinado. Ela foi para a casa do rei pedir trabalho. O empregado que atendeu foi falar com o rei e este mandou que ela entrasse.

- Ô minha senhora, para que eu quero mais uma empregada?
- Ô ioiô, é que eu estou passando fome. Eu faço qualquer coisa, só quero o que comer.
- Então você toma conta dos meus patos. Você cuida dos meus patos?
- Eu aceito, ioiô.

Então ela saiu, e o tanque era um pouco distante da casa. Todo dia de manhã ela ia, pegava os patos e dizia:

- Xô pato, nunca vi filho de rei tanger pato - e levava os patos para o tanque.

Tinha uma empregada que sempre ia buscar água e ficava olhando o que a princesa fazia: botava os patos para nadar, molhava o rosto, tirava aquela pele e lavava o rosto. Era um rosto lindo. A empregada observou três dias seguidos.

Após o terceiro dia a empregada chegou na casa do rei e disse ao príncipe:

- Alteza, aquela velhinha tem uma cantiga muito engraçada. Ela vive cantando ‘xô pato, nunca vi filho de rei tanger pato.’, e quando chega na beira do tanque ela molha o rosto e tira uma pele da cara e fica o rosto mais lindo do mundo. Parece até feitiço.

- Como é isso? – perguntou o príncipe assustado.
- Pois é alteza, foi o que eu vi.
- Vá lá. E diga a ela que venha aqui.

O príncipe se fez de doente e entrou no seu quarto. Mandou chamar a velhinha para onde estava. Ela entrou.

- O que foi ioiô?
- Eu preciso de um remédio feito pela mão da senhora pois me sinto muito doente.
- Ioiô, eu não sei fazer remédio não.

Era costume os mais velhos saberem fazer remédios naturais. Quando viu que a velhinha não sabia fazer o remédio fechou a porta e disse:

- Agora a senhora vai me dizer que cantiga é a sua quando vai levar os patos para o tanque?
- Ô ioiô... é uma brincadeira que eu faço para passar o tempo.
- E por que quando você vai lavar o rosto tira uma pele e fica diferente?

Como não tinha mais como mentir, disse que estava ali, mas era filha de um rei e que foi expulsa de casa porque comparou o amor que sentia pelo pai com o sal.

- Pois – disse o príncipe – de agora em diante você não é mais empregada, tire essa pele do rosto.

Ela tirou a pele que cobria o rosto e ele confirmou que era a moça mais bonita que ele já havia visto. Ele mandou chamar o pai e disse:

- Papai, essa mulher não vai mais ser empregada. De agora em diante ela é minha noiva e vai ser minha esposa. Eu quero me casar com ela.
- Meu filho, você está louco?
- Não papai. Ela não é uma velha, ela é moça e filha de rei.

Assim se fez. Eles ficaram noivos. Passou um tempo e o rei marcou o casamento e mandou chamar os reis de toda vizinhança. Sabendo disso a princesa pediu ao rei que chamasse o seu pai, mas não dissesse nada a ele.

No dia do casamento vieram todos os reis. Ela pediu à empregada que de toda comida servida no almoço fizesse uma porção sem sal e servisse ao seu pai. Estavam todos almoçando e ela ficou observando o pai. O príncipe interrompeu o almoço e perguntou o que todos estavam achando do almoço. Todos elogiaram, parabenizaram a comida. O pai dela interrompeu e disse:

- Está boa a festa. Só há um defeito: a comida não tem sal e é um horror comer sem sal.

Então a princesa saiu de onde estava e disse:

- Está vendo papai? Quando lhe disse que o amava como gostávamos do sal o senhor me expulsou de casa.

O rei, seu pai, quase caiu de costas porque ele não tinha prestado atenção na noiva. Nunca poderia imaginar que era sua filha. Pediu perdão na frente de todos. Abraçaram-se e dali em diante ele foi mais humilde e viveram bem para sempre.

## ANEXO 12 – História contada no encontro 16

### HISTÓRIA DE JOAO GRILO

Havia um rei que tinha uma filha de toda estima. No aniversário dela, ele deu uma joia à menina. No seu castelo ele possuía três escravos que eram irmãos e eram de sua confiança. Um dia a joia sumiu. O rei mandou espalhar pelo seu reino que quem adivinhasse onde estava a joia da filha, casava com ela se fosse solteiro, se fosse casado receberia uma parte da fortuna dele e caso não adivinhasse morria enforcado.

Com a notícia, chegava gente de toda parte do reino. Era gente, gente demais. Não tinha quem adivinhasse. Morria um monte de gente.

Tinha uma velha que tinha um filho por nome de João Grilo. Um dia ele largou o trabalho e procurou a mãe:

- Mamãe, eu vou lá no castelo adivinhar onde está a joia da princesa.
- Que tu, João. Tu quer é morrer. Tu sabe de nada.
- Pelo menos eu fico lá três dias. Se eu morrer, morro de barriga cheia. Eu vou.

Quando ele foi sair de casa, pediu a benção da mãe.

- Vá pra lá, adivinhão de merda – resmungou a mãe chorosa.

Ele foi. Quando chegou lá bateu na mão, saiu um empregado.

- Que é que deseja? – Perguntou o empregado do rei.
- Eu vim falar com o rei.

O rei, sabendo da visita, mandou ele entrar.

- O que é que quer rapaz? – perguntou o rei assim que João entrou.
- Eu vim adivinhar onde está a joia da princesa, sua filha.

- Tá certo. Tem três dias de prazo pra você adivinhar. Se adivinhar casa com ela, se não adivinhar, morre. Siga este empregado que ele vai mostrar o seu quarto.

Ele foi levado a um quarto preparado para aos que tentavam adivinhar onde estava a joia. Já era noite. Quando foi de manhã, o rei mandou um dos escravos levar o café dele. O mesmo escravo levou o café de manhã, meio dia levou o almoço e de noite levou a janta. Quando ele acabou de jantar, ajoelhou e disse:

- Graças a Deus, um já está comigo, faltam dois.
- O rapaz ficou todo desconfiado e foi logo falar com os irmãos.
- Aquele rapaz vai adivinhar onde está a joia.

- Que nada. Aquele amarelo. – retrucou um dos irmãos. – não um tabaréu daquele. Não se preocupe. Amanhã quem vai levar a comida dele sou eu.

No outro dia, foi o outro escravo levar a comida de João. Assim como no dia anterior, levou o café da manhã, o almoço meio-dia e a janta à noite. Acabado de jantar, João tornou ajoelhar e disse:

- Graças a Deus. Dois já estão comigo, só falta um.

O Escravo ficou pensativo: ‘oxente, será que ele sabe mesmo?’, e, desconfiado comentou com os irmãos.

João, todo inocente, falava essas palavras em relação aos dias que faltavam para morrer, já que ele não sabia mesmo de nada. Cada dia que passava, faltava menos um para ele morrer.

No terceiro dia o último irmão se propôs a levar a comida, achando que os irmãos estavam com a consciência pesada pelo roubo que tinham cometido. Tudo aconteceu do mesmo jeito, levando as três refeições para João. Acabado de jantar, João prostrou-se no chão e tornou fazer seu agradecimento a Deus.

- Graças a Deus, estão todos três comigo – falou João pensando que aquele seria seu dia de morrer.

- Pelo amor de Deus, não fale nada com o rei – pediu desesperado o escravo – quem roubou a joia fomos nós. Ela está escondida em tal lugar, mas pelo amor de Deus, não diga que fomos nós senão o rei mata a gente. Diga apenas que adivinhou onde está.

No outro dia de manhã, João amanheceu dormindo. Nem estava preocupado com a morte como ficaram todos os outros que tentaram adivinhar. Após o café da manhã o rei mandou chamá-lo. O palácio estava cheio de gente que queria ver mais uma execução. Ele veio todo desconfiado, cabeça baixa, parecia que não sabia de nada.

- Adivinhou, rapaz, onde está a joia da princesa? – perguntou o rei.

- Adivinhei.

- Onde é que está?

- Está numa caixa dentro de um paiol nos fundos do castelo. E quem roubou foi seus três escravos de confiança.

Desconfiado das palavras de João, o rei mandou que buscasse a joia. Quando chegou era justamente a joia que ele havia dado a sua filha. Então ordenou que matassem os escravos que traíram sua confiança e anunciou o casamento da filha com João. Os amigos chamaram-lhe e indagaram:

- Majestade, como vai casar sua filha com um tabaréu desse? Está vendo que não está certo. Sua filha é única e cheia de dotes.

- Palavra de rei não volta. Eu prometi e não posso descumprir.

- Sua majestade não precisa desfazer sua palavra. Como ele é tabaréu, diga que falta ele responder a três perguntas. Se acertar as três, se casa com a princesa; se não acertar, sua majestade dá um bom dinheiro e manda ele seguir a vida dele.

Angustiado em ver sua filha casar com aquele rapaz, aceitou a proposta dos amigos. No outro dia de manhã chamou João Grilo:

- João, vamos passear no jardim?

- Vamos.

Saíram os dois. De repente o rei falou:

- Vá andando João, que eu lhe encontro mais na frente.

Nisso o rei foi adentrando nas plantas e defecou. Após isso cobriu de terra.

- João, João, vem cá.

- Diga meu rei.

- Debaixo de penas e mortes eu quero que você me diga o que está embaixo daquela ruma de terra.

Pensativo e entristecido, João lembrou da mãe e resmungou:

- Viva a Deus, bem que mamãe falou que eu era adivinhão de merda.

- Ô João, você adivinhou. É uma ruma de merda mesmo. – disse o rei.

Continuaram andando pelo jardim. Nisso o rei avistou um grilo. Mais que depressa agarrou-o e perguntou a João.

- João, debaixo de penas e mortes me diga o que eu tenho aqui na mão.

João pensou, pensou mas não conseguia pensar em muita coisa.

- Viva a Deus, em que mãos Grilo está.

- João você é demais! Adivinhou mesmo.

Resolveram voltar. O rei estava empolgado mas, ao mesmo tempo, preocupado. Só faltava uma pergunta para João responder. Se acertasse, casaria com sua filha. Almoçaram. O rei chamou um dos empregados e mandou prender uma porca dentro de um armazém nos fundos.

Depois do descanso o rei chamou João.

- João, debaixo de penas e morte quero que me diga o que tem dentro daquele armazém.

Balançando a cabeça enquanto pensava, resmungou:

- É verdade. Agora é que a porca torce o rabo se rabicho não for.

Foram palmas para todos os lados dadas pelos empregados do rei. E assim o rei não teve saída. Casou sua filha com João, foram três dias de festa. João já tinha mandado buscar a mãe para morar com eles e foram felizes todos juntos.